



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

CAMPUS PAULO FREIRE

INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS

EDSON DA SILVA SANTOS

**MUKÁ-MUKAÚ – A FAVOR DE NOSSA MÃE TERRA.
UMA VIVÊNCIA DE ARTE-EDUCAÇÃO JUNTO AOS PATAXÓ DE
CUMURUXATIBA/BA.**

TEIXEIRA DE FREITAS – BA

2020

EDSON DA SILVA SANTOS

**MUKÁ-MUKAÚ – A FAVOR DE NOSSA MÃE TERRA.
UMA VIVÊNCIA DE ARTE-EDUCAÇÃO JUNTO AOS PATAXÓ DE
CUMURUXATIBA/BA.**

Memorial e Produto de pesquisa e criação artística apresentados ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia, com vistas a obtenção do título de mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, linha de pesquisa: Relações étnico-raciais, interculturalidades e processos de ensino-aprendizagem.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Brandão de Oliveira Junior.

Coorientador: Prof. Dr. Gessé Almeida Araújo.

TEIXEIRA DE FREITAS – BA

2020

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

S237m Santos, Edson da Silva, 1986-

Muká-Mukáú – a favor de nossa mãe terra : uma vivência de arte-
educação junto aos Pataxó de Cumuruxatiba-BA / Edson da Silva Santos. –
Teixeira de Freitas: UFSB, 2021. -
207f.

Memorial (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus
Paulo Freire, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-
Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2021.

Orientador: Dr. Gilson Brandão de Oliveira Junior.

1. Artes na educação - metodologia. 2. Arte indígena. 3. Pataxó (Povo
indígena) – Cumuruxatiba (BA). 4. Memória autobiográfica. I. Título.

CDD – 372.5

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922

EDSON DA SILVA SANTOS

**MUKÁ-MUKAÚ – A FAVOR DE NOSSA MÃE TERRA. UMA VIVÊNCIA DE ARTE-
EDUCAÇÃO JUNTO AOS PATAXÓ DE CUMURUXATIBA/BA.**

Memorial e Produto de pesquisa submetidos ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, campus Paulo Freire, com vistas a obtenção do título de mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.
Orientador: Prof. Dr. Gilson Brandão de Oliveira Junior.
Coorientador: Prof. Dr. Gessé Almeida Araújo.

Este trabalho foi submetido a avaliação e julgado aprovado em: 29 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

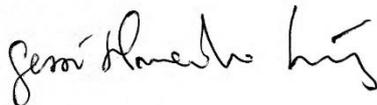
Prof. Dr. Gilson Brandão de Oliveira Junior
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Assinatura:



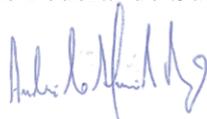
Prof. Dr. Gessé Almeida de Araújo.
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Assinatura:



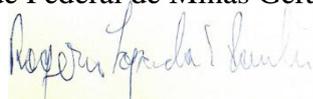
Prof. Dr. André de Almeida Rego
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Assinatura:



Prof. Dr. Rogério Lopes da Silva Paulino
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Assinatura:



TEIXEIRA DE FREITAS

2021

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo de pesquisa e criação artística em arte-educação do Mutirão de Pesquisa e Criação Artística Beira Mar, na comunidade de Cumuruxatiba, especialmente junto aos povos indígenas Pataxó e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia. Aborda questões relacionadas à arte-educação e às histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas. Está fundamentado, essencialmente, nas vivências junto às aldeias Kaí, Tibá, Pequi e Dois Irmãos e nos ensinamentos de suas anciãs, anciãos e outras lideranças, tais quais: os Caciques José Frágoso e Xauã, a Cacica Arian, as Pajés Jovita e Alda Gomes, as lideranças Adélice, Xohã e Jandaia; as professoras indígenas Marineide e Kayanalu e os professores indígenas Igino e Ilauro. No percurso metodológico dialoga com os princípios fundamentais da arte-educação, de João Francisco Duarte Junior, da Sociopoética, de Jacques Gauthier e do acervo de exercícios e jogos teatrais apresentados por Augusto Boal em suas técnicas do Teatro do Oprimido. Como produto desta pesquisa apresenta uma dramaturgia e um memorial descritivo do processo de pesquisa e criação artística. A dramaturgia consegue retratar e ecoar algumas Histórias ancestrais Pataxó e outras do cotidiano de Cumuruxatiba, de modo que essas histórias possam ser recontadas em diversos outros momentos e lugares, por diversas outras pessoas; o memorial, por sua vez, apresenta o método de pesquisa e criação artística a fim de inspirar outros registros de outras versões históricas a partir da perspectiva de grupos sociais que também tiveram as suas identidades culturais subalternizadas no processo de colonização brasileira.

Palavras-chave: Histórias e culturas indígenas. Histórias e culturas Pataxó. Arte-educação. Método de aprendizagem.

ABSTRACT

Presentation of the process of research and artistic creation in art education of the Mutirão for Research and Artistic Creation Beira Mar, in the Cumuruxatiba community, especially with the Pataxó indigenous peoples, linked to the Graduate Program in Teaching and Ethnic-Racial Relations at the University Federal District of Southern Bahia. The work addresses issues related to art education and Afro-Brazilian and indigenous histories and cultures. It is essentially based on the experiences with the villages Kaí, Tibá, Pequi and Dois Irmãos, and on the teachings of their elders, elders and other leaders: Caciques José Fragoso and Xauã, Cacica Arian, Pajés Jovita and Alda Gomes, the leaders Dona Adelice, Xohã and Jandaia; the indigenous teachers Marineide and Kayanalú and the indigenous teachers Iginó and Ilauro. In the methodological path, I dialogued with the fundamental principles of art education, by João Francisco Duarte Junior, and Sociopoética, by Jacques Gauthier. Understanding theater as a powerful tool for knowledge and for social transformation, I also spoke with the collection of exercises and theatrical games presented by Augusto Boal in his techniques of the Theater of the Oppressed. As a product of this research I present a dramaturgy and a descriptive memorial of the research and artistic creation process. The dramaturgy manages to portray and echo some ancestral Pataxó stories and others from the daily life of Cumuruxatiba, so that these stories can be recounted in several other moments and places, by several other people; the memorial, in turn, presents the method of research and artistic creation to inspire other records of other historical versions from the perspective of social groups that also had their cultural identities subordinated in the process of Brazilian colonization.

Keywords: Indigenous stories and cultures. Pataxó histories and cultures. Art education. Learning method.

LISTA DE FIGURAS

Fotografia 01 - Pesquisa teórica/1	67
Fotografia 02 - Pesquisa teórica/2	70
Fotografia 03 - Improvisação de cena: parente ajuda parente	74
Fotografia 04 - Improvisação de cena: Casamento Pataxó	75
Fotografia 05 - Improvisação de cena: fazendo farinha	76
Fotografia 06 - Improvisação de cena: Tupiniquins	77
Fotografia 07 - Improvisação de cena: a chegada dos portugueses	78
Fotografia 08 - Pesquisa teórica/3	95
Fotografia 09 - Intercâmbio de Saberes/1	97
Fotografia 10 - Intercâmbio de Saberes/2	99
Fotografia 11 - Intercâmbio de Saberes/3	100
Fotografia 12 - Intercâmbio de Saberes/4	101
Fotografia 13 - Intercâmbio de Saberes/5	103
Fotografia 14 - Intercâmbio de Saberes/6	104
Fotografia 15 - Intercâmbio de Saberes/7	105
Fotografia 16 - Intercâmbio de Saberes/8	106
Fotografia 17 – Organização do texto dramaturgico/1	112
Fotografia 18 – Organização do texto dramaturgico/2	112
Fotografia 19 - A pesca	115
Fotografia 20 - Dança das águas/1.....	119
Fotografia 21 - Dança das águas/2	120
Fotografia 22 – Improvisação de cenas/Yemanjá e os pescadores	122
Fotografia 23 – Improvisação de Cenas/Iara e os pescadores	122
Fotografia 24 – Awê – oração	123
Fotografia 25 - Ensaio/ Isadora representa Jovita	125
Fotografia 26 - Ensaio Musical: Dani, Rafael e Laércio.....	127
Fotografia 27 - Ensaio Awê	127
Fotografia 28 - Ensaio musical: Rafael tocando atabaque	128
Fotografia 29 - Ensaio Musical: Renan Tocando berimbau	128
Fotografia 30 - Ensaio Samba de Roda	129
Fotografia 31 - Ensaio Geral	129
Fotografia 32 - Apresentação no espaço Caboco de Cultura	130

Fotografia 33 – Apresentação para a escola Tiradentes e aldeia Tibá	131
Fotografia 34 - Abertura: músicas/1	131
Fotografia 35 - Abertura: músicas/2	132
Fotografia 36 – Os pescadores pescam muitos peixes	132
Fotografia 37 – O óleo chegou em Cumuru	132
Fotografia 38 – Maria, Milton e Divina	133
Fotografia 39 – Yemanjá.....	133
Fotografia 40 – Iara, a Mãe d’Água	133
Fotografia 41 - Cacica Arian Pataxó/1	143
Fotografia 42 – Cacica Arian Pataxó/2	146
Fotografia 43 - Cacica Arian Pataxó/3	147
Fotografia 44 - Pajé Jovita/1	154
Fotografia 45 - Pajé Jovita/2	158
Fotografia 46 - Pajé Jovita/3	160
Fotografia 47 - Copesquisadoras na casa de Jovita	161
Fotografia 48 - Roda de conversa com as lideranças da aldeia Kaf	163
Fotografia 49 - Pajé Alda Gomes/1	177
Fotografia 50 - Pajé Alda Gomes/2	178
Fotografia 51 - Pajé Alda Gomes/3	178
Fotografia 52 - Alda Gomes e Swing Maneiro	183
Fotografia 53 – Visita à aldeia Tibá	184
Fotografia 54 – Roda de Conversa: cacique José Fragoso e a liderança Adelize	185
Fotografia 55 - Zé Fragoso, Camila, Emanuel, Renan e Bruno	187
Fotografia 56 - Dona Adelize	193
Fotografia 57 - Mata da aldeia Tibá/1	196
Fotografia 58 - Mata da aldeia Tibá/2	197
Fotografia 59 - Joguexercício - Empurrar um ao outro	200
Fotografia 60 – A caminhada do caranguejo	201
Fotografia 61 - Contato-improvisação/1	203
Fotografia 62 - Contato-improvisação/2	203
Fotografia 63 - Teatro Imagem/1	205
Fotografia 64 - Teatro Imagem/2	206
Fotografia 65 - Teatro Imagem/3.....	206
Fotografia 66 - Teatro Imagem/4	206

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	09
2.	DRAMATURGIA: MUKÁ-MUKAUÍ – EM FAVOR DE NOSSA MÃE-TERRA.....	13
2.1	O Espaço Cênico	13
2.2	Músicas	14
2.2.1	<i>Lista de Músicas Pataxó</i>	15
2.3	Saudação	16
2.4	Um dia de aula	17
2.5	Um dia de pesca	22
2.6	Em casa	24
2.7	Cadê as nossas águas?	25
2.8	Outro dia de pesca	26
2.9	Yemanjá	29
2.10	Iara, a mãe d'água	32
2.11	Em casa	35
2.12	Na aldeia pataxó	36
2.12.1	<i>Brincadeira de criança</i>	36
2.12.1.1	<u>Tupiniquins</u>	38
2.12.1.2	<u>As caravelas portuguesas e o primeiro encontro entre tupiniquins e portugueses</u>	38
2.12.2	<i>O awê</i>	42
2.12.3	<i>Cacique José Fragoso</i>	45
2.12.4	<i>Pajé Jovita</i>	46
2.12.5	<i>Jandaia, Xohã e Xauã</i>	47
2.12.6	<i>Adelice e Zé Fragoso</i>	49
2.12.7	<i>Cacica Arian Pataxó</i>	50
2.12.8	<i>Pajé Alda Gomes</i>	51
2.12.9	<i>Um poema de dona neguinha</i>	52
2.12.10	<i>Um hino Pataxó</i>	53
3	MEMORIAL DE PESQUISA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA	55
3.1	O Mutirão de Pesquisa e Criação Artística Beira Mar	55
3.1.1	<i>Adolescentes e jovens</i>	57

3.1.2	<i>Lideranças pataxó</i>	57
3.1.3	<i>Espaços de artes e educação locais</i>	59
3.1.4	<i>A organização dos espaços de pesquisa e criação artística</i>	60
3.2	Pesquisas teóricas	63
3.2.1	<i>Perspectivas artísticas</i>	63
3.2.2	<i>Perspectivas da historiografia oficial brasileira</i>	71
3.2.3	<i>Perspectivas indígenas e indigenistas</i>	86
3.2.3.1	<u>Outro olhar sobre o brasil</u>	87
3.2.3.2	<u>Reflexões sobre a pré-história brasileira</u>	88
3.2.3.3	<u>A urgência de outras histórias brasileiras</u>	90
3.2.3.4	<u>Os Pataxó de Cumuruxatiba</u>	91
3.2.3.5	<u>Considerações parciais</u>	94
3.3	Pesquisas de campo: vivências junto às comunidades e lideranças Pataxó	96
3.3.1	<i>Os intercâmbios de saberes</i>	97
3.3.2	<i>Rodas de conversas</i>	106
3.4	Criação Artística	107
3.4.1	Descolonização dos corpos	107
3.4.2	Improvisação e criação de cenas e dramaturgia	111
3.4.2.1	<u>Um dia de aula</u>	113
3.4.2.2	<u>Um dia de pesca</u>	114
3.4.2.3	<u>Yemanjá e Iara</u>	117
3.4.2.4	<u>Na aldeia Pataxó</u>	123
3.4.2.5	<u>Em casa</u>	126
3.4.3	Ensaaios e apresentações	127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	138
	ANEXO A - RODAS DE CONVERSAS COM AS LIDERANÇAS PATAXÓ - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA	143
	ANEXO B – EXERCÍCIOS E JOGOS UTILIZADOS NO PROCESSO DE “DESCOLONIZAÇÃO DOS CORPOS”	200

1 INTRODUÇÃO

Tenho para mim que quando se pisa em um território sagrado é preciso pedir licença, agradecer a oportunidade e chegar com humildade. É preciso se apresentar aos mais velhos e pedir a benção para entrar, sentar e ouvir o que eles têm para nos contar. Aprender bem aprendido com as suas histórias. Para conhecer Cumuruxatiba é preciso conhecer as histórias dos Pataxó.

Esta pesquisa é profundamente motivada pelas minhas vivências junto às comunidades Pataxó de Cumuruxatiba, com as quais, sigo aprendendo cada vez mais sobre Cumuruxatiba e sobre o Ser-Pataxó. A ancestralidade indígena me revela um encontro com um ser-humano necessário e urgente à humanidade contemporânea.

Apresentarei aqui as minhas experiências em arte-educação vividas junto ao Mutirão de Pesquisa e Criação Artística Beira Mar na comunidade de Cumuruxatiba, distrito de Prado, no extremo sul baiano, especialmente junto aos povos indígenas Pataxó e suas narrativas sobre Cumuruxatiba, seus modos de vida, ancestralidade, espiritualidade, marcas culturais, relações com a natureza, lutas pelo território, demarcação de terras, educação e saúde indígena etc.

Logo que cheguei para viver em Cumuruxatiba, em 2015, fui carinhosamente recebido pelas comunidades Pataxó, inicialmente por adolescentes e jovens, com quem compartilhei as salas de aula da escola Algeziro Moura: Tamikuã, Eriane, Dudu, Emanuel, Ester, Ryan, Adrielle, Carla, Cristine, Lorena, Adrian, Anne... e foram eles que, desde então, me trouxeram um grande gosto por suas histórias e culturas: me apresentaram os desenhos e os significados das suas pinturas corporais, as músicas cantadas em Patxôhã (a língua Pataxó), e me convidaram para visitar as suas aldeias e participar de suas Noites Culturais, que é como chamam os eventos com comidas e bebidas típicas, contação de histórias, músicas e danças. Comi o peixe assado na folha da patioba, bebi o cauim e aprendi como ele foi preparado; fui presenteado com um colar de sementes de “pau-brasil”; ganhei no braço uma pintura para o kakusu, que em Patxôhã quer dizer “rapaz”, segundo me foi dito. Em cada visita eu ia reconhecendo tantos outros estudantes com quem convivia nas salas de aula e que eu não sabia que eram Pataxó. Nas festas e noites culturais todos se enfeitavam com seus cocares, colares, tangas, cordões e pinturas: “Estamos nos preparando para o awê.”, me contaram e reuniram-se em uma grande roda, ajoelharam-se no chão e cantaram uma oração, primeiro em Patxôhã:

Kanã Pataxi Petõi
 Baixutxê naãhã pokãyaré
 Ahnã petõi puhui
 Ahnã petõi akuã
 Ahnã petõi sarã dxahá txobharé
 Kahabtxe siratã (3x)
 Dxá'á uip ápôy ûmip mayõ
 (SANTANA, 2016, p. 43).

E depois em português

Na minha aldeia tem
 Beleza sem plantar,
 Eu tenho o arco, eu tenho a flecha,
 Tenho raiz para curar.
 Viva tupã (3x),
 Que nos veio trazer a luz.
 (Ibidem)

Depois da oração, levantaram-se e começaram a cantar uma música linda que, com o tempo, eu acabei aprendendo também:

Pataxó muká, mukaú
 Muka, mukaú
 Pataxó mayõ werimehe
 Maiõ werimehe
 Hetõ, hetõ, hetõ Pataxó
 Kotê kawi Suniatá Heruê
 Heruê – He – He – Heruê, heruê¹
 (PROFESSORES INDÍGENAS, 2005, p. 06).

Em paralelo a estas vivências, na minha trajetória como professor de Artes, Filosofia e Sociologia, na Escola Algeziro Moura, vivi outras situações em que alguns estudantes Pataxó se envergonhavam deste atributo e usavam disso para “zoar” uns aos outros: “_Fulano mora na aldeia, professor”, dizia um em tom de piada. “É mentira, professor, não moro, não”, rebatia o outro, defendendo-se, como se morar na aldeia fosse algum tipo de insulto, xingamento ou motivo de vergonha. Eu estranhava bastante que pudesse estar lidando com essa situação no seio de terras indígenas Pataxó, talvez por conta das idealizações que eu

¹ Pataxó, unir, reunir
 Unir, reunir
 Pataxó, luz do amor
 Luz do amor
 Te amo, te amo, te amo, Pataxó
 Beber Cauim e cantar o awê
 Awê – he -he – awê, awê

trazia, nesta época, sobre Cumuruxatiba e suas questões identitárias, mas com o tempo pude perceber que esta hostilidade estava além das salas de aulas e dos muros da escola também.

Neste contexto, esta proposta de pesquisa-intervenção se organiza para a construção de espaços coletivos de investigação e criação artística, a fim de ampliar as experiências e possibilidades didáticas que reafirmem as narrativas Pataxó como essenciais, não apenas aos estudos sobre Cumuruxatiba, mas também aos estudos sobre histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas.

As narrativas Pataxó registradas nesse trabalho foram contadas por anciãs, anciãos, caciques, pajés, professoras e lideranças Pataxó: José Frágoso, Dona Neguinha, Maria D'Ajuda, Alda Gomes, Jovita, Cristiane, Dario, Ricardo. O teatro foi o caminho de criação artística, o método que me permitiu melhor envolver o corpo humano neste processo de aprendizagem. O corpo é entendido aqui como uma caixa de ferramentas e, de acordo com cada necessidade específica, percebida no percurso da aprendizagem, utiliza-se da ferramenta mais adequada: a observação, a leitura, a escuta, a escrita, a imaginação, a dança, o canto, a imitação, a representação, a razão, as sensibilidades, a comunicação, o diálogo, o silêncio, a intuição... Não pretendo descartar a importância do conhecimento racional, mas entendo que ele é uma dentre tantas outras possíveis habilidades humanas. Neste processo, suavizo a prioridade usualmente atribuída à razão, sintonizando-a com a totalidade do corpo como produtor de conhecimentos.

Diante disso é de grande importância o diálogo com os princípios fundamentais da arte-educação, de João Francisco Duarte Junior e da *Sociopoética*, de Jacques Gauthier. Compreendendo o teatro como esta poderosa ferramenta metodológica para o conhecimento e para a transformação social, dialogarei também com o acervo de exercícios e jogos teatrais, apresentados por Augusto Boal em suas técnicas do Teatro do Oprimido. Não se trata da replicação de métodos específicos, mas do diálogo entre eles. Cada qual, de algum modo, e em algum momento, atrelou-se a minha trajetória de vida, tanto em experiências docentes quanto artísticas, e se fazem presentes nos diálogos que venho estabelecendo entre ambas e que me levam a constatar que a arte e a educação estão, de inúmeros modos, intrinsecamente envolvidas.

Como produto da pesquisa apresento uma dramaturgia inspirada em Cumuruxatiba, especialmente nas tantas histórias e manifestações culturais Pataxó aprendidas ao longo deste processo, acreditando na importância de essas histórias serem ecoadas, recontadas e reencenadas em tantos outros momentos e lugares por tantas outras pessoas, estudantes da educação básica, escolas, grupos de teatros etc. Acredito também que esse trabalho poderá

inspirar o registro de outras versões históricas, a partir da perspectiva de outros grupos sociais que tiveram as suas identidades culturais violentamente subalternizadas.

Além da dramaturgia, todo o processo de pesquisa e criação artística será apresentado detalhadamente em um memorial, a fim de que, ao documentar esta experiência em arte-educação sejam geradas novas possibilidades para a construção de outros conhecimentos.

2 DRAMATURGIA: MUKÁ-MUKAÚ – A FAVOR DE NOSSA MÃE-TERRA!

2.1 O espaço cênico

O espaço cênico utilizado para esta representação teatral é denominado “arena” e de acordo com o Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos, refere-se a um

Espaço cênico definido por uma área central de representação que tem à sua volta o público. [...]A arena torna-se o palco emblemático do teatro popular. É um teatro de palavra, de texto, geralmente engajado [...] é a forma mais antiga para as encenações em todo mundo” (FARIA, GUINSBURG, LIMA, 2006, s/p).

Diante do nosso objetivo de apresentar a nossa peça em diferentes locais de Cumuruxatiba, como escolas, praças e espaços culturais, foi necessário pensar na praticidade de mobilidade, e esta estética cênica foi uma excelente opção, sobretudo, pela “relativa simplicidade dos recursos cenotécnicos necessários para esse espaço” (Ibidem). Por exemplo, nós não utilizamos cenários nem equipamentos de iluminação; a ambientação e contextualização das cenas é marcada pelo texto, pela música, por figurinos e objetos de cenas, que serão melhores apresentados adiante. “Hoje, a fórmula ‘arena’ tornou-se rotineira na produção de espetáculos no Brasil, sobretudo quando efetuados em espaços inusitados ou quando são modestos os recursos de produção” (Ibidem).

Essa ideia do teatro sem uma estrutura arquitetonicamente projetada e especializada foi amplamente aceita pelos artistas do chamado teatro político, sobretudo nos anos de 1960-70. Neste contexto histórico, pode-se notar que diretores teatrais, especialmente nos Estados Unidos e na França, viram a rua como um símbolo de liberdade política e o edifício teatral como um símbolo da indústria cultural, um aspecto do capitalismo que, na visão desses artistas, deveria ser completamente destruído, criando representações nas ruas da cidade, com o intuito de extrair conotações mais engajadas e populares (CARDOSO, 2008, p. 87).

Algumas observações serão importantes para uma melhor encenação em um palco de arena. O fato de o palco ser circular e a plateia estar disposta em diferentes direções, ao redor dos 360° desta circunferência, propõe para a cena uma interpretação que inclua todo o corpo do ator e da atriz, ultrapassando a ideia de que o importante é a frente do corpo, uma vez que estão sendo vistos pela frente, pelos lados e pelas costas.

A relação entre artistas e espectadores é muito mais próxima e intimista. Não há a ilusão causada por sofisticados cenário e iluminação e por isso o texto, a palavra, a atuação ganham evidência. “Uma absoluta sinceridade é necessária, pois a proximidade torna claro

qualquer recurso de técnica de representação, tão comumente empregada no palco normal” (Ibidem).

É importante que o ator ou a atriz tenham a consciência de que ao encenarem no centro da arena estarão, necessariamente, de frente para metade da plateia e de costas para a outra metade. Por isso é fundamental estarem atentos a toda a plateia, cuidando para não ficar de costas o tempo todo para um único lado. Quando se está fora do centro, em algum ponto da circunferência, é possível visualizar uma maior parte dos espectadores.

Todo o elenco será organizado em roda, no contorno da arena. Quando o ator ou a atriz estiver de pé, significa que seu personagem está em cena. Quando o personagem sai de cena, basta simplesmente abaixar-se no limite da arena, entre o palco e a plateia.

Para facilitar as entradas e saídas de cena estabelecemos lugares fixos para cada artista/ personagem: Por exemplo, tomemos como ponto de referência o atabaque, ao seu lado esquerdo, há um banquinho, onde sentará o tocador quando não estiver tocando. À frente do banquinho, no chão, ficará o pandeiro e o agogô. Na sequência está o grupo de Pescadores, Divina e Maria. Ao lado direito do atabaque um outro banquinho, onde sentará a cantora, quando não estiver cantando. Na sequência está o grupo de personagens representando as lideranças Pataxó. O grupo de estudantes está distribuído entre os dois lados: metade logo depois dos Pescadores e a outra metade, incluindo a Professora Sabe Tudo, logo depois das lideranças Pataxó. Do outro lado da arena, de frente ao atabaque, estão Iara, a Mãe D’água e Yemanjá, ambas sentadas em um banquinho. Todas as outras personagens estão sentadas no chão. Os objetos de cena, acessórios e figurinos de cada personagem devem estar distribuídos no chão ao longo da circunferência, junto aos respectivos personagens a que pertencem. Todo personagem ao sair de alguma cena, deverá voltar para o seu lugar fixo na roda.

2.2 Músicas

O atabaque soa anunciando o começo da peça. Começamos com muita música e dança. Muita alegria. O atabaque toca um samba de roda.

O samba de roda é essencialmente uma roda de dança acompanhada por canto e percussão. [...] Uma roda pode se formar a qualquer momento, em qualquer lugar, apenas com acompanhamento de palmas, dança e canto. [...] Pode-se esboçar a seguinte hierarquia dos instrumentos utilizados com mais frequência: 1. Palmas; 2. Pandeiro; 3. Timbais ou atabaques; 4. Instrumentos de corda dedilhada; 5. Surdo; 6. Tabuinhas/taubinhas; 7. Prato-e-faca, reco-reco, triângulo, afoxé/xequerê, ganzá; 8. Agogô 9. Acordeão/sanfona; 10. Baixo elétrico (GRAEFF, 2015, p. 37-8).

Aqui utilizamos apenas o atabaque, o pandeiro, o agogô e as palmas. O canto é caracterizado como canto responsorial, no qual "há um 'puxador' - cantor - que puxa - canta primeiro - o texto e melodia a serem repetidos por um coro" (ibidem, p. 43). O puxador canta uma das cantigas ensinadas pelos Pataxó de Cumuruxatiba e que estão listadas na seção a seguir. O coro (todo o elenco) responde. Enquanto cantam vão dançando em roda. Apenas quem toca o atabaque, o pandeiro, agogô e o puxador é que não dançam. Caberá também ao puxador convidar e orientar a plateia sobre o ritmo das palmas. Este é o primeiro contato com o público por isso é muito importante que seja feito com muita alegria. A troca de olhares com os companheiros de elenco e com aqueles que assistem é fundamental.

2.2.1 Lista de músicas Pataxó

Oxóssi eu saí da minha aldeia (x2)
 Amontada no meu cavalo
 Com a espada lá de um lado
 Quando eu saía a minha mãe me
 abençoava (x2)

Caboclo de pena
 escreva na areia (x2)
 Escreva meu caboquinho
 O nome da aldeia (x2)

Eu vi a cancela bater
 Eu vi a espora tinir
 Eu vi a pisada do gado
 Seu boiadeiro vem aí

Boiadeiro iê iê
 Boiadeiro iê iá

Boiadeiro que toca a boiada
 não fica perdido no meio da estrada

O te'hey² está caindo
 É Tupã que está mandando (x2)
 Vou voltar pra minha aldeia
 meus irmãos está chamando
 Vou voltar pra minha aldeia
 meus irmãos tá guerreando

Não bote fogo na mata
 Na mata tem caçador
 Afirma ponto na aldeia
 Caboclo da mata chegou
 Zum, zum, zum
 Ô, Ô, Ô

² Chuva (BOMFIM, 2012, p. 123).

Ô caçador na beira do caminho
 Ô não me mande essa coral na estrada
 Ela abandonou sua choupana caçador
 Foi no romper da madrugada

Vestimenta de caboclo é samambaia
 É samambaia é samambaia (x2)
 Venha caboclo não se atrapalha
 Saia do meio da samambaia (x2)

Tororó canta nas matas
 Sabiá nas laranjeiras
 Canta, canta Zabelê
 Na subida da ladeira

La de cima da ladeira
 avistei a natureza
 Canta, canta Pataxó
 em louvor a nossa beleza

Lá detrás daquele monte
 tem um pé de Girassol
 E nele tá escrito
 A terra dos Pataxó

Da biriba faço tupiçá
 Da patioba faço meu mangute
 Da mandioca faço minha cuiuna
 Pra o kitoki alimentá
 Ô rameia, rameia, rameia kitoki
 Rameia, rameia, rameia kitoki
 Rameia, rameia, rameia kitoki
 Nossa terra é um bom lugar

Vocês que está chegando
 bem vindo, será bem vindo
 eu estava esperando vocês aqui
 eu estava esperando vocês irmão
 eu estava esperando vocês aqui
 Será bem vinda a nossa união.

2.3 Saudação

Divina (*em tom narrativo para a plateia*):

_Ô boa noite pra quem é de boa noite!

Ô bom dia pra quem é de bom dia!

A benção pra quem é de benção!

Ao pisar em território sagrado a gente pede licença, agradece a oportunidade e chega com humildade.

(Aqui apresenta, brevemente, o grupo) _Nós somos o Mutirão de Pesquisa e Criação Artística Beira Mar e vamos apresentar para vocês uma história profundamente inspirada em Cumuruxatiba, distrito de Prado, no extremo sul da Bahia. Qualquer semelhança com a realidade não é apenas coincidência, pois esta história foi escrita a partir das nossas vivências e das tantas histórias que ouvimos e da cultura que aprendemos com as anciãs e os anciãos desta terra, os Pataxó.

(Enquanto diz o texto seguinte Divina estará organizando a sua mochila escolar. Coloca livro, tira livro, caderno, estojo, celular): _Agradecemos aos Pataxó de Cumuruxatiba que nos receberam em suas casas e comunidades e nos contaram tantas de suas histórias, culturas, lutas e conquistas. Pataxó deste tempo presente: *(Divina lê os seguintes nomes anotados em uma folha do seu caderno)* Jovita, Timborana, José Fragoso, Adelice, Alda Gomes, Maria D’Ajuda, Cristiane, Dario, Ricardo, Rita, Ditão, as professoras Kayanalú, Lôra e Marineide e aos professores Igino, Ilauro e Perivaldo e às crianças do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, anexo Kaí; e aos ancestrais, que viveram aqui desde incontáveis tempos e vivem ainda hoje, especialmente a Zabelê, Buru, Manoel Fragoso e Bernarda, de quem tanto ouvimos falar.

E que todas e todos vocês tenham um ótimo espetáculo!!!

(Divina coloca a mochila nas costas).

2.4 Um dia de aula

(Divina está com a mochila nas costas)

Divina: *(Gritando)* _Tchau Mãe, benção!

(Divina segue para mais um dia de aula. Irá caminhar ocupando o espaço da arena em diferentes direções. No caminho encontra com Hannah. Seguem conversando. Rosseline e Laércio entram na cena conversando entre si. A plateia não escuta o que elas conversam. E assim, sucessivamente, vão adentrando outros estudantes em grupos ou sozinhos. Cada qual faz a sua própria caminhada no palco (arena), mudando de direção e variando velocidades e tomando o cuidado para não trombarem uns nos outros.

Todas e todos os estudantes vestem uma camisa branca e carregam uma mochila nas costas.

Depois de uma breve caminhada – apenas o tempo suficiente de todos os atores e atrizes desta cena adentrarem no palco, vão ficar parados, como se houvessem chegado ao pátio da escola e aguardassem o sinal tocar. Cada qual realiza uma ação diferente: alguns conversam, outros jogam nos smartphones, alguns leem. A Professora Sabe Tudo passa, imponente, e eles a seguem, em fila, até a sala de aula. A professora caminha de um jeito rígido, parecendo um robô. Os estudantes estão sentados, no chão, de pernas cruzadas, enfileirados, e a professora à frente, de pé, como em uma sala de aula tradicional. Alguns estudantes olham atenciosos para a professora enquanto outros conversam entre si.)

Professora Sabe Tudo (*A fala da professora é sempre rápida e muito alta, quase gritando*): _Menina fica quieta! Ei, por favor, para de conversar. Não se levanta, não! Vai se sentar. Pelo amor de Deus, vocês estão me deixando doida. (*Grita*) _Silêncioooo!!! (*Silêncio Geral*) Ufa... agora sim. Bom dia, turma! Eu sou a professora Sabe Tudo e estou substituindo a professora Rosa por duas semanas porque ela precisou viajar. Pelo que eu entendi ainda estamos no Brasil Colônia, certo?

Estudante 1/ Isa: _Sim, professora!

Professora Sabe Tudo: _Muito bem, abram o livro Oficinas de História 1, na página 192 (*Todas e todos os estudantes retiram o livro da mochila*). _Quem pode ler?

Divina: _Eu...

Professora Sabe Tudo: Muito bem... comece!

Divina: _ “A partir do ano de 1500 os destinos das comunidades indígenas foram alterados e articulados à história dos europeus. Os milhões de nativos que habitavam o continente na época da conquista foram dizimados pelo maior genocídio já praticado ao longo da História” (CAMPOS e PINTO e CLARO, 2016, p. 192).

Professora Sabe Tudo: _Turma, me digam, quem descobriu o Brasil?

Estudante 1/ Isa (*Prontamente*): _Pedro Álvares Cabral!

(*Outras estudantes dão muita risada*)

Professora Sabe Tudo (*em gesto e tom militar*): _Sentido!

(*Todas fazem silêncio*)

Professora Sabe Tudo: _Do que é que vocês estão rindo?

Estudante 2/ Hannah: _Ninguém diz mais isso, prof. Todo mundo sabe que Pedro Álvares Cabral não descobriu porcaria nenhuma. Ele é um grande ladrão isso sim e merece ser condenado pela História.

Professora Sabe Tudo: _Mais respeito com a História, menina! E isso é jeito de falar? Que vocabulário é esse?

Estudante 3/ Laércio: _Professora a senhora me desculpe, mas eu concordo que quando os portugueses chegaram, já tinha era muita gente vivendo aqui...

Professora Sabe Tudo: _Era só o que me faltava agora: vocês querem discutir comigo? Vocês não passam de crianças!

Estudante 4/ Camila: _Mas professora, a gente estudou isso aqui. A professora Rosa trouxe aquela carta lá que o carinha escreveu quando chegou aqui no Brasil...

Professora Sabe Tudo: _A carta “daquele carinha” não. A carta de Pero Vaz de Caminha!

Estudante 4/ Camila: _Sim... esse aí... ele mesmo conta que chegando aqui encontrou toda a gente na beirada da praia... todo mundo pelado, cheio de pinturas no corpo, penas na cabeça, arcos e flechas nas mãos... Se já tinha tanta gente aqui como é que eles tiveram a cara de pau de dizer que descobriram alguma coisa?

Professora Sabe Tudo (*surpresa com a resposta da estudante, responde gaguejando*): _ Sim... foi... mas... não é isso que quer dizer a carta! (*Sua fala agora é firme e imponente*) A gente tem que pensar que se não fossem os portugueses o progresso não tinha chegado ao Brasil... E mais: aqui nem seria Brasil. Os indígenas precisavam ser civilizados... Era um povo muito atrasado, primitivo e sem conhecimentos.

Estudante 5/ Emanuel: _Ei Professora, agora a senhora já tá me ofendendo. Meus ancestrais já viviam aqui quando os portugueses chegaram e o meu povo tem muita sabedoria sim senhora. E sabedoria antiga... e tem muita coisa pra ensinar...

Professora Sabe Tudo: _Seu povo? E quem é o seu povo? Você é índio?

Estudante 5/ Emanuel: _Eu sou Pataxó. Com muito orgulho da minha identidade!

Professora Sabe Tudo: _Ah é? Então cadê o seu penacho na cabeça?

Estudante 5/ Emanuel: _Não é penacho... é cocar...

Professora Sabe Tudo: _Que seja!

Estudante 2/ Hannah: _E não se usa o cocar o tempo todo...

Professora Sabe Tudo: _E as pinturas, cadê? As roupas de palha?

Estudante 5/ Emanuel: _A gente também não se pinta o tempo todo... só quando tem festas, celebrações, ritos... atos de resistência....

Professora Sabe Tudo: _Ah é? E esse celular na mão? Índio agora usa celular?

Estudante 5/ Emanuel: _Usa. Usa celular, computador, vai pra universidade e faz o que quiser da vida!

Professora Sabe Tudo: _Esses índios modernos...

Estudante 6/ Rosseline: _E qual o problema, professora? Nós, indígenas, não podemos acompanhar as mudanças? Temos que ficar presos no tempo como uma peça de museu?

Professora Sabe Tudo: _E você não me responde... Sua respondona... A conversa não é com você.

Estudante 6/ Rosseline: _A senhora perguntou...

Professora Sabe Tudo: _Olha só... eu cansei dessa história... Vou passar a matéria no quadro e vocês tratem de copiar logo porque vai cair na prova da semana que vem. Se a gente ficar nesse lenga-lenga daqui a pouco o sinal bate e eu não passei o conteúdo e quem se estrepa com a coordenação sou euzinha aqui.

(A professora copia no quadro, imaginário. Tem um caderno em uma das mãos. Olha para o caderno e transcreve para o quadro. Alguns estudantes copiam em seus cadernos, outros não).

Estudante 5/ Emanuel: _Professora a história não é essa?

Professora Sabe Tudo: _O que é isso menino? Que história é essa?

Estudante 5/ Emanuel: _Sim... Eu aprendi diferente.

Professora Sabe Tudo: _Aprendeu diferente? Aprendeu onde?

Estudante 5/ Emanuel: _ Lá na Aldeia... Com o meu avô.

Professora Sabe Tudo: _E quem é o seu avô?

Estudante 5/ Emanuel: _É José Fragoso, cacique da aldeia Tibá.

Estudante 6/ Rosseline: _Professora, outra coisa que eu tava reparando é que no nosso livro didático, quase não fala dos povos indígenas.

Estudante 3/ Emanuel: _E o pouco que fala quase me convence que a gente não existe mais...

Estudante 6/ Rosseline: _E nunca fala das nossas culturas... parece que a gente é besta...

Estudante 2/ Hannah: _Quando é que a gente vai aprender aqui na escola a verdadeira história de Cumuruxatiba?

Professora Sabe Tudo: _De onde é que vocês estão tirando isso tudo?

Estudante 5/ Emanuel: _Meu avô tava contando pra gente, lá na aldeia, que quando os portugueses chegaram aqui... nessas terras que hoje são chamadas de Brasil, aqui já viviam muitos povos indígenas... os nossos ancestrais...

(Neste momento a cena se transforma na lembrança do jovem Emanuel, ilustrando a história que ele começou a contar em sala de aula. Na cena O avô e cacique José Fragoso vai entrando, calmamente, e cumprimentando um a um. Na medida que são cumprimentados

os estudantes vão se organizando em uma roda, deixando de ser os estudantes enfileirados e passando a ser os netos, as sobrinhas e outros parentes do cacique José Fragoso, ansiosos por mais uma história. A Professora Sabe Tudo permanece alheia a cena, de pé, assistindo atenta).

Cacique José Fragoso (*A fala do Cacique revela ao mesmo tempo calma e firmeza. Ele fala bem devagar, como que pensando em cada palavra que diz.*): _Quando a gente fala que os primeiros habitantes foi os índios, que já tava, isso aí todo mundo já tem certeza, e essa história era contada ao contrário, que foi os portugueses que descobriu o Brasil. Quando eles chegou os índios já tava. Eles invadiu. Aí vem uma história de confirmação, vocês sabem que Pedro Alvares Cabral quando ele chegou ele veio pelo mar. E o primeiro sinal que ele avistou foi o que?

Estudante 4/ Camila (*confiante de sua resposta*): _O monte pascoal.

Cacique José Fragoso: _O monte pascoal, né? Então, quem tá aí no alto mar, primeiro aparece a coroinha do monte... se você dizer: ali apareceu um sinal, vou ver o quê que é... você segura a proa do barco em cima do monte, você vai direto na barra do Rio Cahy.

Estudante 6/ Rosseline: _Já refizeram o trajeto e deu na barra do Cahy.

Cacique José Fragoso: _Aí falam que foi Porto Seguro. Mas vai na Barra do Cahy... Pode ir quem quiser fazer isso, pode fazer... pra você ir pra Corumbau você tem que botar a proa pra lá (*aponta para o norte*), pra Cumuruxatiba, pra cá (*aponta para o sul*) e se você for em cima do monte vai pra barra do Cahy... Aí é que eu confirmo, foi aqui mesmo, na barra do Cahy... que foi o primeiro contato. Aí quando eles chegaram quem foi que recebeu eles?

Estudante 5/ Emanuel: _Os indígenas.

Cacique José Fragoso: _Aí falam que aqui não tinha índio... e quem recebeu os portugueses foi os índios. Não é mentira do pessoal? E os próprios do lugar fala que aqui nunca teve índio... Sim aí o cara perguntou pra um fulano de tal “_Onde foi que os portugueses teve o primeiro contato com os índios?” aí o cara falou, “_ Foi em Porto Seguro”. Um cara daqui e não sabe da história.

Estudante 2/ Hannah: _Que vergonha pra ele...

Cacique José Fragoso: _Eles não encostaram por quê? (*Silêncio, aguardando alguém responder. Como ninguém responde ele continua*) _Chegaram embaixo de temporal foi impossível encostar, não tinha segurança e daí foram dar em Porto Seguro... e lá é um porto seguro, não tem temporal que empata você entrar. E aí eu pergunto... se tinha esses índios que tavam aí na hora que os portugueses chegou aqui na barra do Cahy, eles foram pra onde?

Onde é que tão esse povo? Foram pra onde esse pessoal daí? O quê que eles fizeram?
_Espalharam...

Estudante 3/ Laércio: _E nós...? Pra onde é que nós vamos?

Cacique José Fragoso (*Levanta-se bem devagar e diz para os parentes e para a plateia*):

_Aonde estamos e pra onde vamos

Nesse mundo tão cheio de ilusão?

Olho para o leste vejo o mar com sua cor de anil

Olho para o oeste vejo o verde com sua pequena floresta

E o malvado bicho homem com toda a sua sabedoria

Todo nosso ouro, ele levou.

O que será hoje de nossas crianças sem nossa educação?

Sem nossa saúde, sem nossos rios...?

Se acaba a mata acaba o rio.

(Pausa)

_Aí que eu falo, se você viver junto com a natureza, a natureza fala com você. Basta você observar o quê que ela tá pedindo pra você...

(Toca o sinal, interrompendo a cena. Os estudantes pegam suas mochilas e guardam, apressados, seus objetos, cadernos, livros e estojos. E saem às pressas. Emanuel está bem tranquilo organizando sua mochila. É o único que resta em cena, junto com a Professora Sabe Tudo).

Emanuel: _Ei, Sabe-Tudo! Se a senhora quiser ir lá na aldeia, pra conhecer o Vô, ele vai adorar conversar com a senhora!

(O atabaque rufa indicando a mudança de cena)

2.5 Um dia de pesca

(O sol ainda não nasceu e Milton já está de pé. Espreguiça-se. Veste sua camisa. Pega seu chapéu e chama pela filha):

Milton: *(gritando)* _Acorda Divina!

(Divina acorda, espreguiça-se, pega o samburá³ e sai junto com o pai para mais um dia de pesca. Ele segue caminhando na frente e ela atrás, acompanhando a circularidade da arena. Como cada personagem tem o seu lugar demarcado na roda, quando estiverem diante de Binga, Divina irá chamar):

Divina: *_Bora, Binga!*

(Binga segue junto, caminhando atrás de Divina e mais adiante chamará por Dito, que lá adiante irá chamar por José. Eles seguem um atrás do outro, no interior da arena, até serem embalados pela música a seguir).

Música: Respeita Pescador, de Joabes Cardoso (pescador da aldeia Pequi).

Ritmo: capoeira angola.

Instrumentos: Berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e voz. Canto responsorial.

Pescador vai pro mar

Vai buscar o que comer (x2)

Respeita pescador

Que no mar vai vencer (x2)

(Os pescadores saem para pescar... Milton está à frente e tem um remo nas mãos. Rema de um lado, rema de outro. Os outros pescadores e Divina vão atrás, não tem o remo, mas fazem o mesmo movimento de remar, com remos imaginário: remam de um lado, remam de outro, todos embalados pelo ritmo da música. Milton é quem dita o caminho dos pescadores no palco e deverá propor algumas variações na direção. Quanto mais variado for esta caminhada, mais bonita será a cena: pode-se, por exemplo, começar em círculo e em seguida propor um zig-zag, ou mudar de um lado para o outro. O final da música sinaliza que chegaram no local de pesca. Os pescadores e Divina se organizam lado a lado, em roda, no centro da cena. Dentro desta roda representa-se o barco e do lado de fora representa-se o mar. Pescam, pescam, pescam... usam linha e como isca camarão, lula, polvo e sarda. Cada pescador faz, no seu tempo, o repertório de movimentos para a ação de pescar: 1- pegar o camarão em um pote, 2- colocá-lo no anzol e 3- jogar a linha; 4- esperar o peixe morder a isca, 5- puxar a linha com o peixe, 6- tirar o peixe do anzol e 7- guardar o peixe no samburá.

³ Cesto de cipó ou taquara, pequeno, de fundo largo e boca afunilada e com alça de cordel, que os pescadores usam a tiracolo para recolherem os peixes (SAMBURÁ, 2020).

Todos os objetos de cena, as iscas e os pescados são imaginários. Estão pegando muitos peixes. Os personagens conversam entre si).

Divina (*demonstrando dificuldades para puxar o peixe*): _Paaai, me ajuda aqui... Tô pegando um peixão...

(Todos os pescadores olham para Divina e vão logo ajudar a jovem pescadora. Divina está na frente, Milton lhe segura pelo braço, pelo lado direito, para lhe ajudar a puxar o peixe; José segura no braço de Divina pelo lado esquerdo, Binga segura nos ombros de Divina e Ditão nos ombros de Binga. Todos vão fazer força, juntos, para puxar o peixe, que parece ser bem grande).

Milton: _Vamos contar até três e a gente puxa todo mundo junto.

Todos: (*Contam juntos*): _Um, dois, três... (*Os pescadores caem todos no chão e apenas Divina permanece de pé, segurando um enorme peixe por suas guelas⁴*).

Divina: _Ave Maria, que peixão!

Milton: _Vai ter moqueca gorda!

(Voltam para casa com o barco cheio de peixes. A saída é semelhante com a entrada: remam de um lado, remam de outro, todos embalados pelo toque de angola, no berimbau, atabaque, pandeiro e agogô, mas sem o canto. Milton é quem dita o caminho dos pescadores no palco e deverá propor algumas variações na direção. Chegam na praia e vão se despedindo uns dos outros):

Milton: _Tchau!

Ditão: _Tchau!

Binga: _Tchau!

José: _Tchau!

Divina: _Tchau!

(Por fim restam Milton e Divina. Seguem andando os dois pelo tempo de darem mais uma volta ao redor da arena. Quando chegam em casa são recebidos por Maria, mãe de Divina e esposa de Milton).

2.6 Em casa

Divina: _Benção, mãe!

⁴ Brânquia; na maioria dos animais aquáticos, órgão respiratório, formado por fileiras de filamentos, cuja função é extrair oxigênio da água e liberar gás carbônico (GUELRRA, 2020).

Maria: _Deus abençoe, minha filha. *(Maria e Milton se cumprimentam com um beijo).*
_Como foi a pesca hoje?

(A disposição dos três no palco será em formato de triângulo. O centro da arena está vazio; cada qual está em um ponto, no limite com a plateia, virados para o centro, equidistantes).

Divina *(animada)*: _Deu foi muito peixe!

Maria: _Que peixe?

Milton: _Giruna.

Divina: _Oriocó.

Milton: _Sarda.

Divina: _Binquara Preta.

Milton: _Guaiúba.

Divina: _Dentão.

Milton e Divina: _Cação.

(A família comemora a fartura)

Maria *(mudando de assunto)*: _Tá sem água. O poço secou de novo.

Milton: _Não é possível. Não faz um mês que a gente cavou.

Maria: E num é só aqui não... a água da rua também tá seca. E os poço dos vizinho tá tudo seco também.

Divina: Ontem eu fui mais as meninas tomar banho lá na represa e ela também tá seca seca. A água não chega na canela.

Milton: _ Será possível, meu Deus...???

Divina: _A água do mundo tá acabando?

Milton: _Eu não sei, minha filha...

Maria: _Mas é bem possível. *(Pausa)* Vem almoçar e não se atrase pra escola.

(Saem Milton e Maria. Divina permanece no centro da cena)

2.7 Cadê as nossas águas?

Divina *(Para a plateia em tom narrativo)*:

_No ano de 2016, Cumuruxatiba passou por uma grande seca.

Por mais de um ano não caiu uma gota d'água do céu *(olha para cima e faz um gesto com uma das mãos, como que verificando se está caindo chuva, e confirma que não está, infelizmente).*

Os rios começaram a secar
 a represa ficou com a água na canela,
 o rio da Barrinha secou tanto que
 os peixes começaram a morrer.
 Algumas pessoas se juntaram para salvar os peixes
 que estavam morrendo ali perto da praia
 levando eles pra parte de cima do rio
 onde estava mais cheio e a água estava mais limpa.
 No bairro Areia Preta os poços das casas secaram tanto
 que era preciso cavar um ou dois metros para chegar na água.
 O morro do Cantagalo ficou sem água da rua por mais de um mês.
 Alguma coisa precisava ser feita.
 Mas o quê?
(Divina sai de cena. O atabaque rufa indicando a mudança de cena)

2.8 Outro dia de pesca

(O atabaque soa anunciando a chegada de mais um dia. O sol ainda não nasceu e Milton já está de pé. Espreguiça-se. Veste sua camisa. Pega seu chapéu e chama pela filha):

Milton: *(gritando)* _Acorda Divina!

(Divina acorda, espreguiça-se, pega o samburá e sai junto com o pai para mais um dia de pesca. Ele segue caminhando na frente e ela atrás, acompanhando a circularidade da arena. Como cada personagem tem o seu lugar demarcado na roda, quando estiverem diante de Binga, Divina irá chamar):

Divina: _Bora, Binga!

(Binga segue junto, caminhando atrás de Divina e mais adiante chamará por Dito, que lá adiante irá chamar por José. Eles seguem, um atrás do outro no interior da arena, caminhando e conversando):

Milton: _Tem coisa muito esquisita acontecendo.

Ditão: _ Você tá falando dá falta de água?

Milton: _Da falta de chuva, dos rios secando, dos peixes morrendo...

José: _É mesmo. Tá muito estranho tudo isso.

(Quando estão passando sobre a ponte do Rio da Barrinha, ali bem no centrão de Cumuru, os pescadores param de andar e começam a lembrar histórias que viveram nessas

águas. Estão dispostos na arena em uma roda bem aberta, equidistantes, virados para o centro da roda, olham para baixo como se estivessem debruçados sobre a ponte olhando para o rio. Contam para a Divina, que ouve atenta):

Milton: Tá vendo esse rio... quando eu era criança eu tomava banho aqui. Se contar pra você que nós pulava daqui de cima dessa ponte... lá embaixo na água... de cabeça...

Divina: _É difícil acreditar!

Binga: _ Mas a gente pulava. Daqui de cima pulava de cabeça lá embaixo.

Ditão: _ Hoje se você pula você arrebenta o pescoço.

José: _ Isso aqui era uma fartura de água... uma fartura de peixe.

Milton: _ A água, ali em Neguinha, dava no pescoço da gente.

Binga: _ A gente pegava Robalo, pegava Tainha...

Ditão: _Essa Barrinha tinha era muita água. Eu nunca na minha vida que vi uma coisa dessa... A gente ouvia falar de seca só lá pra cima... lá pro Ceará. Aqui em Cumuru não.

José: _No ano de 70 que começou o desmatamento aqui na nossa região, sem freio...

Milton: ...foi o que chegou no que tá hoje...

(Ficam em silêncio. Estão pensativos...)

Milton: Vamos andando...

(Seguem em direção ao Mar. Seguem um atrás do outro no interior da arena, até serem embalados pela música a seguir. A música faz a transição do clima de uma cena para outra).

Música: Respeita Pescador, de Joabes Cardoso.

Ritmo: capoeira angola.

Instrumentos: Berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e voz. Canto responsorial.

Pescador vai pro mar

Vai buscar o que comer (x2)

Respeita pescador

Que no mar vai vencer (x2)

(Os pescadores saem pra pescar. Desta vez estão em um barco a velas... A vela é feita com um tecido branco cortado em forma triangular. Milton está à frente segurando o tecido com uma das mãos em cima da cabeça, e com a outra mão embaixo da cintura; José está atrás segurando a terceira ponta do triângulo, a uma distância que o tecido fique bem

esticado, para criar a imagem da vela. De um lado da vela está Ditão e do outro está Binga. Divina está atrás de José segurando o samburá. Todos caminham embalados pelo ritmo da música, imitando com o corpo o balanço das ondas do mar. Milton é quem conduz o caminho dos pescadores no palco e deverá propor algumas variações de direção. O final da música sinaliza que chegaram ao local de pesca. Milton recolhe o pano que representa a vela e o deixa no centro da arena, no chão, próximo ao samburá. Os pescadores e Divina estão lado a lado, em roda no centro da arena. Dentro desta roda representa-se o barco e do lado de fora, representa-se o mar. Pescam, pescam, pescam... usam linha e como isca camarão, lula, polvo e sarda. Cada pescador faz, no seu tempo, o repertório de movimentos para a ação de pescar: 1- pegar o camarão em um pote, 2- colocá-lo no anzol e 3- jogar a linha; 4- esperar o peixe morder a isca; 5- puxar a linha com o peixe, 6- tirar o peixe do anzol e 7- guardar o peixe no samburá. Ditão é quem vai pegar o primeiro peixe. Dentro do samburá deve haver um pote com tinta guache preta onde Ditão, ao representar que está guardando o peixe, irá lambuzar suas mãos).

Ditão: *_Ô peste o baiacu tá só o óleo... (Ditão está com as mãos manchadas de tinta preta, que representa petróleo. Mostra as mãos sujas para os pescadores e Divina e para a plateia).*

(José imediatamente irá pescar o próximo peixe e ao colocar o peixe no samburá deverá também sujar as mãos na tinta).

José: *_Gente, gente... a giruna também tá cheia de óleo (mostra as mãos sujas).*

Divina: *_ Tá tudo cheio de óleo!!!*

Todos *(desesperados)*: *_O óleo chegou em Cumuru!!!*

Ditão: *_E agora?*

José: *_E agora?*

Divina: *_O que é que a gente faz?*

(Enquanto conversam limpam as mãos sujas de óleo no tecido da vela que estava no chão).

Ditão: *_Eu não tô acreditando que esse óleo chegou aqui...*

José: *_Ninguém vai querer comprar o nosso pescado.*

Ditão: *_A gente vai viver de quê?*

José: *_Vamos comer o quê?*

Divina: *_O que é que a gente faz?*

Milton: *(Para Divina)* _Lembra das histórias de Yemanjá? A sua avó dizia que todos nós, pescadores e pescadoras, somos filhos dela, a rainha do mar. E quando a gente não sabe o que fazer é pra ela que a gente tem que pedir ajuda.

Ditão: _Mas isso era antigamente, Milton... hoje em dia tá tudo mudado... ninguém mais tem fé nessas coisas não.

Divina: _Pois eu tenho. E eu vou recorrer é àquela que é a mãe de todas nós... *(Vai até o centro da roda e girando e olhando para todos os lados, chama bem alto por Yemanjá)* _ Yeeemanjáaaaaaaa!!!

2.9 Yemanjá

(O atabaque soa anunciando Yemanjá.

Uma voz de mulher se aproxima.

Os pescadores começam a ouvir um canto

tão lindo

como jamais ouviram antes.

A voz os hipnotiza.

Os pescadores se perguntam

“_De onde vem esse canto?”

E procuram na imensidão azul

quem é a dona de tão encantadora voz.

Olham ao redor, para todos os lados.

É Yemanjá!

Divina é a primeira a ver Yemanjá,

E faz um gesto com uma das mãos

mostrando-a para os outros pescadores.

Yemanjá entra no centro da roda

dançando uma dança

tão linda

como o seu canto.

Seus movimentos parecem brincar com a água nas mãos.

Suavemente irá banhar-se com essas águas, irá banhar a plateia, os pescadores e Divina.

Os pescadores estão hipnotizados.

Divina está hipnotizada.

Olham admirados.

Encantados).

(A música segue o estilo responsorial. O puxador canta uma vez um verso, acompanhado por Yemanjá; o coro, formado por todos e todas as outras, respondem repetindo o verso).

Música: Coroa de Areia, de Onda Santana e Eduardo Lara.

Ritmo Ijexá.

Instrumentos: Atabaque, agogô e voz; canto responsorial.

Puxador: Iemanjá...

Coro: (Odoya)

Puxador: Iemanjá...

Coro: (Odoya)

Sereia do mar

Eu vi ali em um banco de areia

Puxador: Iemanjá...

Coro: (Odoya)

Puxador: Iemanjá...

Coro: (Odoya)

Que mil nomes têm

É Janaina a menina que mora lá

Leva areia, fica a coroa

Leva areia, fica a coroa

(A música termina, Yemanjá está parada, em pé, no centro da roda e os pescadores e Divina sentados ao seu redor. Na medida em que vão conversando Yemanjá vai se virando de modo a ficar de frente para aquele(a) que está com a fala).

Ditão: (Surpreso) _Yemanjá... você existe mesmo!?

Milton: _Odoyá nossa Mãe Yemanjá.

Yemanjá: _Sejam sempre abençoados pelas águas deste mar.

José: _O quê que tá acontecendo com os nossos peixes?

Divina: _Saímos hoje cedo e tudo o que pegamos veio cheio de petróleo.

Yemanjá:

_Deus criou a Terra.

Fez a Natureza numa harmonia perfeita.

Fez a água, fez o ar

fez a terra e nessa terra tudo o que se planta

ela devolve multiplicado.

Fez os mangues, os mares, os rios, as cachoeiras, as nascentes...

e fez cair chuva do céu.

fez ventar.

e fez o arco-íris.

Foi Deus que nos deu as florestas,

as matas... e cada planta, cada árvore,

Cada uma das ervas... cada qual diferente da outra.

Fez pássaros,

fez peixes,

fez gente.

e nunca fez ninguém igual.

Cada ser foi feito único neste perfeito ciclo de vida...

(Os pescadores escutam atentos. Ditão interrompe, apreensivo).

Ditão: _Mas o que é que isso tem a ver? O quê que tá acontecendo com as nossas águas?

Milton *(apreensivo)*: _Por que tá tudo secando?

José *(apreensivo)*: _E de onde tá vindo esse óleo?

Divina *(apreensiva)*: _Minha mãe, nos ajude a salvar as nossas águas?

Yemanjá: _Meus filhos, e filha, quantas perguntas! Antes de responder eu vou chamar alguém que não pode faltar nessa conversa...

(Os pescadores estão curiosos).

Milton? _Quem?

Ditão: _Quem?

José: _Quem?

Binga: _ Quem?

Yemanjá: A Mãe d'Água. (*Chama bem alto*) _Iaaaraaaaaaa!!!

2.10 Iara, a Mãe d'Água

(O atabaque soa anunciando a presença da Mãe D'água.

Uma voz de mulher se aproxima.

Os pescadores e a jovem pescadora

começam a ouvir um canto

tão lindo

como foi o canto de Yemanjá.

A voz os hipnotiza.

Os pescadores se perguntam

“_De onde vem esse canto?”

e procuram na imensidão azul

quem é a dona de tão encantadora voz.

Olham ao redor, para todos os lados.

Um a um vão enxergando:

É Iara, a Mãe D'água.

Estão ao redor da arena e Iara, a mãe d'água

vem cantando e dançando no centro.

Seus movimentos são de quem brinca com a água,

Suavemente irá banhar-se com essas águas, irá banhar a plateia, os pescadores e Divina).

(A música segue o estilo responsorial. O puxador canta uma vez um verso, acompanhado por Iara, e o coro, formado por todos e todas que não estão nesta cena, respondem repetindo o verso).

Música: Ponto de Iara, aprendido com Alda Gomes, Pajé da Aldeia Pequi.

Ritmo: Ijexá.

Instrumentos: Atabaque, agogô e voz. Canto responsorial.

Sou Iara moro nas águas
 Eu vim brincar na areia
 Eu vim chamada de Cosme
 E mandada pela Sereia

(A música termina, Iara está parada, em pé, ao lado de Yemanjá, no centro da roda e os pescadores e Divina sentados ao seu redor. Na medida em que vão conversando Yemanjá e Iara vão se virando de modo a ficarem sempre de frente para quem está com a fala).

Iara, a Mãe D'água: _Eu sou a Mãe D'água.

Milton: _Minha tia me contava muitas histórias sobre você, lá na aldeia: que você defende as águas do rio... e que sempre aparece nessas águas para aqueles que tem fé.

Iara: Eu sou o próprio rio.

Yemanjá: Iara, como você está linda!!!

Iara: Você também... mais do que nunca.

Yemanjá: Eles querem saber o que está acontecendo com as águas? Por que tá tudo secando? E também sobre esse óleo no mar... Querem saber se podemos ajudar... São tantas perguntas que achei melhor te chamar para respondermos juntas.

Iara: Escutem... Conseguem ouvir? Escutem o pedido de socorro de nossa Mãe-Terra.

Ditão: Elas não vão nos ajudar. Só Deus mesmo...

Iara: A natureza é a maior manifestação de Deus. Mas os humanos estão esquecidos disso... estão acabando com tudo... desconectados da vida... e assim vão destruindo a si mesmos... Só neste último ano, aqui no Brasil, dois rios foram assassinados com lama tóxica; e a Amazônia ficou quantos dias pegando fogo? Não dá nem pra acreditar! Quem pode viver sem a natureza? _Ninguém vive... vocês sabem por quê? Porque somos todos natureza...

Yemanjá: E agora vocês estão com petróleo bruto chegando aqui na praia... e não é só aqui... está em toda a costa nordestina. É muito óleo derramado.

Dito: _ Mas não foi a gente que poluiu rio nenhum. Nem desmatou floresta nenhuma. E muito menos jogou esse maldito petróleo no nosso mar.

José: _A culpa é desse governo que só pensa em dinheiro.

Milton: _A culpa é de Bolsonaro.

Iara: _Mas são vocês que estão pagando... e um preço muito alto...

Yemanjá: _E tem tudo pra piorar...

Iara: _E aqui em Cumuru??? Esgotos estão sendo jogados nos rios; o desmatamento das margens e das nascentes parece não ter mais fim. A nascente do rio da barrinha chegou a virar pasto... o gado come tudo. Quantos outros rios foram represados? E lagoas aterradas pra construir casas? É preciso estar atento ao redor... observar mais a natureza... Recuperar com ela a intimidade ancestral.

Binga: _E por que você tá aparecendo só agora? Por que não veio antes contar pra gente tudo isso?

Iara: _As águas secando, os peixes morrendo... o petróleo chegando pelas águas do mar e invadindo os mangues... Toda a Natureza está gritando e vocês não estão ouvindo!

Milton: _Isso não é responsabilidade nossa... Cadê a Resex? O ICMBio?

Ditão: _Cadê a secretaria de meio ambiente? Cadê a Marinha?

Binga: _A Petrobrás?

José: _Cadê Jair Bolsonaro?

Yemanjá: _Ficar parado procurando um responsável não vai ajudar em nada...

José: _Mas o que é que a gente tem que fazer?

Milton: _Eu não sei nem por onde começar.

Yemanjá: _Encontrem novamente o amor pela Mãe-Terra. O mesmo amor e respeito que os seus mais velhos um dia tiveram. Escutem a Natureza, estejam atentos aos seus sinais e saberão o que fazer.

Iara: _Nada disso começa aqui. Essa luta vem acontecendo há centenas de anos. Conversem com os mais velhos... com os seus pais e mães. Perguntem aos seus avôs e bisavós sobre os tempos de antigamente... Procurem entre os Pataxó as anciãs e os anciãos desta terra e escutem o que elas têm para lhes ensinar...

Yemanjá: _Mas se preparem... porque vocês vão perceber que o problema é muito maior do que vocês pensam.

(O atabaque e o agogô tocam o Ijexá, não há canto agora. Yemanjá e Iara estão saindo de cena, dançando).

Ditão: _Ei... Pra onde é que vocês vão?

Yemanjá: _Vamos pra casa.

Iara: _Enquanto houver vida nestas águas estaremos aqui.

(Os pescadores se posicionam novamente formando a imagem do barco à velas: Milton está à frente segurando o tecido com uma das mãos em cima da cabeça, e com a outra mão em baixo da cintura; José está atrás segurando a terceira ponta do triângulo, a uma distância que o tecido fique bem esticado, para criar a imagem da vela. De um lado da vela

*está Ditão e do outro está Binga. Divina está atrás de José segurando o samburá. Todos caminham embalados pelo ritmo da música, imitando com o corpo o balanço das ondas do mar. Milton é quem conduz o caminho dos pescadores no palco. A vela está toda manchada de petróleo)*⁵.

2.11 Em casa

Divina: _Benção, mãe!

Maria: _Deus abençoe, minha filha. *(Maria e Milton se cumprimentam com um beijo).*

_Como foi a pesca hoje?

(A disposição dos três no palco será em forma de triângulo. O centro da arena está vazio; cada qual está em um ponto da arena, no limite com a plateia, virados para o centro, equidistantes).

Divina: _Mãe, a gente viu a Mãe d'Água...

Maria: _Que história é essa de Mãe d'Água?

Divina: _É a protetora do rio, mãinha.

Milton: _Yemanjá também veio falar com a gente.

Maria: *(Irritada, diz para Milton)* _Lá vem você de novo com essas feitiçarias... você sabe muito bem que eu não gosto dessas coisas, Milton. E você ainda fica fazendo a cabeça da menina.

Divina: _É verdade mãe... todo mundo que tava lá pescando viu... Elas são lindas, não são pai?

Milton: _São sim, Divina. Elas são lindas demais... E cantam tão bonito...

Divina: E dançam, mãinha! Dançam em cima das águas.

(Maria não está entendendo nada).

Maria: _O que é que você andou falando pra menina, Milton?

Milton: _Mulher, o peixe veio cheio de óleo... petróleo bruto. Não dá nem pra comer o pescado...

⁵O tecido branco que representa o barco a velas foi manchado com a tinta preta, quando Ditão e José limpam suas mãos nele. A vela manchada de óleo é uma imagem muito forte que deve ser mantida, pois representa, em imagem, os impactos deste acidente nas comunidades pesqueiras. Como recurso cênico utilizamos dois tecidos: no início da cena, na entrada dos pescadores o tecido que já estava manchado de petróleo das apresentações anteriores fica escondido dentro do samburá, quando Ditão e José limpam suas mãos, o fazem neste tecido já manchado, preservando o outro limpo. De modo que teremos um limpo para a entrada dos pescadores e um manchado para a saída.

Maria: _Ôxe que eu não tô entendendo é nada... que história doida é essa de vocês dois?

Milton: _ É isso que você tá ouvindo. Se não bastasse as nossas águas secando a gente ainda encontrou petróleo no mar e ele tá chegando pras nossas praias... pode esperar que vem coisa por aí...

Divina: ... no caminho de casa, quando a gente passou em frente a Associação de Pescadores já tinha um monte de gente lá se organizando pra enfrentar esse óleo...

Milton: E quando Ditão e José pegaram os peixes cheio de óleo a gente ficou tudo doido... sem saber o que fazer... e aí a Divina chamou Yemanjá e ela veio dançando por cima das águas, pode acreditar... e chamou Iara, a Mãe d'Água, que também veio.

Divina: _Ela falou pra gente conversar com as anciãs e os anciãos Pataxó porque eles vão nos contar sobre uma Cumuru que muita gente até hoje ainda não conhece...

Milton: _E eu tô indo pra aldeia... vou me reencontrar com os meus mais velhos e ouvir o que eles têm pra nos dizer.

Maria: _Mas é só o que me faltava... (*imperativa*) _Eu não quero você de novo enfiado dentro de aldeia, Milton.

Milton: _Mas eu vou... e vou agora... e Divina vem comigo.

(*Milton e Divina saem de cena de mãos dadas, apressados. Maria sai de cena irritada*).

2.12 Na aldeia Pataxó

(*Para a transição de cenas, o elenco vai fazer diversos assobios imitando o canto de pássaros.*)

2.12.1 Brincadeira de criança

(*As crianças Alice, Carlos Antônio, Xica, Oton e Thiago vão chegando uma a uma e começam a brincadeira: andando em roda, fazem movimentos com os braços como se fossem passarinhos batendo asas e outros dois vão ficar no meio da roda pulando de um pé só e batendo o outro pé-com-pé. Enquanto isso acontece todo mundo canta a seguinte música*):

(*primeiro em patxôhã*).

Giktaia torotê sũniataira
 Giktaia torotê sũniataira (2x)
 Hũ kotenokô sũniataxó bayxú olê lê
 Tornô naxoxirá bayxú olá lá
 Hãhũhêhê-haá olê lê
 Hãhũhêhê-haá olá lá

(e logo em português)

Passarinho tá cantando
 Passarinho tá cantando (2x)
 Com seu canto bonito, olê lê
 Vai voando bonito, olá lá
 Chama há, há, há, olê lê
 Chama há, há, há olá lá.

Carlos Antônio: _Ei os menino, vamos brincar de Pindorama?

Oton: _Vamos! Eu sou Tupiniquim...

Xica e Thiago: _Eu também.

Alice: _E eu também vou ser tupiniquim.

Carlos Antônio: _Ah não! Eu não vou ser português de novo não!

Thiago: _Quê que tem, velho? Na brincadeira é legal ser o vilão também...

Carlos Antônio: _Então vai você fazer o português... eu nem de brincadeira...

Xica: _Por que a gente não faz assim: todo mundo faz o Tupiniquim e depois todo mundo faz os portugueses nas caravelas...

Carlos Antônio: _Ah não... assim vai ficar chato.

Alice: _Não vai não Carlos Antônio! Eu concordo com a Xica.

Oton: _Eu também.

Thiago: _Eu também acho mais legal assim.

Alice: _Perdeu Carlos Antônio...

Carlos Antônio: *(emburrado)* _Então eu não brinco mais.

Xica: _Tá bom... eu começo então. Vamos Alice?

Alice: _Bora!

2.12.1.1 – Tupiniquins

(Xica e Alice estão de pé, no centro da arena, uma diante da outra. Alice está mexendo no cabelo de Xica: desembaraçando, arrumando, enfeitando. Quando termina o penteado, Xica começa a fazer uma pintura no rosto, braços e pernas de Alice. De vez em quando para e olha de longe, como que verificando se a pintura que está fazendo na amiga está ficando bonita. Thiago e Oton estão assistindo curiosos, interessados no que estão inventando as amigas. Carlos Antônio está assistindo emburrado).

Xica: *_Você é a noiva mais linda que eu já vi.*

(Elas estão animadas).

(Thiago passa por elas, caminhando em círculo no limite da arena. Xica e Alice saem de cena. Thiago começa a andar muito devagar, sorrateiro, parece não querer ser percebido. É silencioso. Anda calmamente, pé por pé. Está avistando algo longe... é uma caça e ele não vai deixa-la escapar. Ele pega seu arco e uma flecha, mira, espera o momento certo e... atira. Acertou. Corre para pegar a caça. Sai de cena.

Depois disso Oton entra em cena, e faz uma ação de colher diversos frutos em diversas árvores, colocando-os dentro de um cesto. Carlos Antônio já não está emburrado e entra em cena.)

Carlos Antônio: *_Posso brincar?*

Oton: *(cochichando e sem sair da brincadeira) _Entra logo... vem me ajudar...*

(As frutas estão umas mais altas e outras mais baixas, há algumas tão altas que eles vão pegar uma vara, imaginária, para ajudar a derrubar. Recolhem dentro do cesto todas as frutas e saem de cena).

(Alice e Xica reaparecem. Estão indo se banhar nas águas do mar, mas são interrompidas quando avistam algo no horizonte. Parecem não saber o que é. Olham mais uma vez, curiosas. Parecem assustadas. Conversam alguma coisa que não se pode ouvir. Parecem preocupadas. Alice sai correndo enquanto Xica continua olhando atenta para o mar. Daqui a pouco Alice volta acompanhada por Carlos Antônio... e logo vão chegando outros: Oton e Thiago. Um a um vão tirando seus arcos e flechas. Estão prontos para atirar. Ali eles não sabem ainda, mas são as Caravelas Portuguesas que estão se aproximando).

2.12.1.2 – As caravelas portuguesas e o primeiro encontro entre Tupiniquins e Portugueses

(Ainda na brincadeira das crianças, Carlos Antônio vai brincar que é o Capitão de uma das caravelas e Alice, Xica, Oton e Thiago vão brincar de ser a tripulação. A interpretação deve ser pensada de forma bastante exagerada, tanto nos movimentos e nas ações como na fala, evitando qualquer realismo. Importante lembrar que trata-se de crianças indígenas Pataxó brincando de ser os primeiros portugueses a chegarem nas terras onde viviam seus ancestrais).

Capitão: _Terra à vista!!!

(A tripulação se aproxima curiosa para saber o que o capitão está vendo).

Tripulação/ Alice: _Ora pois, já era tempo. Eu não aguento mais o chacoalhar desta nau. São mais de quarenta dias em alto-mar...

Capitão: *(Olhando pela luneta)* _ Pois vejo um grande monte, mui alto e redondo;

Tripulação/ todos: E o que mais? O que mais?

Capitão: E doutras serras mais baixas ao sul dele; com grandes arvoredos... *(Com grande entusiasmo)* ao monte alto chamarei de Monte Pascoal... e à terra, chamarei de Terra de Vera Cruz.

Tripulação/ Alice: _Mas que nome lindo, capitão!

Tripulação/ Oton: É admirável!

Tripulação/ Xica: Que belos nomes, meu capitão.

Capitão: *(Esbravejando)* _Vamos, mexam-se. Lançar âncoras!

(A tripulação se espalha para obedecer às ordens do capitão. Estão confusos e sem saber o que fazer. Andam de um lado para o outro e trombam uns nos outros.)

Capitão: *(Olhando pela luneta)* _Avisto homens, andando pela praia... são sete... ou oito...

(A tripulação fica quieta para ouvir).

Capitão: _ São pardos e... *(espantado)* e estão todos nus...

Tripulação/ Todos: *(espantados)*: _Nus?

Capitão: Sim... nus. Sem coisa alguma que lhes cubra suas vergonhas.

(A tripulação corre novamente para junto do capitão, curiosa. O capitão dá a luneta para a tripulação. Todos estão ansiosos e curiosos que brigam entre si para conseguirem olhar primeiro).

Tripulação/ Alice *(será a primeira a olhar)*: _Meu Deus que falta de vergonha! *(Passa a luneta para Xica).*

Tripulação/ Xica: _Onde já se viu uma coisa dessas? *(Passa a luneta para Thiago).*

Tripulação/ Thiago: _ Mas como é que pode? *(Passa a luneta para Oton).*

Tripulação/ Oton: Mostram a bunda como quem mostra a cara!

Capitão: Tripulação!!! Vá ver aquele rio.

(Um dos três da tripulação aproxima-se do rio. Reproduz no corpo os movimentos causados pelas ondas do mar e rema com um remo imaginário).

(O tupiniquim está com seu arco e flechas pronto para atirar. O membro da tripulação - que a partir de agora será chamado português - faz um sinal para que abaixasse seu arco. E o Tupiniquim abaixa).

Português: *(Puxando assunto)* _ Olá... Você mora aqui?

Tupiniquim/ Thiago: _ Sim. Faz muito tempo que a nossa família tá por aqui.

Português: _ Estamos perdidos. Estamos indo pra Índia... comprar umas coisas... umas tintas e muitas especiarias. O preço é bom, a mercadoria de qualidade... e tem sempre uma novidade que a gente não encontra em Portugal. *(Mudando de assunto)* Mas esse lugar é bonito ein... que tranquilidade... aposto que você fica o dia inteiro aí deitado na rede, só curtindo esse marzão.

(O Tupiniquim não dá muito ouvidos para o que diz o Português e se aproxima, curioso, examinando-o de perto: as roupas, o cabelo, de frente, por trás. O Português olha, admirado, para a floresta ao redor.) _ Uauuu... Tem muitas árvores por aqui... vocês vendem???

Tupiniquim: _ Eu não tô entendendo essa sua conversa, não. Que língua é essa que você fala? Você fala muito, mas diz pouco.

Português: _ Sabe que eu estou ficando curioso... Alguma coisa está me dizendo que ficar por aqui vai ser um bom negócio. *(Vê um dos tupiniquins comendo algo. Este personagem não existe de fato em cena)* O que é aquilo que ele tá comendo?

Tupiniquim: _ É caju. Você não conhece?

Português: _ Não... não conheço não... mas quero experimentar... Onde é que vocês compram?... Eu posso pagar... Eu estou com muita fome... Tem mais de quarenta dias que entramos nessa viagem...

Tupiniquim: _ É nossa mãe Natureza que dá... assim como tudo o que a gente precisa...

Português: _ Tá bom... me dá um aí logo... *(aproxima-se do Tupiniquim).*

Tupiniquim: _ Rapaaaz, mas tu tá podre. Tá só a carniça. Tem quantos dias que você não toma banho???

Português: _ Não vou mentir, é difícil banho aí nessa caravela, viu... É muita gente... tem que ficar racionando água... você sabe como é que é né?! E além do mais não precisamos de banho todos os dias, pois podemos comprar os melhores perfumes do mundo!

Tupiniquim: _Mas um banho não vai fazer mal a ninguém... Tem um riozão aqui do lado... Não vai dar trabalho nenhum. É o rio Cahy... você tá na Barra do Cahy. Aproveita e toma um sol... tô te achando meio sem cor... Um sol só vai fazer bem. Eu vou pedir pra pegar uns cajus pra você. Não tenho coragem de ver ninguém nessa situação que você tá e não ajudar. Você quer água também? Tá com sede?

Português: _Olha eu agradeço, viu. Nossa a recepção aqui é muito melhor do que nas Índias.

Tupiniquim: _E depois vocês seguem viagem... porque vocês não vão conseguir deixar as canoas por aqui não... elas são muito grandes. Mas não preocupa que é só seguir prá cá (*aponta com a mão*) que logo vocês vão encontrar um lugar muito mais seguro...

Português: _Um porto?... Ao Norte? Um Porto Seguro?

Tupiniquim: _É sim. Lá é terra de outros parentes. Mas é tudo gente boa. Fala que você teve aqui e que fui eu que te indiquei... no que eles puderem ajudar eles vão ajudar.

Português: _Mas escuta seu índio...

Tupiniquim: _Não, não, não... meu nome não é índio não.

Português: _Ora pois... me desculpe... é que a gente estava indo pras índias e eu fiquei com esse nome na cabeça... Mas o senhor se acostume que rapidinho o nome pega... Vai ser mais fácil do que decorar o nome de todo mundo. Mas como eu ia dizendo... Será que eu posso dar uma olhada nessa mata aqui no fundo? Você me vende algumas árvores dessas? Ou quem sabe a gente troca por alguma coisa? Eu tenho esse chapéu aqui... o que você acha? Esse tom vermelho vai combinar com você.

Tupiniquim: _Vender a gente não vende não... Não tem dono... é tudo nosso... de quem precisar. E se o senhor tiver precisando pode pegar algumas sim... tem pra todo mundo...

Português: _Eu vou aceitar sim... mas será que você pode tirar pra mim? E pode colocar aqui nessas caravelas da frente... Tem mais gente aí com vocês pra ajudar a cortar e a carregar?

Tupiniquim: _Tem é muita gente vivendo por aqui viu... Aqui onde a gente tá a vizinhança é bem boa, tem uns que a gente dá mais certo outros menos... mas me diz aí onde é que não tem conflito?

Português: _Tô pensando seriamente em ficar por aqui... investir em novas terras... em novos mundos... me parece um bom negócio. Posso encher essa costa inteira com hospedarias, resorts e restaurantes e faturar uma grana com os viajantes que estiverem indo

até às Índias... Um ponto de parada quem sabe... E aqui mesmo podemos fundar uma grande cruz, em honra e glória ao nosso santíssimo senhor Jesus Cristo...

Tupiniquim: _Cruz? Jesus Cristo? O que é isso?

Português: (*Espantado*) _Você não sabe quem é Jesus Cristo?

Tupiniquim: _Nunca ouvi falar.

(*O Tupiniquim mirando o Português vê um colar de ouro muito grande no seu pescoço e acena com a mão para a terra*).

Português: _ Há ouro aqui?

(*O Tupiniquim aponta para o anel de prata do português e acena novamente para a terra*).

Português: (*Eufórico*) _Ouro e Prata... Ouro e Prata... Ouro e Prata... (*Começa a gritar, loucamente, para se fazer ouvir de dentro das caravelas*) _Ouro e Prata... Aqui tem Ouro e Prataaaa...

(*A Pajé Jovita entra na cena e interrompe a brincadeira*): _Alice, Carlos Antônio, Oton, Thiago, Xica... venham logo que vamos começar o awê.

(*As crianças saem correndo. Jovita permanece em cena balançando seu maracá. Uma a uma, as outras lideranças Pataxó - José Fragoso, Adelize, Maria D’Ajuda, Ricardo, Dario, Cristiane, Alda Gomes – vão entrando em cena. Na medida em que vão entrando agitam seus maracás criando um ambiente sonoro e vão se organizar em uma roda, preparando-se para o awê*).

2.12.2 O awê

(*Todas as lideranças Pataxó estão em roda, abaixados e de frente para o centro da roda. Vão cantar a seguinte oração*).

Música: Kanã Pataxi⁶

Autoria: Tradição Pataxó

Vozes, em coro.

(*A primeira parte canta-se em Patxôhã*)

⁶ (SANTANA, 2016, p. 43).

Kanã Pataxi Petõi
 Baixutxê naãhã pokãyaré
 Ahnã petõi puhui
 Ahnã petõi akuã
 Ahnã petõi sarã dxahá txobharé
 Kahabtxe siratã (3x)
 Dxá'á uip ápôy ûmip mayõ

(A segunda parte canta-se em português)

Na minha aldeia tem
 Beleza sem plantar,
 Eu tenho o arco, eu tenho a flecha,
 Tenho raiz para curar.
 Viva tupã (3x),
 Que nos veio trazer a luz.

(Todas as lideranças Pataxó levantam-se e, andando em roda, em sentido anti-horário, vão cantar e dançar o awê, marcando ritmados a pisada do pé direito):

Música: Música Pataxó⁷
 Autoria: Tradição Pataxó
 Vozes, em coro.

Pataxó muká, mukaú
 Muka, mukaú, Muka, mukaú.
 Pataxó mayô werimehe
 Maiô werimehe, Maiô werimehe,
 Hetõ, hetõ, hetõ Pataxó (*Só as mulheres*)
 Hetõ, hetõ, hetõ Pataxó (*Só as mulheres*)
 Kotê kawi Suniatá Heruê
 Kotê kawi Suniatá Heruê

⁷ (MATALAWÊ, 2005, p. 6)

Heruê – He – He – Heruê, heruê

Heruê – He – He – Heruê, heruê

(Milton e Divina chegam à aldeia. Milton bate palmas anunciando a chegada. Jovita e José Fragoso irão recebê-los e cada uma das outras lideranças irá se sentar no chão, em roda).

Jovita: _Olha quem é que tá aí! Sejam bem-vindos nessa aldeia. Aqui sempre será a sua casa... *(Para Milton)* Não me diga que esta moçona é Divina?

Milton: _É sim senhora. Tá grande né?

Jovita: _Tá muito. Mas eu a reconheço em qualquer lugar *(Dá um abraço em Divina)*.

Divina: _A senhora me conhece?

Jovita: _Desde antes de você nascer.

Divina: _Quem é ela, pai?

Jovita: _Você não falou pra ela?

Milton: _Não. Fala a senhora.

Jovita: _ Eu sou Jovita, Pajé e liderança da Aldeia Kaí. Pois bem... seu pai foi nascido e criado aqui dentro dessa aldeia. Dentro da minha casa. Quando ele cresceu conheceu sua mãe, Maria, que nunca gostou do povo indígena e aí ele acabou se afastando da gente e de nossa cultura... infelizmente isso tem acontecido muito. *(Para Milton)* _Mas que bons ventos o trouxe de volta?

Milton: _Não posso mais fugir vó. Eu preciso me reencontrar com meus ancestrais. Com a força de nossos encantados. Lembra das histórias que vocês contavam pra gente em volta da fogueira sobre os nossos encantados? Pois Yemanjá veio falar comigo e com Divina e com os outros pescadores também.

Divina: _E a Mãe D'água falou comigo. *(Lembrando da Mãe D'água)* Ela é tão linda! Foi ela que mandou a gente conversar com vocês pra entender mais da nossa história e encontrar um caminho pra cuidar da natureza.

(O Cacique José Fragoso que estava, de pé, observando de longe a conversa, vem se aproximando).

Cacique José Fragoso: *(Para Milton)* _Eu tô muito feliz de te ver aqui de novo... Eu tô muito feliz que vocês estão aqui, sabe por quê? Porque quando vocês chegaram eu senti com muita força a presença de minha mãe, Zabelê... e de meu pai, Manoel Fragoso. Zabelê em uma semente ela fazia a gente enxergar um universo... *(Para Divina)* Eu sou José Fragoso, cacique da aldeia Tibá. Você já conhece a aldeia Tibá?

Divina: _Não.

Cacique José Fragoso: Não? Mas como é que pode? tá vendo só... nativa, nascida e criada aqui em Cumuruxatiba e até hoje não conhece a nossa aldeia. Mas vai ter oportunidade ainda. *(Pausa)* Aqui é todo mundo parente... então, você fique à vontade e seja muito bem-vinda. *(Pausa)* Isso tudo que eu tô ouvindo vocês contando a gente já sabia que ia acontecer... mas é melhor todo mundo se sentar pra ouvir porque são muitas histórias...

(Todos sentam-se no chão, exceto José Fragoso)

As narrativas orais são muito fortes e presentes entre os Pataxó de Cumuruxatiba. Por isso os textos a seguir devem ser trabalhados com as qualidades de quem conta uma história. Não há excesso de imagens, de cenas, de diálogos. Cada texto nos traz conhecimentos, crenças, valores, histórias vividas e transmitidas pelos Pataxó de Cumuruxatiba. A escolha épica para contar estas histórias ao invés de encená-las dramaticamente, mostrando a cena em execução, deve-se principalmente ao fato de que foi assim que elas nos foram transmitidas. Por isso o objetivo aqui é de levar até a plateia o prazer de se parar para ouvir as histórias que as mais velhas e os mais velhos tem para nos contar.

Faz parte da tradição de vários povos desde os mais antigos tempos – narrativas orais são passadas de geração a geração desde o início da humanidade, num movimento incessante de recriação. O contador de histórias cria imagens que ajudam a despertar as sensações e a ativar no ouvinte os sentidos: paladar, audição, tato, visão e olfato. Assim, suas narrativas são carregadas de emoção e repletas de elementos significativos, como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios. [...] Cada contador, usando suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias – e começa a dar vida a elas (CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, 2020).

(Todas as lideranças Pataxó estão sentadas em roda, no chão, ao redor da arena, e vão se levantando na medida em que forem começando suas histórias e ocupando o centro da roda. Quando terminarem, sentam-se novamente).

2.12.3 Cacique José Fragoso

Os nossos tios faziam fogueira na beira da casa à noite, nós ia pra lá e eles começavam a contar essas história. O que nós ia enfrentar hoje, tudo eles sabia. Falava “Ó... vai chegar um tempo que vocês não vão ter direito de tirar um cipó no mato... Isso tudo eles falava. *(Pausa)* Ali onde é a Madecom⁸, alí era uma lagoa. Tinha peixe, camarão... e aterraram ali. Ali em

⁸ Casa de materiais de construção.

Catorze⁹ era uma biquinha... se chamava Bica de Santo Antônio. Cadê??? _Aterraram tudo! “Vai ter muitas doenças que a gente não vai saber que doença é”, eles dizia. Aí hoje... quanta doença que tá... essa tal de depressão que a gente não sabe nem qual remédio... “eu não vou ver, mas vocês vão ver muito mais, seus filhos vão ver muito mais...” eles falava pra gente. Tá ou não tá... não tamo vendo isso hoje? Nós tamo passando por isso! E desde eu menino que eu tenho esse conhecimento do que nós ia enfrentar, do que nós tamo passando hoje. Ia chegar um governo que ninguém ia conseguir melhorar o Brasil. E nós ia passar por um homi desse ruim, que nós tamo passando hoje. Isso aí eles falaram... que vinha um presidente ruim. Eu acredito que seja esse... se for outro pior não é possível não... (*Pausa*) e aí que eu pergunto: quem é que tá indo lá pra Brasília pra falar não pra Bolsonaro? _Eu só vejo os Indígenas, os Quilombolas, o pessoal do MST... Cadê todo mundo? Os movimentos sociais, os sindicatos, cadê o Brasil inteiro? Os pescadores? Pra tá tudo junto... fortalecendo a luta... Imagina a força que num teria se tivesse todo mundo. O Brasil lá em peso... É uma luta que não é só indígena não... é pra todos. Porque do jeito que a coisa tá indo daqui há pouco não tem nem ninguém pra contar história.

2.12.4 Pajé Jovita

Eu com sete ano de idade eu dizia assim pra meu pai: “Meu pai, corre aqui que o homi tá derrubando o meu pé de gameleira que eu canto tanto debaixo... corre meu pai”! Eu tava assim acordada igual eu tô aqui... e papai falou, “minha fia cê tá sonhando, cê tá delirando... não tem ninguém lá olha pra lá não tem ninguém”. Aí eu olhava e não via ninguém mesmo. Eu abaixava a cabeça e ficava triste... chorava porque eu via “tá derrubando a minha natureza”... aí eu dizia assim “Meu pai escreve aí que eu tô vendo um homi cortando o meu pé de árvore”... meu pai dizia: “Minha fia como eu vô escrever se não tem um lápis não tem um nada... eu disse assim “Vai meu pai procurar por aí que seja lá o que for um pedaço de carvão...” meu pai fazia aquelas pontinha de carvão e escrevia igual um lápis. Desenhou o homi com um facão derrubando... na minha visão não era um facão, mas era um trem que cortava tão ligeiro... passava um dia no outro dia eu sonhava: “Meu pai! Tá pegando fogo aqui no nosso pedacinho de campo meu pai... onde tá nossa casa... vai queimar nossa casa”. Papai dizia, “Minha fia num é não... isso num é verdade”... eu disse assim: “É verdade meu pai... ó tem uma casa quadrada, uma casa quadrada assim com um bocado de cano, assim de bambu

⁹ Trailer de venda de sanduíches.

saindo fogo... bota aí que isso vai acontecer... só que eu não sei explicar o senhor o que é meu pai”, eu fechava os olhos: “Desenha uns negócio assim com umas roda e um homi dentro...” meu pai perguntava: “O que é isso minha fia?” Eu disse assim: “Num sei meu pai, faz aí que eu tô vendo aqui, um dia o senhor vai saber o que é...” e meu pai fazia... “Faz agora, meu pai, a lagoa secando... esse facção que esse homi tá vai destruir nossas árvore tudo, vai deixar o rio secando e os peixinho tudo morrendo... minhas piabinha que eu pego... desenha meu pai” e papai ia ligeirinho. “Agora o senhor faz eu e no meu pé eu quero umas raiz... *(Faz com os pés, um depois o outro, um movimento como se os fincasse no chão... como se os pés criassem raízes na terra)*; Eu não quero pé não eu quero umas raiz e meus braço aberto com uma cruz *(Abre os braços, um de cada vez, em formato de cruz)* e um passarinho procurando uma árvore pra sentar” *(Faz com uma das mãos um movimento como se um passarinho viesse e pousasse sore ela. O olhar observa este movimento e sorri de alegria)*. *(Mudando drasticamente a intenção o texto seguinte é dito com grande tristeza, como se ela se transportasse de uma doce lembrança para uma triste realidade)* _Quando eu olho pra esse quadro eu lembro da minha infância porque esse rio aqui ó, esse rio é onde nós tomava banho... naquela época as caça vinha em nossa porta nós alimentava as caça em nossa porta... os bicho era tão manso... naquela época você não via floresta queimada... *(Pausa)* Tudo isso eu vi aos sete anos de idade, quando ainda vivia nas matas, nunca tinha visto um carro, nem uma motosserra, nem uma fábrica. Eu tava sendo avisada de tudo que estamos vivendo hoje. Hoje você olha você não vê mata... só vê campo, fazenda, curral de vaca, de boi. Aqui no nosso extremo sul da Bahia algum lugar que você anda que você ainda vê um pedacinho de mata ainda.

2.12.5 Jandaia, Xohã e Xauã

Jandaia: _Eu sou Jandaia Pataxó.

Xohã: _Eu sou Xohã Pataxó.

Xauã: _E eu sou Xauã Pataxó e nós somos lideranças da aldeia Kaí.

Jandaia: _Quando teve a diáspora, que foi o fogo de 51, Zabelê veio de Barra Velha pra Cumuru, na qual tinha os Pataxó daqui e a acolheram: meu avô Aurelino, tia Miroca... E foram esses Pataxó que já moravam aqui que acolheram esses Pataxó que veio de Barra Velha corrido, estuprado... meu tio Manoel Fragoso todo massacrado de tanto apanhar e várias outras pessoas que vieram praticamente mortos praqui. Foi um massacre imenso, assim como ocorreu aqui na aldeia Kaí em 2016, onde nossas casas foram todas derrubadas. A gente não

sofreu violência física, mas nós sofremos violência mental... é uma história que eu não consigo esquecer até hoje.

Xohã: _Quantos parentes nosso não foram mortos dentro dessas terras aqui? E se a gente não tivesse dado início a retomada do território a gente não sabia nem onde estava, se estava em Cumuru ou se alguns já tinham ido embora.

Xauã: _Por isso que quando a gente procura uma comunidade indígena a gente tem que buscar isso, reconhecer a história, a nossa história, a história de nossos antepassados, principalmente as histórias de dores que nosso povo viveu aqui... pra gente valorizar o nosso território.

Nos anos 70, 80 e até os anos 90, Cumuruxatiba era uma cidade tradicional, uma vila de pescadores, de Pataxó, onde todos viviam da pesca, da caça e o capitalismo em si não tinha penetrado dentro da vila... Hoje tudo é dinheiro, antes não... antes era tudo na base da troca: trocava farinha, milho, feijão... Até que a exploração da areia monazítica chegou aqui com grandes promessas de melhoria e progresso, mas o que aconteceu foi uma escravidão gigante, onde escravizaram os nativos, muitos nativos que trabalharam na extração, muitos velhos hoje tão morrendo de câncer, por conta que trabalhava com material radioativo, sem proteção. E de repente a vila de Cumuruxatiba ficou em torno do dinheiro.

Jandaia: _E Cumuruxatiba é uma riqueza imensa... as vezes a gente vê fulano se mudando pra Cumuru, pode ter certeza que já tá vindo com o intuito de explorar alguma coisa. Um bom exemplo é o que aconteceu com a gente aqui... a usura, a ambição por essa área aqui... e hoje a gente descobriu... a gente tem a maior represa do município de Prado, que nós vamos incluir no nosso projeto de turismo, que foi aprovado pelo Estado... A gente tem um poço artesiano aqui, construído pela SESAI que ele é água mineral pura, 100% natural, 100% mineral.

Nós nativos temos que começar a entender isso: que o pessoal tá vindo é justamente com ambição. Aqui, onde é a nossa aldeia ia ser construído um resort. Vocês imaginem um resort sendo construído aqui... com campo de avião e tudo. A gente não tinha mais mata, não tinha mais nada aqui.

Xohã: _É importante falar do avanço do agronegócio que tá vindo com muita força... você vê aí a monocultura do mamão, do café... esses dias eu fiquei horrorizado... eu fui lá na barra do Kaí e olhei pro lado tá aquele deserto... E tudo é a secretaria do próprio município que vai autorizar.

Eu tenho certeza que se a gente não tivesse aqui nesse local, já tinha sido tomado tudo. Já teve inclusive a proposta de plantar mamão do Rio do Peixe à Imbassuaba. Nossa preocupação é essa... com a questão da preservação.

2.12.6 Adelize e Zé Fragoso

Adelize: Nós saímos daqui pra comprar umas mudas de banana da terra, aí nós chegamos lá o homem foi e cortou dois cachos de banana, despencou as bananas tudo, encaixotou tudo, aí veio com a bombinha nas bananas que tirou naquele dia... Aí Zeca falou assim: “Vem cá, isso aí é pra quê?” Ele falou assim: “Isso aqui é porque dentro de três dias elas tá tudo madura. Porque vai pro mercado assim, porque no mercado tem que chegar e não pode demorar pra vender. Força ela a amadurecer”.

Zé Fragoso: Ó o quê que nós come!

Adelize: _Antigamente a gente criava uma galinha, quantos tempos que passava pra gente comer uma galinha.... hoje dentro de um mês você já tem a galinha. Até a semente hoje das coisas que a gente compra no mercado já vem preparada pra não nascer, pra você poder comprar com eles.

Zé Fragoso: Olha bem... a agroecologia é onde você planta tudo junto: madeira nativa, fruta... _Vamos plantar aqui o quê hoje?

Adelize: _Vamos plantar mandioca! *(Ela tem uma enxada nas mãos e enquanto vai dando o texto a seguir vai abrindo os buracos na terra com a enxada e José Fragoso vai plantando a mandioca, o feijão e o abacaxi – imaginários.)* A gente pode limpar essa área aqui. Aí você vem com a mandioca e vai plantando; você vem com o feijão, você vem com o abacaxi.

Zé Fragoso: _ *(Fazendo a ação de colher feijão)* _Primeiro você tira o feijão... a mandioca fica e o abacaxi; *(fazendo a ação de arrancar mandioca da terra)* _depois você tira a mandioca e deixa só o abacaxi... e depois você vem com outra plantação e você pode plantar outros tipos de fruta... Aqui nós plantamos um bocado, não foi Neguinha?! _Mas quando a gente plantou aqui tava uma seca desgramada que as frutas morreram tudo. Mas as árvores ficou. Agora nós tamo tentando de novo... Aqui tem uma área que a terra já tá muito boa...

Neguinha: *(Todo o texto que se segue será dito enquanto faz ações de plantar. A enxada é o seu objeto de cena. Nunca irá abandoná-la. Está capinando. Juntando matos e folhas, cavando, semeando e jogando terra por cima)* _E é onde não queima nada, os capins, as folhas vão apodrecendo ali na terra e já vai gerando o adubo. Tudo vai virando nutriente

dessa terra. Por exemplo o feijão que dá aquela bagaceira, já pode deixar espalhado na terra, mas queimar não! A gente vai fazer farinha... pega a casca da mandioca e já vai deixando ela ferventar, mais ou menos um mês por aí, porque ali ela esquenta... porque se for botar ela logo ela mata... eu planto abóbora com isso. Zeca chegou lá e viu minhas abóboras... tão bonita!!! Tô plantando com casca de mandioca, casca de abóbora, eu vou juntando tudo. E é bom que além de não usar veneno ainda acabou o problema de fogo nessa região nossa... A não ser uns que já bota pra prejudicar mesmo. Chegou um pessoal aqui, uns turistas, que os meninos não conheciam nem um pé de abacaxi, não conheciam nem uma galinha! Como é que pode?

2.12.7 Cacica Arian Pataxó

Meu nome é Arian Pataxó, eu sou cacique da aldeia Dois Irmãos e sempre vivi nesse território Comexatibá. Nasci aqui. Meus pais desde antes de 1988, da Constituição Federal, que ele já era morador daqui. Os avôs dele, os pais dele já era nativo daqui há muitos anos. Meu pai é pescador, minha mãe é marisqueira indígena e eu também como nativa, filha deles, nasci aqui, me criei, casei, tive meus filhos, criei meus filhos, meus netos que tão chegando também e assim a minha luta aqui pelo território é desde criança.

Eu preciso dessa terra pra eu viver com a minha comunidade... Porque aqui a gente tem o mar, a gente vive do mar, a gente tá comendo nosso peixe, o nosso marisco, nossos plantios. Aqui a gente tem vários plantios de mudas frutíferas, temos a mandioca também que a gente já faz a farinha... aqui em dona Maria a gente tem uma farinheira onde a gente já come farinha daqui. A gente tem coqueiros, caju, dendê, corante, abóbora, batata, banana, abacaxi, tem a horta. A gente sobrevive daqui. Temos criação de galinha. Aqui na frente tem a roça comunitária, mas cada família tem a sua roça... tá tudo plantado.

Aí Hoje nós vemos os rios poluídos. Os venenos que tão sendo jogado nas cabeceiras dos rios. Aqui mesmo o nosso rio a gente já não usa há muito tempo! Desde que viemos praqui que ele já era poluído. O veneno dos fazendeiros do café, do mamão, tudo desce pelo rio e na hora que chove joga tudo dentro dele.

Eu tava morando aqui perto de um lugar que tinha uma mata imensa aí o fazendeiro, que hoje tá vendendo a área, ele trouxe a máquina e derrubou tudo... eu chorava na hora que eu via a máquina derrubando... e tudo caindo. A máquina desceu na frente da aldeia e aí eu liguei pra secretaria de cultura lá do prado, no outro dia eu fui lá e eles vieram e cobraram um preço do pessoal e aí deixaram eles com a máquina a noite todinha derrubando.

E é por isso que a gente tem que ensinar os nossos filhos. Aqui na aldeia o ensino das nossas crianças não é só dentro da sala de aula não. Meu filho, Ilauro, que é também professor na nossa escola ele ensina os alunos dele a plantar. Sempre quando ele vai plantar ele leva eles, ensinando. E quando ele vai colher também leva eles. Aí lá na escola eles fizeram um trabalho na roça... deu melancia, abóbora, e aí foi uma festa no dia de colher as coisas. Ensinando como viver né... a saber que a terra dá o fruto: é trabalhar, plantar e colher. E assim eles já crescem sabendo o valor que a natureza tem e como que tem que valorizar aquilo... porque é pra gente mesmo, é pra todos, não é só pra um... cuidar do ambiente é pra todos os seres vivos.

2.12.8 Pajé Alda Gomes

Eu sou Alda Gomes, sou Pajé da aldeia Pequi. O povo fala que o Pajé é o feiticeiro. Se tem o nome curandeiro é por quê? Nós curamos. Quem cura mesmo é Niamisú, na língua Tupi-Guarani é Tupã, que é Deus. Tenho fé também nos orixás, caboclos e guias... eles guiam nós... leva até aquele conhecimento daquela árvore, daquela planta, daquela raiz... pra que serve pra quem não serve. Os espíritos nos conduz.

Antigamente não existia remédio de farmácia era só remédio da mata. A mata cura. As plantas curam. Às vezes, quem não conhece, vê um pé de árvore e diz assim: não serve pra nada, mas é dali onde você tira todo tipo de medicamento. Enfermidades na perna, no útero, no ovário, corrimentos, no intestino, esôfago, depressão... E a cura é de várias maneiras, as vezes é uma reza, outras vezes é um banho, ou um chá, uma garrafada.

Adelice: (*Entrando na conversa*) _Ô Alda você me dê licença de atravessar a sua conversa, mas sobre isso aí que você tá falando a minha mãe quando a gente ganhava menino as vezes o menino começava a chorar. Tava chorando, chorando, dizia assim pra gente: “menino pega ali um galhinho de mato pra mim... um tiririquinho pra mim benzer esse menino que esse menino tem alguma coisa”. Benzia e daqui a pouco o nenê quietava... ou então fazia um chá, fazia um banhozinho. Febre... vai lá e pega o matapasso, bota pra cozinhar, dá um banho. A febre tá muito forte pega a semente da melancia torrava, pisava e dava com água. Tá com diarreia, pega o maracujá do mato, maracujá açu, pisa ela, as folhas todinhas, faz aquele espumeiro e senta a criança dentro... deixa demorar aí dentro... pra diarreia. Pai mais mãe morreu, mas assim, eu sei muitas coisas de rezar... de criança, de olhado, de cólica.

Alda Gomes: A Japécanga, se fizer o chá junto com a urtiga e a unha de gato vai ser bom pro útero e ovário. O camará pra rouquidão, gripe, resfriado, febre.

Adelice: Mas hoje em dia tem várias pessoas que já não são católicas que não acreditam mais. Fala que isso aí é coisa... é macumba, mas não é gente... falam que benzedeira não vale mais nada, que ninguém mais tem fé nessas coisas. Mas isso é uma tradição dos povos indígenas.

Quando a gente morava lá pelas matas era isso que a gente fazia, não tinha médico não... tinha nada... era sabedoria que Deus dava das ervas medicinais. Quem fez essas ervas? São obras da mão de Deus. São coisas abençoadas.

Alda Gomes: E nós, pajés, temos uma visão espiritual. Nós somos guiados. Dom de Deus. Esse dom eu já nasci com ele. E aqui em Cumuruxatiba você encontra todas essas forças positivas que são os Orixás. Você vai ali na praia e vai encontrar Yemanjá que representa o mar, as águas salgadas. Mamãe Oxum, ou a Iara que é as águas doces, a Mãe d'Água. Minha mãe Nanã Buruku, que é o mangue... Iansã que são os ventos... tá tudo ali... ou não tá? A água do Mar é tão santa que só de você tá respirando essa maresia já te faz bem.

E nosso pai Olorum deixou tudo pra nós. Você precisa de um peixe, você vai no mar, vai no rio e pesca. Um guaiamum você tem o mangue... e isso tudo é alimento pra sua família. Mas o ser humano tá acabando com tudo.

Zé Fragoso: Pois é meu povo... mas infelizmente o povo não acredita na gente, acredita num de fora, numa pessoa que vem de lá pra cá com mentira, mas não acredita em nós.

Dario: E a gente precisa mostrar essas histórias pra Cumuruxatiba. As verdadeiras histórias de Cumuruxatiba.

(Milton interrompe emocionado)

2.12.9 Um poema de Dona Neguinha

Milton: Ainda bem que eu vim pra cá hoje... e trouxe minha filha comigo. Todas essas histórias me fizeram lembrar de um poema que tia Neguinha recitava quando eu era criança e que eu nunca esqueci, é mais ou menos assim:

Eu vivia tranquila nas matas

Eu tinha de tudo a vontade

Dava gosto a gente viver

Eu caçava eu pescava

Eu não tinha com o que me preocupar
 Por quê entre nós existia a igualdade
 Mas o homem branco chegou
 Impôs seu modo de vida
 Combateu contra os nossos costumes
 E passamos horas sofridas.
 Nossas terras foi tomada
 Nossos rios foi logo represado
 E a fome entre nós foi chegando
 Hoje eu vejo com muita tristeza
 Muitas tribos espalhadas
 Por esse sistema que prioriza somente o mercado
 Nosso culto mal entendido
 Mas eu creio em tupã nosso Deus
 Que um dia teremos vencido.

2.12.10 Um hino Pataxó

Cacique José Fragoso: Tem é muita história pra ser contada... a nossa luta não para. É todo dia. É em Brasília e é em Cumuruxatiba. É defendendo nossas escolas, nossa saúde, nosso território, nossa cultura... Enquanto a gente assiste essa peça, muitas lutas estão acontecendo... essa peça, inclusive, faz parte dessa luta: pra ecoar um pouquinho das histórias e culturas Pataxó de Cumuruxatiba. A luta não começou e nem termina agora... e pra gente ir encerrando essa conversa, porque já tá ficando tarde, eu quero cantar uma música pra vocês... Essa música já virou um hino entre os Pataxó... É assim ó... *(Para a plateia)* _Vocês vão se levantando e vão ajudando aí batendo palma, quem souber cantar canta, quem quiser dançar dança mais nós...

Música: Hino Pataxó

Autoria: Zé Fragoso e Jovita

Ritmo: Samba de roda

Instrumentos: Atabaque, pandeiro, agogô e vozes em coro.

Brasil que vive alegre muito valoroso

Brasil que vive alegre vamos enfrentar
Com as nossas armas já estou seguro
E no momento mande me chamar
Os Pataxó para ser feliz
que eles são os donos dessa terra
O pátria amada quando canta o seu hino
Os Pataxós compreende o seu destino (2x)

(Começou o samba de roda, outras canções da lista de músicas são cantadas também neste momento, artistas dançam, cantam, batem palma, incendiando a roda. Convidam a plateia para cantar e dançar.)

Fim.

3 MEMORIAL DE PESQUISA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

3.1 O Mutirão de Pesquisa e Criação Artística Beira Mar

A palavra mutirão é muito usada em Cumuruxatiba para quando um grupo de pessoas se reúne em um trabalho para ajudar alguém ou alguma comunidade. Já participei de mutirões para pintar a casa de amigos, outros tantos para a limpeza das praias e o Instituto Caboco Cumuru promoveu alguns para o plantio de mudas nativas nas nascentes do Rio da Barrinha. Nesta pesquisa o Mutirão refere-se a um grupo de pessoas que se dedica à pesquisa e à criação artística. Daí o nome Mutirão de Pesquisa e Criação Artística. Beira Mar é a nossa localização, o nosso lugar no mundo.

Desde 2018 o grupo de teatro Beira Mar vem se organizando a partir do diálogo com a comunidade de Cumuruxatiba e registrando algumas histórias e diversas manifestações artístico-culturais. Esse coletivo tem por intuito promover espaços de aprendizagem para crianças, adolescentes e jovens que, por meio do diálogo entre a arte e a educação, congrega os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos científicos, a pesquisa e a criação artística em suas diversas linguagens.

Desde então foram criadas parcerias com diferentes instituições, como o Instituto Caboco de Cultura, através de seus grupos de cultura Sermovimento, Comunidade Arte Capoeira, Curumim Batuke; com a Vila-Escola Projeto de Gente; as escolas estaduais indígenas Kijetxawê Zabelê e Tanara Pataxó e as escolas municipais Algeziro Moura, Antônio Climério dos Santos e Tiradentes e a Creche Djalma Barreiros da Fonseca; com o Grupo de Antropologia Cultural Umbandaum, de Caravelas; e, mais recentemente, com a Universidade Federal do Sul da Bahia, por meio desta proposta de pesquisa de mestrado.

A criação do Mutirão de Pesquisa e Criação Artística surge como uma possibilidade de se reconhecer os diversos envolvidos nesta pesquisa como sujeitos pesquisadores e não como meros objetos. Em diálogo com o método do grupo-pesquisador, da sociopoética de Jacques Gauthier, é importante ponderar que

A transformação das pessoas pesquisadas em grupo-pesquisador é uma exigência ética e política fundamental. Com efeito, não podemos e não queremos, de jeito nenhum, reproduzir as práticas instituídas de pesquisa, em que os pesquisados são explorados como produtores dos dados da pesquisa. Explorados como possuidores de conhecimentos, eles são também alienados pelas pesquisas instituídas: o sentido final lhe escapa totalmente. [...] A sociopoética quer romper com essas práticas de exploração e alienação. Como? Criando dispositivos que gerem espaços e tempos para que as pessoas alvo da pesquisa tomem poderes os mais amplos possíveis na

produção de conhecimento e na realização da pesquisa, até o fim, a socialização (que geralmente toma a forma de uma publicação, mas pode ser, também, uma teatralização ou outra performance artística). Assim tornam-se os pesquisados verdadeiros copesquisadores, parceiros e parceiras dos facilitadores da pesquisa, tanto na construção do conhecimento como nas decisões que se deve tomar para que o próprio processo de pesquisa chegue até sua conclusão (GAUTHIER, 1999, p. 41).

Identifico, com isso, uma maior horizontalização na construção de conhecimentos e a conquista de uma maior autonomia dos envolvidos, uma vez que estes relacionam a aprendizagem às suas afinidades e contribuem para o processo de forma prazerosa. Não há um que ensina enquanto os demais aprendem. Todas ensinam e todos aprendem. Aprendem enquanto ensinam, e ensinam quando aprendem.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas” (FREIRE, 2005, p. 44).

Dialogando com esta perspectiva de aprendizagem esta pesquisa busca estabelecer uma metodologia para a construção de conhecimentos por meio da criatividade artística, dialogando com aquilo que Duarte Júnior concebeu como arte-educação.

Arte educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós (DURTE JUNIOR, 1991, p. 12).

Sendo assim, não pretendo estabelecer os limites que separam a arte da educação, mas, antes, construir pontes que aproximem estes campos. A arte é simultaneamente o fim e o meio, ou seja, é tanto o produto como o processo. A aprendizagem se dá através da arte.

O produto desta pesquisa só foi possível graças as tantas e diversas parcerias que compuseram este Mutirão. Inicialmente, apresentei esta proposta de pesquisa aos adolescentes e jovens que já atuavam comigo no grupo de teatro Beira Mar, convidando-os a assumirem o lugar de copesquisadores e artistas criadores. Todas e todos ficaram muito animados e dispostos a seguirmos juntos pelo caminho da pesquisa científica.

Fui às diversas escolas, às aldeias e às casas das lideranças Pataxó para apresentar oficialmente esta proposta, criar parcerias, convidar outros estudantes, professoras, professores e demais líderes para comporem e fortalecerem este Mutirão. Digo “oficialmente” porque muitos diálogos já haviam acontecido durante a idealização do projeto de pesquisa.

Nesta etapa, porém, começávamos a compreender melhor como se daria na prática a participação de cada um dos envolvidos, de acordo com seus interesses e disponibilidades.

Após todas essas conversas iniciais, o Mutirão assumia esta organização:

3.1.1 Adolescentes e jovens

Um grupo de 24 adolescentes e jovens assumiu o lugar de copesquisadores neste processo, com encontros ordinários de duas vezes por semana, das 8h às 11h: Bruno, Camila, Damares, Eduardo, Emanuel, Felipe, Isadora, Jamile, Laércio, Hannah, Lívia, Layza, Renan, Rosseline e Ryan, são estudantes do Ensino Médio da escola Algeziro Moura, sendo Eduardo, Emanuel, Felipe e Ryan cadastrados na aldeia Tibá; Renan na aldeia Dois Irmãos e Rosseline na Aldeia Tawá. Lorena é cadastrada na aldeia Pequi e estudante do Ensino Médio da escola Tanara Pataxó; Ester, Cristine, Carla, Jorge, Maria e Ramone são cadastradas na aldeia Kaí e estudantes da escola Kijetxawê Zabelê; e Danielle e Rafael são associados do Instituto Caboco de Cultura de Cumuruxatiba, vinculados também aos grupos Comunidade Capoeira e Sermovimento, dança afro. São todos moradores da vila, nativos, com idades entre 15 e 25 anos.

Além da relação com o teatro, muitos participam ou já participaram de outros projetos artísticos-culturais oferecidos pelo Instituto Caboco, tais como as oficinas de percussão afro-brasileira do grupo Curumim Batuke; ou a capoeira, o samba de roda, a puxada de rede e o maculelê realizados pela Comunidade Arte Capoeira; ou as aulas de dança afro-brasileira e as apresentações cênicas do grupo Sermovimento; e também da Vila-Escola Projeto de Gente.

Como ferramenta de comunicação, criei um grupo virtual no aplicativo WhatsApp. Este grupo foi fundamental para o compartilhamento de recursos didáticos, tais como textos, músicas, vídeos e links; para o registro das atividades em fotos e vídeos; para a articulação das visitas nas aldeias; para a promoção de estudos online. Ao longo do texto, quando eu for fazer referência a este coletivo de adolescentes e jovens, irei chamá-los ora de copesquisadores, ora de copesquisadoras, a fim de variar a escrita entre os gêneros masculino e feminino, rompendo com uma escrita que padroniza sempre pelo masculino.

3.1.2 Lideranças Pataxó

O diálogo com as comunidades indígenas está na base desta pesquisa. Por isso, foi essencial que, eu e as copesquisadoras, estivéssemos dentro das aldeias, conhecendo sua

geografia, suas histórias, ouvindo as anciãs, anciãos e demais lideranças. Para tal apresentei esta proposta de pesquisa e criação artística às diversas lideranças das aldeias Kaí, Tibá, Pequi e Dois Irmãos, aonde fui sempre muito bem recebido, para juntos esboçarmos como e qual seria a participação de cada entidade neste processo.

Com o Cacique José Fragoso e Dona Adelize, da aldeia Tibá, organizei uma visita do grupo de copesquisadores até a sede da aldeia para uma conversa com as lideranças.

A Pajé Alda Gomes me recebeu diversas vezes em sua casa, aonde caminhamos pela mata e conhecemos algumas plantas e ervas medicinais; na ocasião ela contou sobre o ser Pajé e curandeira.

A Pajé Jovita recebeu a mim e aos copesquisadores em uma visita à sua casa, onde conhecemos a sua mesa de orações, ouvimos histórias e canções entoadas em sua viola.

Cristiane, Dario e Ricardo, da aldeia Kaí, organizaram uma roda de conversa comigo e as copesquisadoras e sugeriram que eu procurasse as professoras e professores da escola Kijetxawê Zabelê para planejarmos alguma atividade conjunta.

A Cacica Arian Pataxó, da aldeia Dois Irmãos, me recebeu em sua aldeia e me apresentou a escola, o ponto de cultura, a diversidade de suas roças e suas narrativas de lutas pelas causas indígenas.

Todas essas vivências serão analisadas na seção 4 deste trabalho quando apresentarei suas relações com o processo de criação artística e serão disponibilizadas integralmente no anexo 1, neste momento cabe apenas pontuar que elas abordam muitos e diversos assuntos que se reforçam e se complementam entre si. O cacique José Fragoso e a Adelize apresentaram histórias de uma Cumuruxatiba antiga e que muita gente nem imagina. As pajés Jovita e Alda Gomes ensinaram muito sobre a fé e a ancestralidade. As lideranças Cristiane, Dario, Ricardo e Arian trouxeram reflexões sobre identidade, território, cultura, militância, resistência, educação e saúde indígena. E todas, sem exceção, chamaram a atenção para a urgência de repensarmos a nossa relação com a natureza.

Em diálogo com as professoras Kayanalu, Marineide e Lôra, e com o professor Igino, da aldeia Kaí, articulei a criação de espaços de Intercâmbio de Saberes entre os adolescentes copesquisadores e os estudantes da escola indígena Kijetxawê Zabelê, anexo Kaí. Nestes encontros, os copesquisadores, sob minha orientação, ofereceram oficinas de teatro e expressão corporal, enquanto os estudantes e professoras(es) desta escola apresentaram um pouco sobre a educação indígena, histórias e culturas Pataxó, nos levaram para conhecer o mirante da praia do Moreira, a represa e a mata da aldeia Kaí. O professor Ilauro, da aldeia Dois Irmão, nos contou sobre as suas experiências como educador indígena, e esboçamos uma

proposta de artes integradas com os estudantes das aldeias Dois Irmãos e Pequi, que seriam orientadas por ele e por mim, mas infelizmente, não foi possível colocar em prática devido à pandemia pela COVID-19.

3.1.3 Espaços de artes e educação locais

A Vila-Escola Projeto de Gente é uma associação de educação não-formal voltada para crianças, adolescentes e jovens, que tem por base os princípios da gestão democrática, segundo a qual educadores, estudantes, funcionários e pais compartilham efetivamente a responsabilidade pela gerência da comunidade escolar. Quatro são os princípios fundamentais da coordenação da Vila-Escola Projeto de Gente: democracia, responsabilidade, transparência e flexibilidade. De acordo com a sua proposta político pedagógica, esse tipo de organização estimula a autonomia, flexibilidade, participação, integração com a comunidade e o uso inteligente das novas tecnologias, orientando cada um dos indivíduos na construção de conhecimentos, a partir dos seus interesses, ritmos e talentos e valorizando as diversas visões e tradições.

A Vila-Escola Projeto de Gente, através do TERRAL - Território de Aprendizagem Livre, colocou sua infraestrutura à disposição desta pesquisa: biblioteca, sala de vídeo, projetor, internet, computadores, impressora, cozinha e refeitório, fundamentais, principalmente, para os espaços de pesquisa. Além disso, me financiou uma ajuda de custo no valor de R\$ 400,00 por mês, por 22 meses.

O Instituto Caboco de Cultura de Cumuruxatiba é uma associação sem fins lucrativos que visa à promoção de atividade de arte-educação, meio ambiente e culturas tradicionais e viabilizou o *Espaço Caboco* (um salão amplo e vazio), equipamento de som e instrumentos musicais (Berimbau, Atabaque, Agogô), fundamentais para os momentos de criação artística.

As Escolas Algeziro Moura e Kijetxawê Zabelê, anexos Kaí e Tibá disponibilizaram o transporte escolar para a mobilidade dos adolescentes e jovens do Mutirão dentro de Cumuruxatiba, seja para participarem dos encontros semanais ordinários, ou para às visitas as diversas aldeias.

Referente às diretrizes acadêmico-científicas o Mutirão está sob a orientação do professor Gilson e coorientação do professor Gessé, que me auxiliam nos caminhos da pesquisa junto à Universidade Federal do Sul da Bahia. A UFSB concedeu, com recursos próprios, uma “bolsa de auxílio permanência” para cobrir gastos com transporte intermunicipal, hospedagem e alimentação no valor de R\$ 550,00 por mês ao longo de doze

meses. Importante fazer referência a todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais que contribuíram profundamente para a fundamentação teórica e metodológica desta pesquisa.

E eu, Edson, sou o proponente e o facilitador da pesquisa e dos processos de criação artística. Sendo assim, fui o responsável por orientar cada uma das ações executadas e descritas a seguir: promover o diálogo entre as diversas esferas e as pessoas deste Mutirão, apresentadas acima; organizar a versão final da dramaturgia; bem como registrar neste memorial todo o processo de pesquisa e criação artística, o qual foi dividido em três espaços distintos e complementares: 1) Pesquisa teórica, 2) Pesquisa de campo: visitas às comunidades e lideranças Pataxó e 3) Criação Artística.

Sobre o facilitador da pesquisa a sociopoética contribuirá nos alertando que

Não pretendem dizer “a verdade” ou dar “o sentido real” das práticas e dos sonhos dos participantes. Não: eles são apenas uma voz entre as outras, na polifonia do canto da vida coletiva. Se eles ajudam, com certeza, na conscientização das suas práticas pelos participantes, eles não dispõem de uma palavra-mestre, não conhecem o sentido último da vida dos outros. É na troca, inclusive, às vezes, através de brigas, que o grupo-pesquisador considerado como um conjunto, produz o conhecimento (GAUTHIER, 1999, p.13).

3.1.4 A organização dos espaços de Pesquisa e Criação Artística

Para fundamentar a organização dos espaços de Pesquisa e Criação artística apresentarei o conceito de eurocentrismo, definido por Santiago Castro-Gomez e Ramón Grosfoguel, no prefácio da obra *El giro decolonial* e o conceito de Colonialidade apresentado por Anibal Quijano no texto *Colonialidad del Poder y clasificación social*. Ambos os conceitos referem-se ao "Proyecto latino/ latinoamericano modernidad/colonialidad" (Castro-Gomez; Grosfoguel, 2007, p.9), formado por um grupo de intelectuais de diversas áreas do conhecimento, entre eles os sociólogos Aníbal Quijano e Ramón Grosfoguel, o semiólogo Walter Mignolo, a pedagoga Catherine Walsh e o filósofo Santiago Castro-Gómez, essenciais aos estudos acerca do pensamento crítico sobre as relações de poder que se instalam no continente que hoje conhecemos como América, ao longo de seu processo de colonização, desde seu início, em 1492, até os dias de hoje.

Um componente básico do grupo modernidad/colonialidad é a crítica das formas eurocêntricas de conhecimento. Segundo Quijano e Dussel, o eurocentrismo é uma atitude colonial frente ao conhecimento, que se articula de forma simultânea com o processo das relações centro-periferia e as hierarquias étnico/raciais. A superioridade atribuída ao conhecimento europeu em muitas áreas da vida foi um aspecto importante da colonialidade do poder no sistema-mundo. Os conhecimentos

subalternos foram excluídos, omitidos, silenciados e ignorados. Desde o Iluminismo, no século XVIII, este silenciamento foi legitimado sobre a ideia de que tais conhecimentos representavam uma etapa mítica, inferior, pré-moderna e pré-científica do conhecimento humano. Somente o conhecimento gerado pela elite científica, e filosófica da Europa era tido como conhecimento 'verdadeiro' [...] (Ibidem, p. 20).

Sobre Colonialidade:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Funda-se na imposição de uma classificação étnico-racial da população do mundo como referência deste padrão de poder, e atua em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana a esfera social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2007, p. 93).

Sendo assim pode-se considerar que raça e identidade racial são conceitos estabelecidos como instrumentos de classificação social básica da população americana e que a relação estabelecida entre os colonizadores e os colonizados deu-se a partir desta ideia de raça, dividida entre raças superiores e inferiores. A separação da população sob esta justificativa foi uma maneira de “outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” (QUIJANO, 2005, p. 107). Desse modo, raça tornou-se um critério básico para classificação e distinção da população brasileira em sua estrutura de poder na qual os europeus se impuseram em uma situação natural de superioridade sobre os outros povos, e consequentemente também os seus traços fenotípicos, seus conhecimentos e cultura. “Raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade”. (Ibidem, p. 108).

Neste contexto os espaços de pesquisa e criação artística foram aqui organizados a fim de promoverem práticas de aprendizagens capazes de trilhar caminhos que nos levem para além do eurocentrismo. Trata-se de uma experiência didática que nos liberte das amarras coloniais e que seja capaz de aproximar a atitude pedagógica de uma atitude decolonial.

Catherine Walsh na introdução de *Pedagogías Decoloniales*, nos convida a pensar esta relação entre o pedagógico e o decolonial, como uma possibilidade de

[...] construção de caminhos - de estar, de ser, pensar, olhar, escutar, sentir e viver com sentido o horizonte de(s)colonial, [...] que sugiram, apontem e exijam práticas teóricas e pedagógicas de ação, caminhos que em seu andar enlacem o pedagógico e o decolonial (WALSH, 2013, p. 24).

Walsh irá falar de decolonialidade compreendendo que não há "um estado nulo de colonialidade" (Ibidem, p.25), ou seja, não há um tempo-lugar em que a colonialidade não exista mais. A decolonialidade deve ser entendida aqui como as “posturas, posicionamentos,

horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, insurgir, criar e incidir [...], um caminho de luta contínuo no qual se pode identificar, visibilizar e alentar lugares de exterioridade e construções alter-(n)ativas” (Ibidem).

Neste sentido os espaços de Pesquisa Teórica, foram fundamentados na análise crítica de textos, sites, filmes e vídeos que considere importantes à uma releitura da historiografia oficial brasileira, de modo a reconhecermos como e em que proporção o eurocentrismo e a colonialidade estão presentes.

De igual importância será o diálogo com as perspectivas indígenas e indigenistas, a partir da leitura de estudos arqueológicos, pedagógicos e históricos sobre os povos indígenas brasileiros e suas relações neste território desde antes da invasão portuguesa até os tempos remotos vividos pelos Pataxó de Cumuruxatiba.

No que tange à literatura nativa brasileira, acreditamos ser necessário um esclarecimento sobre alguns rótulos utilizados, a saber, literatura indianista, indigenista e indígena. O primeiro, indianista, refere-se mais especificamente à literatura do período romântico brasileiro, voltado para a construção de uma identidade nacional. [...] As obras indigenistas são produzidas também por não índios e tratam de temas ou reproduzem narrativas indígenas. [...] Já a produção indígena é realizada pelos próprios índios segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares (THIEL, 2013, p. 4).

O diálogo com diversas linguagens artísticas, tais como desfile de carnaval, filme, músicas e literaturas foram importantes para estimular nossa criatividade artística, uma vez que escrever, artisticamente, outras histórias brasileiras é a essência desta pesquisa. Quero dizer que o nosso produto de pesquisa será uma dramaturgia, ou seja, uma escrita artística de algumas das narrativas Pataxó de Cumuruxatiba.

Nas pesquisas de Campo - visitas às comunidades e lideranças Pataxó: estive presente, junto com o coletivo de adolescentes e jovens copesquisadores, nas aldeias Kaí, Tibá, Pequi e Dois Irmãos e nas casas de suas anciãs e anciãos e atuais lideranças: a Cacica Maria D’Ajuda, os Caciques José Fragoso e Ricardo, as Pajés Jovita e Alda Gomes, as lideranças Adelice, Dário e Cristiane. Ouvimos suas histórias e ensinamentos, conhecemos os espaços físicos das aldeias, as escolas e suas belezas naturais, degustamos suas culinárias, ouvimos suas canções, vivenciamos hábitos cotidianos.

Destes encontros surgiram muitos dos temas abordados na dramaturgia. O principal neste processo está na convivência e a consequente aproximação de uma memória coletiva Pataxó, reconhecida a partir de suas narrativas, seus modos de produção de conhecimentos, histórias e culturas.

A memória coletiva foi - e ainda é - um espaço entre outros onde o pedagógico e o decolonial estão entrelaçados na prática. “A memória coletiva é a reafirmação de qual tradição nos ensina, do que o ancestral ensina.”, disse o professor e avô certa vez do movimento afro-equatoriano Juan García Salazar. “É justamente memória coletiva porque está em todo o grupo [...] é um conhecimento coletivizado; é a consolidação, a verificação, que nos permite continuar” (WALSH, 2013, p.26).

A Criação Artística foi o tempo-espaço destinado a revisitarmos, copesquisadores e eu, os conhecimentos construídos nos espaços anteriores de pesquisas teórica e de campo, a fim de reorganizá-los, artisticamente, em cenas teatrais e, conseqüentemente, em dramaturgia. Por meio de exercícios e jogos teatrais, de criação e improvisação de cenas, e dos ritmos e danças afro-brasileiras e indígenas, conduzi um trabalho de consciência físico-sensório-motora, essencial para preparar o corpo-voz de todas as copesquisadoras para a expressividade, para a criação cênica e dramatúrgica.

A seguir apresentarei, detalhadamente, cada um destes espaços.

3.2 Pesquisas teóricas

3.2.1 Perspectivas artísticas

Nestas pesquisas utilizei de recursos em diversas linguagens artísticas que foram capazes de apresentar às copesquisadoras algumas perspectivas críticas sobre a historiografia oficial brasileira. O primeiro encontro de planejamento, entre o grupo de adolescentes e jovens copesquisadores e eu, aconteceu em março de 2019, logo após o carnaval. Alguns adolescentes estavam comentando sobre o desfile da campeã do carnaval do Rio de Janeiro, a Estação Primeira de Mangueira, com o enredo intitulado *História pra Ninar Gente Grande*, e da forte relação que possuía com os temas da nossa pesquisa: o enredo apresentado pelo carnavalesco Leandro Vieira exalta personalidades da História do Brasil, mas que são ignorados pelos livros de História, considerei pertinente começarmos estes estudos pela sua análise.

Inicialmente escutamos o samba-enredo e na sequência assistimos ao desfile na íntegra. Orientei que se atentassem aos elementos históricos e aos elementos artísticos que o desfile trazia. Ao término fizemos uma roda de conversa sobre as impressões de cada um. Sobre a experiência estética, provoqueei-os: “Como o desfile os toca artisticamente e como poderá nos inspirar nas criações de cenas teatrais?”.

Rosseline chamou a atenção para a comissão de frente e a sua coreografia cuidadosamente ensaiada. “Parece mesmo um teatro”, observou. Hannah percebeu que “é possível compreender o sentido desta cena mesmo que não tenha texto. A música e a coreografia transmitem perfeitamente a mensagem”. “A música não é também uma forma de texto?”, provoqueei-a. Isadora comenta que “pra chegar nesta perfeição tem que ensaiar muito”. Layza se encanta com as belezas dos figurinos e dos carros alegóricos. Emanuel acrescenta que o carnaval pode trazer uma mensagem crítica sobre a nossa sociedade. Jamile constata: “Não conheço muitas das personagens apresentadas no desfile, mas a narração dos comentadores me ajudou a entender melhor a história que ele conta”. Eu perguntei a Jamile: “Por que você acha que muitos de nós, aqui, não conhecemos tantas destas pessoas homenageadas neste desfile?”. Ela respondeu: “Por que a gente não aprende sobre eles na escola... É isso?”. E Hannah complementa: “Igual na música fala... ‘Deixa eu te contar a história que a história não conta’”.

Pedi que cada um escrevesse em um papel uma ou duas frases que remetesse a algum momento do desfile. Poderia ser um trecho do enredo ou uma ideia que o desfile os tivesse inspirado. Os papéis com as frases foram misturados dentro de um potinho e sorteados por cada um, que deveriam agora escrever um breve comentário complementando a ideia que a frase sorteada trazia. Eis algumas delas:

Trecho/ ideia: “Eu quero um país que não tá no retrato”. Comentário: Eu também quero.

Trecho/ ideia: “Os povos indígenas são milenares nas terras brasileiras”. Comentário: Antes dos portugueses chegarem aqui muitos indígenas já viviam aqui. E não destruíam a natureza.

Trecho/ ideia: “Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento”. Comentário: Muitas pessoas falam que o Brasil foi descoberto, mas todo mundo sabe que os índios já viviam aqui há milhares de anos então como os portugueses podem ter descoberto alguma coisa?

Trecho/ ideia: “Os povos indígenas resistiram à colonização”. Comentário: Às vezes a gente escuta algumas pessoas falando que em Cumuru não tem índio, que só em Barra Velha é que tem. Mas aqui tem índio sim... com identidade, com cultura.

Trecho/ ideia: “O genocídio indígena”. Comentário: Os portugueses mataram os índios que viviam aqui e escravizaram os negros.

Trecho/ ideia: “Os navios negreiros eram muito poderosos por tudo o que eles transportavam”. Comentário: Eu gostei muito dessa frase porque pra mim ela fala de toda a cultura que os negros trouxeram para o Brasil.

Trecho/ ideia: “Pedro Álvares Cabral LADRÃO”. Comentário: Essa é a mais pura verdade. Cabral roubou as nossas terras. E elas são roubadas até hoje...

Trecho/ ideia: “Ditadura Assassina”. Comentário: A ditadura torturou e matou muitas pessoas que discordavam do governo.

Trecho/ ideia: “Brasil deixa eu te contar a história que a História não conta”. Comentário: Eu gostei muito dessa e eu acho que é isso que a gente vai fazer com o teatro, contar a História do Brasil que não contaram pra gente.

Trecho/ ideia: “Os negros, os índios e os pobres estão de fora da História do Brasil”. Comentário: Eu discordo porque os negros e os índios foram muito importantes pra nossa história, mesmo que a gente aprenda muito pouco sobre eles na escola e nos livros.

Este exercício foi muito importante para diagnosticar como os indivíduos deste coletivo compreendiam a colonização brasileira. Todos os comentários me revelaram sobre os copesquisadores uma pré-disposição para o diálogo crítico e um prévio conhecimento sobre alguns dos temas fundamentais à esta pesquisa. Quero dizer, por exemplo, que mesmo que não soubessem me conceituar o que é a *colonialidade* estavam conscientes da “cultura que os negros trouxeram para o Brasil” e que “negros e índios foram muito importantes pra nossa História” e que “portugueses mataram índios e escravizaram negros”, conforme registrado acima¹⁰.

Por fim, perguntei: “Quais das figuras históricas apresentadas no enredo vocês conhecem?” “Dandara” e “Marielle”, responderam. Perguntei: “Quem é Dandara? E quem é Marielle?”. Em resposta: “Dandara é a mulher de Zumbi”. “E Marielle é uma deputada... deputada? Acho que é uma deputada que foi assassinada no Rio de Janeiro”.

Chamei-lhes a atenção para o fato de Dandara ter sido lembrada como “mulher de Zumbi” e não pela sua grande luta anti-escravocrata. Sobre Marielle, também chamei a atenção de que a sua menção estivesse ligada ao episódio de sua morte, talvez pela grande divulgação nas mídias e redes sociais, mas que desconheciam a sua luta em favor dos Direitos Humanos, das mulheres, dos pobres, dos negros e da população LGBTQIA+. Se reconhecemos a subordinação sofrida pelos povos pretos precisamos reconhecer que ela é

¹⁰ O texto em aspas refere-se aos comentários dos copesquisadores sobre os trechos/ ideias.

ainda maior no caso das mulheres pretas. É uma questão que nos abre assuntos tanto sobre o racismo como sobre o machismo.

Em diálogo com o conceito de interseccionalidade, de Carla Akotirene, é possível afirmar a impossibilidade em separar as opressões de raça, classe e sexo, “que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas” (AKOTIRENE, 2018, s/p), sobretudo porque nas vidas das mulheres negras “elas são quase sempre experimentadas simultaneamente” (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

O pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho, segundo a qual, na minha tradução: as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das “mulheres brancas instruídas”, chegavam em casa e tinham o dinheiro tomado por “maridos ociosos” bastante ofendidos porque não havia “comida pronta dentro de casa” (Ibidem, p. 18).

Ou seja, a mulher negra se identifica com a mulher branca pela perspectiva do gênero, mas não pela perspectiva racial, na qual a mulher branca aparece em vantagens econômicas e de instrução. Além disso ainda aparece submetida ao homem e presa ao papel social da mulher que cuida da casa, da comida, dos filhos e do marido. A interseccionalidade nos ajuda a reconhecer os equívocos em se pensar em identidades universais e traz luz para se pensar as identidades a partir das relações articuladas entre raça, classe, sexo e gênero. Na citação a seguir temos um exemplo da diversidade entre a perspectiva da mulher negra e a da mulher branca:

Enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas, que confessional e militarmente matam e deixam morrer, contrariando o discurso cristão elitista-branco de valorização da vida e contra o aborto – que é um direito reprodutivo (Ibidem, p. 16).

A fim de conhecermos um pouco mais sobre as personagens históricas apresentadas no enredo *História pra ninar gente grande* e suas importâncias na História do nosso país, orientei que cada qual dos copesquisadores escolhesse uma personalidade para pesquisar e nos contar uma pouco mais sobre a sua história: Dandara, Leci Brandão, Jamelão, Aqualtune, Cariri, Cunhambebe, Caboclos de julho, Dragão do Mar de Aracati, Sepé Tiaraju, Luísa Mahin, Tereza de Benguela, Esperança Garcia, Manoel Congo, Marianna Crioula, Acotirene, Carolina de Jesus, Aleijadinho, Marielle Franco. Todas elas aparecem ao longo do dito enredo, *Histórias para Ninar Gente Grande* e por isso foram elencadas.

Fotografia 01 – Pesquisa teórica/1



Fonte: Acervo Beira Mar

No próximo encontro aqueles que quiseram apresentaram ao Mutirão os resultados de seus estudos e na sequência assistimos à animação *Uma história de amor e fúria*, de Luiz Bolognesi, que foi sugerida pelas copesquisadoras Isadora e Camila que já haviam assistido na escola e encontravam fortes ligações com os intentos de nossas pesquisas: analisar criticamente elementos da historiografia brasileira, dialogando com outras possibilidades de narrativas.

O filme foi muito apreciado pelos copesquisadores. Com uma estética que se assemelha muito a das histórias em quadrinhos, apresenta um retrato da História brasileira sob uma perspectiva crítica, pondo em foco quatro momentos da nossa História: as relações entre os Tupinambás e os primeiros colonizadores, a revolta da Balaiada, a luta armada contra o regime militar de 64, e faz uma projeção a um futuro não tão distante (2096) em que a água se torna um bem escasso e motivo de conflito.

A trama é costurada pela morte e renascimento, em diferentes contextos, do protagonista. Sempre que morre este se transforma em um pássaro e assim vai viver até que se torne homem outra vez em outro período da história. O autor cria uma linha histórica que apresenta a colonização como um projeto de dominação e exploração que segue firme e forte ainda hoje, porém, com outras roupagens e outros personagens. Os modos de opressão são diferentes, mas a estrutura opressiva permanece a mesma.

A projeção que faz ao futuro é bastante sombria e quebra com qualquer doce ilusão de que caminhamos rumo ao progresso e que tempo melhores virão. O filme faz um prognóstico realista e assustador, mas o que se projeta não é um pessimismo, mas antes um lúcido entendimento de para onde se caminha a humanidade na estrutura capitalista.

A divisão entre opressores e oprimidos, entre ricos e pobres, entre brancos, pretas e indígenas, situações de violências e injustiças sociais que perpassam os mais de 500 anos de colonização brasileira são fortemente evidenciados no longa. Há uma elite que segue desde sempre se beneficiando com acesso aos grandes confortos da vida em oposição a uma grande massa que não tem acessos básicos de sobrevivência, como água por exemplo.

Sobre o sistema capitalista mundial, Immanuel Wallerstein, “um dos maiores críticos da globalização capitalista” (BANDEIRA, 2007, p. 11) irá dizer que suas raízes estão fincadas na Europa e na América do século XVI, com a formação do mercado mundial e o estabelecimento da Divisão Internacional do Trabalho.

A história do sistema-mundo moderno tem sido, em grande parte, a história da expansão dos povos e dos Estados europeus pelo resto do mundo. Essa é a parte essencial da construção da economia-mundo capitalista. Na maioria das regiões do mundo, essa expansão envolveu conquista militar, exploração econômica e injustiças em massa (WALLERSTEIN, 2007, p. 29).

O capitalismo é um sistema que pressupõe ele mesmo a desigualdade entre centro, periferia e semiperiferia. Não pode existir sem a desigualdade e no processo de constituição histórica da América o capitalismo global configura-se como um novo padrão de controle do trabalho, um novo padrão de poder que inclui "a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário (QUIJANO, 2005, 108).

Diante disso é possível compreender que a marginalização da população afro-brasileira e indígena faz parte de um projeto de dominação muito maior e que o esquecimento dessas histórias não se trata de mero descuido. Em diálogo com Edson Kayapó e Tamires Brito, no artigo intitulado *A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?* é possível reconhecer que, no caso específico da literatura indígena, ainda se trata de um assunto muito distante para muitos educadores e educandos. Considero importante apresentar suas observações sobre o estudo da história e cultura dos povos indígenas nas escolas:

Um aspecto que deve ser ressaltado é que frequentemente o estudo da história e cultura dos povos indígenas nas escolas enfatizam apenas as histórias das derrotas e das perdas que culminam no extermínio dos povos indígenas, escondendo as histórias das resistências e estratégias de continuidade e manutenção das tradições. Em outros momentos, privilegia-se o estudo de uma visão romântica e folclórica, em que os indígenas são representados como grupos condenados, não apenas ao passado, mas também à pobreza, à preguiça, ao isolamento e a uma pretensa inferioridade biológica e cultural. Em última instância, os povos indígenas são vistos como inimigos do progresso nacional (BRITO; KAYAPÓ, 2014, p. 54).

Diante disso, propus às copesquisadoras o estudo de dois contos da literatura indígena brasileira que foram capazes de nos apresentar algumas histórias e culturas dos povos indígenas a partir de escritores indígenas.

Txopai e Itôhã, narra o mito de origem do povo Pataxó. A história foi contada por Apinhaera Pataxó e o texto foi escrito por Kanátyo Pataxó, ambos de Minas Gerais e publicada pelo programa de implantação das escolas indígenas de Minas Gerais. Recebi este texto em um grupo de WhatsApp chamado Intercâmbio Estudantil, componente da pesquisa do amigo Maicon Pataxó, de Corumbauzinho, também mestrando deste programa (PPGER), e o encaminhei para o grupo de WhatsApp do Mutirão como sugestão de leitura.

Om dia, no azul do céu, formou-se uma
grande nuvem branca,
que logo se transformou em
chuva e caiu sobre a terra.
A chuva estava terminando
e o último pingo de água que
caiu se transformou em um
índio.
[...]
Pataxó é água da chuva
batendo na terra, nas pedras,
e indo embora para o rio
e o mar
(PATAXÓ, 1997, s/p).

O menino que não sabia sonhar, é um conto do livro *Histórias de índio*, de Daniel Munduruku. É uma história que se passa entre o povo Munduruku e “a partir da figura de uma criança que será preparada para ser o líder religioso da tribo, são fornecidas algumas informações sobre esses índios que moram no estado do Pará” (MUNDURUKU, 1996, p. 09). Quem me apresentou o livro foi o Carlos Antônio, uma criança Pataxó cadastrada na aldeia Kaí e que participa da Vila-Escola Projeto de Gente, onde também sou educador. Estávamos na biblioteca quando ele encontrou este livro e me sugeriu a leitura e eu repassei para os copesquisadores.

A proposta de conhecer, ler, analisar, estudar a literatura indígena de diferentes etnias brasileiras dialoga ainda com Brito e Kayapó quando sugerem que “o estudo da história e cultura indígena nas escolas pode ocorrer por um viés que reconheça a pluralidade da nação brasileira e a diversidade dos povos indígenas, ressaltando que esses povos estão inseridos no tempo presente” (BRITO e KAYAPÓ, 2014, p. 55).

Fotografia 02 – Pesquisa teórica/2



Fonte: Acervo Beira Mar

Este estudo foi muito rico uma vez que tivemos a oportunidade de dialogar sobre as relações entre as culturas Munduruku, Pataxó de Minas Gerais e Pataxó do extremo sul baiano, por exemplo na relação entre as línguas¹¹:

- 1) Uk'a, em Munduruku é o mesmo que Ki'zeme em patxôhã e o mesmo que casa em português;
- 2) Muba'at em Munduruku é o mesmo que Te'hey em patxôhã e o mesmo que chuva em português;
- 3) Idibi em Munduruku é Múr'nga em Patxôhã e o mesmo que água em português;
- 4) Ibutpupuat em Munduruku é kayambá em Patxôhã e o mesmo que dinheiro em português;
- 5) Beiju, que é uma iguaria comestível feita de mandioca, tem o mesmo significado nas três línguas.

Outro exemplo que evidencia a riqueza deste diálogo entre diferentes culturas indígenas brasileiras se deu em relação ao mito de origem dos Pataxó. A mesma história que lemos no livro Txopai e Itôhã, contada pelos Pataxó de Minas Gerais, nos foi contada por Cristiane Pataxó, quando estivemos na aldeia Kaí em uma roda de conversa com esta liderança de Cumuruxatiba.

Este estudo foi de grande importância para o reconhecimento de que “a nação brasileira não é uma unidade homogênea, e sim uma unidade atravessada pela diversidade de identidades, línguas e diferentes formas de organização sociocultural” (BRITO; KAYAPÓ,

¹¹As palavras em Munduruku foram encontradas e traduzidas no livro Histórias de índio, de Daniel Munduruku (MUNDURUKU, 1996, p. 65-6). A correspondência oral em Patxôhã foi feita pelos copesquisadores Pataxó e a grafia feita de acordo com Anariz Braz Bomfim (BOMFIM, 2012, p. 122-7).

2014, p. 55), contribuindo sobretudo para a promoção de outras histórias que superem a versão dominante.

3.2.2 *Perspectivas da historiografia oficial brasileira*

O segundo momento de pesquisa teórica foi pensado para a realização da análise crítica de algumas obras de alguns autores que fundamentaram a historiografia brasileira. Na análise dessas obras, que logo serão apresentadas, é possível reconhecer pontos de vistas essencialmente colonizadores. A intenção de apresentar perspectivas históricas colonizadoras em um coletivo, majoritariamente, indígena dialoga com Gauthier no sentido de que

É bom que os facilitadores da pesquisa apresentem análises e experimentações que rompam com o imaginário do grupo, em lugar de reforçá-lo. Por exemplo, com um grupo de militantes esquerdistas influenciados pelo marxismo, propomos uma leitura dos dados da pesquisa e das análises coletivas a partir do Tarot de Marseille. Com pessoas místicas, pelo contrário, gostamos de ler suas análises a partir do marxismo! A heterogeneidade é quase sempre produtora de conhecimentos (GAUTHIER, 1999, p. 42).

Começamos com a leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha. O principal motivo de eu escolher este texto para a leitura e análise com os copesquisadores é a grande difusão desta carta entre os brasileiros como sendo parte da memória fundadora de nossa História.

Entre os contemporâneos que assumem a ideia da carta como memória fundadora temos desde José Honório Rodrigues¹² até o jornalista Eduardo Bueno, que com suas publicações sobre a descoberta, os degredados, as capitanias hereditárias, tem estado entre os autores mais vendidos, consumido, portanto, por um grande público (PEIXOTO; BRITES, 2000, p. 250).

Na obra *História da História do Brasil*, José Honório Rodrigues apresentará esta dita carta como "o auto oficial do nascimento do Brasil e da própria crônica brasileira. [...] Escrita à beira da terra a carta é fundamental, rica de reflexões sobre a gente e seus costumes" (RODRIGUES, 1979, p.01-02). Tal importância atribuída a esta carta pela historiografia oficial brasileira me desperta o interesse em analisá-la e conjuntamente com o grupo de copesquisadoras reinterpretá-la.

¹² Na historiografia brasileira, José Honório Rodrigues ocupa uma posição especial: primeiro, como o pesquisador que mais se dedicou ao tema, no exame da produção de livros de História, a tal ponto de poder-se dizer, sem hesitação, ter sido quem mais o cultivou e contribuiu para o seu desenvolvimento; segundo, como autor de vários livros de história relativos a assuntos, acontecimentos ou figuras marcantes da trajetória nacional (IGLÉSIAS, 1988, p. 55).

Encaminhei o texto da Carta de Pero Vaz de Caminha, em PDF, para o nosso grupo de WhatsApp e orientei que fizéssemos a leitura conjunta e que cada qual comentasse as passagens que lhes chamassem a atenção. Apresentarei aqui alguns trechos de nossa análise:

[...] houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz” (BRAGA, 1968, p. 18)

Jamile: “Foi aí que o monte Pascoal recebeu esse nome?”

Rosseline: “Sim. Porque era véspera da Páscoa...”

Edson: “E nomearam não só o monte Pascoal, mas toda a Terra. Antes deles batizarem de Brasil eles chamaram de Terra de Vera Cruz”.

Jamile: “Tá, mas foram os portugueses que deram o nome... Meu Deus!... eu não sabia”.

Isadora: “Eles chegam pela primeira vez em um lugar que eles nem conheciam e já dão um nome”.

Edson: “E o pior é que o nome resiste há 519 anos...”

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. [...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas (BRAGA, 1968, p. 20).

Rosseline: “Se na própria carta eles dizem que quando chegaram já tinha gente na praia, como é que eles têm coragem de dizer que descobriram alguma coisa?”

Camila: “Em 2017 a prefeitura de Prado fez um evento lá na Barra do Kaí falando que lá foi a primeira praia do Brasil... só porque foi o lugar aonde os portugueses chegaram...”

Jamile: “E nesse evento eles ainda colocaram uma cruz gigante lá na barra e um pedaço da carta de Pero Vaz de Caminha...”

Rosseline: “Outra coisa... nesse trecho eles falam como se os índios tivessem que se vestir como eles. E que ficar pelado era motivo de vergonha... para os portugueses podia ser, mas para os indígenas não”.

E assim seguimos por toda a carta: lendo e comentando algumas passagens, mas o que mais nos interessa aqui é a cena que foi criada a partir de diversos exercícios de improvisação que realizamos a partir dessa leitura.

O tema de nossa improvisação era: *Como viviam os Tupiniquins antes da chegada dos portugueses*. Mas o que isso tem a ver com a carta de Pero Vaz? _A carta nos descreve este

primeiro encontro a partir do olhar do colonizador. “Ela narra a descoberta, a ancoragem, a primeira visita, o encontro com os indígenas e a impossibilidade de entendimento em face da barreira da língua” (RODRIGUES, 1979, p. 02). Mas não tráz, nem poderia trazer, a perspectiva Tupiniquim para este primeiro encontro. Este trabalho de improvisação proposto aos copesquisadores consiste, essencialmente, em exercitarem as suas imaginações, para construírem, cenicamente, a perspectiva dos Tupiniquins. Como viviam? O que faziam no instante que antecedeu seus encontros com os Portugueses?

Inicialmente pedi que se organizassem em pequenos grupos e orientei que dialogassem minimamente para a improvisação, estabelecendo apenas o contexto da cena e os personagens. Não deveriam pensar em ações nem falas, pois isso deveria fluir fisicamente durante a improvisação. O exercício maior era o de acessarem, intuitivamente, manifestando no corpo, na voz e na relação com os outros o que Walsh e García Salazar chamaram de memória coletiva:

Para nós a memória coletiva é a reafirmação do que a tradição nos ensina, do que o ancestral ensina. Justamente é memória coletiva porque está em todo o coletivo, as pessoas têm maior ou menor conhecimento sobre um feito, sobre uma forma de fazer as coisas, sobre um valor ou sobre um dizer, sobre um ser, sobre uma maneira de entender. Todas as pessoas sabem do que estamos falando. Memória coletiva é um saber coletivizado; para nós a memória coletiva é o fortalecimento, é a verificação de que um feito é ancestral porque toda a gente o conhece, é o que nos permite continuar (GARCÍA SALAZAR; WALSH, 2015, p. 83-4).

A partir do diálogo com este conceito de memória coletiva eu apostava que este grupo de copesquisadores poderia acessar memórias ancestrais de suas comunidades, vividas pelos mais velhos e por eles próprios, que pudessem ser manifestadas corporalmente e vocalmente em situações e ações cênicas capazes de fortalecer o imaginário do grupo sobre nossos ancestrais Tupiniquins. Apresentarei a seguir cada uma das quatro improvisações.

Primeira improvisação:

(Lorena está sentada, Maria se aproxima e diz):

Maria: “Olá minha parente. Estou precisando da sua ajuda”.

Lorena: “Da minha ajuda? O que eu posso fazer por você?”

Maria: “Nossa aldeia foi invadida. Colocaram fogo em tudo. Estamos sem comida e muitos parentes estão doentes”.

Lorena: “Que coisa horrível! É claro que vamos te ajudar. *(Faz um gesto chamando Ester e Ryan, que se aproximam das duas. Lorena continua dizendo)* “A nossa parente tá

precisando da nossa ajuda... a aldeia dela foi queimada e estão sem comida. Eu quero que vocês tragam muitas frutas e caças... muitas”.

Fotografia 03 – Improvisação de cena: parente ajuda parente



Fonte: Acervo Beira Mar

(Ryan e Ester saem cada um em uma direção. Ester começa a pegar muitas frutas e a colocá-las em um cesto - o cesto é uma tampa de lixeira ressignificada, as frutas são alguns cocos secos e amêndoas que ela encontrou no jardim. As frutas estão umas mais altas e outras mais baixas, há algumas tão altas que ela vai pegar uma vara, imaginária, para derrubar. Em seguida Ryan aparece andando muito devagar, sorrateiro, parece não querer ser percebido. É silencioso. Anda calmamente, pé por pé. Está avistando algo longe... é uma caça... e ele não vai deixá-la escapar. Ele pega seu arco e uma flecha, mira, espera o momento certo e... atira. Acertou. Corre para pegar a caça. Cada um ao seu tempo volta para perto de Lorena, um com a caça e a outra com as frutas).

Ester: “Tá aqui, Pajé”.

Ryan: “Isso dá? Se quiser a gente pega mais”.

Maria: “Sim. Aqui dá”.

Lorena: “Então vamos ajudar ela a levar”.

(As quatro saem de cena carregando as frutas e as caças).

Quando fizeram esta improvisação ainda não tínhamos feito a roda de conversa com as lideranças Cristiane, Dario e Ricardo da aldeia Kaí, mas apresentarei aqui um trecho do que nos contou Cristiane sobre a diáspora Pataxó, no qual é possível identificar grande semelhança entre a cena improvisada e a história vivida, conforme descrito no ANEXO A: “Quando teve a diáspora, que foi o fogo de 51, Zabelê veio de Barra Velha pra Cumuru, na

qual tinha os Pataxó daqui e a acolheram... meu avô Aurelino que é avô de Renan, tia Miroca. E foram esses Pataxó que já moravam aqui que acolheram esses Pataxó que veio de Barra Velha corrido, estuprado... meu tio Manoel Fragoso todo massacrado de tanto apanhar e várias outras pessoas que vieram praticamente mortos praqui”.

Segunda Improvisação:

(Jorge e Felipe estão andando um atrás do outro com bastante cuidado. Parecem estar em uma trilha dentro de uma mata. Eles param de caminhar. Felipe tem agora nas mãos uma espécie de facão, ou machado imaginário e começa a bater em alguma coisa. Será uma árvore? Sim é uma árvore. Quando corta e ela cai no chão ele retira alguns galhos. Jorge apenas observa. Felipe pega o tronco da árvore e coloca no ombro direito. Parece pesado. Os dois saem caminhando pela trilha. Em seguida Isadora está em pé, diante de Hannah. Hannah está mexendo no cabelo de Isadora. Desembaraçando, arrumando. Depois parece estar pintando o seu rosto, braços e pernas. De vez em quando para e olha de longe, como que verificando se a pintura que está fazendo está ficando bonita. Elas estão animadas. Isadora parece nervosa).

Fotografia 04 – Improvisação de cena: Casamento Pataxó



Fonte: Acervo Beira Mar

(Felipe reaparece na cena ainda carregando o tronco no ombro. Deixa-o no chão, aliviado, e se aproxima de Isadora. Estão um diante do outro, de mãos dadas, se olhando. Estão se casando).

Quando terminaram a improvisação contaram que fizeram referência a uma tradição Pataxó na qual antes do casamento o noivo deveria carregar uma tora de madeira que tivesse o mesmo peso da noiva.

Após todos os consentimentos e acertos para o casamento, o noivo tem que cumprir três provas e demonstrar que está apto para o casamento. A primeira prova é construir seu próprio kijemi. [...] A segunda prova é caçar um animal na mata. [...] A terceira prova é carregar um tronco de árvore no ombro, pelo menos por duzentos metros. A prova pode simular uma situação de fuga, em que o guerreiro precise colocar sua mulher no ombro e correr com ela para colocá-la a salvo de algum perigo (KAIPPER, 2018, p.155-7).

Terceira improvisação:

(Camila está sentada, parece ralando alguma coisa. Mas o quê? Carla vai pegando “essa coisa” e colocando sobre dois bancos. Ramone tem um pedaço de madeira na mão e começa a espalhar “essa coisa” imaginária colocada ali por Carla. O que elas estão fazendo? Estão fazendo farinha! Camila rala o aipim, Carla coloca o aipim ralado na farinheira e Ramone vai mexê-lo até virar farinha, com bastante cuidado para não deixar queimar. Quando terminam dançam em roda agradecendo a fartura do alimento).

Fotografia 05 – Improvisação de cena: fazendo farinha



Fonte: Acervo Beira Mar

“Fazer farinha é uma tradição muito forte e antiga dos Pataxó”, nos contou Ramone.

Aconteceu no período de 12 a 15 de dezembro de 2019, na aldeia Serra do Padeiro do povo Tupinambá de Olivença, no sul da Bahia, a 9ª Farinhada das mulheres da Serra do Padeiro, que este ano teve como tema: “Mulheres Indígenas plantando e colhendo sustentabilidade e garantindo a soberania alimentar em seus territórios”. Aproximadamente 150 pessoas participaram do evento, além das próprias Tupinambá, mulheres indígenas dos povos Pataxó (extremo sul da Bahia), Pataxó Hã-Hã-Hãe (sul da Bahia), Tumbalalá (norte da Bahia), estudantes, representantes

de movimentos sociais, universidades. [...] As mulheres indígenas têm desenvolvido um importante trabalho de organização dentro de suas comunidades, e a busca pela soberania alimentar tem sido um pilar importante para garantir a alimentação das comunidades, traçando políticas e estratégias sustentáveis de produção. Em meio ao processo de feitura da farinha as mulheres conversam, cantam, contam histórias, riem e brincam. À noite todos se juntam em torno do centro da aldeia para agradecer aos encantados estarem sempre protegendo. O fazer farinha para os povos indígenas é valorizar seus ancestrais, cantar, agradecer, compartilhar, brincar, rir. É pensar estratégias para continuarem se organizando para sobreviver frente aos desafios impostos por um sistema colonizatório, que já dura mais de 520 anos, especialmente agora com as ameaças do atual governo Bolsonaro (HELENO; MUNIZ, 2020, s/p).

Quarta improvisação:

(Rosseline e Isadora estão caminhando lado a lado. Abaixam-se e parecem brincar com as mãos na água. Estão indo se banhar nas águas do mar, mas são interrompidas quando avistam algo no horizonte. Parecem não saber o que é. Olham mais uma vez, curiosas. Parecem assustadas. Conversam alguma coisa que não se pode ouvir. Isadora sai correndo enquanto Rosseline continua olhando atenta. Daqui há pouco Isadora volta correndo e acompanhada por Felipe. As três tiram seus arcos e flechas. Estão prontas para atirar).

Fotografia 06 – Improvisação de cena: Tupiniquins



Fonte: Arquivo Beira Mar

E desse modo outras ações e histórias foram improvisadas, fortalecendo o nosso imaginário sobre os povos nativos. Essas ações originaram a cena “Os Tupiniquins”, da dramaturgia.

Na sequência pedi que se organizassem em dois grupos: um representando os Tupiniquins que estavam ali na praia e outro representando os portugueses chegando nas suas caravelas. O contexto foi o primeiro encontro entre os Tupiniquins e os Portugueses. A cena

foi improvisada diversas vezes, possibilitando aos copesquisadores representar personagens diferentes, o que contribuiu muito para a riqueza da cena, porque cada um trouxe percepções muito diferentes que foram se somando e construindo a versão final. As improvisações foram filmadas e depois eu as organizei em uma primeira versão do texto.

Fotografia 07 – Improvisação de cena: a chegada dos portugueses



Fonte: Acervo Beira Mar

Em outro encontro apresentei a cena digitada, fizemos a leitura e daí fomos amadurecendo o texto, organizando as falas e as ações, mudando algumas de lugar, tirando umas e acrescentando outras. A versão final deste texto corresponde à cena “Caravelas Portuguesas e o primeiro encontro entre Tupiniquins e Portugueses” da dramaturgia.

O próximo texto analisado foi *Como se deve escrever a História do Brasil*, de Karl Friedrich Philipp Von Martius.

No ano de 1838 foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com o objetivo de reunir, organizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a escrita da História e da Geografia do Brasil. No ano de 1840 este instituto lançou a proposta de oferecer cem mil réis como prêmio a quem lhe apresentasse “um plano para se escrever a história antiga e moderna do Brasil, organizado de tal modo que nele se compreendessem as partes política, civil, eclesiástica e literária” (MARTIUS, 1956 p. 438).

Os concorrentes não deveriam dedicar-se à escrita de uma história brasileira, mas orientar e inspirar os historiadores futuros, uma espécie de “manual de instruções” de como se deveria escrever a História brasileira. O vencedor foi o bávaro Karl Friedrich Philipp Von Martius.

Karl Martius chamou a atenção, essencialmente, para a contribuição de três raças: “a cor de cobre ou americana, a branca ou caucasiana e a preta ou etiópica” (Ibidem, p. 442). Segundo ele, foi da mescla dessas três raças que se formou a atual população brasileira e o seu texto será dividido de modo a orientar a escrita histórica sobre cada uma delas.

Martius qualifica os Portugueses como o povo “descobridor, conquistador e senhor”, que muito influenciou no “desenvolvimento nacional”. Enquanto isso “os indígenas e os negros importados” são considerados inferiores e de menor valor histórico, cultural e espiritual. Para o autor, “o sangue português é como um poderoso rio que deverá absorver os pequenos afluentes que são as raças índia e etiópica” (Ibidem, p. 443).

Ao redigir este memorial eu pedi aos copesquisadores que me ajudassem a elaborar um pequeno texto apresentando suas impressões sobre a obra de Martius. Hannah, Layza e Rosseline toparam este exercício de escrita e cada qual teve um processo bem diferente. Importante dizer que neste momento já estávamos em isolamento social como prevenção à COVID-19 e as orientações que lhes dei ao processo de escrita foram feitas de forma remota, via WhatsApp e ligações telefônicas.

Rosseline fez a análise da parte “Os índios” e me enviou um texto bastante estruturado e eu sugerir que ela colocasse algumas citações do texto que dialogassem com os seus pensamentos;

Layza dedicou-se a escrever sobre a parte referente aos portugueses. Inicialmente me apresentou alguns tópicos com algumas ideias que considerou importantes. Eu li e devolvi a ela com algumas sugestões de como ela poderia melhor detalhar suas ideias e fundamentá-las no próprio autor;

Hannah dedicou-se a análise da parte “a raça africana”. Ela não quis escrever, mas, via telefone, me apresentou suas análises e interpretações e eu as digitei. Depois devolvi o texto para que ela fizesse as últimas alterações e buscasse no texto algumas referências.

É importante considerar que aos olhos acadêmicos os textos apresentados por estas três copesquisadoras pareça carente de uma análise histórica mais aprofundada, inclusive dialógica com outras obras do mesmo autor, bem como pode-se perceber alguns juízos de valores que distanciam o texto de um caráter científico. Devo dizer que eu não fiz qualquer alteração no sentido de aproximar o texto delas das exigências acadêmicas e científicas, justamente porque o que considerei mais importante de se apresentar aqui é o modo como estas adolescentes, estudantes da educação básica pública de Cumuruxatiba, dialogaram com tal obra. Apresentarei a seguir as análises de cada uma delas.

Sobre os povos indígenas, por Rosseline Nobre, copesquisadora do Mutirão, jovem indígena Pataxó cadastrada na aldeia Tawá, concluiu o ensino médio em 2019 na escola municipal Algeziro Moura:

“Ao longo do texto a diversidade das populações nativas é restringida às palavras ‘índios’ e ‘raça’. Podemos, assim, observar uma visão totalmente colonizadora, uma vez que esses povos eram e são compostos por diversas etnias, costumes e línguas. O que não corresponde frases do texto como: ‘língua dos índios’ e ‘o indígena brasileiro’. Tupinambá, Caeté, Potiguar, Tupiniquim, Tremembé, Aimoré, Maxakali, Kamakã, Pataxó e tantas outras serão reconhecidas pelo autor unicamente como a ‘raça cor de cobre ou americana’.

Nesse seguimento o autor irá questionar: ‘que povos eram aqueles que os portugueses acharam na terra de Santa Cruz, quando estes aproveitaram e estenderam a descoberta de Cabral?’ (MARTIUS, 1956, p. 444). Em resposta, digo que não existia Terra de Santa Cruz, o território foi roubado e nomeado pelos colonizadores após 1500. Os povos indígenas são os filhos desta terra. Desse modo, não é possível descobrir o que já tem dono. Não tem como achar o que não está perdido.

Observo também a intolerância à espiritualidade indígena trazida pelos colonizadores, a qual está presente até os dias atuais: ‘os indígenas brasileiros são uma amostra possível do homem privado de qualquer revelação divina’ (Ibidem). É importante pontuar também que os estrangeiros europeus impuseram a religião católica aos nativos, sendo os grandes responsáveis pelo fato da espiritualidade indígena e seus costumes serem apresentados como feitiços e superstições. A ideia do indígena feiticeiro nos leva a pensar que se trata de alguma coisa ruim, o que contraria a nossa experiência junto às comunidades Pataxó de Cumuruxatiba na qual identificamos a pajé como sendo a pessoa de mais experiência e sabedoria da aldeia. Nas conversas que tivemos com Adelice, Jovita e Alda Gomes, por exemplo, aprendemos que a pajé é uma liderança espiritual, diretamente ligada à saúde, a reza, a proteção, ao conhecimento das ervas medicinais e não a feitiçarias.

O modo de vida europeu é exaltado e tratado como o único certo, enquanto as populações indígenas são tratadas de formas incabíveis, como se elas fossem miseráveis e dignas de pena apenas por viverem de outro modo, tendo costumes e culturas diferentes. Martius chamou os indígenas brasileiros de ‘primitivos’ e ‘boçais’ (quer dizer, estúpidos, ignorantes, sem cultura), dizendo que sente pena da situação em que foram encontrados, e que eles não eram nada senão o ‘resíduo de uma muito antiga, posto que perdida história’ (Ibidem).

Ainda hoje, no nosso dia a dia vivenciamos situações de pré-conceito que tem suas origens em textos como este, exemplificando: certa vez minha amiga Hannah Sophia e eu, Rosseline, fomos para o Prado, há 40 minutos da vila de pescadores de Cumuruxatiba, e lá encontramos um amigo que não víamos há um tempo. Conversa vai, conversa vem, entramos no assunto ‘povos indígenas’, mais especificamente os ‘povos indígenas de Cumuruxatiba’. O que não imaginávamos seria como a conversa ocorreria dali para frente. Ouvimos coisas incabíveis, como: ‘Não existe índio em Cumuru’ e insinuações de que os Pataxó só querem se declarar como indígenas para receberem auxílios do governo.

Como nativas da vila, explicamos e pontuamos que o que ele dizia não era verdade, porém, sem muito resultado. É muito triste que alguém venha me explicar o que eu vivo, querendo contar uma história que é do meu lugar. Do lugar que eu nasci. Lugar esse que a identidade e a luta indígena resistem há 520 anos!”

Sobre os Portugueses, por Layza Gabriela, Estudante do 2º ano do ensino médio na escola municipal Algeziro Moura:

“Ao pensar o processo de colonização brasileira Karl Martius, evidentemente, prioriza os portugueses, a ‘raça branca’ europeia, suas histórias e pontos de vistas, como se eles fossem os grandes heróis. Chama-os muitas vezes de raça superior, enquanto as outras duas, que ele denomina como ‘cor de cobre’ e ‘etiópica’, são constantemente reforçadas como sendo raças inferiores. Não por acaso a parte dedicada aos portugueses neste seu manual de como se deve escrever a História do Brasil é a maior e a mais bem detalhada.

Parece que o autor vê na História do Brasil uma possibilidade para engrandecer Portugal e a Europa, sugerindo aos futuros historiadores contar suas façanhas marítimas, comerciais e guerreiras. Segundo ele, Portugal mesmo sendo ‘uma das nações mais pequenas da Europa’, foi capaz de iniciar ‘um movimento tão poderoso’, que foi a colonização brasileira (Ibidem, p.448).

Ele não se preocupa da mesma forma com os ameríndios e com os africanos, de modo que por tantos anos esses grupos serão retratados pela História sempre superficialmente. Assim, a história e a cultura brasileiras deveriam estar fundamentadas na história da Europa. Em uma parte do texto ele chega a afirmar que ‘a história do Brasil será sempre uma história de um ramo português’ (Ibidem, p. 454). Ou seja, para os colonizadores o Brasil não passava de um negócio, um comércio, um jeito europeu de se ganhar (muito) dinheiro.

O autor sugere aos futuros historiadores que se dediquem aos estudos das fontes dos missionários jesuítas e em outras ordens religiosas, como os franciscanos, os capuchinhos, os agostinhos etc. Diz também que ‘algumas dessas ordens acharam-se não poucas vezes em

favor dos índios’ (Ibidem, p. 450). É difícil acreditar que ele disse isso: A igreja católica em favor dos índios? A conversão ao catolicismo era exigência do Estado. A catequese foi uma das grandes violências sofridas pelos indígenas brasileiros.

Os portugueses queriam riquezas e territórios, maltratando quem já estava aqui, queriam na verdade, ‘fundar um novo Portugal’ (Ibidem, p. 449). Para isso faziam o que fosse preciso. Chegaram a criar um ‘sistema de milícias’ sob a justificativa de que precisavam se defender contra as diversas ‘invasões hostis’ dos indígenas (Ibidem, p. 447). Invasão dos indígenas? Quem foi que invadiu o quê mesmo? Os portugueses ‘venciam os índios à força d’armas ou induziam-nos com astúcia para servi-los’ estando sempre ‘prontos a combater, e dirigirem-se sempre armados dos diferentes pontos do litoral (Ibidem, p. 448).’

Sobre os povos africanos, por Hannah Sophia. Concluiu o ensino médio em 2019 na escola municipal Algeziro Moura:

“Ao contrário do tratamento dado aos portugueses, Karl Martius fala muito pouco sobre os povos africanos. Ele naturaliza a escravidão como se os africanos já nascessem escravos e jamais pudessem sair desta condição. Não pensa os diversos povos africanos a não ser pela escravidão, nem se preocupa em contar as suas histórias, crenças, culturas e espiritualidades. Será que ele sabia que muitos reis e rainhas africanos foram escravizados e trazidos para o Brasil?

O autor parece querer justificar e amenizar a escravidão, apresentando os benefícios que trazia para a ‘indústria, agricultura e o comércio das colônias africanas para com as do Brasil, e vice-versa’ (MARTIUS, 1956, p. 454), mas bem sabemos que os benefícios foram todos só para a Europa. Ele romantiza o sofrimento dos povos africanos, os quais são sempre apresentados submetidos às histórias europeias, ou no lugar de colonizados e escravizados. As histórias e conhecimentos africanos não serão apresentados.

Tudo o que os povos africanos consideravam sagrado não foi levado a sério, não teve um pingão de interesse para saber sobre suas histórias. Tudo o que os africanos acreditavam foi irrelevante para ele, como se eles fossem totalmente ignorantes.

Depois de ler e analisar este texto eu, Hannah Sophia, consigo entender um pouco mais porque se fala tão pouco dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros nos livros didáticos de História: a História que a gente aprende na escola, e na sociedade em geral, parece, infelizmente, estar fundamentada neste manual de ‘*Como se deve escrever a História do Brasil*’.

Consigo perceber também as influências que esta educação causou em mim e na minha identidade. Certa vez, logo no começo de nossa pesquisa, a gente estava falando sobre

“retorno ancestral”, e era para a gente pensar sobre as nossas raízes: Quem são nossos pais? Avós? De onde vieram? De onde viemos? Quem somos nós? Em algum momento da conversa fui questionada sobre qual era a minha raça, a minha cor. Eu não respondi, não soube responder. E hoje eu reconheço e tenho muito orgulho em dizer que eu sou uma mulher preta.

Além disso, quero contar outra história: minha mãe sempre gostou muito de conhecer todas as religiões possíveis e, no momento, ela é pastora de uma igreja evangélica e justamente por causa disso ela recebe muitos evangélicos em casa. Um dia eu estava na casa dela e ela recebeu um pastor.

A minha mãe sempre gostou muito da ideia de eu fazer teatro e eu sempre mandei fotos para ela, vídeos de tudo o que gente faz. E ela começou a contar para este pastor um pouco do que eu faço no teatro e tudo mais, a mostrar as fotos e os vídeos em que estou representando a personagem Iara, a Mãe d'Água.

Depois que ela mostrou esses vídeos o pastor começou a me olhar com um olhar diferente... e quando ela terminou de mostrar ele começou a me dizer que Deus tinha revelado pra ele que isso que eu estava fazendo era errado e que eu não deveria estar nesse lugar porque não é o lugar que me faz bem e começou a me repreender e ele pediu pra fazer uma oração em mim porque ele não estava sentindo uma coisa boa em mim depois que ele assistiu os vídeos e viu as fotos. Eu não nego oração seja de qual for a religião, contanto que seja uma coisa do bem, mas nessa situação eu não me senti à vontade e ele me desrespeitou, ele simplesmente me ignorou, levantou e começou a segurar a minha mão e começou a fazer uma oração como se eu tivesse com o demônio no corpo, simplesmente por eu fazer o papel da Iara. E eu não deixei. Fiquei olhando para ele com cara feia, soltei a mão e ele me repreendendo como se eu tivesse com o demônio no corpo. Eu peguei entrei para o quarto e fechei a porta na cara dele e mesmo assim de fora ele continuava me repreendendo e até hoje sempre que me vê me olha com um olhar diferente.

Eu não sabia se eu chorava ou se eu dava risada e, até hoje, quando eu e Myrna a gente lembra disso, porque a Myrna estava comigo e ele também falou umas coisas pra ela, a gente fica fazendo piada disso. Mas na hora eu fiquei bem ‘retada’. Meu sangue ferveu. Mas não levei a sério, tentei esquecer, não levei isso para a minha vida, não me acrescenta em nada, ainda mais a Iara né... poxa... falar mal da Iara... uma personagem que eu amo demais... uma coisa que me faz tão bem não tem como ser do mal!

O próximo texto estudado foi Casa Grande e Senzala em quadrinhos, de Gilberto Freire, com adaptação de Estêvão Pinto, ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues e colorização de

Noguchi e publicada pela fundação Gilberto Freyre em 2000. Gilberto Freyre foi um dos grandes influenciadores da historiografia oficial brasileira.

Em meados do século passado, a intelectualidade brasileira foi tomada pelo desafio de produzir obras que refletissem sobre nossa formação cultural, social e racial. Nesse contexto, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda ganham destaque, pois, a partir de perspectivas distintas, produziram obras obrigatórias para compreendermos nosso lugar enquanto nação, sendo até hoje reconhecidos pela academia como “intérpretes” do Brasil (REIS, 2019, p. 95).

Casa grande & senzala, a principal obra de Gilberto Freyre, tem-se mostrado refratária a classificações fáceis. Ora louvada como obra emancipadora e uma verdadeira porta de entrada para o entendimento do Brasil, ora denunciada como canto do cisne das reacionárias oligarquias nordestinas, repleta de mistificações sobre a sociedade brasileira (MELO, 2009, p. 279).

Diante disso *Casa Grande & Senzala* me pareceu uma importante obra a ser analisada por mim e pelos copesquisadores do Mutirão. A opção pela edição em quadrinhos considera principalmente o que nos dizem os seus editores: “o texto em quadrinhos como notarão aqueles que conhecem o teor da obra-mestra de Freyre, procurou manter-se o mais próximo possível do texto original” (FREIRE, 2005, p. 05). A existência de uma versão em quadrinhos mostra o poder de penetração dessa obra junto ao público infanto-juvenil, como nos diz o próprio Gilberto Freyre, na publicação da primeira edição quadrinizada:

Ivan Wash Rodrigues soube fazer de *Casa-Grande & Senzala*, do modo o mais fiel ao livro, um regalo para os olhos e para a inteligência da criança brasileira. Da criança brasileira, do adolescente e do adulto. Pode-se, aliás, dizer de *Casa-Grande & Senzala* ter nascido como uma predisposição à espécie de edição - a quadrinizada - agora realizada. (FREIRE, 2005, p. 07).

Apresento a seguir a análise feita a partir da leitura deste texto com os copesquisadores:

Por terem atravessado o oceano Atlântico, os navegantes portugueses são apresentados na obra como desbravadores, corajosos e aventureiros, capazes de encontrar riquezas e levar o progresso para a América. Enquanto isso, as diversas etnias indígenas foram todas agrupadas em uma única palavra, “índios” ou “indígenas”, ignorando a diversidade histórica e sociocultural que cada uma dessas etnias traz consigo.

É muito comum a sexualização dos corpos das mulheres indígenas e africanas que reverbera, inclusive, nas ilustrações desta versão em quadrinhos. Repetidas vezes, os copesquisadores e eu, encontramos imagens de mulheres indígenas e africanas nuas, se banhando, com os seios à mostra e ao fundo o colonizador observando escondido.

A forma encontrada por Casa-grande & senzala para justificar toda a sorte de violência sexual foi a atribuição, no plano discursivo, de uma erotização exacerbada ao corpo negro, como se essa fosse uma característica própria da raça. Assim, a narrativa das sociedades escravocratas descrevia os negros como hipersexualizados, sendo o elemento depravador e corruptor da sexualidade da família colonial (REIS, 2019, p. 98).

Percebo um grande descaso com o modo de vida indígena e uma naturalização do trabalho escravo. O autor diz que “a sociedade brasileira foi em toda a América a que melhor manteve em harmonia as relações de raça” (FREIRE, 2005, p. 16). Ele descreve as histórias de tantas mulheres abusadas e sexualmente violentadas pelo colonizador quase como um conto de fadas: “facilitou a mistura das duas ‘raças’ a preferência da mulher gentia pelo homem branco: sonhava a nossa índia em ter filhos pertencentes a um povo que considerava superior” (Ibidem).

Casa-grande & senzala evidencia a existência de vários tipos de trabalho escravo: havia o escravo da senzala, que trabalhava na lavoura, e o da casa-grande, que desenvolvia os serviços domésticos nesse ambiente. Segundo essa narrativa, a relação do senhor com os escravos domésticos seria marcada pela docilidade e até por uma certa dose de afeto, na medida em que estes frequentariam o núcleo familiar da casa-grande. [...] Nesse sentido, a mãe preta é o símbolo dessa dinâmica social apresentada por Freyre. É, normalmente, a escrava mais velha, que trabalha nos afazeres domésticos e cuida de todos com carinho e dedicação, como se fossem filhos. Lélia Gonzalez problematiza esse lugar de subserviência que a narrativa oficial conferiu à mãe preta, criticando a construção Freyriana. Na verdade, sua atuação estava imbricada de resistência, e não de passividade. Passividade seria aceitar, sem objeção, a imposição da família patriarcal, mas o que fez foi justamente o contrário: soube utilizar de forma potente o interior da casa-grande, trazendo para o núcleo familiar do colonizador as tradições africanas, numa postura que, conscientemente ou não, demonstra-se totalmente subversiva (REIS, 2019, p. 96).

A obra apresenta breve e superficialmente elementos dos modos de vida dos povos indígenas: a culinária, o uso da natureza para fazer vasilhas, balaios, cestas, casas, temperos... e considera a cultura europeia superior à cultura dos povos indígenas e dos povos africanos:

No contato de duas culturas, uma mais atrasada e outra mais avançada, quase sempre a segunda procura destruir ou exterminar na primeira tudo o que se supõe ser contrário à moral ou aos interesses dos dominadores. Assim fizeram os jesuítas, educando o cumumim à maneira dos europeus (FREIRE, 2005, p. 16).

Diz também que “os negros, realmente, trouxeram para o Brasil algumas práticas de feitiçaria” (Ibidem, p. 41) e as manifestações religiosas afro-brasileiras são chamadas de seitas. No uso popular o vocábulo seita é atribuído ao mal. Apresenta, ainda, algumas lendas e histórias que associam os negros aos malfeitores de criancinhas.

“Olha o negro velho
em cima do telhado
ele está dizendo quer o
menino assado”
(FREIRE, p. 42).

Os povos africanos aparecem geralmente em condição servil e dependente dos colonizadores. “A mucama, a cozinheira, a velha contadora de histórias, a ama-de-leite [...] as arrumadeiras, os copeiros os molequinhos de recados. Na cozinha, cada mulher tinha sua especialidade; havia ainda pretas especializadas em bolos” (ibidem, p. 46).

A criança branca é chamada de criança brasileira ou menino branco, enquanto a criança negra é chamada de cria, mulatinho ou molequinho. O autor se refere à mulher negra como “o grande atoleiro de carne” (ibidem). A máscara de flandres é uma máscara de tortura apresentada pelo autor como “uma medida necessária para combater maus e vícios que assolavam os escravizados”.

Alguns escravos tinham o "vício" de comer terra. Para combater esse mal, usavam-se máscaras de flandres. Ou, então, era o paciente suspenso do solo e preso a um panacum de cipó. O isolamento durava vários dias, durante os quais o negro ficava sujeito a um regime especial de alimentação (ibidem, p. 51).

Neste caso fica parecendo que o europeu-branco-colonizador só queria ajudar o negro-escravizado a se curar de seus vícios. A violência é apresentada com tanta naturalidade e leveza que uma leitura acrítica levará o leitor a uma compreensão muito equivocada da nossa História.

3.2.3 *Perspectivas indígenas e indigenistas*

Refletindo sobre o estudo da História e cultura dos povos indígenas nos currículos escolares Brito e Kayapó (2014 apud BITTENCOURT, 2013, p. 101) observam que "os povos indígenas se inserem em tópicos da fase denominada Colonização, sendo que, nos períodos posteriores à constituição do Estado Nacional, desaparecem de cena". Ou seja, na historiografia oficial os povos indígenas foram condenados ao passado colonial e esquecidos dos dias atuais.

O texto que apresentarei a seguir pretende superar esta constatação apresentando outra perspectiva sobre a História indígena brasileira. Fundamentado na leitura de estudos arqueológicos apresentarei um recorte das populações humanas que habitaram o nordeste

desde muito antes da chegada do colonizador; na sequência, fundamentado em professores indígenas e historiadoras indigenistas, argumentarei sobre a urgência do diálogo e da aproximação entre a Educação e as Histórias dos povos indígenas brasileiros; por fim apresento fragmentos de uma recente história Pataxó que evidencia suas trajetórias marcadas por lutas e resistências contra tantas e diversas violências, a partir dos relatos de lideranças Pataxó e de pesquisadores indigenistas Pataxó.

A fundamentação teórica deste texto dialoga essencialmente com o componente curricular *História dos povos indígenas na Bahia*, ministrado pelo professor André Rego, neste programa de mestrado (PPGER) da UFSB, onde tive a oportunidade de conhecer uma ampla literatura indígena e indigenista. O texto teve a finalidade de aproximar os copesquisadores do Mutirão de todo este conhecimento que eu tive acesso neste componente.

3.2.3.1 Outro olhar sobre o Brasil

A História do Brasil que nos é ensinada nas escolas, nos livros e recursos didáticos foi escrita, predominantemente, pelo ponto de vista dos colonizadores europeus e nos apresenta uma realidade capaz de nos convencer que a colonização e a escravidão são coisas do passado e criam a ilusão de que há uma igualdade de oportunidades para que toda a população goze das mesmas condições de acesso aos bens e serviços básicos da cidadania, como saúde, moradia, educação, cultura... enquanto isso, a vida nos mostra que grande parte da população segue na condição de marginalidade e exclusão.

Somos massacrados pela supervalorização de uma identidade hegemônica e dominante que nos oprime física, psicológica, socioeconômica e esteticamente. Desde cedo aprendemos o que é um corpo bonito, um cabelo bom, uma pele saudável, uma cultura rica. “Os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais” (QUIJANO, 2005, p. 108).

A educação é grande responsável pela reprodução de tantas mentiras. No que diz respeito às histórias e culturas dos povos indígenas nas escolas, o professor Edson Kayapó e Tamires Brito nos dizem que é enfatizada “apenas as histórias das derrotas e das perdas que culminam no extermínio dos povos indígenas, escondendo as histórias das resistências e estratégias de continuidade e manutenção das tradições” (BRITO; KAYAPÓ, 2014, p. 17).

No entanto, não seria contraditório dizer que, também através da educação, estes equívocos serão combatidos. Faz-se emergente a mudança de paradigmas. Chega de tantas

mentiras. A arte, a educação e a cultura são caminhos eficientes para avançarmos na contramão dessa condição. “É necessário que professores, alunos e demais agentes das escolas problematizem e se apropriem dos conhecimentos sobre o tema, tornando-se produtores e protagonistas da produção de outras histórias que avancem contra a versão dominante” (ibidem, p. 27).

3.2.3.2 Reflexões sobre a pré-história brasileira

As pesquisas arqueológicas realizadas no nordeste brasileiro e apresentadas pelo arqueólogo Carlos Etchevarne em seu artigo *A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa* trazem grandes contribuições para a compreensão das populações humanas que habitaram esta região no período anterior à invasão portuguesa.

“Os ambientes naturais ou ecossistemas dominantes no Nordeste correspondem aos da floresta tropical perenifólia (mata atlântica), à caatinga e ao cerrado” (ETCHEVARNE, 2000, p. 114), que com suas especificidades interferiram bastante nesse processo de ocupação. A região de mata atlântica, por ser uma região de floresta úmida, foi muito propícia para a instalação de populações humanas de caçadores-coletores e de horticultores, justamente por reunir aí muitas possibilidades alimentares: “produtos da mata podem ser associados aos recursos dos rios e do mar” (Ibidem).

Adentrando para o continente, chegaremos às regiões de caatinga, nas quais as condições para a ocupação humana se tornam mais difíceis do que na mata atlântica, já que os rios desta região são, em sua maioria, intermitentes e temporários, ou seja, só podem ser aproveitados nos momentos de cheia que só acontecem em determinadas épocas do ano. Por possuir um curso de água permanente, o rio São Francisco “transformou-se em um eixo referencial para os grupos indígenas do interior, permitindo a subsistência em todas as estações do ano” (ibidem, p. 115).

Adentrado ainda mais em direção ao interior situa-se o cerrado, que por ter como característica “uma estação de seca bem marcada, que alcança uma duração de 4 a 6 meses”, que dificultou ainda mais a presença humana, uma vez que esta grande variação de umidade faz com que a vegetação mude bastante o que “repercute na disponibilidade de recursos de subsistência para os grupos humanos” (Ibidem).

O autor nos apresenta ainda as pesquisas coordenadas pela arqueóloga brasileira Niède Guidon, nas quais foram analisados restos de fogueiras, carvões, instrumentos de quartzo e quartzito, raspadores, facas, pontas de projétil e furadores que apontam a chegada dos

primeiros seres humanos no nordeste brasileiro por volta de 50.000 anos atrás. Este entendimento é muito importante para o reconhecimento de que grupos humanos já ocupavam estas terras há milhares de anos, antes da invasão dos portugueses, contrariando a ilusão criada pela historiografia oficial brasileira de que a nossa história tem como marco zero o ano de 1500 e a chegada dos colonizadores portugueses.

Sobre as instalações humanas no litoral nordestino o autor nos apresenta algumas características dessas populações compreendidas a partir de diversos resquícios materiais encontrados e analisados, os quais muito nos ajudam na compreensão de seus modos de vida. O sambaqui, por exemplo, é uma estrutura formada por um conjunto de conchas que nos revelam hábitos alimentares de populações essencialmente marisqueiras. Diversas tradições de produção e uso de cerâmica são atribuídas a diversas populações espalhadas ao longo de todo o nordeste brasileiro, e são datadas de até 5.000 anos atrás. Além das “urnas funerárias” foram encontradas “vasilhames de caráter doméstico, para preparação de alimentos”, como “panelas e tigelas [...] bacias e assadores” (Ibidem, p. 124-5).

Sobre as artes rupestres o autor nos conta que “o território do Nordeste possui um enorme acervo de pinturas e gravuras [...] localizados até o momento em quase todos os estados, com exceção do Maranhão” (Ibidem, p. 125-6). Os temas são muito diversos, sendo mais recorrentes as representações humanas, animais, vegetais, galhos e árvores, além de figuras abstratas e geométricas, sóis e cometas associados a períodos anuais ou calendários.

São reconhecíveis cenas de caça, jogo, luta, dança e sexo [...] as representações humanas possuem às vezes alguns atributos como cocares e armas, e às vezes exercem algumas atividades como transportar potes ou remar em canoas. [...] Distinguem-se várias tonalidades de vermelho, amarelo, branco e preto [...] e além das pinturas, contempla também as gravuras em rochas, denominadas regionalmente de itaquatiras (Ibidem, p. 127-8).

No litoral se movimentavam grupos étnicos diferentes: “os Tupinambá, na faixa costeira norte, juntamente com os Caeté e os Potiguar e, no litoral sul da Bahia, os Tupiniquim” (Ibidem, p.129). A chegada dos portugueses no território nordestino brasileiro causou, desde o primeiro instante, grandes mudanças no universo das comunidades indígenas. Os invasores impuseram modos completamente diferentes de ocupação dos territórios e utilização dos recursos naturais, empregando novos equipamentos tecnológicos e introduzindo outras espécies animais e vegetais.

A ação colonizadora é de tal forma poderosa e intrusiva no universo indígena que podemos dizer, sem temor de nos enganar, que ela inaugura um novo momento, a partir do qual as sociedades indígenas não serão mais as mesmas. Este pressuposto

permite-nos estabelecer uma macroperiodização que leva em consideração esse momento de chegada do colonizador. Assim, do ponto de vista da arqueologia, podemos destacar um período pré-colonial e outro colonial, conforme se trate de evidências materiais que sejam anteriores, concomitantes ou posteriores à chegada do português (Ibidem).

3.2.3.3 A urgência de outras histórias brasileiras

Durante muitos anos o lugar reservado às populações indígenas na História do Brasil sempre esteve atrelado à história dos colonizadores europeus. Os indígenas foram sempre apresentados como mão-de-obra, ou como rebeldes que acabavam logo vencidos, dominados, escravizados, aculturados ou mortos, nunca representando qualquer relevância para a História. Essas interpretações predominaram e ainda hoje predominam em nossa historiografia, sendo amplamente divulgadas a partir dos livros didáticos, nas escolas e universidades, e reforçadas pelas grandes mídias. Para a historiadora Maria Regina de Almeida:

Ainda muito presentes no senso comum da população brasileira, essas ideias, além de extremamente danosas à autoestima dos índios, reforçam entre os não indígenas sentimentos preconceituosos e discriminatórios que resultam em atitudes de intolerância e violência contra eles (ALMEIDA, 2017, p. 20).

Tais interpretações reforçaram a compreensão de que os diversos povos indígenas foram completamente passivos e alheios à colonização, sem qualquer tipo de reação, resistência ou negociação e, por isso, foram totalmente vitimados pela relação de dominação até o ponto do total desaparecimento. Foi a partir da década de 1930 que “se proliferou uma teia de tendências historiográficas que se debruçará em estudos sobre a compreensão crítica da sociedade nacional” (BRITO; KAYAPÓ, 2014, p. 49).

As mobilizações sociais pelo direito à igualdade e à diferença, setores progressistas e democráticos da sociedade brasileira pressionaram para vir à tona os debates sobre as questões étnico-raciais na escola, especialmente no que se refere à temática indígena (Ibidem, p.51)

As novas interpretações históricas cumprem o papel essencial de desconstruir ideias preconceituosas e discriminatórias sobre os povos indígenas, ao mesmo tempo que reconstrói e valoriza a riqueza da diversidade étnico-cultural e linguística das culturas já existentes neste território, muito antes do ano 1.500.

Ainda há muito por ser construído sobre a História dos diversos povos indígenas brasileiros, porém, é sabido que importantes estudos já foram realizados, assegurando uma sólida e fértil área de conhecimento. “Inúmeras pesquisas não deixam dúvida sobre o fato de que as ações e as escolhas indígenas deram limites e possibilidades aos processos de conquista e colonização das diferentes regiões do Brasil” (ALMEIDA, 2010, p. 20). Difundi-las é tarefa essencial dos educadores.

No ano de 2008 foi promulgada a Lei 11.645 que, em seu Art. 1º, determina que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (Brasil, 2008). Torna-se, portanto, dever da educação assumir o compromisso ético e político pela defesa da pluralidade étnico-cultural dos povos afro-brasileiros e indígenas, ressignificando as atuações destes povos no decorrer de nossa história como sujeitos de fundamental importância na constituição de nossa nação, ampliando o acesso aos recursos didáticos que nos permitam revisitar as memórias do nosso país sob outras perspectivas.

3.2.3.4 Os Pataxó de Cumuruxatiba

Para Maria Geovanda Batista, professora da UNEB no campus Teixeira de Freitas/BA e pesquisadora dos Pataxó de Cumuruxatiba, não pode haver povo socialmente puro. A troca entre os distintos povos é o que torna possível haver humanidade e cultura. “Os Pataxó são a síntese do que resistiu e restou das mais de duas dezenas de etnias com as quais precisou reaprender a conviver e se relacionar” (BATISTA, 2013, p. 07).

O primeiro explorador de areia monazítica em Cumuruxatiba foi um alemão chamado John Gordon. Júlio Rodrigues comprou do alemão a antiga fazenda Caledônia, sesmaria doada ao inglês Charles Fraser.

Em Cumuruxatiba, no ano de 1928, J. Rodrigues montou serraria e passou a administrar a empresa mineradora de extração e comercialização da areia monazítica, implantada desde o final do século XIX [...] soube se beneficiar da mão de obra nativa como todos seus familiares que tinham pequenos negócios no distrito, incluindo fazendas improdutivas na Ponta do Moreira, Imbassuaba e Barra do Kaí (Ibidem, p. 11).

E não termina por aí:

Um processo que ganhou fôlego durante a ditadura militar, após a construção da BR101, em meados dos anos 70, em época muito recente. Quando uma leva de não-índios, de nacionais e alguns estrangeiros começou a chegar com incentivos do

estado brasileiro; atraídos por políticos e empresários que cobiçavam suas terras para extraírem dela a madeira da Mata Atlântica, expandirem suas fazendas e explorarem o turismo e multiplicarem seus negócios. Foi neste contexto de grilagens de terra e impunidades que há mais de 30 anos, empresas de extração madeireira prosperaram em seus negócios regionais, a exemplo das empresas FLONIBRA, Brasil Holanda Indústria S.A (Bralanda) e Vale do Rio Doce (Plantar). No rastro destas grandes empresas vieram novas serrarias com seus trabalhadores mineiros e capixabas, mais experientes no negócio de desmatar, extrair e beneficiar a madeira, exportar, enfim. Assim, aquela antiga “Vila Índia” em muito se transformou, se comparada a Cumuruxatiba de hoje. A densidade populacional concentrada na beira da praia é um fenômeno recente, mas como resultado do processo de povoamento por outros povos, comunidades, núcleos familiares, indivíduos e culturas de várias regiões do país e do mundo. Todos atraídos pela beleza e leveza do lugar (Ibidem, p. 10).

Os Pataxó resistem ocupando as terras onde há 520 anos atrás iniciou-se a invasão portuguesa e ainda seguem sob diversas ameaças de opressão e silenciamentos das suas identidades “pelos velhos métodos empregados há cinco séculos, desde o início da colonização” (Ibidem).

Segundo o professor e pesquisador Paulo de Tássio, os povos indígenas do Nordeste foram considerados como empecilhos à colonização e que por isso deveriam ser retirados de suas terras, dando lugar para a introdução de pastos para gado. “É nesse sentido que o ‘fogo de 51’ é considerado como motor da diáspora Pataxó” (SILVA, 2014, p. 139), desencadeado por uma “verdadeira chacina pela polícia militar do Prado e Porto Seguro, juntamente com capangas de fazenda vizinhas” (Ibidem).

No livro *Leituras Pataxó: Raízes e vivências*, de autoria de mais de 30 professores indígenas Pataxó, o episódio do fogo de 51 é registrado como um terrível massacre e que ainda hoje provoca muita dor e choro quando contado pelos mais velhos:

No ano de 1951 aconteceu uma guerra muito triste em Barra Velha, o capitão da Aldeia Honório Ferreira, junto com outros Pataxó viajaram até o Rio de Janeiro para reivindicar seus direitos à Terra. Ao retornarem vieram acompanhados de dois homens que diziam ser engenheiros e que iriam demarcar as terras. Chegaram na aldeia iludindo os índios para roubar a venda do senhor Teodomiro. Por uma coincidência, ia passando um homem e perguntou: o que está acontecendo? Ele disse: foram os índios que fizeram isso comigo. Este homem foi até a linha do telegrafo e comunicou à polícia de Porto Seguro e Prado. No dia seguinte, de madrugada, os policiais chegaram já atirando. Foi assim que começou o massacre do nosso povo. Estupro de mulheres e espancamentos, crianças morrendo nas pontas das baionetas e muitos índios fugindo para a mata, para se esconder (PROFESSORES INDÍGENAS, 2005, p. 22-3).

Este episódio levou muitos Pataxós a se esconderem nas casas de seus parentes em cidades e localidades vizinhas como Prado, Teixeira de Freitas, Itamaraju, Cumuruxatiba, ou

mesmo em outros estados. “Esconder sua identidade étnica, tornou-se um meio de sobrevivência, aceitando a denominação genérica de ‘caboclos’” (SILVA, 2014, p. 140).

Segundo Cristiane Oliveira, liderança Pataxó da aldeia Kaí, a revitalização cultural dos Pataxó de Cumuruxatiba está diretamente ligada à retomada de suas identidades, de suas terras e das conquistas da educação escolar indígena. Este processo começou justamente quando 120 famílias Pataxó iniciaram o processo de “luta pela retomada e demarcação do território imemorial, em abril do ano 2000, na barra do Kaí” (OLIVEIRA, 2018, p. 18). Catorze dias depois, no dia 18 de abril, os Pataxó foram violentamente expulsos de lá e por isso se alojaram em Cumuruxatiba, no bairro Cantagalo, no quintal da casa de Dona Jovita, Pajé da aldeia Kaí, onde permaneceram por dois anos e meio acampados em barracas e em uma grande oca.

No ano de 2013 decidimos retomar a área do Rio do Peixe Grande e do Moreira, para a reconstrução do espaço produtivo e das moradias de algumas famílias Pataxó da aldeia Kaí. Após um ano de retomada dessa área, iniciou-se um processo judicial com os supostos proprietários da terra, pleiteando sua reintegração de posse. Do ano de 2014 até 19 de janeiro de 2016, foram tempos de luta na justiça para tentar derrubar o processo de reintegração (OLIVEIRA, 2018, p. 19).

Após a publicação no Diário Oficial da União do estudo para a demarcação do direito à Terra dos Pataxó, o que seria motivo de esperança acabou se tornando motivo de medo constante, uma vez que os indígenas se tornaram vítimas de agressões verbais, físicas e constrangimentos diários, conforme registrado em uma carta aberta encaminhada ao Ministério Público Federal e às demais autoridades brasileiras:

Na noite do dia 10 de agosto de 2015 homens encapuzados invadiram a aldeia, realizaram tiros e queimaram uma das nossasocas mais caprichadas, preparada para receber visitas e comercializar nosso artesanato no verão [...] no dia 23 de setembro, pistoleiros fecham a estrada, obrigam crianças e jovens a descer sob tiros, e ateiame fogo no veículo escolar [...] apesar da gravidade da ocorrência, a delegada do Prado não tomou nenhuma providência [...] após o atentado as aulas foram suspensas. Ao mesmo tempo um novo Juíz Federal é designado para Teixeira de Freitas e acelera a concessão de liminares de reintegração de posse de todos os processos que até então aguardavam as decisões para demarcação do território. [...] Como uma ação orquestrada sofremos violência dos proprietários, da justiça, da polícia, do ICMBio. A própria FUNAI não tem assegurado a presença e o acompanhamento da situação (CASTRO; FONSECA, 2019, p. 11).

Segundo relatos de Cristiane Pataxó, em 19 de janeiro de 2016, um grupo de 100 policiais estaduais e federais invadiu a área e expulsaram os Pataxó de seus territórios de forma violenta e humilhante, destruindo casas, o posto de saúde, a oca de cultura além das suas plantações. Passados dois dias dessa ação violenta, os Pataxó receberam decisão

favorável da justiça ao processo de suspensão da liminar que garantiria a reintegração da posse, mas “já era tarde, tudo nosso já estava destruído” (Ibidem, p. 19).

No dia 26 de janeiro de 2016, guerreiros e guerreiras Pataxó, velhos, adultos e crianças das aldeias Kaí e Tibá “pintados e preparados para o enfrentamento” (Ibidem) seguiram em direção à aldeia. As mulheres e crianças cantavam seus hinos de guerra protegidas pela força de “Tupã Niamisú”. “Neste dia conquistamos a nossa terra novamente e daí começamos a batalha para a reconstrução da nossa aldeia”, disse Cristiane (Ibidem).

Os Pataxó de Cumuruxatiba seguem em brava resistência e registram grandes conquistas de resgate das suas tradições, histórias, memórias e ancestralidade. Segundo Wekanã Pataxó Pataxí, mesmo com tantas dificuldades impostas pela “justiça do homem branco”, seu povo avança na posse de suas terras, no resgate de sua língua, o Patxôhã, na reorganização social de suas aldeias, na prática de seus ritos ancestrais e nas memórias de seus antepassados.

Através de nossa luta queremos demonstrar para a nossa nação que somos fortes, que vivemos, que existimos, que temos o propósito de nos envolver no desenvolvimento da nossa nação, de nossa tradição e nossa expectativa de viver totalmente o que somos. (PATAXÍ, 2011, s/p).

3.2.3.5 Considerações parciais

Os copesquisadores e eu, fizemos a leitura deste texto com muita tranquilidade, sem pressa para terminar, parando diversas vezes para comentar certas passagens ou descobrir o significado de uma ou outra palavra desconhecida. Reconheço que o texto foi muito apreciado pelo coletivo. Inicialmente houve quem achasse o texto grande, mas, por fim, achou de muita importância, especialmente “por apresentar outros olhares sobre os povos indígenas brasileiros, principalmente os Pataxó de Cumuruxatiba”, como disse Ester.

Ryan gostou muito de ler sobre os indígenas que já viviam aqui nestas terras antigamente, e nos contou que “antes dos portugueses chegarem, aqui era chamado de Pindorama”.

Eduardo se lembrou de uma música chamada Pindorama que ouviu em um encontro de jovens indígenas, e nos enviou pelo grupo de WhatsApp uma versão cantada por uma amiga sua.

Jamile disse que o texto lhe ajudou a pensar nos povos indígenas “de um jeito diferente, porque geralmente quando a gente lê sobre os índios nos livros eles são considerados selvagens, atrasados, preguiçosos...”.

Rosseline problematizou: “se é obrigação da escola ensinar a verdadeira História dos africanos e dos indígenas, por que isso não acontece até hoje?”.

As citações do texto escrito por Cristiane Oliveira, liderança da aldeia Kaí, causou reações: “É a Fia?”, “É ela sim”. “Eu conheço a Fia”.

Ryan nos disse que “Vó Zabelê veio fugida de Barra Velha quando aconteceu o fogo de 51...” e que gostou muito do texto porque “_É um jeito da gente se reconhecer na História”.

Nas palavras de Eduardo, “muitas das coisas que o texto trouxe, eu já sabia, não é novidade. Aprendi com os meus parentes. Lá na aldeia (Tibá) a gente conversa muito sobre isso”.

Ester pediu uma cópia do texto para ser trabalhado com a sua turma, na aula de História, com a professora Cássia, na escola Kijetxawê Zabelê, anexo Kaí.

Ramone contou emocionada que começar a estudar na escola indígena Kijetxawê Zabelê, na aldeia Kaí, foi muito importante para o fortalecimento de sua identidade Pataxó. “Antes eu ficava sem jeito de falar que eu era Pataxó por causa do meu cabelo cacheado. As pessoas pensam que índio tem que ter o cabelo liso. Lá na aldeia eu entendi que eu sou Pataxó mesmo com o meu cabelo cacheado”.

Fotografia 08 – Pesquisa teórica/3



Fonte: Acervo Beira Mar

Uma das estudantes disse que precisava nos dizer algo. Ela não estava se sentindo confortável, porque a sua família havia vivido uma questão envolvendo conflitos de terras e os Pataxó. Nas palavras dela, “era uma terra que eles (os familiares) lutaram muito para

comprar e depois os índios estavam falando que era deles. E eu não concordo, não acho isso certo”, nos contou.

Outro estudante, Pataxó, disse que “a demarcação de terras é um direito que nós indígenas temos porque nós tivemos nossas terras roubadas há muito tempo”. Outra completou: “E até hoje a gente sofre com isso... e leva é tiro... colocam fogo nas casas”.

Ela disse que gostava muito de todo mundo e que gostava muito de fazer teatro, mas que não estava a fim de continuar. Muitos argumentaram para ela ficar. Ela disse que iria pensar, mas logo mais nos mandou uma mensagem no grupo do WhatsApp dizendo que os horários não estavam bons para ela, que estava “acumulando coisas da escola” e que por isso estava saindo do grupo, e finalizou dizendo: “assim que eu me organizar e ainda der eu volto”.

Mandei uma mensagem para ela: “acho uma pena que você tenha saído do Mutirão. Estou à disposição para conversarmos sobre os seus motivos e quem sabe chegarmos a um novo entendimento. Um grande abraço e seja sempre muito bem-vinda”.

3.3 Pesquisas de campo: vivências junto às comunidades e lideranças Pataxó

Ao pisar em território sagrado é primordial pedir licença, agradecer a oportunidade e chegar com humildade. É preciso se apresentar aos mais velhos e pedir a benção para entrar, sentar e ouvir tudo o que eles têm para nos contar. Aprender bem aprendido as histórias de uma Cumuruxatiba que, quando a gente visita pela primeira vez, a gente não faz ideia. E para se conhecer a história de Cumuru é preciso conhecer as histórias dos Pataxó.

Após todas essas etapas de “Pesquisas Teóricas” partimos para as “Pesquisas de campo”. Foram diversos encontros com diversas lideranças Pataxó: dialogamos com anciãs e anciãos, crianças, caciques, pajés, militantes, estudantes, professoras(es). Os encontros aconteceram nas aldeias, nas escolas e em suas casas. Chamarei este momento de “Pesquisas de Campo: vivências junto às comunidades e lideranças Pataxó” e o subdividirei em dois momentos complementares: Intercâmbios de Saberes e Rodas de Conversas.

Os intercâmbios de saberes foram os encontros entre as copesquisadoras e as escolas indígenas, nos quais professores e estudantes tiveram a oportunidade de trocar experiências de ensino-aprendizagens.

As rodas de conversas foram os encontros entre os copesquisadores e algumas anciãs e lideranças Pataxó de Cumuruxatiba, realizados com o intuito de ouvirmos suas histórias e

ensinamentos, para conhecermos a localização geográfica e organização social de suas aldeias e, finalmente, nos aproximarmos de suas culturas.

3.3.1 Os Intercâmbios de Saberes

Em parceria com as professoras Kayanalu, Marineide e Lôra e com o professor Igino da Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, núcleo Kaí, promovi três encontros, entre os copesquisadores do Mutirão e as turmas do 4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental II, que chamei de Intercâmbios de Saberes.

Fotografia 09 – Intercâmbio de Saberes/1



Fonte: Acervo Beira Mar

A aldeia Kaí está localizada no começo da estrada para a Barra do Cahy, na região da Ponta do Moreira. Nosso trabalho foi concentrado na sede da escola e na oca de cultura.

Os copesquisadores e eu oferecemos alguns exercícios e jogos teatrais a fim de apresentar um pouco do que estávamos vivendo em nosso processo de Criação Artística. Os estudantes e as professoras da Kijetxawê Zabelê nos ofereceram algumas histórias, danças e canções Pataxó, passeios na represa e no mirante do Moreira.

O trabalho oferecido pelos copesquisadores foi planejado em conjunto, a partir do repertório de exercícios e jogos que já vínhamos trabalhando nos espaços de Criação Artística. Perguntei a eles e elas sobre quais exercícios e jogos seriam interessantes para estimular a consciência e a expressão corporal, a improvisação e a criação de pequenas cenas: Hannah sugeriu que em algum momento fizéssemos o “contato-improvisação”; Isadora disse que “os encontros com música são os melhores”; eu considerei importante iniciar com um

momento de alongamento e aquecimento corporal; Eduardo propôs o jogo do “hipnotizador-hipnotizado”. Rosseline sugeriu o jogo “O quê que você tá fazendo?” Jamile sugeriu o “Platô” e Damares o “pique-queimada”. Levantamos várias possibilidades de jogos, mas não jogamos todos. É importante estar atento em como o coletivo reage a cada jogo. Há jogos que são ótimos com alguns grupos, mas acabam ficando muito chato com outros. Deve-se tomar o cuidado para não insistir em um jogo que as pessoas não estejam interessadas, ou interromper quando elas estão muito interessadas. É fundamental a quem orienta este trabalho saber ouvir e deixar fluir.

Apresentarei abaixo alguns momentos destes encontros:

1) Comecei com um jogo de apresentação inspirado no *batizado mineiro*, de Augusto Boal. Com todo o coletivo em roda eu convido um voluntário para começar. Este “diz seu nome, diz uma palavra que comece com a primeira letra do seu nome e que corresponda a uma característica que possui, fazendo um movimento rítmico que corresponda a essa palavra” (BOAL, 2015, p. 141). Por exemplo, para o meu nome Edson eu disse a palavra “estrada” e fiz um movimento de encostar as mãos na direção do peito, esticar os braços e abri-los cada um para um lado. O próximo deveria dizer o seu nome, a sua palavra, e fazer o seu movimento, mas antes deveria repetir o meu nome, a minha palavra e o meu movimento, e assim sucessivamente, cada um que se apresentasse enunciaria antes o nome, a palavra e o movimento de todas as pessoas que o antecederam.

2) Em seguida guiei uma série de exercícios envolvendo o movimento de partes específicas do nosso corpo: cabeça, pescoço, ombros, peito, costas, cintura, quadril, joelhos, pés e coluna, a fim de darmos atenção e percebermos cada uma delas e as suas relações com todo o corpo. Por exemplo, girar a cabeça para a direita; mover os ombros para cima e para baixo, para frente e para trás; girar os braços para frente; perceber a relação entre peito e costas: quando um se estende, o outro se contrai e vice-versa; enrolar e desenrolar a coluna; flexionar os joelhos e girar os pés. Estes exercícios são ótimos para alongar e aquecer o corpo, evitando lesões e dores.

3) Na sequência Damares conduziu o jogo do pique-queimada. Ela explicou como se joga: duas pessoas serão os pegadores e os demais não podem deixar-se ser pegos. Um dos pegadores vai ter uma bola na mão e vai usá-la para pegar os outros. Quando o pegador encostar essa bola nos outros jogadores eles também se tornam pegadores. Só que, quando um pegador estiver com a bola, ele não poderá correr e nem sair do lugar, como se o seu pé colasse no chão. Os pegadores precisam criar estratégias para pegarem os outros jogadores. O jogo termina quando todos forem pegos. Damares pediu que alguém se voluntariasse a ser

pegador junto com ela. Oton topou na hora. O jogo foi muito bom para o grupo criar afinidades, soltar o riso, diminuir a timidez e para aquecermos nossos corpos.

Fotografia 10 – Intercâmbio de Saberes/2



Fonte: Acervo Beira Mar

4) Pedi a todos que simplesmente caminhassem pela sala. “Sem deixar nenhum espaço vazio na sala todos os atores deverão caminhar com rapidez (sem correr) de maneira que seus corpos estejam sempre mais ou menos equidistantes de todos os outros e que estejam todos espalhados pela sala” (BOAL, 2015, p. 163). Boal sugere mais de sete variações para este exercício-jogo, mas utilizei outra diferente e o interessante é justamente isso, que cada educador invente e reinvente os jogos.

Enquanto o grupo de copesquisadoras e estudantes da Kijetxawê Zabelê caminhavam, fui dando algumas orientações: Respirem! Relaxem os braços! Prestem atenção nos seus colegas! Quando passar por alguém olhe em seus olhos! Mude de direção! Busquem outros caminhos! Toquei no pandeiro alguns ritmos: o toque gingado da capoeira angola, um samba e um baião. Também estabelecemos alguns códigos, por exemplo: “quando eu tocar o samba vocês caminham para trás acompanhando a velocidade que eu tocar”; “quando eu tocar o baião vocês dão um salto”; “quando eu tocar angola vocês caminham com mãos e pés no chão”. Experimentamos também variar velocidades diferentes: suas caminhadas deveriam acompanhar o tempo marcado pelo pandeiro. Os ritmos escolhidos (capoeira, samba e baião) são muito presentes em Cumuruxatiba e, talvez por isso, muitas crianças começaram a caminhar gingando ou dançando, pois estão familiarizadas com estes ritmos. Houve também algumas que, inicialmente, tiveram dificuldade em perceber a mudança rítmica, mas ao longo do exercício foram compreendendo. “Mudar nossa maneira de andar nos faz ativar certas

estruturas musculares pouco utilizadas e nos torna mais consciente do nosso próprio corpo e de suas potencialidades” (Ibidem, p. 110).

Fotografia 11 – Intercâmbio de Saberes/3



Fonte: Acervo Beira Mar

Perguntei se algum deles gostaria de tocar o pandeiro e o Rafa aceitou na hora. “Você sabe tocar?” Perguntei. “Sei”, respondeu logo. Entreguei-lhe o pandeiro e ele começou a bater... ficou ali um tempo, até que falou: “Agora me ensina o que você tava fazendo?”. Ensinei uma batida de angola e pedi que ele começasse bem devagar e depois, quando quisesse, acelerasse ou desacelerasse: tum - tá - tum - (pausa). Enquanto isso os outros caminhavam conforme o tempo que ele tocava. Essas variações vão trazendo a necessidade de concentração e escuta: é preciso estar atento para qual ritmo está sendo tocado e qual movimento se relaciona com ele.

Este exercício também pode ser realizado utilizando-se um som mecânico. O grupo pode montar uma sequência de músicas, de preferência com ritmos bem variados!

5) Eduardo e eu orientamos o jogo do hipnotizador-hipnotizado, inspirado no hipnotismo colombiano, de Augusto Boal:

Um ator põe a mão a poucos centímetros do rosto de outro e este, como hipnotizado, deve manter o rosto sempre à mesma distância da mão do hipnotizador [...] inicia uma série de movimentos com as mãos, para cima e para baixo, para os lados, retos, redondos, fazendo com que o companheiro faça com o corpo todas as estruturas musculares possíveis, a fim de se equilibrar e manter a mesma distância entre o rosto e a mão (BOAL, 2015, p. 101).

Fotografia 12 – Intercâmbio de Saberes/4



Fonte: Acervo Beira Mar

Este jogo é muito bom para o nosso autoconhecimento corporal. Em nosso dia a dia estamos habituados a uma rotina de movimentos: andar, sentar, levantar, comer, andar de bicicleta etc., e aqui tivemos a oportunidade de experimentar diferentes possibilidades de movimentos, variando alturas, apoios, ritmos e musculaturas. No começo percebi certa timidez e medo de parecerem bobos, mas à medida que o jogo foi acontecendo, o coletivo foi ficando mais à vontade e se entregando à brincadeira.

6) “O quê que cê tá fazendo?” foi sugestão de Rosseline. Para ela este jogo nos estimula a fazer o que ela mais gosta, que é interpretar cenas. Eu o conheci no Teatro Universitário da UFMG com o mestre Fernando Limoeiro, e eu gosto muito de usá-lo porque é muito divertido, estimula a imaginação, a criatividade e exercita a criação de cenas.

Organizamos-nos em roda e eu pedi duas pessoas voluntárias. Thiago disse logo: “Eu, eu, eu... deixa eu?”. “Eu também vou”, falou Carlos Antônio. Thiago estava no centro da roda, onde é o nosso palco. Carlos Antônio se aproximou e perguntou: “Thiago, o que você tá fazendo?”. Thiago pensou, pensou... e respondeu: “Estou jogando bola”, e saiu de cena. E foi Carlos Antônio quem representou a ação de “jogar bola”. E assim seguimos até que todos tivessem participado: quem pergunta representa em cena a ação dita por aquele que respondeu. Este jogo foi muito divertido e muitas imagens interessantes foram criadas: “Estou pescando! Estou jogando capoeira! Estou jogando free-fire! Estou tomando banho de mar! Estou nadando! Estou cagando! Estou dançando!”.

7) Xica teve uma ideia: “Vamos cantar a música do passarinho?”. Pareceu uma ótima ideia porque suas colegas ficaram animadas para brincar. “É assim: a gente fica em roda fazendo assim com os braços (balançou os braços para cima e para baixo) como se fosse um passarinho batendo asa...”. Carlos Antônio completou: “e outros dois vão ficar no meio da roda pulando de um pé só e batendo o outro pé-com-pé. É fácil”. Enquanto isso acontece, todo mundo canta, primeiro em patxôhã e depois em português:

Giktaíá torotê sũniatairá
 Giktaíá torotê sũniatairá (2x)
 Hũ kotenokô sũniataxó bayxú olê lê
 Tornõ naxoxirá bayxú olá lá
 Hãhũhêhê-haá olê lê
 Hãhũhêhê-haá olá lá

Passarinho tá cantando
 Passarinho tá cantando (2x)
 Com seu canto bonito, olê lê
 Vai voando bonito, olá lá
 Chama há, há, há, olê lê
 Chama há, há, há olá lá.
 (SANTANA, 2016, p. 45)

Esta brincadeira já havia sido levada para os encontros de Criação Artística por Eduardo, Ryan e Emanuel.

8) Oton teve outra boa ideia: “Vamos mostrar pra eles a história da Vó da Mata?”. Fiquei curioso para conhecer. Oton nos contou que “A história tá escrita no livro e foi as meninas que fez”. A professora Marineide disse que o livro estava na escola e sugeriu que a gente fosse para lá. Sentamo-nos em uma mesa ali perto e cada um leu um trecho desta linda história escrita a “doze mãos”: Xica, Janaíri, Keilinha, Laís, crianças estudantes da Kijetxawê Zabelê e por Cacá e Laura, artistas organizadoras do projeto Edições Zabelê:

“IAMANI
 Era uma vez: uma mãe dágua
 Ela era linda
 Inteligente
 Muito, mas muito esperta.

Sereia pescadora,
 Ela gostava
 De pedras, peixes e penas para fazer brincos.

A mãe dágua adorava olhar as nuvens,
 Seu espelho era belo e
 Cheinho de conchas.

Seu cabelo verde

Iluminava tudo
Toda vez que ela saía da água.

MÃE DÁGUA PROTETORA,
SEU ESPELHO
BRILHA
EM MIM.
Escreveu Xica pensando na sereia.

Xica um dia decidiu chamar por ela. Caminhou pela mata e chegou no mar. Lá encontrou a mãe d'água na Praia do Moreira. Muito animada, disse pra ela:
_oi, mãe d'água! Você é linda!

Assim que Xica falou com a sereia, se lembrou de sua vó dizendo que se ouvisse a voz dela poderia cair em seu encanto. Então, ela saiu correndo no mato, rindo muito de felicidade de ter se encontrado com a mãe d'água.

Foi aí que surgiram duas bruxas: Fernanda e Maria.
E agora?
Xica estaria em perigo?

As duas bruxas brigaram com ela e disseram que ela não podia ficar ali, que a mata era delas. O quê? A mata era delas? Se Xica morava ali e sua mãe, suas irmãs e sua vó E seus parentes todos?

Foi aí que Xica fechou os olhinhos, toda
Encantada e pediu ajuda aos seres
Guardiões daquela MATA MAR.

DE REPENTE

Uma gigante apareceu: a vó da mata!

A vó da mata expulsou as bruxas dali.
Aliás!
Não!
Transformou elas em Javalis.

Xica sorriu mais uma vez, encantada, e foi contar toda a aventura para os colegas na Kijetxawê Zabelê, sua escola. Nesse momento, uma zabelê passou cantando, guardando vivas todas as mais velhas da comunidade que encantam e ensinam crianças, jovens e adultos daquele lugar” (KIJÊTXAWÊ ZABELÊ, 2019, p. 37).

Fotografia 13 – Intercâmbio de Saberes/5



Fonte: Arquivo Beira Mar

9) As crianças nos levaram para uma caminhada pela aldeia: descemos uma ladeira atrás da Kijetxawê Zabelê e logo ali embaixo estava a represa. Linda! Com suas águas verdes margeadas pela mata. “Eu devia ter trazido roupa pra tomar banho!”, disse Wirã lamentando. “Edson, tira uma foto minha aqui perto da água?”, pediu Carlos Antônio. Ficamos ali um tempinho no silêncio da mata e das águas, conversando, até que alguém sugeriu: “Vamos subir? A gente vai por essa trilha aqui que a gente vai sair lá no alto perto da estrada”. Seguimos trilha à cima. No alto, perto de uma casa, havia um coqueiro carregado de coco.

_“Quem quer coco?” Perguntou uma das crianças...

_“Eu...”.

_“Eu...”.

_“Eu...”.

Todo mundo queria, inclusive eu, mas fiquei preocupado: “Gente, o dono da casa vai achar ruim da gente pegar os cocos dele”.

_“Vai não... ele deixa.”

Pegaram uns cinco cocos e levaram para abrir lá na escola, com um facão. Ao chegarmos à escola a professora Kayanalú disse logo: “Já falei pra não pegar o coco da casa dos outros. Onde foi que vocês pegaram? Ele vai arretar com vocês e eu não vou falar nada”.

Fotografia 14 – Intercâmbio de Saberes/6



Fonte: Acervo Beira Mar.

10) Seguimos a leste da oca de cultura em direção ao mirante da praia do Moreira. Era outono e estava um dia especialmente bonito: o céu estava tão azul com algumas nuvens a oeste e o mar era uma mistura de tantos tons azuis e verdes que eu não consigo descrever tanta beleza! Uma faixa de um azul mais escuro delimitando o horizonte vinha seguida de tons mais claros que iam se misturando com outros diversos tons de verdes. A maré estava baixa formando muitas espumas brancas e pequenas ondas. “Vamos descer pela trilha até a praia?”, sugeriu Thiago. As crianças adoraram a ideia. A professora Kayanalú lembrou-nos que não tínhamos muito tempo e que dali a pouco já seria a hora de irem para casa. Quando voltamos para a Kijetxawê Zabelê encerramos a manhã com um animado jogo de queimada.

Figura 15 – Intercâmbio de Saberes/7



Fonte: Acervo Beira Mar

11) Visitamos as barracas de artes e artesanatos da aldeia Kaí, aonde havia muitos colares feitos de sementes, cocares, apitos, vestidos, bermudas, anéis, brincos, arco-e-flechas, zarabatanas, cestos, chapéus etc.

12) Marineide, Kayanalu e Lôra nos falaram sobre algumas características e desafios da educação indígena: o ensino abrange as mesmas disciplinas da educação não-indígena. No que se refere ao ensino de línguas podemos dizer que é bilíngue, já que os estudantes aprendem tanto o Português como o Patxôhã (a língua Pataxó) e ainda possuem aulas específicas sobre a cultura dos povos indígenas (pinturas, cantos, danças...) a fim de fortalecer memórias e identidades. A professora Lôra nos contou que trabalhou as ervas medicinais em suas aulas de Química do Ensino Médio. Os estudantes fizeram um livro com as ervas catalogadas e seus diversos usos medicinais.

Muitas estudantes reconhecem que quando se transferiram da escola não-indígena para a Kijetxawê sentiram as suas identidades Pataxó fortalecidas. Os anciãos são suas grandes

fontes de pesquisa para os saberes, as histórias, a cultura e as sabedorias Pataxó, mas também se utilizam das tecnologias para a difusão do conhecimento: internet, computadores, smartphones, recursos audiovisuais etc.

Fotografia 16 – Intercâmbio de Saberes/8



Fonte: Acervo Beira Mar

3.3.2 Rodas de conversas

Eu e o coletivo de copesquisadores visitamos as aldeias Kaí, Tibá, Pequi e Dois Irmãos: cada uma delas em uma região diferente de Cumuruxatiba, com suas paisagens naturais próprias, suas histórias, suas formas de organização. Suas lideranças partilharam muitas histórias e demandas comuns e, ao mesmo tempo, cada uma nos trouxe narrativas próprias e demandas específicas. Em todas as visitas nos foi apresentado uma perspectiva diferente sobre o Ser-Pataxó que se complementavam entre si, revelando-me sua grandiosidade e riqueza, trazendo-me o entendimento de que, quanto mais eu conhecia, muito mais havia por saber.

Neste momento foi muito importante o diálogo com a sociopoética de Gauthier, sobretudo quando ele nos alerta que

Mesmo no caso, muito frequente, do facilitador da pesquisa chegar com seu projeto de pesquisa, sua própria vontade de saber sobre um tema por ele escolhido, ele pode descobrir, ao confrontar-se com o pensamento do grupo-facilitador, que o seu tema de pesquisa inicial, não era pertinente, ou não interessava ao referido grupo. É, logo, importante identificar a demanda de saber do grupo (GAUTHIER, 1999, p. 43).

A partir deste entendimento, eu e o grupo copesquisador elencamos alguns assuntos que gostaríamos de conversar com cada liderança, em cada comunidade. A princípio não

apresentávamos nossas questões, mas pedíamos que nos contassem as histórias que quisessem, que se sentissem à vontade para falar sobre o que achassem importante a gente saber sobre Cumuruxatiba e sobre os Pataxó. Na medida que a conversa ia acontecendo, a gente colocava nossas dúvidas, curiosidades e interesses.

Conversamos com cada liderança sobre a importância de gravarmos as conversas para que no momento da transcrição elas fossem registradas com a máxima fidelidade ao que foi dito, tornando, inclusive, a leitura mais calorosa, aproximando o leitor o do jeito que cada pessoa tem de falar.

No processo de criação da dramaturgia foi necessário que eu e as copesquisadoras fizéssemos um recorte de todos os depoimentos das lideranças que foram as inspirações de tantos dos assuntos que abordamos em nossa criação artística, inclusive alguns trechos que se tornaram, na íntegra, falas das personagens. Este recorte será analisado a seguir, na seção Criação Artística, quando apresentarei o processo criativo de cada cena.

A leitura de cada uma destas entrevistas transcritas complementa os conhecimentos Pataxó sintetizados na dramaturgia e estarão disponíveis, na íntegra, no Anexo 1 desta pesquisa, com a indicação da localização e da identificação de cada um dos depoentes.

3.4 Criação Artística

Descreverei agora o processo criativo da peça teatral *Muká-Mukaiú – a favor da nossa Mãe-Terra*, que resultou na dramaturgia homônima, produto desta pesquisa.

Como já dito anteriormente, este processo criativo é profundamente inspirado nos diálogos com as comunidades indígenas Pataxó de Cumuruxatiba, nas diversas visitas que fizemos aos mais velhos, às lideranças e às aldeias e também nos estudos que fizemos nas Pesquisas Teóricas, e que já foram detalhadamente apresentados.

Para fins didáticos, a criação artística será apresentada em três principais etapas, mas é importante frisar que na prática estão todas integradas: 1) descolonização dos corpos; 2) improvisação e criação de cenas e dramaturgia; 3) ensaios e apresentações.

3.4.1 Descolonização dos corpos

Para tratar da descolonização dos corpos apresentarei antes a questão das relações entre o corpo e o não-corpo na perspectiva eurocêntrica de produção de conhecimentos, segundo Quijano (2005).

A idéia de diferenciação entre o “corpo” e o “não-corpo” na experiência humana é virtualmente universal à História da humanidade, comum a todas as “culturas” ou “civilizações” historicamente conhecidas. Mas é também comum a todas – até o aparecimento do eurocentrismo – a permanente co-presença dos dois elementos como duas dimensões não separáveis do ser humano, em qualquer aspecto, instância ou comportamento. O processo de separação destes elementos do ser humano é parte de uma longa história do mundo cristão sobre a base da ideia da primazia da “alma” sobre o “corpo”. Porém, esta história mostra também uma longa e não resolvida ambivalência da teologia cristã sobre este ponto em particular. Certamente, é a “alma” o objeto privilegiado de salvação. Mas no final das contas, é o “corpo” o ressuscitado, como culminação da salvação. Certamente, também, foi durante a cultura repressiva do cristianismo, como resultado dos conflitos com muçulmanos e judeus, sobretudo entre os séculos XV e XVI, em plena Inquisição, que a primazia da “alma” foi enfatizada, talvez exasperada. E porque o “corpo” foi o objeto básico da repressão, a “alma” pôde aparecer quase separada das relações intersubjetivas no interior do mundo cristão. Mas isto não foi teorizado, ou seja, não foi sistematicamente discutido e elaborado até Descartes, culminando no processo da secularização burguesa do pensamento cristão. Com Descartes o que sucede é a mutação da antiga abordagem dualista sobre o “corpo” e o “não-corpo”. O que era uma co-presença permanente de ambos os elementos em cada etapa do ser humano, em Descartes se converte numa radical separação entre “razão/sujeito” e “corpo”. A razão não é somente uma secularização da ideia de “alma” no sentido teológico, mas uma mutação numa nova id-entidade, a “razão/sujeito”, a única entidade capaz de conhecimento “racional”, em relação à qual o “corpo” é e não pode ser outra coisa além de “objeto” de conhecimento. Desse ponto de vista o ser humano é, por excelência, um ser dotado de “razão”, e esse dom se concebe como localizado exclusivamente na alma. Assim o “corpo”, por definição incapaz de raciocinar, não tem nada a ver com a razão/sujeito. Produzida essa separação radical entre “razão/sujeito” e “corpo”, as relações entre ambos devem ser vistas unicamente como relações entre a razão/sujeito humana e o corpo/natureza humana, ou entre “espírito” e “natureza”. Deste modo, na racionalidade eurocêntrica o “corpo” foi fixado como “objeto” de conhecimento, fora do entorno do “sujeito/razão” (QUIJANO, 2005, p. 128-9).

Neste contexto posso dizer que ao longo de nossas diversas relações sociais seguimos colonizados por uma cultura eurocêntrica que vai ensinando-nos como devemos e podemos ser. Isso acontece por influência da família, da escola, da igreja, dos amigos e, sutilmente, sem se dar conta da violência que isso representa, vamos nos encaixotando de diversas maneiras: aprendemos que existe um jeito certo de ser homem e um jeito certo de ser mulher; um jeito bonito de nos vestirmos; um jeito aceitável de usar nossos cabelos; que existe cabelo bom e cabelo ruim; aprendemos que existem cor de peles mais bonitas que outras; que homem não chora; e que ser homossexual é motivo de vergonha. Parece piada, mas ainda hoje se escuta dizer que menina veste rosa e menino veste azul. Nascemos em um mundo hierarquicamente organizado em valores entre o normal e o anormal, o aceitável e o ridículo, o melhor e o pior. Na televisão e na internet, milhares de definições sobre o que é um corpo bonito e saudável vão nos apontando um ideal a ser seguido e nos sobra muito pouco espaço para manifestarmos a nossa diversidade. É preciso muito entendimento, luta e resistência na caminhada de nos

aproximarmos daquilo que nos faz naturalmente únicos, das nossas expressões e da nossa identidade. Justamente por isso é importante mencionar aqui a existência de teorias e práticas de contestação desta sociedade normativa e das suas múltiplas formas de exclusão.

A teoria queer afirma-se no começo dos anos 1990 (Teresa de Lauretis, Judith Butler). [...] Em oposição à ideia de uma assimilação de mulheres e minorias sexuais ao sistema social atual, a teoria queer vê, nesses grupos, sítios de contestação social e de desconstrução política das normas majoritárias (não somente em termos de gênero e sexualidade, mas também em termos de raça, classe, nacionalidade e, em geral, das normas corporais). [...] A identidade tem um valor estratégico para formular reivindicações radicais, para pautar ações políticas, mas ela deve ser considerada como uma construção dinâmica e mutável, sempre historicamente transformada e renegociada, e não como uma realidade estável, fixa e natural. Ela é uma estratégia e não uma essência. Nesse sentido, a identidade queer afirma-se enquanto oposição à norma estabelecida e dominante, seja a norma heterossexual, a norma de branquitude, ou o cânone ocidental e burguês (REA e AMÂNCIO, 2018, p. 03-4).

De modo geral, no ambiente escolar não é diferente. Os nossos corpos e os nossos sentidos, são esquecidos em favor de uma exagerada racionalidade que nos distancia, cada vez mais, de nossa imaginação, criatividade, sensibilidades, emoções e intuições.

Em nosso ambiente escolar, essa separação razão-emoção é estimulada. Dentro de seus muros o aluno deve penetrar despindo-se de toda e qualquer emotividade. Sua vida, suas experiências pessoais não contam. Ele ali está apenas para "adquirir conhecimentos", sendo que "adquirir conhecimentos", neste caso, significa tão-somente "decorar" fórmulas e mais fórmulas, teorias e mais teorias, que estão distantes de sua vida cotidiana (DUARTE JUNIOR, 1991, p. 32).

A própria organização espacial da sala de aula de uma escola tradicional irá contribuir para a total anulação do corpo em seus processos de aprendizagem. Quem não viveu (como estudante e/ou professor) a imagem de estudantes sentados enfileirados, com as pernas presas embaixo de uma mesa mirando, silenciosamente, a figura do(a) professor(a). Tudo o que interessa aos estudantes é copiar o que o professor escreve no quadro e fala. Uma atividade essencialmente mecânica, lógica, racional. Nossos corpos são limitados a movimentos como ir e vir, sentar e levantar, caminhar, escrever, digitar... o corpo sempre em função de algo, cumprindo um objetivo, uma tarefa.

Na batalha do corpo contra o mundo, os sentidos sofrem, e começamos a sentir muito pouco daquilo que tocamos, a escutar muito pouco daquilo que ouvimos, a ver muito pouco daquilo que olhamos. Escutamos, sentimos e vemos segundo nossa especialidade. Os corpos se adaptam ao trabalho que devem realizar. Essa adaptação, por sua vez, leva a atrofia e à hipertrofia (BOAL, 2015, p. 99).

Posto tudo isso posso dizer que a descolonização dos corpos, por mim proposta, tem por principal objetivo desenvolver um processo de tomada de consciência corporal que será também um processo de autoconhecimento, fundamental para a expressividade teatral. Os copesquisadores foram estimulados a pesquisarem, conhecerem e criarem artisticamente, a partir de seus corpos, em diálogo com um repertório de exercícios e jogos adquiridos ao longo da minha experiência artística, com especial destaque para o curso de formação de atores do Teatro Universitário da UFMG (T.U/UFMG); os estudos de capoeira e dança afro-brasileira junto aos grupos Comunidade Capoeira e Sermovimento, ambos de Cumuruxatiba; nos diálogos e intercâmbios com o grupo Afro-Indígena de Antropologia Cultural - Umbandaum, de Caravelas e ainda nos estudos teórico-práticos que venho desenvolvendo com o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, sobretudo em seu repertório de exercícios e jogos.

Utilizo a palavra “exercício” para designar todo movimento físico, muscular, respiratório, motor, vocal que ajuda aquele que o faz a melhor conhecer e reconhecer seu corpo, seus músculos, seus nervos, suas estruturas musculares, suas relações com os outros corpos, a gravidade, objetos, espaços, dimensões, volumes, distâncias, pesos, velocidades e as relações entre essas diferentes forças. Os exercícios visam a um melhor conhecimento do corpo, de seus mecanismos, suas atrofias, suas hipertrofias, sua capacidade de recuperação, reestruturação, rearmonização. É uma reflexão física sobre si mesmo [...] os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. Os jogos são um diálogo, eles exigem um interlocutor, eles são “extroversão”. Na realidade, os jogos e exercícios que aqui descrevo são antes de tudo “joguexercícios”, havendo muito de exercício nos jogos e vice-versa. A diferença é, portanto, didática (BOAL, 2015, p. 97).

No começo de todo encontro de Criação Artística eu propunha aos copesquisadores joguexercícios que os fizessem prestar mais atenção em seus corpos em suas diversas e específicas partes: cabeça, pescoço, ombros, braços, mãos, quadril, coxas, joelhos, pés, coluna etc., buscando a consciência de cada pedacinho do corpo e suas relações entre si; Considero esta consciência fundamental para preparar o corpo para o trabalho físico, prevenindo lesões e machucados; O movimento constante da respiração a relação entre tensão e relaxamento musculares o repertório infinito de movimentos foram também foco de nossa investigação. É importante dizer que este momento de descolonização dos corpos aconteceu em paralelo às pesquisas teóricas e às visitas às aldeias.

Disponibilizarei no Anexo 2 desta pesquisa alguns destes exercícios e jogos, lembrando que muitos já foram descritos quando fiz a apresentação dos Intercâmbios de Saberes, em conjunto com a escola Kijetxawê Zabelê, anexo Kaí.

3.4.2 Improvisação e criação de cenas e dramaturgia

Ao longo de toda a pesquisa foram muito comuns os momentos em que surgiam ideias de cenas. A cada leitura um novo assunto nos despertava interesse, em cada conversa com cada liderança Pataxó uma nova ideia de cena se iluminava. Uma música aprendida com Jovita e sua viola ganhava logo um lugar na trama.

Não nos convém pensar a criação de cenas separada da criação de dramaturgia. Não terminamos o roteiro para depois ensaiar as cenas. Em alguns casos, na medida em que as cenas eram improvisadas, eram registradas em textos e estes textos serviam de base para as próximas improvisações.

A criação do roteiro foi um processo também corporal, assim como o trabalho corporal representou um processo de criação dramaturgic. O senso comum nos leva a pensar sempre em uma escrita solitária, com a bunda sentada na cadeira, em uma mesa diante de papel e caneta ou um computador. Também é muito comum que as pessoas pensem no roteiro como base para a cena. A partir do texto se constrói as personagens. Apenas depois do texto impresso e em mãos é que se começa a pensar corporalmente, a investigar personagens, a decorar os textos.

Lembro-me quando, certa vez, Isadora, Layza e Jamile me perguntaram: “Como será o nosso roteiro?”, “O que eu vou precisar decorar?”. E se espantaram quando eu disse “Eu não sei. A gente vai construir juntos”. De modo geral podemos dizer que o texto é que brotou das cenas. A improvisação de cenas trouxe as personagens com suas ações e falas que foram registradas no roteiro.

Começamos com uma tempestade de ideias, registrando no notebook quais eram os assuntos que não podiam ficar de fora de nossa história. Foram eles: a pesca, Yemanjá, Iara, o rio da barrinha, o desmatamento, o fogo de 51, o território Pataxó, as lutas e conquistas Pataxó, a agroecologia. Identificamos como ponto comum, entre todas as conversas com todas as lideranças Pataxó, a importância de ressignificarmos nossa relação com a natureza, sobretudo como uma questão de sobrevivência humana.

Fotografia 17 – Organização do texto dramático/1



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 18 – Organização do texto dramático/2



Fonte: Acervo Beira Mar

Chamei a atenção das copesquisadoras que temas como a pesca, Yemanjá, Iara, o rio da barrinha foram representados pelo grupo de teatro Beira Mar, em 2018, na peça *O Rio da Barrinha de Cumuru*, livremente inspirado no roteiro *O rio e o Mar*, de Itamar dos Anjos, um amigo e artista de Caravelas/BA, sob minha direção e com criação e atuação da grande maioria dos copesquisadores do Mutirão. Hannah Sophia reconheceu que estes são temas também da *Puxada de Rede*, uma representação tradicional em Cumuruxatiba. A puxada de rede foi a primeira peça teatral que eu participei em Cumuruxatiba, organizada pelo Grupo Comunidade Capoeira, sob a direção de Pé de Serra. E, no ano de 2019, Hannah Sophia, Rosseline e Jamile participaram de uma nova montagem desta peça com o grupo, também chamado Puxada de Rede.

Reconheço aqui mais uma vez a manifestação do conceito de "memória coletiva", apresentado anteriormente (WALSH, 2013, p. 26), como sendo aqueles conhecimentos que perpassam todo um grupo; "um conhecimento coletivizado", fundamentado no que a ancestralidade nos ensina e que me faz considerar que os temas desta dramaturgia são importantes para Cumuruxatiba, uma vez que aparecem em outras manifestações artístico-culturais de diversos grupos, em outros tempos e espaços.

“Estes são temas que não podem ficar de fora!”, reconhecemos, os copesquisadores e eu. Mas onde entraria cada história? O que vem primeiro? Como começa? Como termina? Como organizar todas as pesquisas teóricas, de campo e artísticas? Como organizar as histórias ouvidas junto com as histórias vividas? Esse foi o nosso desafio: montar este quebra-cabeças.

Cada cena teve um processo de criação muito específico, sobretudo porque utilizamos linguagens artísticas diversas, como a percussão, o canto, a dança, a narração, a contação de histórias, o teatro épico e o teatro dramático, conforme serão apresentadas a seguir.

3.4.2.1 Um dia de aula

O Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas foi assunto recorrente em nossas pesquisas, sejam as teóricas como as de campo. O Cacique Ricardo, da aldeia Kaí, nos contou: “quando estudava na escola Algeziro, uma escola não-indígena, eu era o único indígena de aldeia, e eu sofria preconceitos por parte de muitos professores, inclusive eu parei de estudar uns três anos por conta de preconceito” (RICARDO, em Anexo 1>Aldeia Kaí).

Este tornou-se então um de nossos temas de improvisação: orientei o Mutirão que, a partir de nossos estudos teóricos, das vivências nas aldeias e de suas experiências como estudantes da educação básica, pública, indígena e não-indígena, improvisassem uma cena representando como são tratadas as questões referentes à história e cultura afro-brasileira e indígena em sala de aula. O coletivo teve aproximadamente cinco minutos para organizar minimamente a situação. Este tempo era apenas para se situarem entre os personagens e não para pensarem ou programarem textos e ações.

Na improvisação via-se algumas pessoas caminhando e conversando em duplas, outros sozinhos, até chegarem ao espaço que eu entendi ser a sala de aula. Alguns ficavam conversando, outros mexendo no celular, outras lendo... Dali a pouco, Rosseline entrou na cena; entendi logo que representava uma professora. Ela assumiu a frente da sala,

cumprimentou a turma, pediu silêncio, pediu que abrissem o livro em uma página determinada e anunciou que começariam um estudo sobre história do Brasil, e lançou a clássica pergunta: “Quem descobriu o Brasil?”. Prontamente uma estudante, interpretada pela Hannah, respondeu: “Pedro Álvares Cabral”. A professora: “Muito bem...”. Antes que ela continuasse, outra estudante, representada pela Camila retrucou: “Não foi não. Pedro Alvares Cabral não descobriu nada... ele invadiu o Brasil. Meus ancestrais já viviam aqui quando os portugueses chegaram...”. Estava dado o conflito.

A cena seguia fluida e ininterrupta e, mesmo aqueles que nos espaços de pesquisa teórica ficavam caladinhos, agora encontravam os argumentos e as ações para defender o ponto de vista de seus personagens. A cena seguiu até o momento em que a professora, abusando do seu poder instituído, mandou todos calarem a boca e copiar o que seria escrito no quadro e ainda marcou uma prova para a semana seguinte. Fui registrando a improvisação, escrevendo suas ações e falas. Ficamos um tempo sem retornar esta história e quando apresentei o esboço de cena aos copesquisadores, estes ficaram felizes de ver os textos fruto de suas improvisações registrados. E daí fomos amadurecendo a cena, reorganizando falas, adicionando textos e nomeando personagens.

3.4.2.2 Um dia de pesca

A pesca é uma tradição muito forte em Cumuruxatiba e em todas as conversas que tivemos com as lideranças Pataxó este foi um assunto recorrente. Arian Pataxó, cacica da aldeia Dois Irmãos, vai no contar que a pesca é uma tradição familiar de fundamental importância, conforme descrito no ANEXO A: “[...] meu pai é pescador minha mãe é marisqueira indígena e eu também como nativa, filha deles, nasci aqui, me criei, casei, tive meus filhos, criei meus filhos, meus netos que tão chegando também e assim a minha luta aqui pelo território é desde criança. Eu sou a única filha em meio a oito irmãos. Meu pai sempre ensinou a eles a profissão da pesca, eles todos são pescador, nunca trabalhou pra fora, nunca saíram... criamos todos aqui em cima desse território. Meus irmãos hoje têm família e vivem da pesca”.

Além disso a grande maioria dos copesquisadores deste Mutirão são de famílias de pescadores e trouxeram muitos relatos que fortaleceram os nossos conhecimentos sobre este ofício. Como exemplo, vejamos o que nos contou o Renan durante uma roda de conversa na aldeia Kaí, conforme descrito no ANEXO A: “Eu perguntando a meu avô esses dias... quando eles iam pescar como que eles não se perdiam porque eles não tinham GPS, nem bússola, nem

nada?... o pessoal fala que é muito pelo monte pascoal, porque você vindo de fora o monte pascoal fica em frente a Barra do Kaí, mas meu avô fala que nem era tanto isso... porque tinha areia monazítica aqui, aí de lá de fora, umas 10, 11 milhas afora você via a praia brilhar por causa da areia... e Cumuruxatiba também era conhecida como praia brilhante, entre os pescadores, porque lá do alto mar você via a praia brilhar... ‘Ali é Cumuruxatiba!’”

Por unanimidade, os copesquisadores e eu, reconhecemos a importância de representarmos esta tradição nesta dramaturgia. “Vamos começar com a pesca? Com os pescadores saindo para pescar e voltando para casa com muitos peixes?”, sugeri Hannah. “Então vamos improvisar essa pescaria.”, eu disse. “Como é que os pescadores fazem pra pescar?”, perguntei.

Rosseline fez um movimento de estar remando, utilizando-se de um remo imaginário. Jamile prontamente começou a remar junto, Camila e Laércio foram atrás. Por fim estavam todas, uma atrás da outra remando e caminhando pelo espaço. Remaram, remaram, remaram e... Chegaram no mar.

Fotografia 19 – A pesca



Fonte: Acervo Beira Mar

“E agora? O que eles fazem?”, provoquei. “Agora eles pescam”. Sugeri Lorena, que assistia à improvisação. “Como é que eles pescam?”, perguntei. E antes que me respondessem com palavras, orientei: “me respondam em cena e não com palavras.” Cada qual ao seu modo começou a improvisar movimentos como colocar a isca no anzol, jogar a linha, esperar o peixe morder a isca e puxar. Eu, observando de fora, pedi que cada um criasse o seu repertório individual de movimentos e que não tivessem pressa na execução de cada um deles. “Prestem atenção no movimento do corpo em cada ação, em cada detalhe e, aos poucos,

comecem a memorizá-los corporalmente”, orientei. Este estudo de ações cênicas eu aprendi quando atuei no “Teatro&Cidade – Núcleo de Pesquisa Cênica do Teatro Universitário da UFMG”, orientado pelo professor Rogério Lopes.

A música veio somar com a cena dos pescadores. Dani trouxe para a sua belíssima voz a música “Suíte do pescador”, de Dorival Caymmi, Rafael a acompanhou no atabaque e eu no pandeiro. Na versão final da dramaturgia a música é de Joabes Cardoso, pescador, meu amigo e filho de Alda Gomes, Pajé da aldeia Pequi.

Logo após a improvisação da cena, conversamos sobre ela. Como a grande maioria são filhos e filhas de pescadores, acostumados a pescar com o pai, com os tios, com os avôs, eles e elas traziam diversos conhecimentos sobre a pesca artesanal em Cumuruxatiba.

“O que vocês usam de isca?”, alguém quis saber. Renan foi quem nos contou: “A gente pesca com camarão, lula, polvo, sarda e outros peixes menores.” “E quais os tipos de peixes?”, outro se interessou. E aí foram muitos que responderam: “giruna, oriocó, sarda, binquara preta, guaiúba, dentão, cação”. “Existe em Cumuru pescadora mulher?”, perguntou Jamile. “Existe, claro. Tem muito mais pescador homem, mas tem mulher também. Tem dona Maria Divina, que pesca ainda hoje”, Respondeu Rosseline. “É mesmo, dona Divina pesca desde criancinha”, outro completou. E assim surgiu o nome da personagem Divina. Os nomes dos outros pescadores foram dados pelos próprios copesquisadores, inspirados no avô, no pai, no tio e no amigo.

Na dramaturgia, inicialmente, havia apenas uma cena de pesca, intitulada “Um dia de pesca”, na qual representávamos a fartura e a diversidade de peixes, porém de outubro a dezembro vivemos em Cumuruxatiba a dura realidade de lidar com o petróleo bruto chegando diariamente às nossas praias.

Oficialmente identificado em 30 de agosto de 2019, um derramamento de petróleo ou óleo bruto atingiu a costa brasileira e alcançou a faixa litorânea de 4.334 km em 11 estados do Nordeste e Sudeste, 120 municípios e 724 localidades até 22 de novembro de 2019. Esse desastre vem sendo considerado como o maior derramamento de óleo bruto da história do país e um dos mais extensos registrados no mundo (PENA et al., 2020).

Diversas pessoas, moradoras da vila de Cumuru, comerciantes e instituições ambientais e culturais, se organizaram em diversas frentes de atuação para amenizar os impactos do óleo na natureza. Muitas pessoas copesquisadoras do Mutirão estiveram envolvidas como voluntárias nessas equipes que atuaram na limpeza das praias, na construção de barreiras de contenção para proteção dos mangues, na captação de recursos para compra de

Equipamentos de Proteção Individuais (EPI), materiais, ferramentas etc. Mais de 10 toneladas de óleo foram retiradas das nossas praias, da Japara Grande à Barra do Cahy.

Eduardo, copesquisador, nos contou que certa vez em um mutirão de limpeza das praias para a retirada dos fragmentos de petróleo da areia, ele encontrou um baiacu todo lambuzado de óleo e sugeriu que houvesse outra cena de pesca na qual a gente retratasse esta situação: “os pescadores saem pra pescar, mas o peixe está todo contaminado pelo óleo”. Montamos então duas cenas para a pesca: a primeira retratando a fartura de peixes e a segunda colocando os pescadores diante da situação de lidar com as consequências do derramamento de óleo. Por fim este acabou virando um ponto importantíssimo no conflito de nossa trama, que vai desencadear no pedido de socorro às encantadas Yemanjá e Iara, a Mãe d’Água que são quem levará Milton e Divina ao reencontro com seus ancestrais. O resultado deste processo culminou nas cenas “Um dia de Pesca” e “Outro dia de Pesca”. Voltemos a um pequeno trecho desta última para lembrar como esta história foi organizada na dramaturgia:

“Ditão: _Ô peste o baiacu tá só o óleo... (Ditão está com as mãos manchadas de tinta preta, que representa petróleo. Mostra as mãos sujas para os pescadores e Divina e para a plateia).

[...]

José: _Gente, gente... a giruna também tá cheia de óleo (mostra as mãos sujas).

Divina: _ Tá tudo cheio de óleo!!!

Todos (desesperados): _O óleo chegou em Cumuru!!!

Ditão: _E agora?

José: _E agora?

Divina: _O que é que a gente faz?

[...]

Ditão: _Eu não tô acreditando que esse óleo chegou aqui...

José: _Ninguém vai querer comprar o nosso pescado.

Ditão: _A gente vai viver de quê?

José: _Vamos comer o quê?

Divina: _O que é que a gente faz?”

3.4.2.3 Yemanjá e Iara

Em diversos momentos da pesquisa de campo, nas entrevistas com diversas lideranças (Jovita, Alda, Cristiane e Ricardo) Yemanjá e Iara, a Mãe d’Água foram apresentadas, a mim

e aos copesquisadores como imagens de grande força e poder para os Pataxó, representando as águas sagradas do mar e do rio. Vejamos um trecho da entrevista com a Pajé Jovita, conforme descrito no ANEXO A: “Yemanjá é uma Orixá. Ela é a rainha do Mar e é a mãe de todos os pescadores. As vezes quando não tá pegando peixe é porque não falou ainda com Yemanjá. Quando a gente não sabe o que fazer, chama por Yemanjá, que ela é a mãe de nós todos. É só você tomar um banho nesse mar sagrado que você já se sente melhor. Ele lava tudo. Todos nós... pescadores, pescadoras... somos filhos dela, a rainha do mar. Tem também a cabocla Iara, a mãe d’água que é a mãe das águas doces. Ela tem um canto tão lindo que atrai os pescadores e vão viver com ela no fundo do rio. Elas são todas sagradas. Energias positivas e que tão aí pra ajudar nós seres humanos”.

Yemanjá e Iara foram “personagens” de muitas manifestações culturais de Cumuruxatiba, como a Puxada de rede e de tantas peças representadas pelos grupos Sermovimento e Comunidade Capoeira de Cumuru. Segundo as copesquisadoras Dani e Rafael, em todas estas manifestações Yemanjá surge dançando embalada pelo toque do Ijexá e por isso as cenas de Yemanjá e Iara, nesta dramaturgia, foram também relacionadas ao ritmo Ijexá, ao canto e à dança.

Rafa Reis é quem tocava o atabaque. Ele aprendeu a tocar o instrumento com seu irmão Pé de Serra, no grupo Comunidade Capoeira. Dani Reis, além de multi-instrumentista, é cantora e dona de uma voz potente e encantadora e foi ela quem assumiu o lugar de cantora principal e puxadora de todas as músicas. Rafa ensinou Laércio a tocar o Ijexá no atabaque e no agogô.

A música tema de Yemanjá é de autoria de Onda Santana e Eduardo Lara. Onda Santana é um amigo e artista, nativo de Cumuru e nos emprestou a sua canção para a nossa peça. A música de Iara, inicialmente veio da pesquisa dos copesquisadores sobre alguns pontos desta cabocla, porém na versão final da dramaturgia segue um ponto ensinado pela Pajé da aldeia Pequi, Alda Gomes.

A partir dessas influências a dança afro-brasileira foi a grande inspiradora das danças das águas de Yemanjá e Iara. O meu conhecimento de dança afro-brasileira começou com o Grupo Sermovimento de Cumuruxatiba, que desenvolve um trabalho tanto em seu recorte tribal, como na dança dos orixás, orientado por Juliana Prativiera. Além disso, tive a oportunidade de participar de diversas oficinas com Itamar dos Anjos, do Grupo de Antropologia Cultural Afro-indígena - Umbandaum, de Caravelas.

Para a criação das danças das águas, o som do atabaque, do agogô e da voz de Dani embalava todos os outros copesquisadores que experimentavam movimentos que

representassem as águas do mar e do rio. Orientei que investigassem como a fluidez e a força das águas se manifestam em seus corpos. Como é ser a própria água? As águas do mar e as águas do rio. É importante dizer que em Cumuruxatiba estamos envolvidos por estas águas o tempo todo. O mar e os rios estão muito presentes em nossas vidas, no nosso dia a dia. É algo experimentado cotidianamente: a escola é de frente ao mar, o centro da vila é paralelo ao mar e mesmo se você estiver em bairros mais distantes poderá ouvi-lo. Hannah chamou a atenção para a influência da lua nas marés, o que faz com que as águas, do mar e do rio, ora estejam mais mansas, ora mais agitadas. Eu pedi, então, que trouxessem para o corpo esta variação. “Como é ser água mansa? E água agitada?”

Fotografia 20 – Dança das águas/1



Fonte: Acervo Beira Mar

Movimentos diversos começam a surgir: Hannah parece brincar com a água nas mãos; Camila parece pegar com as mãos a água e jogá-la em seu próprio rosto; Yemanjá (Camila) abençoava os pescadores com as suas águas. Iara (Hannah) parecia querer lhes seduzir. Miravam suas belezas no espelho e se apresentavam para os seus filhos e filhas, pescadores e plateia.

Pedi a essas duas copesquisadoras que dançassem livremente e que dialogassem uma com a outra de modo a aprender movimentos diferentes, ou seja, enquanto improvisava a sua própria dança Hannah deveria também observar a dança de Camila, reconhecer o movimento que ela fazia e reproduzi-lo, imitá-lo. Camila deveria fazer o mesmo. Orientei que mais copesquisadores entrassem nessa dança de modo a ampliarmos o repertório de movimentos. Cada qual deveria escolher cinco e lapidá-los, ou seja, reconhecer como ele se dá em seu

corpo, qual o jeito mais confortável e bonito de executá-lo. Por último assistimos a sequência de movimentos de todos e todas. E assim foram surgindo as coreografias de Yemanjá e Iara.

Fotografia 21 – Dança das águas/2



Fonte: Acervo Beira Mar

A dança das águas se tornou o aquecimento que antecedia os “joguexercícios” de improvisação das cenas entre Yemanjá, Iara e os pescadores. Nas improvisações os copesquisadores sabiam apenas o contexto da cena, que era: o desespero dos pescadores diante da contaminação do mar e dos pescados pelo petróleo e pediram ajuda para Yemanjá, assim como orientou a mais velha, Jovita. O resultado destas improvisações ficou assim, na dramaturgia:

“Ditão: _Eu não tô acreditando que esse óleo chegou aqui...

José: _Ninguém vai querer comprar o nosso pescado.

Ditão: _A gente vai viver de quê?

José: _Vamos comer o quê?

Divina: _O que é que a gente faz?

Milton: *(Para Divina)* _Lembra das histórias de Yemanjá? A sua avó dizia que todos nós, pescadores e pescadoras, somos filhos dela, a rainha do mar. E quando a gente não sabe o que fazer é pra ela que a gente tem que pedir ajuda.

Ditão: _Mas isso era antigamente, Milton... hoje em dia tá tudo mudado... ninguém mais tem fé nessas coisas não.

Divina: _Pois eu tenho. E eu vou recorrer é àquela que é a mãe de todas nós... *(Vai até o centro da roda e girando e olhando para todos os lados, chama bem alto por Yemanjá)* _ Yeeemanjáaaaaaaa!”

E Yemanjá apareceu. E agora? O que os pescadores falam com ela? O que Yemanjá vai falar com eles? Como se dá esta conversa? Os textos da improvisação eram registrados no notebook e serviriam de base para as próximas improvisações, ou seja, começavam a surgir alguns textos fixos que davam segurança e motivação para que outros surgissem.

Finalmente nos sentamos para ler o resultado e fizemos algumas modificações, como por exemplo, mudar o personagem que fala, ou inverter a ordem, ou ainda, quando percebíamos que a fala da personagem criada pela copesquisadora se relacionava com a fala de alguma liderança nas rodas de conversa, colocávamos o texto da própria liderança. Por exemplo este trecho da fala de Yemanjá, que surgiu da improvisação de cena de Camila e na versão final tornou-se um trecho das narrativas da Pajé Alda Gomes, conforme descrito no ANEXO A:

“Deus criou a Terra.
Fez a Natureza numa harmonia perfeita.
Fez a água, fez o ar, fez a terra
e nessa terra tudo o que se planta ela devolve multiplicado.
Fez os mangues, os mares, os rios, as cachoeiras, as nascentes...
e fez cair chuva do céu. Fez ventar. E fez o arco-íris.
Foi Deus que nos deu as florestas, as matas...
e cada planta, cada árvore,
Cada uma das ervas... cada qual diferente da outra.
Fez pássaros, fez peixes, fez gente.
e nunca fez ninguém igual.
Cada ser foi feito único neste perfeito ciclo de vida...”

A própria organização espacial foi experimentada várias vezes. Em uma primeira improvisação os pescadores se amontoaram no centro e Yemanjá dançou em volta, mas eles mesmos perceberam que ficou muito embolado e confuso porque tinham que ficar girando, sentados no chão, acompanhando-a dançar. Em outra improvisação os pescadores se distribuíram em roda na arena e o centro ficou livre para Yemanjá dançar.

Os princípios do processo criativo da cena “Iara, a Mãe d’Água” foram exatamente iguais ao da cena “Yemanjá”, acontecendo muitas vezes em conjunto. Houve textos que eram de Yemanjá que na versão final passaram para a Iara e vice-versa.

Na figura 22, temos Renan, Emanuel, Rosseline, Laércio e Felipe ao centro, representando os pescadores Camila ao redor, representando Yemanjá. Na figura 23, temos Hannah Sophia ao centro, representando Iara a Mãe d'Água e os mesmos pescadores ao redor.

Fotografia 22 – Improvisação de cenas/Yemanjá e os pescadores



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 23 – Improvisação de Cenas/Iara e os pescadores



Fonte: Acervo Beira Mar

3.4.2.4 Na aldeia Pataxó

A oração que inicia a cena “O Awê” nos foi ensinada pelos copesquisadores Emanuel, Eduardo, Ryan e Felipe da aldeia Tibá, Renan, da aldeia Dois Irmãos e Lorena da aldeia Pequi; a escrita em patxôhã foi extraída da obra de Santana.

(A primeira parte é cantada em Patxôhã)

Kanã Pataxi Petõi
 Baixutxê naãhã pokãyaré
 Ahnã petõi puhui
 Ahnã petõi akuã
 Ahnã petõi sarã dxahá txobharé
 Kahabtxe siratã (3x)
 Dxá'á uip ápôy ûmip mayõ
 (SANTANA, 2016, p. 59)

(A segunda parte é cantada em português)

Na minha aldeia tem
 Beleza sem plantar,
 Eu tenho o arco, eu tenho a flecha,
 Tenho raiz para curar.
 Viva tupã (3x),
 Que nos veio trazer a luz.
 Viva tupã (3x),
 Que nos veio trazer a luz.

Fotografia 24 – Awê - oração



Fonte: Acervo Beira Mar

Todos e todas aprendemos a cantar a oração e a cantar e a dançar uma das músicas do Awê Pataxó:

Pataxó muká, mukaú
 Muka, mukaú, Muka, mukaú.

Pataxó mayô werimehe
 Maiô werimehe, Maiô werimehe,
 Hetô, hetô, hetô Pataxó (*Só as mulheres*)
 Hetô, hetô, hetô Pataxó (*Só as mulheres*)
 Kotê kawi Suniatá Heruê
 Kotê kawi Suniatá Heruê
 Heruê – He – He – Heruê, heruê
 (MATALAWÊ, 2005, p. 6)

Na sequência da dramaturgia estão as cenas que receberam os nomes das respectivas lideranças a que as narrativas se referem. Cada uma delas são excertos retirados das entrevistas realizadas nas “rodas de conversa”. Este recorte foi feito a fim de escolher entre tantos assuntos trazidos pelas lideranças Pataxó, aqueles que dialogassem com o retorno ancestral vivido pelas personagens Milton e Divina quando estes, diante da falta de água e da iminente contaminação dos mares, rios e mangues, buscaram em seus parentes Pataxó uma outra possibilidade para a vida humana. Diante de tudo o que nos contaram as lideranças Pataxó, escolhemos para estas cenas àquelas passagens que de alguma forma chamavam a atenção para o bem viver com a natureza.

Os personagens não representam a cena como no estilo dramático, mas apresentam suas memórias pela palavra, ou seja, contam diretamente para a plateia o que viveram. Quando apresentamos a peça contamos apenas duas das narrativas: as cenas intituladas José Fragoso e Jovita, porém na versão final da dramaturgia apresentamos seis histórias diferentes. O Mutirão de Pesquisa e Criação Artística Beira Mar, reconhece que este momento da contação de história é muito importante, porque foi assim que, copesquisadores e eu, fomos recebidos pelas anciãs, anciãos e lideranças, conforme pode-se verificar nas entrevistas da Pajé Jovita e do Cacique Ricardo, ambos da aldeia Kaí, conforme descrito no ANEXO A:

Jovita: “Eu acho muito importante isso que vocês estão trazendo pra mim, sabe por quê? [...] Muitas vezes eu tentei resgatar essa cultura nossa... que esse Cumuru era uma aldeia pequenininha... era puro índio. E os avós de muitos de vocês que estão aqui hoje sabem disso que eu tô dizendo, Dona Maria de Maranhão tem conhecimento disso. Seu Maranhão era um índio guerreiro pé no chão. Ele ficava era tempo me ouvindo. Eu queria que a metade desses jovens de hoje me procurasse igual vocês, eu tiro o chapéu pra vocês que estão aqui pra aprender a cultura comigo”.

Ricardo: “A avó de Isadora, que tá aqui, chegou no negro-índio e deu um exemplo de história contando a história de Cumuruxatiba. E o importante é vocês buscar, conversar... quando o sr. Antônio Matos estiver ali na frente parar, bater papo com ele meia hora, com Ana Celi, Jovita lá em cima, ou eu mesmo, que sou novo, mas de 90 pra cá eu lembro de

muita coisa, ou outros velhos também... porque esse papo natural vai trazer pra vocês um outro espírito e eles vão contar pra vocês o que Cumuruxatiba era, o que a luta era. Enquanto os velhos estão vivos a gente tem que buscar a nossa história porque o que fortalece a gente é a história”.

Estas cenas pretendem, então, conduzir a plateia a esta experiência de ouvir histórias, inspiradas nas vivências que tivemos, copesquisadores e eu, junto aos Pataxó. Nas apresentações que fizemos, o copesquisador Eduardo representou seu tio, o cacique José Frágoso, e Isadora representou a Pajé Jovita, que ela conheceu em nosso processo de pesquisa. Precisaram dedicar-se à leitura e à compreensão dos sentidos que as narrativas traziam. A leitura e a releitura foram também caminhos para a memorização. “Eu não vou conseguir memorizar esse texto desse tamanho!”, reclamou Isadora. “A gente vai estudando parte por parte, quando você assustar já tá na ponta da língua”, eu disse.

Mesmo antes de terem decorado todo o texto eles apresentavam suas cenas para o coletivo que iam ajudando-lhes na construção de intencionalidades das falas e de gestualidades que acompanhassem cada palavra. Como se pode observar, por exemplo, neste trecho que se segue da cena Jovita, da dramaturgia, as ações físicas, propostas entre parênteses, foram criadas por Isadora nestes momentos de improvisação: “Agora o senhor faz eu e no meu pé eu quero umas raiz... (*Faz com os pés, um depois o outro, um movimento como se os fincasse no chão... como se os pés criassem raízes na terra*); Eu não quero pé não eu quero umas raiz e meus braço aberto com uma cruz (*Abre os braços, um de cada vez*) e um passarinho procurando uma árvore pra sentar” (*Faz com uma das mãos um movimento como se um passarinho viesse e pousasse sore ela. O olhar observa este movimento e sorri de alegria*).”

Fotografia 25 – Ensaio/ Isadora representa Jovita



Fonte: Acervo Beira Mar

3.4.2.5 Em casa

As duas cenas intituladas "Em casa" foram pensadas a fim de apresentar conhecimentos sobre a pesca local, situações problemas vivenciadas pela comunidade de Cumuruxatiba e situações de discriminação vivenciadas especificamente pelas comunidades Pataxó no que diz respeito às suas culturas. A família, fictícia, formada por Milton, Divina e Maria apresentam ao leitor, sutilmente, algumas dessas questões que identificamos em nossas pesquisas de campo, nas visitas às aldeias e nas conversas com as lideranças.

Um bom exemplo será a análise do que nos contou a liderança Alda Gomes, da aldeia Pequi sobre a comparação de elementos de sua cultura com a feitiçaria, conforme descrito no ANEXO A: “O povo fala que o Pajé é o feiticeiro. Se tem o nome curandeiro é por quê? Nós curamos. Quem cura mesmo é Niamisú, na língua Tupi-Guarani é Tupã, que é Deus. [...] Nós, pajés, temos uma visão espiritual. Nós somos guiados. Dom de Deus. Esse dom eu já nasci com ele. Eu com idade de sete anos eu via as coisas e falava pra meu pai e pra minha mãe. Como minha mãe era uma pessoa evangélica ela dizia que era coisa diabólica, meu pai não. Ele acreditava no que eu falava, de menos ela”.

Ainda sobre este assunto a liderança Adelice também nos contou, conforme descrito no ANEXO A: “Hoje em dia tem várias pessoas que já não são católicas que não acreditam mais. Fala que isso aí é coisa... é macumba, mas não é gente... falam que benzedeira não vale mais nada, que ninguém mais tem fé nessas coisas. Mas isso é uma tradição dos povos indígenas”.

A transposição destas narrativas na dramaturgia ficou assim:

“Divina: Mãe, a gente viu a Mãe D’água...

Maria: _Que história é essa de Mãe D’água?

Divina: _É a protetora do rio, mãinha.

Milton: _Yemanjá também veio falar com a gente.

Maria: (*Irritada, diz para Milton*) _Lá vem você de novo com essas feitiçarias... você sabe muito bem que eu não gosto dessas coisas, Milton. E você ainda fica fazendo a cabeça da menina”.

E assim:

“Divina: _Ela falou pra gente conversar com as anciãs e os anciãos Pataxó porque eles vão nos contar sobre uma Cumuru que muita gente até hoje ainda não conhece...

Milton: _E eu tô indo pra aldeia... vou me reencontrar com os meus mais velhos e ouvir o que eles têm pra nos dizer.

Maria: _Mas é só o que me faltava... eu não quero você de novo enfiado dentro de aldeia, Milton.

Milton: _Mas eu vou... e vou agora... e Divina vem comigo”.

3.4.3 Ensaios e apresentações

Os ensaios foram espaços de estudos múltiplos e diversos. Alongamentos e aquecimentos corpóreo-vocal nos preparavam para o trabalho expressivo ao mesmo tempo em que cuidavam de nos proteger de alguma lesão física. Como parte deste aquecimento, cantávamos todas as músicas da peça.

Nos ensaios específicos nos organizávamos em pequenos e diversos grupos de estudos de acordo com cada necessidade, por exemplo, Yemanjá e Iara ensaiavam suas coreografias e textos, enquanto os pescadores estudavam suas cenas coletivas e Rafael, Laércio e Dani ensaiavam as músicas.

Fotografia 26 – Ensaio musical: Dani, Rafael e Laércio



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 27 – Ensaio Awê



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 28 – Ensaio Musical: Rafael tocando atabaque



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 29 – Ensaio Musical: Renan tocando berimbau



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 30 – Ensaio Samba de Roda



Fonte: Acervo Beira Mar

No Ensaio Geral repassávamos toda a peça, com total liberdade para parar, opinar, sugerir e refazer as cenas que julgássemos necessárias. A cada ensaio acessávamos novamente nossas memórias do processo e nossos estímulos criativos, atribuindo cada vez mais fluidez à trama, evitando desatenções e esquecimentos.

Fotografia 31 – Ensaio Geral



Fonte: Acervo Beira Mar

Foi com muita dedicação e força de vontade que conseguimos realizar três apresentações de nossa peça porque a rotina da vila foi completamente alterada pela chegada do petróleo nas praias, e muitos dos nossos ensaios precisaram ser desmarcados. Eu sentia que

o coletivo estava cansado e cheguei a cogitar a possibilidade de não fazermos as apresentações e deixarmos para 2020, mas lembro bem que Isadora e Hannah disseram que esta não era uma possibilidade. Resolvemos então apresentar o material que a gente tinha até então, mesmo reconhecendo que a dramaturgia não estava finalizada.

Foram três apresentações. A primeira foi na programação do “Encontrão Cultural” organizado pelo Instituto Caboco de Cultura, aberto para toda a comunidade, na qual teve oficina de percussão com o grupo Curumim Batuke e a apresentação de nossa peça. Estiveram presentes moradores de Cumuruxatiba e alguns turistas.

Fotografia 32 – Apresentação no espaço Caboco de Cultura



Fonte: Acervo Beira Mar

A segunda foi específica para os estudantes da escola Tiradentes e para a aldeia Tibá. O Cacique José Fragoso e a liderança Adelize estiveram presentes. No final José Fragoso fez um discurso, emocionado, no qual falou de como foi importante ver suas histórias representadas por esta juventude. Adelize disse ainda: “Todas as crianças de Cumuruxatiba tem que assistir essa peça”. José Fragoso cantou um samba para a gente sambar e Rafael acompanhou no atabaque, Dani no pandeiro e Laércio no agogô. Adelize caiu no samba com a criançada.

Fotografia 33 – Apresentação para a escola Tiradentes e aldeia Tibá



Fonte: Acervo Beira Mar

Depois da apresentação muitas crianças me pararam na rua para comentar que assistiram à peça: “Eu fiquei com vontade de fazer Yemanjá”; “Quando vai ter de novo?”; “Eu quero fazer teatro também!”.

A terceira, e última apresentação, aconteceu na Vila-Escola projeto de gente e foi aberta a toda a comunidade.

Fotografia 34 – Abertura: músicas/1



Fonte: Letícia Ferreira

Fotografia 35 – Abertura: músicas/2



Fonte: Letícia Ferreira

Fotografia 36 – Os pescadores pescam muitos peixes



Fonte: Letícia Ferreira

Fotografia 37 – O óleo chegou em Cumuru



Fonte: Letícia Ferreira

Figura 38 – Maria, Milton e Divina



Fonte: Letícia Ferreira

Figura 39 - Yemanjá



Fonte: Letícia Ferreira

Figura 40 – Iara, a Mãe d'Água



Fonte: Acervo Beira Mar

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como artista e educador a experiência vivida neste processo de pesquisa e criação artística foi da mais extrema importância porque me provocou a organizar, teórica e praticamente, este caminho de aprendizagem alicerçado na educação, na filosofia, na arte, no teatro, nas culturas tradicionais e nas Histórias de Cumuruxatiba.

A criação do Mutirão de Pesquisa e Criação Artística Beira Mar me possibilitou o diálogo com tantas pessoas e instituições que, de tantos modos e, cada qual ao seu modo, contribuíram profundamente para a realização deste trabalho. Mais do que contribuíram o tornaram possível.

Foi um diálogo que envolveu 24 adolescentes e jovens copesquisadores, moradores da vila, nativos, com idades entre 15 e 25 anos: Bruno, Camila, Damares, Eduardo, Emanuel, Felipe, Isadora, Jamile, Laércio, Hannah, Lívia, Layza, Renan, Rosseline e Ryan, são estudantes do Ensino Médio da escola Algeziro Moura, sendo Eduardo, Emanuel, Felipe e Ryan cadastrados na aldeia Tibá; Renan na aldeia Dois Irmãos e Rosseline na Aldeia Tawá. Lorena é cadastrada na aldeia Pequi e estudante do Ensino Médio da escola Tanara Pataxó; Ester, Cristine, Carla, Jorge, Maria e Ramone são cadastradas na aldeia Kaí e estudantes da escola Kijetxawê Zabelê; e Danielle e Rafael são associados do Instituto Caboco Cumuru, vinculados aos grupos Comunidade Capoeira e Sermovimento, dança afro.

Este coletivo esteve ao meu lado em todos os momentos da pesquisa. Mesmo na escrita solitária deste memorial, tantas foram as vezes que liguei para um ou outra para pedir uma sugestão na escrita, trocar uma ideia sobre a dramaturgia, ou pedir que me refrescassem a memória sobre nossas vivências. Sou muito feliz e agradecido de ter tido ao meu lado uma juventude tão potente e com tanta força criativa.

Eventualmente encontro com alguns destes jovens copesquisadores pelas ruas de Cumuruxatiba, todos mascarados para a prevenção à COVID-19, e eles reclamam a saudade dos nossos encontros e do “axé de nossas manhãs”, usando uma expressão de Dani. Layza no supermercado disse que o Teatro é o que ela está mais sentindo falta nesta pandemia “o corpo chega a doer de ficar parada. Saudade de estar com vocês, de dançar e dar risadas...”; Hannah Sophia me falou que o teatro representa para ela um reencontro consigo mesma: “Antes de eu entrar no teatro eu vivia várias questões que eu não tinha resposta e eu nunca soube pra quem perguntar, sobretudo relacionado a minha identidade de mulher negra. Foi muito importante pensar as minhas origens, de onde eu vim e quem são os meus antepassados... tudo isso ajuda a entender quem sou eu. O teatro me pôs de frente com tantas questões... eu conheci mais as

histórias Pataxó que hoje me inspiram muito. Eu tinha muita vontade de estar mais presente nas aldeias, mas talvez por vergonha, não sei, eu não ia. Mas o teatro me ajudou a abrir essa porta, a conhecer mais essas pessoas, que são a minha gente também, e de conhecer as histórias de Cumuruxatiba, que é o meu lugar”.

Todos estes depoimentos fortalecem em mim a confiança no poder transformador que o teatro exerce sobre aqueles que o praticam.

O diálogo com as comunidades indígenas esteve na base desta pesquisa. Por isso, foi essencial que, eu e as copesquisadoras, estivéssemos dentro das aldeias, conhecendo sua geografia, suas histórias, ouvindo as anciãs, anciãos e demais lideranças que sempre nos receberam tão bem, com tanto carinho e afeto e que nos confiaram suas histórias e culturas. Foram quatro comunidades indígenas visitadas: Dois Irmãos, Kaí, Pequi e Tibá; Doze lideranças entrevistadas entre caciques, pajés e professoras: Adelize, Alda Gomes, Cristiane, Dario, Jovita, José Fragoso, Maria D’Ajuda, Ricardo, Ilauro, Igino, Kayanalu, Marineide e Lôra; e seis turmas de ensino fundamental II da aldeia Kaí.

A Vila-Escola Projeto de Gente, através do TERRAL - Território de Aprendizagem Livre, colocou sua infraestrutura à disposição desta pesquisa; o Instituto Caboco de Cultura nos viabilizou seu espaço físico, fundamental para a criação artística, equipamento de som e instrumentos musicais; as Escolas Algeziro Moura e Kijetxawê Zabelê, anexos Kaí e Tibá disponibilizaram o transporte escolar para a minha mobilidade e dos copesquisadores dentro de Cumuruxatiba, seja para participarem dos encontros semanais ordinários, ou para às visitas as diversas aldeias.

Referente às diretrizes acadêmico-científicas estive sob orientação do professor Gilson e coorientação do professor Gessé, que me auxiliaram, me estimularam e me fortaleceram nos caminhos da pesquisa junto à Universidade Federal do Sul da Bahia. Importante fazer referência a todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais que contribuíram profundamente para a fundamentação teórica e metodológica desta pesquisa.

E foi pela interação e pelo diálogo entre todas estas pessoas e instituições que esta proposta de pesquisa cumpriu seus objetivos de:

- Ampliar, em Cumuruxatiba, as possibilidades de experiências pedagógicas que ultrapassem o padrão essencialmente racional de aprendizagem, a partir do reconhecimento de outras habilidades físico-sensório-motoras, como por exemplo a emoção, a intuição e a memória coletiva;

- Ampliar, entre adolescentes e jovens da educação básica, o acesso as narrativas afro-brasileiras e indígenas, principalmente Pataxó, rompendo com a dominação de um modelo de aprendizagem eurocêntrico;
- Promover o encontro entre adolescentes e jovens de Cumuruxatiba e as anciãs e anciãos Pataxó;
- Produzir uma dramaturgia capaz de retratar e ecoar algumas histórias ancestrais Pataxó, e outras do cotidiano de Cumuruxatiba, de modo que essas histórias possam ser recontadas em diversos outros momentos e lugares, por diversas outras pessoas, principalmente nas escolas de nosso município;
- Registrar em um memorial todo o processo de pesquisa e criação artística a fim de inspirar outros registros de outras versões históricas a partir da perspectiva de grupos sociais que também tiveram as suas identidades culturais subalternizadas no processo de colonização brasileira.

O diálogo com o acervo de exercícios e jogos do teatro do oprimido, de Augusto Boal, e com os princípios da arte-educação, de João-Francisco Duarte Junior, bem como a música e dança afro-brasileira e indígena foram fundamentais para a organização deste caminho de aprendizagem alicerçado nas emoções, sensações, intuições, memórias coletivas e também (por que não?) na razão. Neste processo todo o corpo humano, e não apenas a razão, é reconhecido como uma potente ferramenta de pesquisa, aprendizagem e criação artística. A copesquisadora Rosseline, em uma avaliação, revelou uma importante percepção: “No teatro eu percebo que o meu corpo é mais livre e isso me ajuda a aprender melhor porque eu posso aprender de muitos jeitos, cantando, dançando ou representando um personagem”.

O diálogo com as práticas pedagógicas das escolas indígenas Kijetxawê Zabelê, anexos Kaí e Dois Irmãos fortaleceram o meu entendimento de que a educação é capaz de romper os limites das salas de aula. Neste sentido Arian Pataxó é uma grande inspiração, conforme descrito no ANEXO A: “[...] eu falo sempre do professor Ilauro que é um exemplo pra mim: Ele ensina os alunos dele, meu neto mesmo Ihatã, coloca eles pra ajudar a plantar: sempre quando ele vai plantar ele leva eles. [...] Aí lá na escola eles fizeram um trabalho na roça... deu melancia, abóbora, e aí esses alunos foi uma festa no dia de colher as coisas. Ensinando como viver né. [...] saber que a terra dá o fruto... é trabalhar, plantar, colher. [...] O ensino das nossas crianças não é só dentro da sala de aula não”.

Após todas estas vivências é inegável que as comunidades indígenas Pataxó de Cumuruxatiba contribuem bravamente para a grande diversidade étnico-histórico-cultural do extremo sul baiano. Suas vivências de luta nos processos de reconhecimento de sua ancestralidade e territorialidade atravessam gerações e merecem destaque na História brasileira. Após tantos anos de contato com o mundo euro-brasileiro seguem em brava resistência e registram grandes conquistas de resgate das suas tradições, histórias e memórias.

É, portanto, dever das pedagogias que se pretendem decoloniais acompanhar as transformações no entendimento da História brasileira e assumir o compromisso político e ético pela defesa da pluralidade étnico-cultural dos povos afro-brasileiros e indígenas, abrindo o diálogo para tais questões e narrativas silenciadas por séculos. Apenas a partir deste entendimento será possível parar de reproduzir conhecimentos colonizadores geradores de tantos preconceitos e violências.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Entrevista concedida a Carla Batista. Portal Geledés, mulheres em movimento, setembro de 2018. Disponível em <https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>. Acesso em 17/11/2020.

_____. Interseccionalidade. In: RIBEIRO, Djamila (coord). **Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. O lugar dos índios na história: algumas reflexões. In: **A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas**, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882017000200017&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01/04/2019.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Apresentação. In: WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. Tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2007.

BATISTA, Maria Geovanda. Os Pataxó em Cumuruxatiba e seu Processo de Reetnização. In: **O processo de etnogênese dos Pataxó de Cumuruxatiba no município do Prado-BA**, 2013. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/162029884/Artigo-GT-9A-04-Maria-Geovanda-Batista>. Acesso em: 06/12/2018.

BITTENCOURT, M. Circe F. História das populações indígenas na escola: memória e esquecimento. In: ARAÚJO, Cintia M. de. **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BOMFIM, Anari Braz. **Patxôhã, "língua de guerreiro": Um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 127. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23957/1/dissertacao_ABBomfim.pdf. Acesso em 13/11/2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Título VIII da Ordem Social, capítulo VIII dos Índios. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_231_.asp. Acesso em: 03/04/2019.

BRASIL. **LEI 11.645 de março de 2008**. Obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, Brasília, DF, mar 2008. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 21/02/2019.

BRITO, Tamires; KAYAPO, Edson. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: O que a escola tem a ver com isso?** mneme – revista de humanidades, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445/5817>. Acesso em: 06/12/2018.

BRAGA, Rubem. **Pero Vaz De Caminha - Carta a El Rey D. Manoel**. Ilustrações de Carybé. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968. Disponível em <http://portalbarcosdobrasil.com.br/bitstream/handle/01/426/002029.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10/04/2019.

CAMPOS, Flavio de; PINTO, Júlio Pimentel; CLARO, Regina. **Oficina de história** - volumes 1, 2 e 3. 2ª edição: São Paulo: Leya, 2016.

CARDOSO, Ricardo José Brügger. Inter-relações entre espaço cênico e espaço urbano. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck (org.). **Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

CASTRO, Laura; FONSECA, Cacá (Orgs). Carta Aberta. **Kijetxauê Zabelê: Aldeia Kaí**. Salvador: Sociedade da prensa/ EDITORA, 2019.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. 'Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico'. In: _____. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

Contação de histórias. In: **Glossário CEALE - termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Faculdade de Educação da UFMG. ISBN: 978-85-8007-079-8. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>. Acesso em 02/12/2020

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papyrus, 1991.

ETCHEVARNE, Carlos. Os grupos indígenas do Nordeste à chegada dos Colonizadores. In: **A Ocupação Humana do Nordeste Brasileiro, antes da Colonização Portuguesa**. Revista da USP, São Paulo, n. 44, p. 112-141, dezembro/ fevereiro, 1999-2000.

FARIA, João Roberto; GUINSBURG, Jacó; LIMA, Mariangela Alves de (coord.). **Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006. Disponível em https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=wvzvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=caracteristica+do+teatro+em+for+ma+de+arena&ots=xYF9JnZbm7&sig=MxXB_t84WgyRRdFIEOeVQS_iaHQ#v=onepage&q=caracteristica%20do%20teatro%20em%20forma%20de%20arena&f=false. Acesso em 29/11/2020.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala em quadrinhos**. Adaptação de Estêvão Pinto; Ilustrações de Ivan Wash Rodrigues; Colorização de Noguchi. 2ª ed. São Paulo: Global, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.

GRAEFF, Nina. **Os ritmos da roda: Tradição e transformação no samba de roda**. Salvador: EDUFBA, 2015.

IGLÉSIAS, Francisco. **José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira**. Revista Estudos Históricos. FGV Sistema de Bibliotecas. v. 1 n. 1, p. 55-78, 1988: Caminhos da Historiografia. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1934>. Acesso em 28/11/2020.

KAIPPER, Mávis Dill. **Aragwaksã: a retomada da terra, a festa de casamento e outras manifestações culturais indígenas Pataxó na Reserva da Jaqueira, Porto Seguro, Bahia**. 2018. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

MARTIUS, K. F. Von. **Como se deve escrever a História do Brasil**. In: Revista de História de América, nº. 42 (Dez., 1956), p. 433-458. Disponível em: https://www.academia.edu/16092043/Como_se_deve_escrever_a_Historia_do_Brasil_Autor_s_Karl_Friedrich. Acesso em: 25/03/2019.

MATALAWÊ, Jerry. Música Pataxó. In: Professores indígenas, povo pataxó - **Leituras Pataxó: Raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas/ secretaria da educação**. – Salvador: MEC/FNDE/SEC/SUDEB, 2005.

MELO, Alfredo César. **Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia**. SCIELO, Estudos Avançados. São Paulo, v.23, n. 67, 2009. ISSN 1806-9592. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ea/v23n67/a31v2367.pdf>. Acesso em 01/12/2020.

MUNDURUKU, Daniel. O menino que não sabia sonhar. In: **Histórias de índio**. Ilustrações Laurabeatriz. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1996.

MUNIZ, Olinda; HELENO, Haroldo. **Farinhada na Serra do Padeiro: Mulheres Indígenas plantando e colhendo para garantir a soberania alimentar**. Conselho Indigenista Missionário - CIMI, 2020. Disponível em <https://cimi.org.br/2020/01/farinhada-na-serra-do-padeiro-mulheres-indigenas-plantando-e-colhendo-para-garantir-a-soberania-alimentar/>. Acesso em 28/11/2020.

OLIVEIRA, Cristiane. Retomada do Território. In: CASTRO, Laura; FONSECA, Cacá (Orgs). **Kijetxauê Zabelê: Aldeia Kaí**. Salvador: Sociedade da prensa/ EDITORA, 2019.
PATAXÍ, Wekanã Pataxó. Afirmando nossa cultura. IN: GERLIC, Sebastián (Org.) **Índios na visão dos índios: Somos patrimônio**. Salvador: Thydêwá. 2011.

PATAXÓ, Kanátyo; PATAXÓ, Apinhaera. **Txopai e Itôhã**. Belo Horizonte: SEE-MG, 1997.

PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha; BRITES, Olga. **A carta de Pero Vaz de Caminha: Leituras**. Projeto História. Revista do Programa de Pós-Graduados de História. ISSN 2176-2767. p. 239-251. São Paulo, abr. 2000. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=a+carta+de+pero+vaz+de+caminha+%3A+leituras&btnG=. Acesso em 28/11/2020.

PENA, Paulo Gilvane Lopes; REGO, Rita de Cássia Franco; LIMA, Mônica Angelim Gomes; NORTHCROSS, Amanda Laura. **Derramamento de óleo bruto na costa brasileira em 2019: emergência em saúde pública em questão**. SCIELO. Cadernos de Saúde Pública v. 36 n. 2. Rio de Janeiro 2020. ISSN 1678-4464. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000200501#:~:text=Oficialmente%20identificado%20em%2030%20de,de%20novembro%20de%202019%201. Acesso em 13/11/2020.

Professores indígenas, povo pataxó - **Leituras Pataxó: Raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas**/ secretaria da educação. – Salvador: MEC/FNDE/SEC/SUDEB, 2005.

Projeto Político Pedagógico. Vila-Escola Projeto de Gente, Cumuruxatiba, Prado/BA. Acesso em 07 de março de 2019. Disponível em http://www.mediafire.com/file/pva55zr1f935agp/Estatuto_da_Associa%25C3%25A7%25C3%25A3o_Projeto_de_Gente.pdf/file.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>. Acesso em 26 de outubro de 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder y clasificacion social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (orgs.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. **Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul**. Cadernos Pagu v.53, 2018:e185315, ISSN 1809-4449, p. 38. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n53/1809-4449-cpa-18094449201800530015.pdf>. Acesso em 10/12/2020.

REIS, Marina de Oliveira. **O pacto narcísico da casa-grande: a representação das mulheres negras a partir de Lélia Gonzalez e Gilberto Freyre**. Humanidades em Diálogo, v.9, n.1, 2019. p. 93-101. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2019.154274>. Acesso em 04/12/2020.

RODRIGUES, José Honório. **História da história do Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, Brasília, 1979. <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/469/1/GF%2021%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em 28/11/2020.

SAMBURÁ; GUELRA; MARACÁ. In: **Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 01/12/2020.

SANTANA, C. **Cantos tradicionais Pataxó na língua Patxôhã**. 2016. TCC (Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura). Formação intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FAR/UFMG. Belo Horizonte.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. O contexto histórico-antropológico pataxó; O fogo de 51 e a diáspora pataxó; Aldeia Tibá; Aldeia Pequi; Aldeia Kaí; Aldeia dois irmãos. In: **As relações de interculturalidade entre conhecimento científico e conhecimentos tradicionais na escola estadual indígena Kijetxawê Zabelê**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural**. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em 17/11/2020.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. Tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2007.

WALSH, C. Introducción. Lo Pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: _____, **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivi**. TOMO I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine; GARCÍA SALAZAR, Juan. Memoria colectiva, escritura y Estado. Prácticas pedagógicas de existencia afroecuatoriana. Cuadernos de Literatura, vol. XIX, núm. 38, julio-diciembre, 2015, pp. 79-98, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4398/439843035007.pdf>. Acesso em 28/11/2020.

ANEXO A – RODAS DE CONVERSAS COM AS LIDERANÇAS PATAXÓ - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

ALDEIA DOIS IRMÃOS

CACICA ARIAN PATAXÓ (MARIA D'AJUDA)

Fotografia 41 – Cacica Arian Pataxó/1



Fonte: Acervo Mutirão Beira Mar

Meu nome é Arian Pataxó, eu sou cacica dessa Aldeia, aldeia Dois Irmãos e sempre vivi nesse território Comexatibá. Nasci aqui. Meus pais desde antes de 1988, da Constituição Federal, que ele já era morador daqui. Os avôs dele, os pais dele já era nativo daqui há muitos anos... então assim... meu pai é pescador minha mãe é marisqueira indígena e eu também como nativa, filha deles, nasci aqui, me criei, casei, tive meus filhos, criei meus filhos, meus netos que tão chegando também e assim a minha luta aqui pelo território é desde criança. Eu sou a única filha em meio a oito irmãos. Meu pai sempre ensinou a eles a profissão da pesca, eles todos são pescador, nunca trabalhou pra fora, nunca saíram... criamos todos aqui em cima desse território. Meus irmãos hoje têm família e vivem da pesca.

A luta indígena

A partir de 2001 eu comecei a entrar na luta indígena, através da nossa guerreira Zabelê... Zabelê e Jovita que foi as primeiras mulheres guerreiras daqui e me convidaram pra luta... e assim eu entrei na luta e comecei a ajudar no território. Aí começamos a fazer as

retomadas, a ocupação do nosso território e onde eu viajava muito pra fora pra tá levando esse conhecimento de que tava surgindo as aldeias aqui dentro do território Comexatibá.

E aí eu peguei essa luta pra mim, pra minha comunidade, pra minha família porque eu via que tinha muito indígena, e tem ainda, dentro de Cumuruxatiba, que não tem coragem de falar que é indígena. Então a partir daí que eu vi a minha família toda, que mora dentro de Cumuruxatiba, a gente ficando fora sem ter o conhecimento... eu entrei na luta e comecei a ajudar a aldeia Kaí. Da aldeia Kaí fui pra aldeia Tibá, morei dois anos lá. Da aldeia Tibá eu fui pra Alegria Nova, morei seis anos na Alegria Nova e de lá eu voltei de novo pra Cumuruxatiba.

Quando eu comecei a minha luta, eu viajava muito e o meu marido não entendia, não gostava que eu ia pra luta... e aí eu escolhi a luta... escolhi a luta porque o meu sangue ferve na luta indígena e ele não tinha o conhecimento da importância de lutar... e aí eu fui pras aldeias morar nas aldeias... eu e o meu filho menor, o Joelson, que sempre me acompanhou pra onde eu vou e o meu marido ficou em casa com nossos outros filhos.

E eu via a necessidade de ir pra luta porque eu sei que meus filhos iam precisar, aqui no território... mas até eles mesmo não entendia... não pensava... pensava que eu tava desobedecendo o pai, que eu tava errada, mas hoje eles vê que eu tô certa. Eu quero deixar um território pra eles, um lugar seguro... E lá na rua eu não sentia meus filhos seguros... aqui eu fico à vontade quando eles tã aqui. E é pra eles, pros filhos deles, pros netos deles... E isso vem de geração em geração porque os nossos bisavôs já passavam por isso.

Na Tibá eu trabalhei de merendeira, fui vice-cacique por dois anos, depois fui pra Alegria Nova, fiquei seis anos lá, dando aula também... aí foi 2009, por aí, eu voltei pra Cumuru... o pai dos meus filhos tinha falecido: morreu no mar, pescando. E foi aí quando eu voltei que eu fundei a minha aldeia... fiz o documento que a gente queria fazer uma aldeia urbana, mas muitos dos parentes não aceitaram, achou que Cumuruxatiba não tava dentro do território, porque senão ia demorar demais pra sair o território. Eu cheguei a levar esse documento na FUNAI, mas eles não aceitaram...

A aldeia Dois Irmãos

Aí quando foi em 2011 eu conheci o Sr. Pedro Lucas, um indígena, que tinha uma terra aqui, que hoje a gente mora. Seu Pedro Lucas falou assim: “Dona Maria eu tô sabendo que a senhora tem uma aldeia e eu tenho uma terra aqui que é do INCRA, mas que é minha...

eu vou te doar uma parte dela pra você fazer a sua aldeia... pra você fazer o seu trabalho... eu vou tá doando pra senhora”. Ele fez uma assinatura e me deu o papel.

E aí a gente começou essa luta nessa terra aqui, pra buscar a educação, a saúde... consegui a educação... a gente começou com uma salinha de aula onde a gente tem educação infantil até o quinto ano e EJA.

A partir daí eu corri atrás da SESAI que começou a atender a gente e atende até hoje. Só que outros projetos que eu tenho corrido atrás, como a água potável, pra fazer o poço artesiano, energia que a gente não tem... A energia foi a gente mesmo que puxou do poste, fizemos um gato... não é certo, mas eu já fui à Minas e Energia lá em Brasília e falei que a gente tá usando um gato porque ninguém colocou a energia pra gente. Não temos ainda uma água... estamos bebendo água de poço, que é uma água de chuva... e aí eu fiz uma cobrança, dizem que tá vindo um carro pipa... eu falei que é insuficiente pra gente e que a gente precisa de um poço artesiano pra toda a comunidade... Mas tá vindo deixa vir né...

E de lá pra cá a nossa luta continuou muito agressiva. Nesse ano de 2020 mesmo desde o começo do ano, dia 1º, quando foi a queima dos fogos, o pessoal de Itamaraju que tem uma terra aqui do lado eles vieram meia noite e cortaram a cerca da minha aldeia. A gente tava sentado ali no terreiro e de repente a gente viu um carro parar lá na frente e ficou parado... e essa ameaça começou aí... e aí cortaram a porteira e carregaram a porteira inteira, até hoje a gente não sabe onde jogaram... e aí começaram a dar tiro do lado de lá... eu fui e registrei o B.O. lá em Prado.

Você acredita que no outro dia eles entraram por trás com a máquina e abriu o arame e passou a máquina dali até a beira da praia... abriu a estrada dentro da minha aldeia sem pedir permissão. Aí foi onde eu chamei a FUNAI, também o ICMBio veio e multaram eles porque eles derrubaram um bocado de árvore... foi... aí enterrou as moradas dos guaiamuns, só vendo como que foi.

Isso foi agora em 2020, mas quando foi 2016 que a gente ocupou essa área, aqui era um lixão... e essa área tá dentro da publicação da nossa terra e é uma área indígena que faz parte do P.A. E aí a gente começou a receber ameaça dos caras que diziam que eram os donos daqui, mas nunca tinham feito nada... a terra tava abandonada, já tinham vendido várias vezes e aí eu e minha comunidade entramos e ocupamos porque aqui é a beira da praia e nós somos pescadores, nativos, a gente vive do mar, do marisco e da agricultura. E a partir daí vem as ameaças pra eu responder no juiz Federal, já fui duas vezes lá em Teixeira de Freitas, e tamo esperando resposta que a justiça que vai resolver isso aqui pra gente.

Eu não paro não... eu falo mesmo. Falo, denuncio! E a luta é essa. Vou no Ministério Público Federal. No meu direito eu não tenho medo nenhum de brigar pelo meu povo, de buscar o direito deles. Tem que ter coragem porque se não tiver não vai também não.

A gente é o dono disso tudo aqui, sabemos que somos... por isso que eu tô aqui. Eu tenho certeza de que aqui é o meu chão. Foi aqui que eu nasci. Então não é ninguém que vem lá de fora que vai me amedrontar, inclusive quando eu entrei nessa área aqui, chegou um senhor dizendo que era o proprietário que tinha comprado essa área e dois advogados que veio de Ilhéus. Aí quando entrou lá no portão eu parei no portão e falei com eles: “Meu senhor, vocês são conhecedores da lei... vocês são doutor da lei e o senhor vem dizer que essa terra, esse cara aqui, que é o fazendeiro, ele comprou esta área do INCRA... o senhor já viu área do INCRA ser vendida? O senhor já viu área indígena ser vendida? Essa terra aqui é indígena! Essa terra aqui é minha! Eu nasci em cima dela. O senhor comprou? Vai pegar o seu dinheiro onde o senhor comprou porque essa terra aqui não é do senhor”. Aí ele falou assim: “Essa terra não serve pra senhora! Essa terra não dá nada.” Aí eu falei: “Não dá pro senhor, meu senhor. Porque o senhor é rico, o senhor tem fazenda lá no Pará e não sei mais onde que o senhor falou... o senhor é isso é aquilo... e eu sou nativa. Eu preciso dessa terra pra eu viver com a minha comunidade... Porque aqui a gente tem o mar, a gente vive do mar, a gente tá comendo nosso peixe, o nosso marisco, nossos plantios aqui. Se você quisesse terra você tinha feito alguma coisa... então isso aqui não é seu. Você não pode nem dizer que você comprou área do INCRA que você já errou. A terra do INCRA é pra pobre. Pra gente sobreviver”. E aí foi quando eles me chamou pra ir no juiz e eu fui todas duas vezes.

O pessoal usava isso aqui de lixo, matava vaca e tudo e jogava lixo aqui... era um matão danado. Aí quando a gente entrou aqui esse pé de mato era o único salva-vidas que tinha aqui dentro do mato, aí a gente começou a roçar e fizemos a nossa moradia aqui debaixo desse pé de árvore... esse aqui é um marco histórico, esse pé de Inhaíba.

Fotografia 42 – Cacica Arian Pataxó/2



Fonte: acervo Beira Mar

Quando a gente fez a nossa barraca de lona a gente ficou quatro meses debaixo dessa barraca... chuva, chuva, chuva... e aí os meninos começou a estudar aqui mesmo e não tinha nem cadeira... a gente fez uma palhoça de palha... aí os meninos começou a estudar tudo no chão, a professora dando aula... então assim, foi muita luta né... e eu creio que essa luta não para, mas nós continuamos resistindo porque nós somos Pataxó, os donos da terra. Por que que eu vou correr se eu sou dona da terra? Vou correr na frente de uma pessoa que nunca morou aqui, não conhece a nossa realidade. E hoje o que tá acontecendo muito aqui é isso: muita venda de terra do INCRA. E a gente tem que resistir.

Esse governo Federal é anti-indígena né. Ele não gosta da gente, não gosta de pobre. Não demarca nossas terras, como ele já falou né. Então a gente vive o tempo todo amedrontado, eu mesma eu fico com medo... eu tenho medo... as vezes eu nem durmo de noite... acordo de noite e fico preocupada pensando “Meu Deus do céu...” quando eu vejo um barulho parece que já tá entrando... entendeu?!

Aqui a gente tem vários plantios de mudas frutíferas, temos a mandioca também que a gente já faz farinha... aqui em dona Maria a gente tem uma farinheira onde a gente já come farinha daqui. A gente tem coqueiros, caju, dendê, corante, abóbora, batata, banana, abacaxi, tem a horta. A gente sobrevive daqui. Temos criação de galinha. Aqui na frente tem a roça comunitária, mas cada família tem a sua roça... tá tudo plantado.

Fotografia 43 – Cacica Arian Pataxó/3



Fonte: acervo Beira Mar

A gente já tem tudo aqui construído... as nossas casas, temos uma escola, um ponto de cultura, a gente já vive do nosso plantio... a nossa sustentabilidade a gente tira tudo daqui. Mas a gente vê muita dificuldade dos órgãos competentes. Eu penso assim: a terra não tá demarcada ainda por falta de responsabilidade da FUNAI. É cinco anos pra demarcar uma terra e por que que ainda não demarcou? A terra não é demarcada ainda, mas é publicada desde 2015... e com esse documento a FUNAI poderia tá dando uma carta pra gente fazer as nossas construções... a escola que já tá o projeto lá em Salvador de duas salas de aula e até agora não foi construída. O poço que a gente tanto precisa não pode ser feito porque a terra ainda não tá legalizada. Aí a partir daí fizemos uma salinha por nossa conta mesmo, mas não tem um banheiro. O Estado tá deixando a desejar. A gente tá trabalhando pro Estado, fazendo pro Estado, porque tudo é nós que faz, com as nossas forças, do jeito que pode.

A escola indígena Kijtxawê Zabelê anexo Dois Irmãos

Oferecemos hoje do ensino infantil até a quinta série e o EJA, mas a gente pretende abrir mais salas de 6º e de 7º também no ano que vem, já fiz o pedido... e contratar mais professor. Nós temos alunos especiais também, que tem que ter um cuidado maior. E eles não tem ainda esse direito que eles precisam ter porque tem na lei. Mas a gente não recebe esse direito ainda... não tem um cuidador pra esses alunos especiais pra tá ajudando o professor na sala.

E mesmo assim a gente já desenvolveu um trabalho muito bom. A gente pegou uma criança especial aqui, Samuel, que foi aluno do professor Ilauro. Ele chegou aqui e todo mundo sem saber como que ia cuidar dele. Mas o professor Ilauro desenvolveu um trabalho muito bom com ele. Ele não andava, ele não pegava em nada, muito menos pra falar... e Ilauro com os cuidados e o trabalho da capoeira, da música... trabalhando a coordenação motora... e hoje ele anda, já fala coisas que a gente entende e ele já pega no copo, na comida, na merenda... ele mesmo que pega e come... e ele desenvolveu bastante que a mãe não quer nem que ele sai daqui... e inclusive ela já botou outra filha que também é especial. Então a gente fica esperando esse professor vim pra gente dar uma melhor qualidade no atendimento dessas crianças.

Ilauro sempre incentiva eles... na música ele ensina a tocar... até a pequenininha de Mariquinha já pega a flauta e sai “tu tu tu” tocando... não sabe tocar ainda, mas já sopra. O pequenininho de Joelson já fica aquele toquinho andando atrás do Violão. Mas já vai tomando o gosto da música.

Hoje a gente tem o professor Ilauro, a professora Jôse, Indiane e eu dou aula para os alunos da noite, do EJA do Fundamental. A gente tem hoje mais de 50 alunos. É muito aluno para um espaço muito pequeno. E outra coisa, quando a equipe de saúde chega a gente tem que tirar os alunos da sala pra poder atender os pacientes... a escola vira posto de saúde! É muito difícil pra gente... a luta da gente aqui se a gente não for resistente a gente não consegue... e a gente tá aqui porque nós somos resistentes até hoje.

A saúde indígena

Eu também represento a população indígena de 22 comunidades, sou presidente da saúde indígena, polo base de Itamaraju. Essas comunidades vêm sofrendo também, precisando do posto de saúde, de água, como eu já falei. A estrutura toda que a gente tem o direito de ter, mas que esse governo não abre mão. Agora eu tô me preparando pra ir pra uma viagem pra salvador, que o secretário de saúde de Brasília tá lá e eu vou levar as demandas das aldeias nas mãos dele e dizer tudo o que a gente tá precisando... porque é direito da gente e a gente não tá conseguindo. Como a água mesmo. Água é vida, água é saúde. Sem água não tem como a gente viver. A gente hoje nas aldeias tem crianças, hipertenso, pessoas com diabetes, anciãos, e a gente vem bebendo uma água suja onde traz mais doenças pro corpo da gente.

Eu como presidente eu luto tanto! Viajo, vou a Brasília, vou a Salvador buscar uma saúde de qualidade e muitas vezes não chega na base. Mas agora com essa força tarefa que veio de Brasília pra tá atuando nas aldeias eu tô conversando com o secretário de saúde pra conversar com a equipe pra vim no polo de Itamaraju. A força tarefa é uma equipe técnica que tá vindo com o secretario lá de Brasília. E ele veio pra resolver algo que tá parado... é uma equipe pra fazer o trabalho acontecer. Eles vêm pra visualizar o que precisa ser feito e aí a equipe técnica leva pra ele e ele manda assinar pra fazer. Por exemplo aqui precisa de construção de uma UBS pra todas as comunidades de Cumuru. Aí eles vão assinar e sinalizar que aqui precisa pra ser liberado pra fazer a obra.

Aqui em Cumuru o pessoal da prefeitura tem uma cota pra saúde e a gente tem outra. A gente, indígena, era cadastrado lá embaixo, no posto de saúde e cá na aldeia... só que eles exigiram que tirasse o nosso cadastro de lá e só quando tivesse uma urgência que pudesse ir marcar a consulta pra passar lá. Só que muitos indígenas já foi e já voltou sem ser atendido. Quando a gente não tinha o médico ainda, tinha várias mulheres grávidas que a gente levava

lá no posto pra fazer o pré-natal e eles não aceitavam, voltava... porque eles falavam que só podia atender o povo da rua mesmo.

E hoje a gente tem um médico que vem na nossa aldeia, que é Zig. Terça-feira ele atende na Dois Irmãos e Kaí. Outro dia ele atende a Pequi, a Gurita, a Tibá. Cada dia da semana atende duas aldeias. São 22 comunidades incluindo as de Itamaraju. É muita comunidade!

E agora em dezembro eu tô entregando meu trabalho junto da SESAI. É um trabalho voluntário que muitos ainda não reconhece o que você faz. Eu não ganho nada... eu só ganho a passagem. Se eu for pra Salvador eles vão me levar e me dão a diária pra eu pagar lá pra dormir e pra comer e é isso só. Eu não ganho salário, eu não trabalho na SESAI. Eu sou escolhida pelas aldeias... é um conselho da saúde, me escolheram, me colocaram e eu sempre atuei voluntário nessa luta.

Eu fui mãe mais cedo e fiquei um bocado de anos sem estudar... e meu primeiro filho foi Ilauro e eu tive outros três: Mariquinha, Joelson e Damilton... aí eu parei de estudar. Mas sempre eu queria estudar na faculdade. Aí com cinquenta anos eu tive a oportunidade de fazer o meu memorial e aí passei lá em Porto Seguro, no IFBA, em Ciências Humanas. Mas precisei parar porque minha mãe deu mal de Alzheimer aí eu fico mais perto aqui pra poder cuidar dela e tranquei a faculdade. Porque eu tinha que ficar um mês lá. Eu tive essa vontade de tá na faculdade, mas depois que eu vi isso acontecer com ela eu falei “Ah, não tem preço, não tem nada, não tem faculdade...” aí fico aqui mais perto. Eu tenho que tá me dando mais pra pai e mãe também, além de tá me dando pra 22 comunidades, pra minha aldeia Dois Irmãos que é 24 horas aqui de olho, pros filhos, netos, tudo... e aí tem que abraçar todo mundo.

A FUNAI – Fundação Nacional do Índio

Eu tava conversando com a FUNAI. Eu falei assim: “A FUNAI recebeu tanto dinheiro pra trabalhar com os indígenas e eu tô de fora, tô aqui abandonada desse lado, tem ninguém pra me ajudar pra passar o trator aí na frente pra gente fazer a nossa roça... as sementes crioulas tá tudo aí estragando já...” Ela falou: “É Maria, mas a gente não tem condições de ajudar... o que eu pude ajudar você é o mesmo que eu ajudei aos outros”, que foi esse adubo e algumas ferramentas que ela trouxe pra gente, enxada, roçadeira... Eu falei: “pois é, a FUNAI tá aí pra trabalhar pra todos os indígenas e eu tô vendo que vocês tão trabalhando mais pra outras aldeias... não tá igual pra mim... e no início do território a luta foi todo mundo junto. E

hoje eu tô aqui recantada abandonada... outros recebem e pra mim não vem. Eu queria saber qual é a desigualdade???" Ela falou "Não, não é desse jeito não que você tá pensando..." Foi quando eu falei: "Eu sei quem eu sou e de onde eu vim. Me desqualificar eu não aceito isso não. Eu não vim de outro planeta eu sou daqui e eu exijo respeito dentro da minha comunidade, eu como liderança, não é porque eu sou mulher que as vezes outros que são lideranças, são homens, querem pisar em mim... Não... Não vem que não tem não". Aí ela falou que a gente vai sentar pra resolver as coisas. Eu espero que resolva mesmo.

A relação com a natureza

A gente tem que cuidar da natureza, ouvir como os anciãos antigamente vivia. Se destruir a natureza a gente não tem água pra beber. Antigamente minha mãe falava mais meu pai:

"_A gente vai chegar um tempo que não vai ter água".

E eu dizia. "_Mas tanta água que tá tendo aí mãe. Como é que vai acabar?"

"_O homem vai secar os rios"!

"_Mas com tanto rio, como que vai secar essa água?"

Aí Hoje nós vemos os rios poluídos. Os venenos que tão sendo jogado nas cabeceiras dos rios. Aqui mesmo o nosso rio a gente já não usa há muito tempo! Desde que viemos praqui que ele já era poluído. O veneno dos fazendeiros do café, do mamão, tudo desce pelo rio... Na hora que chove joga tudo dentro dele.

Então, assim, se a gente cuidar da natureza a gente vai ter uma vida melhor, mas se a gente contribuir pra fazer isso... achar que "Ah eu vou trabalhar..." por exemplo assim... é usado muito nativo pra fazer isso... eu vejo muito... eu fico observando aqui o trabalho do mamão... um tanto de nativo tudo indo fazer... poluir o rio, poluir a terra... derrubada de árvores.

Eu tava morando aqui perto de um lugar que tinha uma mata imensa aí o fazendeiro, que hoje tá vendendo a área, ele trouxe a máquina e derrubou tudo... eu chorava na hora que eu via a máquina derrubando... e tudo caindo... ligava pra um, ligava pra outro não aparecia ninguém pra me ajudar, pra ir lá e dar um socorro, pra parar aquela máquina. Eu sozinha... a máquina desceu na frente da aldeia e aí eu liguei pra secretaria de cultura lá do prado, no outro dia eu fui lá e eles vieram cobraram um preço do pessoal e aí deixaram eles com a máquina a noite todinha derrubando.

A gente tem que ensinar os nossos filhos... eu falo sempre do professor Ilauro que é um exemplo pra mim: Ele ensina os alunos dele, meu neto mesmo Ihatã, coloca eles pra ajudar a plantar: sempre quando ele vai plantar ele leva eles... ensinando eles... e quando ele vai colher também leva eles. Aí lá na escola eles fizeram um trabalho na roça... deu melancia, abóbora, e aí esses alunos foi uma festa no dia de colher as coisas. E agora ele fez outra roça aqui, tá esperando amadurar e vai reunir com os alunos pra levar eles pra colher as verduras que eles ajudaram a plantar. Ensinando como viver né. Se esses alunos todos que estudam na escola se vivessem tudo morando dentro da aldeia eu creio que eles tinham outra mente... de saber que a terra dá o fruto... é trabalhar, plantar, colher...

Então assim a gente vai ensinando eles naquilo que a gente vive dentro da comunidade. O ensino das nossas crianças não é só dentro da sala de aula não. E assim eles já crescem sabendo o valor que a natureza tem e como que tem que valorizar aquilo... porque é pra gente mesmo, é pra todos, não é só pra um... cuidar do ambiente é pra todos seres vivos.

ALDEIA KAÍ

PAJÉ JOVITA

É liderança e Pajé da aldeia Kaí. Eu a conheci certa vez quando a procurei para que me rezasse. Desde o primeiro encontro tivemos muita afinidade e desde então minhas visitas em sua casa tornaram-se cada vez mais frequentes. Quando lhe apresentei esta proposta de pesquisa ela disse logo que se sentia muito feliz por, mais uma vez, ter suas histórias passadas adiante, e prontamente se colocou à disposição para receber o Mutirão em sua casa e nos contar as suas histórias.

Vocês que estão chegando, sejam bem-vindos!

A casa de Jovita fica no morro do Cantagalo. Chegamos eu, Hannah, Camila, Eduardo, Xande, da Cumuru Filmes, que estava nos ajudando no registro de áudio e vídeo. Sempre muito acolhedora, ela nos ofereceu café, água e pão. Enquanto bebíamos, conversávamos sobre o seu ofício de Pajé, rezadeira e curandeira. Ela nos contou que é grande conhecedora no trato com as ervas medicinais e que todas as segundas, quartas e sextas-feiras ela atende muitas pessoas de Cumuruxatiba, de outros estados e até de outros países, que vão buscar

auxílio e cura para as doenças físicas e espirituais, e que através de suas orações, banhos e garrafadas não há males que não sejam curados.

“A gente fica aí com essas doenças que eu tô vendo hoje... umas meninas novas morrendo com câncer. Vocês sabem de onde que vem esse câncer que vem nos destruindo? Vocês sabem de onde é que ele tá vindo? Antigamente nascia um pé de jaca, um pé de abóbora e nós mantinha ele pra ele sair saudável, pra não trazer esse tanto de veneno que vem matando nós hoje. Hoje você vê umas crianças dessa nascendo, você dá um iogurte, dá uma batatinha... e é dessas comidas que tão saindo hoje que tão criando esses câncer... é a comida que nós tamo comendo. Digo nós porque até eu como... ainda não morri com isso porque eu sei me cuidar... eu sei me tratar com ervas e por isso que eu sou essa véia forte... e eu tomo muito cuidado quando vou comer essas coisas. Mas vamos conversar lá fora que o espaço é maior?”.

Dalí a acompanhamos até o quintal. Da cozinha atravessamos um longo e largo corredor com quartos dos dois lados e chegamos em outra sala com sofás e uma mesa no centro; no canto direito a sua mesa de orações. No quintal foi onde começou a nos contar suas histórias.

“Eu vou cantar uma música pra receber vocês... essa música fui eu que fiz. Vamos ficar todo mundo em roda aqui”. Jovita bateu uma palma ritmada e pediu pra gente acompanhar ela nas palmas, enquanto ela cantava:

“Vocês que está chegando
bem-vindo, será bem-vindo
eu estava esperando vocês aqui
eu estava esperando vocês irmão
eu estava esperando vocês aqui
Será bem-vinda a nossa união”.

Quando acabou disse: “Agora todo mundo dá um abraço”. Abraçamo-nos e eu me senti, mais uma vez, muito bem-vindo!

Conversas no quintal de Jovita

Convidou-nos para sentar em volta de uma mesa no quintal e pediu que eu a ajudasse a carregar um quadro com uma pintura que estava ao lado de sua mesa de orações. “Eu quero que esse quadro fique aqui do meu lado”. E continuou: “Eu acho muito importante isso que vocês estão trazendo pra mim, sabe por quê? Eu vou explicar o porquê. Muitas vezes eu tentei resgatar essa cultura nossa... que esse Cumuru era uma aldeia pequenininha... era puro índio. E os avós de muitos de vocês que estão aqui hoje sabem disso que eu tô dizendo, Dona Maria de Maranhão tem conhecimento disso. Seu Maranhão era um índio guerreiro pé no chão. Ele ficava era tempo me ouvindo. Eu queria que a metade desses jovens de hoje me procurasse igual vocês, eu tiro o chapéu pra vocês que estão aqui pra aprender a cultura comigo”.

Fotografia 44 – Pajé Jovita/1



Fonte: Acervo Beira Mar

“Hoje em dia nossa Cumuru espedaçou. Essa aldeia, que era uma aldeia, espedaçou. Hoje não tá mais em nossa mão, na minha ainda tá agora na mão dos jovens de hoje não tá mais. Porque os velhos, os pais, os avós, Deus levou, os que ficou não se importou, eu chamava a atenção e ainda criticavam de mim... Aí veio chegando as pessoas de fora e foi se encostando, se encostando, arrumava emprego pra um, um aceitava, arrumava emprego pra outro, outro aceitava e aí, nisso aí, Cumuru foi perdendo a cultura indígena. E é muito importante resgatar essa cultura indígena porque é uma tradição”.

Quando criança Jovita viu a sua natureza sendo totalmente destruída

Olhando e apontando para a pintura no quadro começou a nos contar: “Eu vi tudo isso com sete anos e mandei meu pai desenhar num pedaço de papel... eu tava assim acordada

igual eu tô aqui...”. Ao contar parecia estar revivendo aquilo que viveu aos sete anos de idade, se emocionou muito e o choro a interrompeu. Na narrativa ela via a natureza sendo totalmente destruída: a mata onde estava sua casa quando criança estava pegando fogo; outras árvores eram cortadas por “um tipo de facão que cortava muito ligeiro”; via também “uma caixa cheia de canos parecendo bambu de onde saia muita fumaça”; outra caixa com rodas e um homem dentro; o rio onde ela pescava estava cheio de lixo e as caças não existiam mais. “Eu via tudo igual eu tô vendo vocês aqui agora”. À medida que ia vendo pedia ao seu pai que fosse desenhando com um pedacinho de carvão em um pedaço de papel. “Eu vim guardando esse papel, eu guardei esse papel, quando eu olhava que o desenho ia sumindo eu mandava meu pai renovar de novo e meu pai renovava a mesma coisa”. Esta história está na íntegra na dramaturgia na cena “Na aldeia Pataxó – Jovita”.

“Quando eu olho pra esse quadro eu lembro da minha infância porque esse rio aqui ó era onde nós tomava banho... E não é isso que estamos vivendo hoje? Pois tudo isso eu vi aos sete anos de idade, quando ainda vivia nas matas, nunca tinha visto um carro, nem um motosserra, nem uma fábrica. Eu tava sendo avisada de tudo que estamos vivendo hoje. Hoje você olha você não vê mata... só vê campo, fazenda, curral de vaca, de boi. Aqui no nosso extremo sul da Bahia algum lugar que você anda que você ainda vê um pedacinho de mata. E eu sinto assim que os bichos aonde eu tô os bichos procuram... hoje eu amanheci o dia... eu acordei por causa do canto de tanto arancuã cantando aqui... era aqui nesses pé de mato, ali nesses pé de bambu... eu disse assim ‘gente o quê que é isso?’ Levantei tava enfeitado de arancuã tudo cantando...”

É preciso resgatar as tradições Pataxó

“É muito importante resgatar nossa cultura indígena. Hoje eu me envergonho... porque uma tradição que eu trouxe desde eu pequena foi a tradição de sair com o pau de Bastião na rua... era aquela tradição bonita quando eu cheguei logo pra aqui... vinha gente do Brasil inteiro pra tirar foto, pra filmar todo mundo com suas bandeira sacudindo e o pau de Bastião no meio... abalava o Brasil inteiro... eu me arrepio até hoje... hoje eu deixei de sair na rua com o pau de Bastião, peço perdão a ele, peço agô¹³ a ele meu pai... eu não saí mais porque duas vezes eu fui sair e eu fui criticada e alguns próprios nativos daqui ajuntaram pra criticar... ‘que nada ela não gosta de bebedeira, não gosta de nada... a coisa só funciona a gente

¹³ “Perdão; Desculpas, na língua dos orixás”, segundo a própria Jovita.

bebendo'. Aí tem uns três anos que eu não saio é por causa disso... porque quando eu boto o cordão de índio na rua é poucos que vai... já me deu vontade de sozinha botar minha tanga, botar minha farda e ir pra porta da igreja e discursar lá, prostrar meu joelho e discursar porque Cumuru antes era uma tradição o pau de Bastião e hoje não é mais. A tradição não existe mais porque ninguém aceita. A tradição antigamente... o quê que a gente fazia pros índios se envolver, se manifestar e todo mundo ficar alegre?... eu fazia aqueles potão de cauim já uns cinco dias antes da festa, quando era no dia de São Sebastião o cauim tava tão ferventado que os índios bebiam duas daquela e era mesmo que uma cachaça, tomava aquilo aí todo mundo se manifestava e ficava alegre. Cada um enchia suas cabaças com o cauim de vez em quando tomava, mas não era uma bebida que derrubava, só animava”.

A cura pelas ervas medicinais

“O meu trabalho com as ervas é de sempre desde quando eu carrego esse dom... de pequena que eu já trabalho com as ervas. Eu sei remédio pra tirar uma asma de uma criança... isso é tipo uma simpatia e só eu sei fazer e não posso passar pra ninguém só a gente mesmo é que sabe”.

“Eu tenho minha hortinha aqui, aí as vezes a pessoa me procura e fala ‘eu tô desenganada do médico’, aí eu vou lá na minha horta ou vou lá na mata, pego aquele remédio que é suficiente trago faço aquela garrafada dou pra pessoa beber, a pessoa vai bebendo e aquilo vai acabando, vai acabando, vai acabando... zerô, aí quando vai no médico o médico fala ‘o que foi que você bebeu?’”.

“Quando Deus deixou o nosso mundo ele não deixou farmácia nenhuma... ele só deixou isso aí ó... às vezes você olha pra esse mundão é tudo mato, mas pra cada um mato desse é um remédio, só que a gente tem que ter ciência pra trabalhar porque assim como o remédio de farmácia intoxica, o do mato também intoxica... tem que saber trabalhar”.

“Eu sou professora de ervas medicinais, e dou aula pelo mundo a fora. O manjericão, a sabugueira e a alfavaca de galinha são parceiro, agora já com outras ervas não são parceiro. É tanto que quando eu faço um remédio pra uma pessoa eu já dou a receita, tem erva que não pode beber, não pode comer limão, não pode comer pimenta, tudo tem que ter a cautela e tem que ter a doutrina.”

“Eu trabalho com tudo: diabete, gastrite, varizes, dor de cabeça, dor de dente, dor de cabeça do sereno, dor de cabeça do sol, frieira, baço, impinge, isso foi meus orixás que deixou anotado pra mim. Aqui só de você tomar um banho nesse mar sagrado você se sente bem...”

A mesa de rezas de Jovita

Em certo momento da conversa uma chuva mansa começou a cair e Jovita nos chamou pra continuar do lado de dentro. “Essa chuva caiu não foi à toa. Eu queria mesmo continuar essa conversa aqui dentro, perto da minha mesa, onde estão meus orixás e meus santos”.

Cantou uma música:

“O te'héy está caindo
 É Tupã que está mandando
 O te'héy está caindo
 É Tupã que está mandando
 vou voltar pra minha aldeia
 meus irmão está chamando
 vou voltar pra minha aldeia
 meus irmãos tá guerreando

“O te'héy é a chuva. Essas cantigas tudo eu inventava... eu sonhava”.

Foi quando nos apresentou a mesa onde faz as suas rezas, acende suas velas, prepara suas garrafadas e banhos, onde também ficam diversas imagens, as quais nos apresentou uma a uma: “Esse aqui é o divino pai eterno que eu ganhei, foi uma festa que eu fiz; ali é nossa senhora que as duas crianças viu; esse aqui é o padroeiro, Santo Antônio, que era de meu bisavó que achou lá fora no mar, no recife, andando... ele foi roubado da igreja, tiraram a coroa tiraram tudo de ouro dele... era o que saía na procissão... eu fui lá pedi licença o padre e trouxe pra minha casa, principalmente porquê foi meu bisavô que achou lá no mar; Santo expedito, das causa impossível e urgente...” e diversas outras: Nossa Senhora Aparecida, Jesus Cristo, Ave Maria, Santa Bárbara, São Jorge, a Santa Ceia. Mesmo com tantas imagens de santos católicos, toda vez que vai se referir à mesa... Jovita diz “meus orixás, caboclos e pretos velhos: Iansã, Oxóssi, Iemanjá, Ogum, Iara, Tupinambá, Sete flechas, Ossana”.

Fotografia 45 – Pajé Jovita/2



Fonte: Acervo Beira Mar

O telefone tocou. “Eu preciso atender essa ligação. É uma pessoa que eu tô cuidando e eu preciso falar com ela”, disse Jovita. Nesse tempo Hannah me perguntou: “_Professor, essa imagem atrás de você é um Orixá?”. “É sim Hannah, é Omulu”. Ele estava entre a porta de entrada da sala e a mesa de orações de Jovita. Quando ela voltou do telefonema eu perguntei o porquê da imagem de Omulu estar fora da mesa. “É que ele tem os dias certos de ficar na mesa e os dias que fica fora da mesa. Ele é um dos provedores dessa casa”, nos contou a Pajé. Em outro canto da casa me apresentou também uma imagem da cabocla Jurema.

“Ser Pajé é um dom. E eu não posso nunca deixar de atender as pessoas porque se eu tenho um conhecimento que pode melhorar a vida das pessoas eu preciso fazer o uso desse conhecimento. O quê que tá precisando pra vocês dá mais uma passada pra frente? Porque muitas vezes você tá dando uma passada pra frente e outra pra trás e você volta pro mesmo lugar. E muitas vezes você quer dar os passos pra frente e não quer que ele volte mais pra trás... esse é o meu papel de fazer. Em Cumuruxatiba tá tendo um crescimento muito grande e rápido das igrejas evangélicas e depois disso muitos parentes já não tem aquela fé nas tradições... tem muitos que fala que é feitiçarias”.

“São muitas as entidades que me acompanham desde criança: orixás, caboclos, pretos velhos e erês. São eles que me ensinam as rezas e me acompanham nos momentos de cura. Ossana é uma entidade muito forte que eu tenho. Ela desceu em mim eu não sabia ler, não sabia escrever. Ela deixou tudo anotado e eu tive que aprender aquilo pra mim tirar qualquer uma bruxaria, levar a mão na cabeça de qualquer uma pessoa e tirar uma bruxaria”.

“Ossana é viva, mora na mata, engana qualquer um. As vezes quando ela não quer que você mata uma caça dela, você vai com os cachorros dentro da mata pra caçar... você bota os

pés dentro da mata... assim que você saiu na mata você se perde sozinho. Ali pra achar você... se não for pessoa atrás você fica rodando pertinho do caminho e não acerta o caminho. Ossana é minha guerreira... chego a me arrepiar. Por isso que eu não gosto que mata a caça porque eu trabalho junto com ela”.

“Yemanjá é uma Orixá. Ela é a rainha do Mar e é a mãe de todos os pescadores. As vezes quando não tá pegando peixe é porque não falou ainda com Yemanjá. Quando a gente não sabe o que fazer, chama por Yemanjá, que ela é a mãe de nós todos. É só você tomar um banho nesse mar sagrado que você já se sente melhor. Ele lava tudo. Todos nós... pescadores, pescadoras... somos filhos dela, a rainha do mar”.

“Tem também a cabocla Iara, a mãe d’água que é a mãe das águas doces. Ela tem um canto tão lindo que atrai os pescadores e vão viver com ela no fundo do rio. Elas são todas sagradas. Energias positivas e que tão aí pra ajudar nós seres humanos”.

“A natureza é a maior manifestação de Deus. Mas o homem se esqueceu disso... e tão acabando com tudo. Estão desconectados da Vida... e quando é assim eles tão destruindo eles mesmos... Só neste último ano, aqui no Brasil, dois Rios foram assassinados com lama tóxica. A Amazônia... a floresta... tem quantos dia que tá pegando fogo? Não dá nem pra acreditar! Quem que vive sem a natureza? Ninguém vive... vocês sabe porquê? Porque a gente também é natureza... Vocês têm que encontrar o amor pela nossa Mãe-Terra. O mesmo amor, o mesmo respeito que as avós de vocês tiveram. Escutar a natureza... ela conversa com a gente...”.

“Tem coisas quer você carrega quando você não cuida do seu corpo... deixa seu corpo sem tomar um banho de descarrego... aquilo incomoda seu corpo, atrapalha seu caminho... deixa você num lugar sem saída. Você diz assim ‘meu deus será que o mundo que eu tô vivendo é esse ou é outro? E aqui em Cumuru só de você tomar um banho nesse mar sagrado você já se sente bem. E tem que tomar uns banhos de descarrego pra limpar o corpo pra abrir mais o caminho e dar mais uma luz”.

“É no caso que eu falei pro professor Edson. Quando ele chegou aqui pela primeira vez olhei pra ele e eu li ele todinho... o ritual dele... aonde ele morava não era lugar suficiente pra ele morar... o lugar suficiente pra ele morar era aqui porque aqui ele tá dentro do mato... isso aqui é um mato, Cumuru é um matinho né? Todo lugar que você olha é um matinho... e o caboclo que acompanha ele é mais pro mato do que pra cidade. Eu não te falei isso naquele dia? Você não se sentiu bem quando chegou aqui? Nem vontade de ir pra lá você não tem. É ou não é? E eu pra mim aqui já é uma cidade... pra mim o meu lugar bom mesmo é de eu tá lá dentro da mata”.

A viola de Jovita

“Agora eu vou apresentar pra vocês as minhas músicas... eu mais minha viola”. E foi buscar a viola... quando voltou: “Eu trago um hino nacional dos índios... dos antepassados... pelo meu bisavô... pois bem... ele é assim ó:

Brasil que vive alegre muito valoroso,
 Brasil que vive alegre vamos enfrentar,
 Com as nossas armas já estou seguro...
 E no momento mande me chamar...
 Os Pataxó para ser feliz
 que eles são o dono dessa terra...
 O pátria amada quando canta o seu hino...
 Os Pataxós compreende o seu destino (x2).

Fotografia 46 – Pajé Jovita/3



Fonte: Acervo Beira Mar

Essa cantiga agora é do senhor Oxóssi da mata:
 Oxóssi eu saí da minha aldeia (x2)
 Amontada no meu cavalo
 Com a espada lá de um lado
 Quando eu saí a minha mãe me abençoava (x2).
 E quando eu falo ‘a minha mãe’ é a minha mãe Mata”.

Fotografia 47 – Copesquisadoras na casa de Jovita



Fonte: Acervo Beira Mar

“Caboclo de pena escreva na areia
 Caboclo de pena escreva na areia
 Escreva meu caboquinho
 O nome da aldeia”

“Eu vi a cancela bater
 Eu vi a espora tinir
 Eu vi a pisada do gado
 Seu boiadeiro vem aí.

Boiadeiro iê iê
 Boiadeiro iê iá
 Boiadeiro que toca a boiada
 não fica perdido no meio da estrada”.

“Debaixo de um arvoredado
 Eu estava descansando

Quando olhei para cima
Vi um passarinho avoando
Passarinho se eu pudesse
Não te enterrava no chão
Mandava fazer sua cova
Dentro do meu coração”.

“Vento que balança as palhas do coqueiro
Vento que encrespa as ondas do mar
Vento que assanha os cabelos da morena
Me traz notícias de lá.

Vento que assovia no telhado
Chamando para a lua respirar
Vento da beira da praia
Inspirava meu amor a cantar
Hoje estou sozinha e tu também
fui lembrando do meu bem
Vento, diga por favor
Aonde se escondeu o meu amor”.

“Não bote fogo na mata
Na mata tem caçador
Afirma ponto na aldeia
Caboclo da mata chegou.

Zum, zum, zum
Ô, Ô, Ô”.

“Ô caçador na beira do caminho
Ô não me mande essa coral na estrada
Ela abandonou sua choupana caçador
Foi no romper da madrugada”.

CRISTIANE, DÁRIO E RICARDO

Quando fomos conversar com Cristiane, Dário e Ricardo, no encontramos na pracinha do Centro de Cumuru para pegar uma carona no ônibus escolar que nos levaria para a Aldeia Kaí. Fomos eu, Jamile, Hannah, Isadora, Rosseline e Renan. Como sempre, fomos carinhosamente recebidos por essas lideranças e o conteúdo dessa conversa será apresentado a seguir.

Fotografia 48 – Roda de conversa com as lideranças da aldeia Kaí



Fonte: Acervo Beira Mar

Apresentações

Cristiane: “Eu sou Cristiane Pataxó, ou Jandaia Pataxó, sou professora da escola indígena Kijetxawê Zabelê e vice-secretária da Associação da aldeia Kaí. E eu espero que essa interação de histórias faça com que alguns de vocês se auto-reconheçam como Pataxó... porque a gente sabe que muitos de vocês são Pataxó e talvez não tem esse reconhecimento por não conhecer a nossa verdadeira história”.

Dario: “Eu sou o Dário Neves Ferreira, nome indígena Xohã Pataxó, liderança da comunidade, agente de saúde indígena e membro do conselho distrital de saúde indígena do estado da Bahia. Fico feliz quando se fala na formação de lideranças, porque nós não tivemos essa formação. Essa formação a gente aprendeu no movimento. Tanto eu como Cristiane e Ricardo foi no movimento mesmo, no dia a dia. E nesses quase vinte anos de resistência, desde a retomada da barra do Kaí, o bom é que hoje estamos conseguindo fortalecer a nossa juventude”.

Ricardo: “Eu sou Ricardo, ou Xauã Pataxó. Sou presidente da associação da aldeia Kaí - AIPAK. Estou buscando novos caminhos para o fortalecimento da juventude Pataxó e da juventude de Cumuruxatiba. Um trabalho de pensamento e fortalecimento de como nossos velhos eram antes. A nossa busca hoje é a liberdade de território e a liberdade de vida. E que vocês sejam sempre muito bem-vindos. Estamos sempre aqui na comunidade, com movimentos, encontros e é importante vocês estarem mais inseridos dentro da luta também pra entender o contexto histórico e o contexto territorial de Cumuruxatiba”.

Jamile: “Eu sou Jamile, nasci no Espírito Santo e moro aqui em Cumuru desde bebezinha. Sou filha de Jô do restaurante”.

Hannah Sophia: “Eu sou Sophia, sou nativa daqui, queria aproveitar pra dizer que pra mim é um privilégio tá aqui. Eu sempre tive muita vontade de estar inserida, mas falta muita comunicação de ambas as partes. Eu sempre tive mais vontade de estar presente na aldeia só que eu ficava pensando: ‘Como é que vai ser?’. ‘Como é que é?’. ‘Será que eu vou ter espaço lá?’. E participar do grupo de teatro é muito importante pra mim porque me ajudou a estar mais inserida nestas comunidades e a entender muitas coisas... inclusive sobre esse meu pensamento de que talvez a aldeia fosse mais fechada e não dava esse espaço, mas hoje eu sei que não é desse jeito e pra mim é muito bom tá aqui porque é também a minha história e eu espero poder seguir junto de alguma forma”.

Isadora: “Eu sou Isadora, sou nativa daqui. Tô muito feliz por estar neste projeto de pesquisa e teatro porque eu sempre admirei muito a cultura indígena e a força que vocês representam”.

Cristiane: “E que tá dentro de você também né, que inclusive é Pataxó”.

Isadora: “Eu sou muito interessada em poder saber mais da história, da cultura. Minha mãe da aula na aldeia Pequi e minha tia da aula aqui”.

Rosseline: “Meu nome é Rosseline, eu sou nativa daqui, filha de uma família tradicional, meu pai é pescador, todo mundo sabe, e por parte de mãe eu tenho ligação direta com o povo Pataxó, com a aldeia Tawá e por eu ser Pataxó e também por eu ser de uma

família tradicional eu me sinto no dever de saber da minha história, de ter esse contato, de correr atrás. Tô muito feliz de tá aqui... outros jovens tinham que buscar mais isso que é correr atrás do conhecimento com os mais velhos”.

Renan: “Eu sou Renan, sou nativo daqui e eu me interessei pela luta do povo indígena porque eu vi que é um povo resistente e também porque é o nosso povo. O povo Pataxó é o nosso povo. Eu admiro muito a forma que o povo luta pelos seus direitos e eu acredito que a gente conhecendo, visitando, como estamos fazendo agora e conhecendo com as lideranças eu acho que isso só vai fortalecer a gente a querer lutar pelo direito indígena, pelo povo indígena, pra preservar a cultura, a crença, a vivência do povo indígena”.

Edson: “Eu tô muito feliz de tá aqui. Porque pra mim, tá entre os Pataxó é sempre muito rico e cheio de muitos aprendizados. Eu aprendo mais sobre Cumuruxatiba, que é esse lugar abençoado onde eu renasci, eu aprendo um jeito de viver que é tão conectado com a natureza, eu aprendo muito sobre mim mesmo... me faz pensar minhas origens e minha ancestralidade... muitos aprendizados...”.

Zabelê, fogo de 51 e retomada do território

Cristiane: “Cumuruxatiba sempre foi nossa aldeia. Ali era uma aldeia, uma vilazinha de pescadores indígenas: os avôs e bisavôs de vocês... o bisavô de Hannah Sophia, de Isadora, o finado Júlio Neve que é o tio de Dário, e vocês são parentes.

O meu Ser-Pataxó vem da minha raiz mesmo. Zabelê nunca deixou a gente esquecer a nossa cultura. Eu tive essa prioridade que vocês não tiveram por que seus avôs e seus bisavôs morreram. A gente teve esse conhecimento nato de Zabelê, minha avó Buru, minha mãe Jovita.

Quando teve a diáspora, que foi o fogo de 51, Zabelê veio de Barra Velha pra Cumuru, na qual tinha os Pataxó daqui e a acolheram... meu avô Aurelino que é avô de Renan, tia Miroca. E foram esses Pataxó que já moravam aqui que acolheram esses Pataxó que veio de Barra Velha corrido, estuprado... meu tio Manoel Fragoso todo massacrado de tanto apanhar e várias outras pessoas que vieram praticamente mortos praqui. Foi um massacre imenso, assim como ocorreu aqui na aldeia Kaí em 2016, onde nossas casas foram todas derrubadas. A gente não sofreu violência física, mas nós sofremos violência mental... é uma história que eu não consigo esquecer até hoje.

No quintal da casa de Zabelê ela sempre fazia o nosso Toré, fazia o cauim, o beijú, o peixe na patioba. Ela era uma professora nata... não existia professor que nem Zabelê... ela

fazia uma roda de Awê e a gente tinha que falar no patxôhã e quem não falasse no patxôhã não comia a comida que ela fazia. A gente não tinha apostila como a gente tem hoje. Zabelê me ensinou a contar por que quando eu ia fazer o colar o mesmo total de sementes que tinha de um lado tinha que ter do outro, então quando eu fui pra escola eu já sabia contar.

Ricardo também aprendeu. Dário nem fala porque é de berço, ele é neto de Zabelê. Ricardo hoje é um bom artesão porque Zabelê incentivou... não tinha essa de vim com sementinha bonitinha pra gente fazer não... tinha que ir no mato, conhecer a semente, buscar a semente, fazer o artesanato... e foi essa professora que nós tivemos... e hoje nossa comunidade tá cheia desses professores basta a gente querer pra buscar esse conhecimento. Inclusive dentro de casa vocês tem seus pais, suas avós.

Fiquei muito feliz, satisfeita e emocionada com a fala de cada um de vocês porque o que a gente mais quer é que a comunidade de Cumuruxatiba tenha um outro olhar das nossas comunidades... porque nós não somos pessoas que estamos aqui pra roubar terra de ninguém. Tudo isso aqui era do meu avô... do avô de vocês... que foram expulsos à base de pancada... mortos. Quantos parentes nosso não foram mortos dentro dessas terras aqui? E os índios não tinham armas. O quê que meu avô fazia... o avô de vocês? Simplesmente abandonava a terra e ia procurar outro lugar pra viver. E hoje a gente tá fazendo o quê? A gente tá retomando o que é nosso por direito... porque hoje existe uma constituição que nos garante isso. Naquela época a gente não tinha essa constituição. E por esse direito a gente também se fortalece.

O meu ser Pataxó vem da força de jovens como vocês. Vocês sabem que a gente tem um grupo de jovens perfeito aqui: Ester, Carlinha, Cristine. Elas são estudantes da Kijetxawê, elas cantam no grupo Meninas Sentindo o Canto e trazem a nossa história através da música... olha que bonito! Assim como vocês vão trazer a nossa história através do teatro. Tudo é arte. E é a história vindo através dessa linguagem. Isso tudo é o Ser-Pataxó”.

Educação indígena

Cristiane: “Quando veio as vagas pra fazer o magistério indígena eu fui convidada pela minha comunidade porque eu já dava aula, voluntária, dentro da aldeia, de Patxôhã. Quando eu terminei o magistério eu me inscrevi pra fazer a licenciatura intercultural. Passei. Fiz a graduação e hoje tô fazendo o mestrado na UFRJ, na área de linguística. E isso pra minha comunidade é um orgulho, pra meus filhos, pra vocês... talvez muitos de vocês falam ‘Ó fia tá velhinha lá estudando, fazendo o doutorado, porque eu não vou?’ Lógico que vocês vão.

Eu amo estudar e uma coisa que eu falo pra vocês é: Não desistam do estudo de vocês. Eu acho que é a educação que vai mudar o nosso Brasil. Então uma coisa que eu peço pra vocês é não desistam dos estudos de vocês. Isso é importantíssimo!

Assim como hoje nós temos Zig, nosso médico, tem Leonarda nossa nutricionista... aí o povo Pataxó crescendo! Temos em coroa vermelha três advogados indígenas, antropólogos... olha que maravilha! E eu quero me aperfeiçoar no ensino da minha língua porque eu quero que a língua Pataxó um dia se torne a nossa língua materna, como diz os nossos velhos. Porque a língua materna do povo brasileiro é a língua portuguesa, mas se você chegar na comunidade indígena e falar que o Patxôhã não é a língua materna do povo Pataxó os nossos velhos ficam retado. E a gente precisa que seja falada fluentemente essa língua dentro das comunidades. E essa é uma das minhas lutas enquanto linguista hoje.

Outra coisa que foi muito precária na nossa educação e eu falo porque eu também fui aluna de Cumuru e que vocês quando estiver em sala de aula tenta defender as histórias de vocês, porque as escolas de Cumuru não ensina a real história do povo nativo daqui... e isso é preciso mudar... e isso vai mudar quando vocês começarem a cobrar dentro da sala de aula: ‘Por quê que a gente não estuda a nossa verdadeira história? Como era Cumuru antigamente?’ E quando a gente, indígena, questiona a escola sobre o ensino das histórias e culturas indígenas eles viram e falam que trabalhavam vídeos. Mas eu entendo que a gente não tem que trabalhar vídeo na escola... a gente tem que pegar a realidade... pegar a liderança e levar pra sala de aula ou você vir até aqui buscar a história e contar pros seus colegas... é fazer o que Edson tá fazendo, vocês tão fazendo, fazer a entrevista, transformar em um teatro e depois você ir e apresentar na escola... isso sim é real”.

Ricardo: “Eu quando estudava na escola Algeziro, uma escola não-indígena, eu era o único indígena de aldeia, e eu sofria preconceitos por parte de muitos professores, inclusive eu parei de estudar uns três anos por conta de preconceito. O que eu aprendi na escola não indígena, não serviu como conhecimento de educação escolar. O que serviu como fortalecimento pra mim foi a luta. O conhecimento mesmo que eu ganhei foi todo dentro da luta indígena, dentro da luta quilombola também, é bom a gente ressaltar aqui, as nossas raízes também trazem isso”.

A verdadeira história de Cumuruxatiba

Dario: “Ser Pataxó pra mim é resistir. Nós estamos aí a 519 anos de resistência, inclusive. Em Cumuruxatiba quem sempre morou aqui foi os Pataxó. A família da minha avó,

que era Bernarda, era dona da Barra do Kaí lá do outro lado... ela foi expulsa de lá e veio pra Cumuru.

Quando a gente fez o evento Negro-índio a gente foi buscar quem é que morava aqui... com a chegada da colonização, veio os negros também e deu essa mistura. Muitas coisas que eles contaram que nem eu sabia. A gente nunca sabe 100% por isso a gente valoriza muito o velho... a gente precisa pegar essas histórias pra poder transcrever e gravar porque daqui uns tempos a gente não vai ter eles mais... a gente que vai tá contando as histórias.

E a liberdade que eu tive e Ricardo teve vocês não tão tendo em Cumuruxatiba. E se a gente não tivesse dado início a retomada do território a gente não sabia nem onde estava, se estava em Cumuru ou se alguns já tinham ido embora. Mas graças a Deus em 2000 a gente conseguiu retornar, retomar as terras... o que muitos falam que é invasão, que o índio é ladrão... agora você vai buscar a verdadeira história de onde nós estamos aqui hoje. Foram várias famílias que foram expulsas. A verdadeira aldeia de Cumuruxatiba era ali na represa, você pode perguntar todos os velhos eles contam. Do lado de cá era casa e do lado de lá era casa... e era uma comunidade de pescador mesmo, indígena...

Há uns vinte dias nós fomos dar uma caminhada aqui, no rumo aqui, nós achamos uma casa antiga de uma moradora que foi expulsa... tinha até uma panela de ferro daquelas bem antiga... e essa senhora ela foi morta aqui dentro do parque do descobrimento que antes de ser parque sempre foi terra indígena... na época da Bralanda... ela foi morta de tiro por disputa de terra. Teve vários massacres aqui. Ninguém sabe que a família dos Quati foi morta por disputa de terra pela própria polícia. Foi briga entre o próprio governo. E a gente precisa mostrar essas histórias pra Cumuruxatiba.

E no nosso relatório é bem claro... quando a antropóloga veio aqui pra fazer o estudo... porque pra fazer um estudo de terra indígena tem que comprovar que tem índio... e ela provou... e os documentos tá tudo registrado em cartório... a gente tem documento aqui da década de 40... E muita gente as vezes fala que Cumuruxatiba não tem índio, que o índio veio de Barra Velha. Nada disso! É isso que a gente quer mostrar, inclusive no meu TCC, no artigo que eu vou escrever eu vou contar a verdadeira história de Cumuruxatiba. Porque eles falam que os índios veio de lá, mas na verdade os daqui acolheu quem veio de lá naquela época.

Assim como Cristiane falou de Zabelê, tem Jonga também que mora aqui e ele conta a história do avô dele... ele tava com dez anos e ele viu o avô dele ser massacrado... depois que vieram praqui passou um mês o avô dele morreu de tanta pancada que ele levou...

A história do Parque Nacional do Descobrimento foi uma batalha, uma briga grande com o ICMBio na época. A gente tava aqui eles vinham e entravam armados, os caras tudo de

metralhadora na mão... as crianças ficavam tudo horrorizada... E chegavam e falavam: ‘Vocês tão devastando o parque! Vocês tão acabando com o parque!’ Não foi fácil... foram várias reintegrações... fechamos a saída do ICMBio por duas vezes lá na entrada do Guarani e aonde a gente chegou num acordo com eles... e hoje a gente fez um termo de compromisso e tá dando certo essa parceria. A gente tem dialogado. Mas querendo ou não, com esse acordo ou não, são seis comunidades que estão na sobreposição do parque do descobrimento... querendo, ou não, é terra indígena e não tem volta”.

O aprendizado natural com os mais velhos

Ricardo: “A gente recebe um número de turistas significativo aqui... até no inverno... e pelos meus traços muitas pessoas perguntam: ‘Você é índio?’. Por conta dos meus parentes italianos e gaúchos então o meu traço todo foi voltado pro povo gaúcho. Mas o nosso ser Pataxó é a vivência nossa mesmo, o modo de ser, o modo de viver, a liberdade nossa, o conhecimento dos velhos....

E quando fala de Cumuruxatiba a gente sabe que foi aqui que iniciou toda a invasão do Brasil, o saqueamento do país, a mortidão que teve no Brasil, em Cumuruxatiba. Eu tive o privilégio de vivenciar com a maioria dos velhos de Cumuruxatiba: Zabelê, Bernarda, João Neve, Buru. E eu fiz questão de pegar eles e conversar mesmo com eles pra eu saber um pouquinho da história. Conhecimentos de pesca, da história nossa, do fogo de 51. Zabelê em uma semente ela fazia a gente enxergar um universo.

E hoje eu levo meus dois filhos nessa linha, no aprendizado natural... tipo quando Fia tá fazendo o crochê dela, quando eles tão contando semente, quando tem reunião ou encontro eu falo pra eles ficar ali no meio... e aquele observar deles que vai fluindo e vai crescendo a liderança”.

Sobre a exploração da areia monazítica

Ricardo: “Quando a gente fala na história da areia monazítica, nos anos 70, 80 e até os anos 90, Cumuruxatiba era uma cidade tradicional, uma vila de pescadores, de Pataxó, onde todos viviam da pesca, da caça e o capitalismo em si não tinha penetrado dentro da vila... Hoje tudo é dinheiro, antes não... antes era tudo na base da troca: trocava farinha, milho, feijão... eu alcancei isso ainda. Até que a exploração da areia monazítica chegou aqui com grandes promessas de melhoria e progresso, mas o que aconteceu foi uma escravidão gigante,

onde escravizaram os nativos, muitos nativos que trabalharam na extração, muitos velhos hoje tão morrendo de câncer, por conta que trabalhava com material radioativo, sem proteção, sem nada, então eles vieram desenvolver essas doenças hoje. E de repente a vila de Cumuruxatiba ficou em torno do dinheiro.

Tinha muitas mulheres que não tinham condições de tá carregando aqueles sacos que pesavam quase cem quilos cada um... então... o quê que as mulheres iam fazer? _Lavar roupa! Elas pegavam, por exemplo, roupa de dez homens e iam levar no rio pra poder lavar. E foi numa dessa daí que a minha mãe acabou se envolvendo com meu pai, que inclusive, era dono da empresa que transportava areia pra Caravelas pra mandar pra Salvador, ele tinha essa empresa de caçambas. Então eu já vim de um impacto de colonizador grande, sabe. E eu ter mãe Pataxó, com pai gaúcho, com parente italiano... isso foi um impacto muito grande pra mim e, principalmente pelas minhas características, hoje ainda sofro bastante preconceito, mas já consigo dialogar, debater melhor e compreender essas questões”.

Dario: “Sobre a areia monazítica o quê que eles faziam? Eles fizeram a represa ali pra poder lavar a areia... ali em cima, na falésia do bairro Areia Preta era a CONSEMP, eles separavam a areia ali... dali eles levavam pro povoado de Guarani e de Guarani eles levavam pra Guarapari. Ali onde é a peixaria Jéssica hoje... ali era uma lagoa... o quê que eles fizeram? Aterraram tudo...”.

As retomadas de terras

Ricardo: “Sobre as retomadas de 2000, eu volto cá que é importante vocês conhecerem os artigos 231 e 232 da Constituição, onde fala do nosso direito e do nosso dever. A gente indígena, pra gente ter o direito, a gente tem que tá ocupando uma terra tradicionalmente reconhecida... é isso que a gente faz... é um dever... a gente tem que tá na nossa terra pra gente ter nossos direitos. A gente tem que ter os nossos costumes, nossas crenças, nossas sabedorias...”

Foi em 2000 as retomadas que iniciou na Barra do Kaí. Naquela época a barra do Kaí era aberta, era aquela coisa maravilhosa, você passava por dentro do mangue, ia até as duas fazendas... E aí a gente teve que sair por pistoleiros... mas do ano 2000 pra cá a gente teve só luta, a gente não teve paz... a verdade é essa... os Pataxó de Cumuruxatiba, de Prado e alguma parte de Barra Velha... foram muitos ataques, tiroteios, reintegração de posse... E a gente tá em luta ainda com essas reintegração de posse.

E aí o interessante foi que na retomada da barra do Kaí 75% eram mulheres e crianças, inclusive eu era uma dessas crianças. Era do lado de lá da barra do Kaí, em doutor Vitor ali, onde hoje está abandonado né, a gente começou o movimento ali junto com os Pataxó Hã-Hã-Hã, de Pau Brasil que veio pra dá uma força pra a gente.

Até 1997 Cumuru tinha um modelo de território livre, que é aquele território onde você vive onde você quer, você constrói onde você quer, não era aldeado, mas um território livre... tipo eu morava aqui hoje e cansei daqui e agora vou pra lá. Nessa época tava entrando já os pousadeiros, mas só que era fraco ainda.

Quando partiu pro ano 98, 99 já começou a epidemia de pousadeiros... Muito pousadeiro. Aí em 2000 manifestou demais, entrou todas essas pousadas aqui pra dentro de Cumuruxatiba... um nativo era administrador de Cumuru e começou a entregar todas as terras nossas pra mão de empresários... e ai dentro desse contexto todo a gente resolveu, tinha uma pessoa que veio falando assim: 'A gente vai fazer um movimento junto com Zabelê', Zabelê é minha tia... é tia da minha mãe. Eu desde pequenininho junto com minhas irmãs: Fia, Rita, essa turma toda... a gente já vivia a cultura já, trabalhava com artesanato, essas coisas. Jovita tinha umas oona grande lá no Cantagalo, onde hoje é a casa dela. Aí um rapaz falou: 'você têm o direito, vocês têm seus territórios aqui' e a Zabelê veio reforçar isso... 'Nós temos que buscar nosso território!' E a gente se articulou e retomamos. Retomamos a primeira... catorze dias que durou a retomada pra você ter ideia... catorze dias... teve ataque de pistoleiro, quase cem pistoleiro... a gente saiu, veio novamente pro Cantagalo, pra casa de Jovita... A gente colocou 170 famílias dentro de um quintal pequenininho, porque minha mãe, Jovita, era dona de uma quadra... depois teve muita ocupação de branco. E a gente ficou ali três anos... em 2003 a gente retomou o parque... e a gente não parou mais... em 2013 a gente saiu aqui pra fora... aqui pra essa área. Mas antes os parentes nosso moravam lá dentro do Parque, depois que foi criado o parque em 1999 que o pessoal saiu, mas muita gente tinha roça dentro do parque. Mas a gente retomou o parque... a gente foi brigar com a Justiça Federal".

É preciso reconhecer as nossas raízes

Ricardo: "Assim como eu reconheci a raiz da minha avó, do meu avô, da minha mãe (Jovita) que tá ali, é preciso vocês reconhecerem as raízes de vocês, reconhecer a luta de vocês, a luta que seu avô teve, seu bisavô teve, outros parentes teve. Por isso que eu acho que a primeira coisa quando a gente procura uma comunidade indígena a gente tem que buscar isso, reconhecer a história, a nossa história, a história de nossos antepassados, principalmente

as histórias de dores que nosso povo viveu aqui dentro desse território... pra gente valorizar o nosso território. A gente tá em cima de riquezas e as vezes essa especulação toda é em cima disso.

O nosso povo carrega o DNA de liberdade e quando a gente carrega o DNA de liberdade a gente não fica omissa ao capitalismo. Vocês mesmo que forem pra capital estudar, você só não aguenta ficar lá porque vocês sabem da importância de se formar, mas que vocês ficam em capital vocês não ficam... porque a gente tem esse DNA dentro da gente, a gente sabe dessa importância grande de eu ir na praia, pegar um caranguejo, pegar uma praia, colocar meu bote, caminhar do Rio do Peixe ao Moreira sem ninguém me incomodar... isso é gigante... essa riqueza... e a gente só da conta dessa riqueza quando a gente perde... foi o que aconteceu agora há pouco... tão fechando os acessos às praias.

A avó de Isadora, que tá aqui, chegou no negro-índio e deu um exemplo de história contando a história de Cumuruxatiba. E o importante é vocês buscar, conversar... quando o sr. Antônio Matos estiver ali na frente parar, bater papo com ele meia hora, com Ana Celi, Jovita lá em cima, ou eu mesmo, que sou novo, mas de 90 pra cá eu lembro de muita coisa, ou outros velhos também... porque esse papo natural vai trazer pra vocês um outro espírito e eles vão contar pra vocês o que Cumuruxatiba era, o que a luta era. Enquanto os velhos estão vivos a gente tem que buscar a nossa história porque o que fortalece a gente é a história”.

Renan: “Completando a fala de Ricardo... a gente dialogando com os velhos a gente aprende muita coisa... eu perguntando a meu avô esses dias... quando eles iam pescar como que eles não se perdiam porque eles não tinham GPS, nem bússola, nem nada?... o pessoal fala que é muito pelo monte pascoal, porque você vindo de fora o monte pascoal fica em frente a Barra do Kaí, mas meu avô fala que nem era tanto isso... porque tinha areia monazítica aqui, aí de lá de fora, umas 10, 11 milhas afora você via a praia brilhar por causa da areia... e Cumuruxatiba também era conhecida como praia brilhante, entre os pescadores, porque lá do alto mar você via a praia brilhar... ‘ali é Cumuruxatiba!’”.

Cumuruxatiba é uma riqueza imensa

Cristiane: “E Cumuruxatiba é uma riqueza imensa... as vezes a gente vê fulano se mudando pra Cumuru, pode ter certeza que já tá vindo com o intuito de explorar alguma coisa. Um bom exemplo é o que aconteceu com a gente aqui... a usura, a ambição por essa área aqui... e hoje a gente descobriu... a gente tem a maior represa do município de Prado, que nós vamos incluir no nosso projeto de turismo, que foi aprovado pelo Estado... A gente tem

um poço artesiano aqui, construído pela SESAI que ele é água mineral pura, 100% natural, 100% mineral. Nós nativos temos que começar a entender isso: que o pessoal tá vindo é justamente com ambição. Diferente de Jô que montou o restaurante pro sustento dela e da família... hoje é praticamente nativa que há muitos anos mora aqui... É diferente desses grandes milionários que tá vindo praqui. Aqui, onde é a nossa aldeia, ia ser construído um resort... você imagine um resort sendo construído aqui, com campo de avião e tudo. A gente não tinha mais mata, não tinha mais nada aqui”.

Nossa preocupação é essa... com a questão da preservação

Dario: “É importante falar do avanço do agronegócio que tá vindo com muita força... você vê aí a monocultura do mamão, do café... esses dias eu fiquei horrorizado... eu fui lá na barra do Kaí e olhei pro lado tá aquele deserto... aí vem as leis do município que eles falam que é uma limpeza de pasto. Poxa, árvore dessa grossura assim você vai dizer que é limpeza de pasto? E tudo a secretaria do próprio município vai autorizar. Então são coisas que a gente fica preocupado. Eu tenho certeza de que se a gente não tivesse aqui nesse local, já tinha sido tomado tudo. Já teve inclusive a proposta de plantar mamão do Rio do Peixe à Imbassuaba. Nossa preocupação é essa... com a questão da preservação. Você vê a questão do rio da Barrinha... a gente pescava, tinha ponte de madeira, o pessoal tomava banho, pulava dali de cima, a gente pescava peixe ali, tomava banho à vontade... hoje o quê? Que situação tá... Fizeram um projeto aí tentando recuperar, mas toda a comunidade tem que colaborar”.

Cristiane: “O que mais entristece quando a gente olha ali na baixada de Preto, virou um lixão ali que a própria comunidade de Cumuruxatiba joga... quando chove aquilo corre tudo pra dentro da Barrinha... Fora a quantidade de esgoto jogando dentro daquela Barrinha”.

Ricardo: “E o problema da Barrinha também foi o seguinte... a Barrinha não tem só uma nascente... Só ali próximo a Preto ela tem duas nascentes onde fez o que? Foi represado. Um represou uma nascente aqui, outro represou outra... aí a nascente mãe não aguenta... que é a de cima.

Ali onde tem a ponte hoje, até 2004 ali era muito fundo... era claro, água cristalina e tinha muito peixe... tinha um peixe que eu vou falar pra vocês... vocês nunca viram esse peixe aí... chamava *Morre Cantando*... eu pegava muito pra comer... um peixe lindo, parecendo o Budião azul. E a represa lá da quadra tá no mesmo caminho”.

Dario: “E o agronegócio a gente sabe... lá onde vem a nascente da represa, lá onde tem o mamão... Se você ver a represa enorme que eles fizeram lá... três, quatro represas... fechou

tudo. Aí vem secando tudo... quer dizer... se você represa a nascente, cá embaixo não vai chegar água... já secou muito a represa”.

Renan: “Uma dúvida que eu tenho também... porque o pessoal fala que se você plantar eucalipto em volta de um rio, de uma nascente ele pode absorver aquela água daquele rio ali...”.

Ricardo: “O problema na verdade não é só o eucalipto... qualquer cultura plantada em excesso ela degrada o solo e causa impacto... o eucalipto não é um vilão... você pode plantar eucalipto aqui... um pé aqui outro lá... pra você usar... tranquilo... ele não vai afetar em nada. Quando a gente pega uma floresta são várias espécies diferentes... então o quê que acontece com as raiz? Tem raiz profunda, tem raiz que vai mais pra cima que você consegue ver, tem raiz que vai mais no subsolo um pouco... e aí diferencia... Aí você planta só eucalipto... um pé de eucalipto tem a raiz igual ao do outro do lado... todos descem... então se você tiver dois mil pés de eucalipto, todos vão ter o pinhão pra baixo... e aí isso que causa o impacto porque chupa toda a água”.

Os encantados

Cristiane: “A mãe d’água... Ela defende as águas do rio... ela se manifesta nas águas dos rios. E nas águas do mar é Janaina, pra uns é Yemanjá, pra outros é Iara. Vou cantar uma música que Zabelê fez:

Dá onde veio Janaina?

Eu vim do Mar!

Quando eu me apronto a minha vida é guerrear.

E Janaína ô vida boa pra quem mora no mar.

Eu sou caboclo eu sou guerreiro,

eu tenho espada para guerrear.

Ela fazia uma roupa encantadora pra Janaína. A Rita era a Janaína. Zabelê pegava um pano de seda vermelho e ela fazia questão de comprar porque ela falava que a Janaína tinha que tá bem bonita. E ela pegava aqueles papéis brilhoso, cortava e fazia aquelas rodinhas maior do que uma moeda de 1 real, na época não tinha cola e ela colava com goma. E Janaína saía em Cumuru no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião”.

Ricardo: “E esses personagens são todos poderosos que a gente chama de Txopai Niamisú”.

Cristiane: “Que são os nossos encantados”.

Ricardo: “São os Deuses protetores nossos. No caso da religião cristã é Jesus Cristo, né?! Mas a gente tem os nossos protetores: que é Janaina, Caboclo D’água... tem aquele que cuida da floresta, tem aquele que cuida do ar, que cuida da água... e a gente sabe diferenciar isso. É por isso que as vezes quando a pessoa chega com religião pra mim eu tenho uma visão totalmente distorcida de religião por conta do que os velhos me passou... que tinham esses Txopai pra proteger a gente”.

Cristiane: “Na verdade isso depende muito da pessoa, porque na época de Zabelê a igreja católica mesmo apoiava totalmente o que Zabelê levava para a festa do mastro de São Sebastião... Tinha o Oxóssi que saía: ‘Oxóssi eu saí da minha aldeia...’”.

Ricardo: “Porque o Oxóssi pra gente é esse caboclo da Mata...”.

Cristiane: “E quando Zabelê trazia ele não trazia como personagem, ela mostrava que tudo aquilo fazia parte da cultura Pataxó”.

ALDEIA PEQUI

ALDA GOMES

Eu conheci Alda Gomes através de um grande amigo meu, Joabes, ou Tucum Mirim. Ele sempre vinha à minha casa vender Peixes: _ “Ó Professor, acabei de pegar”. É uma alegria muito grande ter peixe fresco sendo vendido na porta de casa. Joabes gostou quando viu que eu tinha plantado no quintal umas ramas de batata doce: “Olha que esse mineiro tem a mão boa! Dá próxima vez que eu vier lá da roça eu vou trazer uns aipim pra você plantar aí no seu quintal”. A roça é na Aldeia Pequi, onde mora a sua mãe e ele me falava sempre dela: “Você tem que conhecer minha coroa! Ela é Pajé da aldeia... é cantora também... Você vai gostar muito dela, e ela de você, tô até vendo”.

Certo dia, cheguei à sua casa e chamei no portão. Uma mulher apareceu e eu disse: “Oi eu sou amigo do Joabes, ele tá?”. “Não, ele saiu, mas passe pra dentro”. “_A senhora é a mãe dele?”. “_Sim. Sou Alda Gomes!”. “_Eu sou Edson, sou amigo dele”. “_Você é o professor, não é? Ele fala muito de você”. “_Sim. Sou eu. Ele fala muito da senhora também”. “_Você aceita um café?”. “_Aceito sim, senhora!”. Deste dia em diante fui aumentando cada vez mais minha amizade e proximidade com toda a família. Registro, aqui, algumas das

histórias que vivenciei com ela e outras que ela mesma me contou e que vão nos ajudar a conhecer um pouco mais dessa grande mulher.

Nascida e criada em Corumbau. A família é toda de Corumbau e Barra Velha. Ela conta: “A minha mãe ela é uma índia, filha de outra índia com um pai gringo, italiano. Sim. Então ela é meia parte índio, tem sangue branco, mas nós, todo mundo hoje no mundo, somos assim mesmo né?! Nós somos uma mistura de raças”.

Alda Gomes é hoje a Pajé da aldeia Pequi e no seu entendimento. “A pajé tem aquela virtude, aquele poder dado por Deus, tem o conhecimento pra curar”. A primeira vez que fui a sua casa, na roça, na aldeia Pequi, Joabes e eu fomos de bicicleta. Saímos do bairro Areia Preta, adentramos no bairro Triângulo e, logo à frente, já estávamos na aldeia. Muitas casas. Tantas outras sendo levantadas. Pelo caminho passamos por alguns amigos, alunas... bares, o campo de futebol, a igreja pentecostal Pataxó. Ali logo na frente, se entrar à direita, chega-se à Escola Estadual Indígena Tanara Pataxó, mas seguimos em frente. Chegamos ao alto de uma ladeira. A estrada, de terra, está muito ruim, com muitos buracos feitos pela água da chuva. O jeito foi empurrar a bicicleta bem devagar. No pé da ladeira a temperatura é mais fresca e muitos pássaros cantam. A estrada segue por dentro de uma mata. Joabes e eu estávamos empurrando as bicicletas. Com muita tranquilidade ele me disse que:

_ “tem uma onça rondando a estrada... esses dias ela pôs dois pra correr”.

_ “Você tá falando isso pra me fazer medo, né?!”.

_ “Ô minha Nossa Senhora! Mas se aqui é a casa dela”.

_ “E se ela aparecer? A gente faz o quê?”

_ “Reza pra ela não aparecer” (*E caíu na risada*).

E eu preocupado e tenso.

Logo adiante entramos em uma estrada cercada por plantação de aipim, muitos pés de urucum e bananeiras... e logo ali estava a casa de Alda Gomes. É muito bom ser recebido por ela. Sua alegria em nos receber me faz sentir em casa. Ela me apresenta a casa. “Na casa do índio não pode faltar a rede”, ela diz. “Tome uma água e me dê essa mochila que eu vou guardar aqui”. “Aqui é a cozinha... um fogão a lenha... daqui há pouco vamos todo mundo Mangutá, mas antes vem aqui comigo que eu preciso te levar num lugar”.

Fotografia 49 – Pajé Alda Gomes/1



Fonte: Acervo Beira Mar

Um banho de mata

“Na hora que você chegou eu senti que eu precisava te trazer aqui na mata. De vez em quando você precisa entrar na mata. Você chega, peça licença e pode entrar”. E fomos entrando e ela me apresentando cada uma das árvores, plantas, cipós, folhas... seus nomes e seus poderes de cura. Meu olhar desacostumado tinha dificuldade de enxergar quando ela me mostrava alguma folha mais distante? “Qual que a senhora tá falando? Como é a folha? Não tô vendo não... vamos lá pra eu ver de perto?” eu dizia. Depois de algum tempo de caminhada eu já tinha me perdido e se precisasse encontrar o caminho de volta sozinho, certamente, eu não daria conta, mas Alda estava em casa. “Ó essa daqui é a Japecanga, que se fizer o chá junto com a urtiga e a unha de gato vai ser bom pro útero e ovário”, disse a Pajé. E continuou: “Aquele lá é o camará... bom pra rouquidão, gripe, resfriado, febre. Agora eu vou te mostrar o Tucum Mirim e o açu. Vamos chegar lá pertinho. É essa aí”. Ela pegou uma folha, dobrou ao meio e dali puxou um fio comprido, parecendo uma linha bem fininha, pegou outro fio e juntou os dois e foi trançando um no outro, enrolando entre as mãos... “Pronto aqui tem uma linha pra você fazer de um tudo: cordas pra rede de pesca, colares e até pra costurar tangas e outras roupas... quero ver quem é que póca essa linha”.

Fotografia 50 – Pajé Alda Gomes/2



Fonte: Acervo Beira Mar

“Esse aqui é um pezinho de Juçara, que vai se tornar aquela palmeira lá no fundo”. E cantou a seguinte música:

“Vestimenta de caboclo é samambaia
É samambaia é samambaia (x2)
Venha caboclo não se atrapalha
Saia do meio da samambaia (x2)”.

Fotografia 51 – Pajé Alda Gomes/3



Fonte: Acervo Beira Mar

Ser Pajé

“O povo fala que o Pajé é o feiticeiro. Se tem o nome curandeiro é por quê? Nós curamos. Quem cura mesmo é Niamisú, na língua Tupi-Guarani é Tupã, que é Deus. Tenho fé também nos orixás, caboclos e guias... eles nos guiam... leva até aquele conhecimento daquela árvore, daquela planta, daquela raiz... pra que serve pra quem não serve. Os espíritos nos conduzem... Enfermidades na perna, no útero, no ovário, corrimentos, no intestino, esôfago, depressão... depressão é coisa diabólica. E a cura é de várias maneiras, as vezes é uma reza, outras vezes é um banho, ou um chá, uma garrafada.

Tem muitas coisas que os médicos... não tô assim dispensando a medicina não, jamais, mas antigamente não existia remédio de farmácia era só remédio da mata. A mata cura. As plantas curam. Às vezes, quem não conhece, vê um pé de árvore e diz assim: não serve pra nada, mas é dali onde você tira todo tipo de medicamento.

Nós, pajés, temos uma visão espiritual. Nós somos guiados. Dom de Deus. Esse dom eu já nasci com ele. Eu com idade de sete anos eu via as coisas e falava pra meu pai e pra minha mãe. Como minha mãe era uma pessoa evangélica ela dizia que era coisa diabólica, meu pai não. Ele acreditava no que eu falava, de menos ela. De jeito nenhum. Aí eu fui morar com minha irmã que era espírita, a D’Ajuda. Ela passou a acreditar, passou a me ajudar muito mais, passou a ver que tudo o que eu falava era verdade. Eu fui saber o Dom depois que eu passei pelo centro espírita que o meu Pai e Mãe de santo falou que é um dom dado de Deus, Caboclos Guias e orixás que veio comigo pra curar e ficar atuando na minha vida e que eu ia ser muito útil na terra, ia ser aquela pessoa que ia ajudar muito, que a pessoa pra morrer perto de mim ia ser só mesmo se deus quisesse... se Olorum não quisesse aquela pessoa não ia curvar. Uma mensagem. Simplesmente isso. Não fez nenhum trabalho em mim não. Ele falou que eu já nasci pronta e que ele não era digno e nem ela de colocar a mão na minha cabeça, quando eles me viam, diante de Deus... Niamisú sabe que eu não tô mentindo, eles se curvavam a mim, me chamavam de Mãe Pequena.

A minha irmã me apresentou o mesmo Pai de Santo dela e a Mãe que chamavam José Limoeiro e a velha Maria do pó, eles eram de Nazaré... Nazaré das Farinha. Eu fui pra Nazaré porque a minha irmã fez todo o trabalho lá em Nazaré. E aí ela viu que todas as coisas que eu falava era verdade. Que os remédios que eu passava curava, as vezes passando a mão sobre o lugar, curava. Aí ela disse assim: ‘Vou levar’. Aí pegou e levou. Chegou lá eles abriram a mesa. E eles lá mexem com búzios. Aí na hora que ele jogou os búzios... logo de frente, o

meu guia de frente era o Velho Cipriano. Aí ele falou: ‘Cipriano foi o homem que mais curou e hoje ele atua na sua vida, na vida dessa criança. Gente, eu não sou digno de colocar a mão’. E também a minha mãe... sou filha da Orixá Nanã Buruku. Eu fiquei lá a base de uns 8, 9 dias e vim-me embora porque eles não pegaram em mim em nada. Não me deram uma folha. Me deram uma missão. E eu tenho essa missão dos sete anos até hoje porque todo canto que eu chego todo lado é dessa maneira.

E aqui em Cumuruxatiba você encontra todas essas forças positivas que são os Orixás. Você vai ali na praia e vai encontrar Iemanjá que representa o mar, as águas salgadas. Mamãe Oxum, ou a Iara que é as águas doces. A mãe d’água. Minha mãe Nanã Buruku, que é o mangue... Iansã que são os ventos... tá tudo ali... ou não tá? E a água do Mar é tão santa que só de você tá respirando essa maresia já te faz bem.

E Deus fez a natureza numa harmonia perfeita... Fez a água, fez o ar... fez a Terra... que é Omulu... e nessa terra tudo o que se planta ela devolve multiplicado. Foi Deus que nos deu as florestas, as matas... e cada planta, cada árvore, cada uma das ervas... cada qual diferente da outra. Fez pássaros, fez peixes, fez gente... e nunca fez ninguém igual... nem mesmo irmão gêmeo é 100% igual.

E nosso pai Olorum deixou tudo pra nós. Você precisa de um peixe, você vai no mar, vai no rio e pesca. Um guaiamum você tem o mangue... e isso tudo é alimento pra sua família. Mas o ser humano tá acabando com tudo. Eu quero agora cantar uma música que tá no meu CD Aldinha do Fricote:

Deus dos Deuses
venha me ajudar
Deus dos Deuses
venha me ajudar
Levar o meu reggae
para a sereia cantar.

Já pedi Padin Cisso
Naná Buruku
e papai Oxalá
A rainha sereia
Janaína menina
e mamãe Iemanjá.

Deus dos Deuses
venha me ajudar
Deus dos Deuses
venha me ajudar
Nessa batalha
Nesse grito de Guerra
de Quem vive na Terra”.

James Patiburi

“O meu neto, James Patiburi, é um bom exemplo... os médicos falou que ele só ia ser curado depois de 8 ou 9 anos porque ele nasceu com problema respiratório e eles achavam que aquela criança não ia se curar e o meu filho trouxe pra casa e falou ‘_A minha mãe vai curar!’. O médico curou da pneumonia, mas da cantiga, da bronquite asmática ele não curou. Ele voltou pra casa da mesma maneira com muita febre, dores e com a mesma ânsia que ele foi. E através da medicina alternativa, que hoje eles falam, que pra nós é a alta medicina, hoje a criança tá curada, completamente curada. Ele tinha uma chieira muito forte, muito alta. E hoje ele tá com dois anos e não tem nada. Curei ele com raízes e simpatia. E como é simpatia a gente não pode falar. Cada caso é uma simpatia. A pessoa pra quem você fez a simpatia não pode saber. Porque se cai no ouvido de Patiburi... ele é sabedor do que ele tomou, a doença volta dobrada”.

Krisley Catiti

“Shayenne, que é minha neta, mas que sou eu que crio desde os dez dias de vida, sofreu um acidente durante a gravidez que prejudicou muito a saúde de Catiti. Quando Catiti nasceu, ficou em Teixeira de Freitas dois meses e dezesseis dias, a cabeça muito inchada e o crânio todo quebrado... mandaram a gente pra Salvador, fizeram uma tomografia e ela com o crânio todo quebrado... sangue misturado com o cérebro dela... aí os médicos falaram ‘Ah tem que fazer a cirurgia!’... abriram a cabeça dela e tiraram 60% do cérebro com osso com sangue com tudo, costuraram... Catiti continuava ruim... abriram de novo, colocaram uma válvula pra ver se drenava o líquido da cabeça dela... Aí eles falaram que ela entrou em processo de morte, que ela deu morte encefálica instantânea... e perguntaram ‘Como que vai fazer? Os

órgãos dela é pra ser doado?’ Eu digo ‘Não... ninguém doa nada porque a senhora que tá falando que ela morreu, mas pra Niamisú ainda não é a hora de Catiti... ninguém vai fazer nada e eu vou levar ela pra casa. Se é pra ela partir, vai ser na aldeia... e outra coisa os meus orixás falaram pra mim que a cura de Krisley Catiti, que é guerreira, está na floresta. E eu vou levar ela pra aldeia’. Aí eles me autorizaram: ‘A senhora que sabe’. Mas não arrumaram o transporte nem nada eu precisei arrumar um transporte com parentes e amigos... Aí o Toninho do Zé Pinheiro foi buscar, foram com a ambulância e trouxe meu filho e minha neta, a Catiti toda inchada, irreconhecível, a cabeça muito grande que você ainda chegou a ver, sem cor, praticamente morta. Eles falaram que do domingo ela não passava, aí eu fiz uma oração antes de pegar ela no colo pra trazer pra dentro de casa. Ela veio com todos os aparelhos, naquela caixa toda térmica pra ver se ela aguentava chegar que eles falaram que na hora que tirasse dos aparelhos ela morreria... aí eu falei ‘Agora pode tirar’... aí tirou e me entregou. Com o prazo de três dias veio uma equipe médica de Itamaraju ver ela e ela já estava mamando. Falaram que lá em Salvador o povo tava falando que era mentira, que ela tinha morrido, que tem gente que a criança morre e a mãe fica com a criança morta dizendo que tá viva... Eu disse: ‘Não... eu vou enviar um vídeo pra lá...’ Aí enviei um vídeo pra Salvador, ela mamando na minha Nora, porque a mãe não tinha mais leite... cinco meses... não tinha um pingão de leite, com a sonda ainda no nariz a cabeça com os pontos... Quando ela veio de Salvador eu tava sempre com ela no colo... rezando ela o dia inteiro... e não era eu sozinha, mas os meus orixás, caboclos e guias me ajudavam a cuidar dela. Toda referência de remédio vem deles.

Depois que eles vieram e viram ela comendo e bebendo ficaram querendo saber: ‘O quê que a senhora deu? O quê que a senhora não deu?’ O que eu tinha autorização pra falar eu falei o que eu não tinha eu não falei. Porque no hospital os médicos falaram que ela tinha magreza extrema e que ela não engordava nunca, nunca, nunca... ela veio com 2k e 200g, só pele e osso... e hoje olha ela aí como é que ela tá... linda, linda, comendo, sorrindo, brincando...”

(Neste momento Catiti, que estava dormindo na rede, murmurou alguma coisa)

“Aí ó... é muito axé, muita espiritualidade, muito confiar... confiar nas coisas... a fé vence barreiras... é a fé. A fé é você pegar duas crianças desenganadas pelos médicos... e quem me fazia isso aí? _Os médicos dos médicos”.

Parteira

“Eu fui aqui pra aldeia Pé do Monte. Quando eu cheguei lá tava uma mulher já a uns cinco ou seis dias pra ganhar neném, com o neném atravessado na barriga e o neném não nasce... tava chovendo, chovendo, chovendo, não tinha carro que entrasse lá... Aí eu falei ‘Ô gente cês me dão licença pra eu entrar aí’... A Maria de Zezinho falou com ela ‘se você não morreu até hoje você não morre mais, chegou uma pessoa aqui agora’. Olhei pra ela assim e ela fraquinha... ajudei ela a se levantar e peguei na barriga dela, balancei, arrumei... aí deitamos ela de novo eu dei uma olhada e disse ‘O neném virou quem vai pegar? Eu ou você?... Pois aqui ó já tá nascendo’. E eu caí foi na risada...”

A Música

“Você sabe que meu pai é um negro, angolano, e na família do meu pai todo mundo toca... quem nada toca, toca um violão. E aí eu pequena começava a cantar pra ele... e ele tocava violão muito bem, meu primo tocava sanfona, meu irmão também tocava sanfona, pandeiro... e eu cantando, só quem cantava era eu.

Eu comecei com cinco anos cantando Luiz Gonzaga, Zé Gonzaga, Alcione... as músicas antigas que eles curtiam. Aí depois disso comecei a ser convidada no colégio, as minhas professoras, no Prado fui cantar em eventos. Na base de doze pra treze anos eu fui cantar em Itamaraju... no Cine Orion e na abertura dos eventos.

Aí fui pra São Paulo e fiquei lá seis anos... bati em várias portas... fui procurar uma gravadora... uma professora de música. São Paulo não é brincadeira! Comecei a frequentar a escola lá pra fazer aula de canto e voz. Fiquei três meses trabalhando na gravação desse CD, com 10 músicas, o Aldinha do Fricote. Toquei em vários lugares e com vários outros artistas, como Negritude Jr., Cristian e Ralph, Gean e Geovani, Mano a Mano...

Fotografia 52 – Alda Gomes e Swing Maneiro



Fonte: Acervo Banda Swing Maneiro

Aqui na Bahia a banda era a Explosão Baiana, que só tocava axé. Eu cheguei em São Paulo cantando axé. Aí quando eu vim pra Bahia de novo já não tava predominando o axé, já era o forró e o arrocha... Aí gravei o CD Alda Gomes e o CD Swing Maneiro. E aí foi que a banda passou a se chamar Swing Maneiro com um repertório diversificado: forró, lambada, arrocha, reggae, dance, vaneirão, entre outros. Atualmente a banda conta com percussão, baixo, guitarra, teclado, bateria, um vocalista, um beco vocal, quatro dançarinas e dois roadies, totalizando treze integrantes.

E eu acredito que a gente precisa envolver essa garotada que tem aqui na aldeia com a arte... porque a arte ajuda a gente a ser alguém na vida, a crescer, a evoluir... tanto faz no teatro, ou na música, ou na dança... tanto faz. Isso que a gente espera em Deus, porque quem faz o plano da gente não é a gente, é Deus”.

ALDEIA TIBÁ

Quando fomos à Aldeia Tibá, nós do Mutirão nos encontramos no pé do morro do bairro do Cantagalo e esperamos o transporte escolar. Fomos eu, Ramone, Renan, Rosseline, Emanuel, Bruno, Hannah, Jamile, Isadora e Camila. E lá fomos recebidos pelo cacique José Fragoso e pela liderança Adelize. Eles são irmãos.

Fotografia 53 – Visita à aldeia Tibá



Fonte: Acervo Beira Mar

Vocês sejam todos bem-vindos

José Fragoso: “Eu quero começar com uma pergunta pra vocês: _Quem de vocês já conhecia a aldeia Tibá? Tá vendo professor, são todos nativos, nascidos e criados aqui em Cumuruxatiba e a maioria até hoje não conhecia a nossa aldeia.

Vocês sejam todos bem-vindos. Eu tô muito feliz que vocês estão aqui, sabe por quê? Porque quando vocês chegaram eu senti com muita força a presença de minha mãe, Zabelê... e de meu pai, Manoel Fragoso. Ontem mesmo, de antonte pra ontem eu sonhei com ele a noite... sempre que eu sonho com ele estamos em pesca, porque eu cresci pescando junto com ele... e eu sonhei com ele... ele novo... aí eu conversei com ele e tal, mas eu fico danado porque a gente conversa, mas eu não sinto que ele tá morto pra eu perguntar alguma coisa a ele: Ô pai como é que é isso assim..? mas a gente não consegue.

Então é isso... A luta que eles tiveram pra criar nós... eu fui o primeiro... o sofrimento que eu tive lutando junto com meu pai e lutei junto até quando ele foi embora... e ele pedia pra nós que não era pra botar ele no hospital porque ele queria morrer junto com o pessoal dele. E morreu nos braços da gente... Então quem tem seu pais, o pai e a mãe, cuida... porque tem gente que só dá valor quando perde. E essas coisas que a gente aprendeu com ele o pessoal de fora tá doido pra pegar e aí eu cobro do meu povo aqui: ‘vocês aproveita enquanto nós tamo aqui, porque isso mãe falava com nós e nós muitas das coisas nós não aprendemos por causa de coragem nossa mesmo, falta de vontade que a gente não aprendeu mais... vocês aproveita... eu não quero passar tudo o que eu sei pro pessoal de fora... eu quero passar pra vocês”.

Fotografia 54 – Roda de Conversa: cacique José Fragoso e a liderança Adelize



Fonte: Acervo Beira Mar

Conhecimentos trazidos dos tempos de menino

José Fragoso: “Certa vez cheguei na casa de Jovita, tava lá uma menina de Teixeira de Freitas, professora, muito amiga. Aí começamos a conversar... aí entrou na parte política né... como é que tá esse governo hoje. Aí ela falou: ‘O quê que esse governo tá fazendo com a gente, seu Zé?’ E eu falei: ‘Fazer o que né? A gente lutou, mas infelizmente o povo não acredita na gente, acredita num de fora numa pessoa que vem de lá pra cá com mentira, mas não acredita em nós’. É daí que eu falo: gente quando a gente quer a gente faz quando a gente não quer a gente manda. E continuei falando com ela: ‘Isso que você tá falando aqui desse governo que taí eu tenho esse conhecimento desde eu menino’.

É que nossos tios... não era avô porque eu não tive a oportunidade de conhecer meu avô, nenhum dos dois não conheci, a avó eu conheci... mas conheci os tios. Os tios faziam fogueira na beira da casa à noite, nós ia pra lá e eles começavam a contar essas histórias. O que nós ia enfrentar hoje, tudo eles sabia. Falava ‘ó... vai chegar um tempo que vocês não vão ter direito de tirar um cipó no mato, vai faltar água, o mar vai ser dividido’, o mar num tá dividido não? Num tão dividindo o mar? Isso tudo eles falavam. ‘Vai ter muitas doenças que a gente não vai saber que doença é’. Aí hoje... quanta doença que taí... essa tal de depressão que a gente não sabe nem qual remédio... ‘eu não vou ver, mas vocês vão ver muito mais, seus filhos vão ver muito mais’... eles falavam isso pra gente. Sim... eles falavam ‘vai ter muita igreja. Vai chegar o momento que o pessoal vai ficar batendo cabeça, vão um pra um canto e outro pra outro ‘eu vou pra essa igreja’, ‘eu vou pra esse país’, ‘eu vou pra esse estado’... tá ou não tá... não tamo vendo isso hoje? Nós tamo passando por isso. E desde eu menino que eu tenho esse conhecimento do que nós ia enfrentar, do que nós tamo passando hoje. Ia chegar um governo que ninguém ia conseguir melhorar o Brasil. E nós ia passar por um homem desse ruim, que nós tamo passando hoje. Isso aí eles falaram. Esses governos que nós tamo passando por aí eles falaram que vinha um presidente ruim. Eu acredito que seja Bolsonaro... se for outro pior não é possível não. E a minha vontade é passar isso tudo pra meu povo.

Os primeiros habitantes do Brasil

E quando a gente fala que os primeiros habitantes foi os índios, que já tava aqui, isso aí todo mundo já tem certeza, e essa história era contada ao contrário, que foi os portugueses que descobriu o Brasil. Quando eles chegou os índio já tava. Eles invadiu. Aí vem uma

história de confirmação: vocês sabem que Pedro Alvares Cabral, quando ele chegou, ele veio pelo mar... e o primeiro sinal que ele avistou foi o que?”

Dani: “O monte pascoal”.

Cacique José Fragoso: “_O monte pascoal, né? Então, quem tá aí no alto mar, primeiro aparece a coroinha do monte... se você dizer: ‘ali apareceu um sinal, vou ver o quê que é...’ você segura a proa do barco em cima do monte, você vai direto na barra do Rio Kaí”.

Rosseline: “Já refizeram o trajeto e deu na barra do Kaí”.

Cacique José Fragoso: “Aí falam que foi Porto Seguro. Mas vai na Barra do Kaí... Pode ir... quem quiser fazer isso pode fazer. Pra você ir pra Corumbau você tem que botar a proa pra lá (norte), pra Cumuruxatiba pra cá (sul) e se você for em cima do monte vai pra barra do Kaí... Aí é que eu confirmo, foi aqui mesmo, na barra do Kaí... que foi o primeiro contato. Aí quando eles chegaram quem foi que recebeu eles?”.

Ramone: “Os indígenas”.

Cacique José Fragoso: “Aí falam que aqui não tinha índio... e quem recebeu os portugueses foi os índios. Não é mentira do pessoal? E os próprios do lugar fala... que aqui nunca teve índio... o cara perguntou pra um fulano de tal ‘Onde foi que os portugueses teve os primeiros contatos com os índios?’... aí o cara falou, ‘Foi em Porto Seguro...’ um cara daqui e não sabe da história”.

Dani: “Que vergonha pra ele...”.

Cacique José Fragoso: “Eles não encostaram por quê? Chegaram embaixo de temporal foi impossível encostar, não tinha segurança e daí foram dar em Porto Seguro... e lá é um porto seguro, não tem temporal que empata você entrar. E aí eu pergunto... se tinha esses índios que tavam aí na hora que os portugueses chegou, aqui na barra do Kaí, eles foram pra onde? Onde é que tão esse povo? Foram pra onde esse pessoal daí? O quê que eles fizeram? Espalharam....

Fotografia 55 – Cacique José Fragoso, Camila, Emanuel, Renan e Bruno



Fonte: Acervo Beira Mar

E por tudo o que a gente viveu até hoje eu vou recitar um poema meu:

Aonde estamos e pra onde vamos

Nesse mundo tão cheio de ilusão?

Olho para o leste vejo o mar com sua cor de anil

Olho para o oeste vejo o verde com sua pequena floresta

E o malvado bicho homem com toda a sua sabedoria

Todo nosso ouro, ele levou.

O que será hoje de nossas crianças sem nossa educação?

Sem nossa saúde, sem nossos rios?

Se acaba a mata acaba o rio.

Aí que eu falo, se você viver junto com a natureza, a natureza fala com você... Basta você observar o quê que ela tá pedindo pra você.

E por que nós chegamos pra aqui?

Zé Fragoso: “O pessoal fala que nós somos de Barra Velha. Nunca neguei. Só que tem um problema vamos ver como é que fica isso aí. Nasci lá mas meu documento é daqui. Por que nós viemos pra aqui?”.

Renan: “Por causa do Fogo de 51!?!?”

Zé Fragoso: “Depois do fogo de 51 a gente morava lá na área de Juerana, e aí foi quando saiu a demarcação do Parque Nacional do Monte Pascoal e nós ficamos dentro do parque... aí o quê que eles fizeram? ‘Vocês vão ter que sair daqui!!!’ Meu pai tinha roça, muita bananeira, fazia dó você largar pra trás... mas já com medo do que aconteceu no fogo de 51. Quem ia enfrentar a polícia?... mãe tinha um medo de polícia... foi obrigado nós sair de lá. A roça ficou tudo pra trás. O que a gente tinha foi vendido tudo, largamos pra lá e saímos fora... Fomos pra beira da praia do Corumbau: Pedra Preta. Isso aí foi em 68, essa faixa aí. Larguei a roça e fui aprender a pescar. Daí meu tio comprou uma rede de arrasto e meu pai foi mestra essa rede em Corumbau. Ia e voltava e deu de fazer uma casa lá na ponta do Corumbau. Aí nós mudamos da Pedra Preta pra ponta do Corumbau. Ficamos lá uns quatro anos. Tio Aurelino, marido da minha tia Buru, veio embora pra Cumuruxatiba, o pessoal dele era daqui, mas eles gostavam muito de pescar junto, de trabalhar junto os dois, meu pai mais Aurelino... Ele gostava muito de trabalhar na roça, mas na beira da praia não tinha onde plantar roça. Aí ele falou ‘Manoel... lá em Cumuruxatiba dá muito peixe e a terra você pode

plantar o que você quiser’. Aqui ainda tava quietinho ainda... aqui onde a gente tá morando hoje. E tinha muita fartura...”

Adelice: “Comida não faltava... alimentação não faltava.”

Zé Fragoso: “Vender pra quem?”

Adelice: “Nós era muito feliz!”

Zé Fragoso: “Vender pra quem? A gente vendia peixe pro pessoal de Itamaraju. Os tropeiros, que vinham com um bocado de animal, vinham comprar peixe na praia... aí nós trocava os peixes por farinha, açúcar...”

Adelice: “Não vendia... trocava... uma coisa pela outra...”

Zé Fragoso: “Isso foi em 70 e pouco... quando eu vim pra aqui eu tava com treze anos, eu sou de 52... E aí como que a gente comprava o sal, o café, o açúcar essas coisinha... tinha três embarcação que saia de Salvador a Mucuri vendendo talha, moringa, panela de barro essas coisas, sal, açúcar... e esse pessoal vinha entregando pelos pontos.”

Adelice: “Mas Zeca, nós chegamos a fazer sal com a água do mar lá em Corumbau. Nós botava a água do mar pra cozinhar... O açúcar era caldo de cana...”

Zé Fragoso: “Quando nós chegamos aqui a gente morou no rio do Peixe Pequeno, depois viemos cá pra fazenda onde era a Bralanda. A Bralanda era depois do píer, depois do camping. Aí quando foi em 72 por aí eu já trabalhava naquela ponte do Prado... Prado-Alcobaça. Trabalhei ali... Aí antes deu trabalhar lá chegou o tal do Expedito que fez a serraria ali no morro da fumaça, aqueles galpão ali em Zé Curva. Aí ele chegou e falou ‘Ó vocês vão ter que sair tudo daqui porque eu comprei essas terras e vocês vão ter que sair daqui’. Daí foi que começou a crescer Cumuruxatiba porque o pessoal que morava aqui em volta teve tudo que vir pra Cumuruxatiba. Aí que começou a crescer dali do mercado Souza pra lá... a fazer as casas... Ali onde é a Madecom, ali era uma lagoa. Tinha peixe, camarão. E aterraram ali. Ali em catorze era uma biquinha... se chamava bica de Santo Antônio...”

Adelice: “Em cima disso aí que Zeca tá falando eu vou falar um poema:

Eu vivia tranquila nas matas

Eu tinha de tudo a vontade

Dava gosto a gente viver

Eu caçava eu pescava

Eu não tinha com o que me preocupar

Porque entre nós existia a igualdade

Mas o homem branco chegou

Impôs seu modo de vida

Combateu contra os nossos costumes
 E passamos horas sofridas.
 Nossas terras foi tomada
 Nossos rios foi logo represado
 E a fome entre nós foi chegando
 Hoje eu vejo com muita tristeza
 Muitas tribos espalhadas, sufocadas
 Por esse sistema que prioriza somente o mercado
 Nosso culto mal entendido
 Mas eu creio em tupã nosso Deus
 Que um dia teremos vencido.

Adelice: “Até quando a gente morava no rio do peixe a gente tinha tudo. Saco de farinha... aqui do lado agente ia pra roça trazia era arroz, milho, batata, muita batata, aipim, nós tinha de tudo... e caça, a gente não precisava entrar nas mata não... nós só comia caça. Minha mãe tinha um cesto assim ó, que não tinha geladeira, ela assava aquilo tudo... como ela falava, muquiava, aí aquele cesto ficava cheio de quartinho de paca, tatu tudo lá, na hora de cozinhar ela ia lá e cozinava... Mas depois que nós passamos cá pra rua mesmo aí que foi um sufoco, sem trabalho, sem nada.”

Zé Fragoso: “Faltou farinha... passei fome de farinha.”

Adelice: “Porque tirou nós da terra. Todo mundo tinha sua farinha... depois que botou todo mundo pra rua cadê? Foi uma fome de farinha... que você precisava de ver... Quando chegava uma pessoa com um saco de farinha... era igual uns urubus... aí pra cada um arrumava meio litro de farinha, tinha vez que só um copo de farinha. Nós passamos sufoco aqui dentro de Cumuru... Porque antes, se eles não tivessem tirado a gente de lá... pelo Rio do Peixe... todo mundo tinha a sua farinheira... tinha abobora, aipim, feijão de corda. Mãe plantava muito feijão de corda. Mas depois disso aí nós passamos sufoco, muito sufoco mesmo. Ai depois, que naquela época ainda podia pegar tartaruga, aí meu pai foi botar rede; ele pegava era muita tartaruga que ele vendia pras mulheres pagar por semana. E foi melhorando mais pra nós. O branco com seu modo de vida combateu nossos costumes e nós passamos horas sofridas.”

As Pajés: benzedeiras, rezadeiras e curandeiras

Adelice: “Minha mãe quando a gente ganhava menino as vezes o menino começava a chorar. Tava chorando, chorando, dizia assim: ‘Menino pega ali um galhinho de mato pra mim... um tiririquinho pra mim benzer esse menino que esse menino tem alguma coisa’. Benzia e daqui a pouco o nenê aquietava... ou então fazia um chá, fazia um banhozinho. Febre... vai lá e pega o matapasso, bota pra cozinhar, dá um banho. A febre tá muito forte pega a semente da melancia torrava, pisava e dava com água. Tá com diarreia, pega o maracujá do mato, maracujá açu, pisa ela, as folhas todinhas, faz aquele espumeiro e senta a criança dentro... deixa demorar aí dentro... pra diarreia.

Hoje em dia tem várias pessoas que já não são católicas que não acreditam mais. Fala que isso aí é coisa... é macumba, mas não é gente... falam que benzedeira não vale mais nada, que ninguém mais tem fé nessas coisas. Mas isso é uma tradição dos povos indígenas. Pai mais mãe morreu, mas assim, eu sei muitas coisas de rezar... de criança, de olhado, de cólica. Esses negócios tudo eu tenho que ensinar e vocês aprender porque mais tarde vocês vão precisar.

Quando a gente morava lá pelas matas era isso que a gente fazia, não tinha médico não... tinha nada... era sabedoria que Deus dava das ervas medicinais. Quem fez essas ervas? São obras da mão de Deus. São coisas abençoadas”.

Dani: “Eu já tive aquelas Labaredas de fogo, uma coisa assim...”

Zé Fragoso: “_Fogo Selvagem...”

Dani: “Quem me salvou foi Dona Jovina. Eu quase morri... no meu corpo todinho. Eu tenho muita fé em reza.”

Renan: “Eu quando era criança, sempre tive asma aí com dez anos ela se agravou muito aí vó me levou na casa de tia Jovita e tia Jovita passou um remédio de umas ervas e me mandou tomar óleo de tartaruga. Aí ela juntou esse óleo de tartaruga com essas ervas e depois que eu tomei isso aí eu nunca mais tive asma.”

Adelice: “Agora você vai pro médico e você toma o remédio... naquela hora passou... daqui a pouco ele volta de novo e você corre de novo pro médico... nunca que sara, não arranca aquilo não.”

Bruno: “Lá em casa é mel e óleo de tartaruga.”

Sobre esta proposta de pesquisa

Zé Fragoso: “Esses trabalhos que nós tamo fazendo aqui, quem quiser aproveitar que aproveita porque isso é uma história que nós vamos deixar... porquê se a gente faz um

trabalho e a gente não divulga ele, ninguém sabe do quê que tá acontecendo.... por que que nós tamo hoje onde nós tamo?

Tem coisa que a gente não passa, mas essas histórias é história de vida pra pessoa entender por que nós estamos lutando... e eu quero que alguém tenha conhecimento do que eu fiz... meu pensamento é esse... O que nós tamo fazendo hoje é pros nossos jovens que vão ficar...”

Adelice: “E esse negócio de teatro eu gosto muito... já fiz um monte de peça... teve uma que era assim:

A Mãe falava assim: ‘_Meus filhos daqui há pouco nós temos que ir pra roça’... aí chegava um homem com um chapuzão na cabeça e falava assim comigo: ‘_Eu vim falar com a senhora que a senhora tem que sair daqui hoje’.

E eu respondia: ‘_Eu sair daqui?’

‘_É eu quero que a senhora desocupe a minha terra!’, ele falava.

(E eu dizia) ‘_Eu não saio. Essa Terra é minha e eu não saio’.

‘_Sai.’

‘_Não saio.’

‘_Sai.’

‘_Não saio. Essa Terra é minha. Se eu sair daqui eu vou pra onde? Olha meus filhos. Eu não tenho marido. Olha o tanto de filho que eu tenho? Eu vou morar onde?’

‘_A senhora tem que sair. Eu comprei essa terra.’

‘_Você comprou porque você quis... terra de índio não se vende... isso é roubo.’

Eu saía. Os menininhos pegavam um tatu de madeira botavam nas costas, eu peguei a trouxa de roupa botei na cabeça, o que tinha de nós pegar nós pegamos. Aí eu saí com essa trouxa de roupa na cabeça e meus filhos tudo atrás... e fomos embora e ele ficou com a Terra. É mostrando o que faz hoje né? Nós somos expulsos de nossas Terras.

E o índio... onde tiver terra indígena o índio tem direito, não importa o lugar que ele anda, mas ele tem que ser respeitado... Às vezes a gente ouve muitas coisas assim... que a gente não é daqui que a gente é de Barra Velha. Às vezes a gente fica um pouco chateado com esses tipos de coisa... mas eles não sabem a riqueza... aqui em Cumuru a gente é assim, mas quando a gente sai aí pra fora vocês não sabem o valor que a gente tem... a gente é tão bem recebido, bem tratado, respeitado... aqui é porque muitas vezes as pessoas não tem conhecimento do que é os povos indígenas”.

Duas canções para Zabelê

Adelice: “Se vocês acreditam em sonhos... a minha mãe veio me ensinar um cântico num sonho... depois de morta. Ela chegou, eu tava deitada assim... ela chegou e sentou na minha cama e começou a falar... falando na biriba... falando na patioba... falando na mandioca... e eu olhando pra ela. Não cantou, ela falou... sentada assim e falando, falando... aí quando eu acordei eu disse: ‘_Isso aí que minha mãe tá falando é pra eu fazer um cântico com isso’ e fiquei com aquilo na cabeça... ‘eu tenho que fazer alguma coisa’... aí eu fui e fiz e hoje as meninas cantam e vem me perguntar... ‘Ô tia por quê que a senhora fez?’ Ah sim... aí eu tenho que explicar. O canto é assim ó... vou cantar:

Da biriba faço tupiçá
 Da patioba faço meu mangute
 Da mandioca faço minha cuiuna
 Pra o kitoki alimentá
 Ô rameia, rameia, rameia kitoki
 Rameia, rameia, rameia kitoki
 Rameia, rameia, rameia kitoki
 Nossa terra é um bom lugar.

São coisas que às vezes a gente diz: ‘morreu, morreu, foi embora...’, mas não sei se é a tradição da gente que a gente se conecta com os antepassados. Sempre tem alguma coisa que se comunica com a gente...

Fotografia 56 – Dona Adelice



Fonte: Acervo Beira Mar

Zé Fragoso: “Teve um dia que eu falei ‘Vou ver se eu faço uma música pra minha mãe Zabelê’. Ela era viva ainda. Daqui lá pra rua eu fiz a música. Fui pelejando, pelejando até que consegui encaixar tudo direitinho:

Tororó canta nas matas
Sabiá nas laranjeiras
Canta canta Zabelê
Na subida da ladeira

La de cima da ladeira
avistei a natureza
Canta canta Pataxó
em louvor a nossa beleza

Lá detrás daquele monte
tem um pé de Girassol
E nele tá escrito
A terra dos Pataxó”.

A força das lideranças nas lutas por direitos

Zé Fragoso: “Quem é que tá indo lá pra Brasília pra falar NÃO pra Bolsonaro? Eu só vejo os povos indígenas, os quilombolas e o pessoal do MST. Cadê todo mundo?

Os movimentos sociais, os sindicatos, cadê o Brasil inteiro? Os pescadores?”

Adelice: “É pra tá tudo junto.”

Zé Fragoso: “Prá tá fortalecendo a luta...”

Adelice: “Imagina a força que teria se tivesse todo mundo: O Brasil lá em peso”.

Dani: “É uma luta que não é só indígena não... é pra todos”.

Adelice: “Esses dias eu peguei um caderno e escrevi tudinho por onde eu andei e ainda botei assim o que eu era... Aí o Felipe ‘Ôxente vó! Por que a senhora tá falando isso?’ ‘Eu era isso eu era aquilo, era da RESEX, eu era do ICMbio, eu era ministra...’ um bocado de coisa que eu já fiz e os lugares onde andei... deu mais de uma folha de caderno... aí eu falei... Felipe quando eu morrer vocês pegam esse caderno e relembra tudo isso aqui.

Antigamente quando eu saia daqui de Cumuruxatiba eu tinha vergonha de chegar assim em um lugar e falar... Ave Maria! aquilo eu chegava tremer... olhava praquele tanto de gente... hoje eu não tenho mais isso não... eu chego lá em Brasília ‘botano pocano’... lá você num vê igual nós vestido de calça jeans e sandalhinha não... é todo mundo no salto... aí hoje quando eu vejo eu já falei e é a verdade que eu falei... cheguei lá nos Direitos Humanos e descí o pau também... em qualquer lugar que eu chegar eu falo, eu canto, eu faço tudo... então... mas vai indo a gente já vai ficando velha, já ficando pra idade, ficando mais fraco... agora mesmo... eu era sócia da Terra Viva... e a Terra Viva tava aqui com a gente no dia do mutirão, plantando junto com a gente... aí falou: ‘Ô dona Neguinha a senhora vai ter que voltar pra Terra Viva de novo.’ Aí é pra viajar por esse mundão tudo... ganhando experiência de outras comunidades... como eles trabalham com a agroecologia, aí a gente vai ter contato com outras experiências muito boas.”

Zé Fragoso: “Aqui é um parque... tava saindo madeira pra todo lado... quando a gente foi fazer uma retomada dentro de uma fazenda a gente saiu debaixo de bala... aí depois a gente resolveu... vamos pra dentro do parque! O parque é do governo... nós somos o governo.

No mandato de Lula nós chegamos em Brasília, com o assessor de Lula e conseguimos uma agenda com ele pra nós conversar... aí ele conversou com a gente e foi até Lula e contou pra ele. E o que foi que Lula falou pra ele pra ele falar pra nós? Ele mandou dizer pra gente: ‘FUNAI é Federal, IBAMA é Federal e os Índios é Federal... por que que vocês tão batendo cabeça? Tão brigando? Tem que sentar e se entender pra vocês continuar o trabalho’. Voltou tudo de novo pra nós... a mando de Lula, que fez isso com a gente... aí pra quem não conhece e fala mal de Lula... pra nós foi o que menos demarcou terra pra gente, mas ele dava o apoio... tudo o que nós fazia, ele apoiava.

Chegamos em Brasília, fomos pra mesa com eles... o Presidente falou... ‘Eu não quero mais conversa com vocês’. Porque ele tava sabendo que tava saindo madeira, caça, fogo... aquela vez que todo ano saia fogo aqui. Eu mesmo sentado com ele eu falei: ‘Presidente eu gostaria de ter mais uma chance.’ Aí ele disse... ‘Eu só volto atrás se você prometer que não tem mais caça, fogo, madeira e desmate’. E eu falei ‘Garanto por mim, agora pelas outras comunidades eu não vou garantir... o que eu garanto aqui com vocês é de chegar lá e ir pras bases e fazer reunião com todo mundo. Lá na minha aldeia eu não tenho medo de qualquer um de vocês chegar lá qualquer hora... eu não tenho medo de vocês chegar lá...’

E o presidente da FUNAI veio aqui... e eu falei pra ele... ‘Vocês num quer preservar? Nós temos que ser preservados também... e nós estamos cuidando do meio ambiente que é pra todos, não é só pra nós não... inclusive o trabalho que nós fizemos aqui desde que chegamos...’

vocês olhem aqui como é que era, como tá em 2013... e ó... nós chegou praqui era tudo pelado... tinha nada... e hoje tá muito melhor... quando nós chegamos praqui essas nascentes que tinha aqui tudo secava... nós reflorestamos essa cabeceira todinha... essa nascente aqui cai lá no Rio do Peixe Grande... A gente reflorestou’.

E aí tem muitas pessoas que falam o seguinte: ‘Poxa, mas esses índios não tão fazendo nada’. Será por quê? Aqui dentro do parque nós não podemos fazer nada de roça... nem nós era pra tá aqui... nós não podemos meter um trator aqui pra fazer roça... mas a parte mais interessante é que nós estamos preservando... aqui é pra todos... que é segurar a água.

Nós fizemos um mutirão semana passada pra plantar mandioca. E estamos com um projeto de frutas... vamos fazer um pomar.”

Adelice: “E vai sair outra de mandioca de novo.”

Zé Fragoso: “Nós temos um local aqui dentro que chama Matinha, quando nós chegamos praqui, aquilo tudo era pelado, só tiririca e sapê... aí, os turistas vinha praqui... aqui era um solão... ficava tudo destapado... tinha sombra nenhuma, aí nós fizemos esse lugar lá dentro da mata pra gente receber os turistas. Fizemos uma trilha que a gente vai até lá... lá tem um pé de araçá alto bonito... quando o pessoal vem a gente faz apresentação lá dentro... não fazia aqui... hoje a gente só vai se a gente quiser porque tem muitos que vem e querem conhecer... mas hoje nós tem sombra aqui, não precisa de nós ir lá se a gente não quiser... você precisa de ver como é que tá lá dentro hoje...”

Edson: “Eu quero! Bora?”

Dani: “A gente vai...”

Emanuel: “Eu sabia que Edson ia querer ir...”

Zé Fragoso: “Nessa caminhada nossa a gente aprende muita coisa.”

Fotografia 57 - Mata da aldeia Tibá/1



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 58 – Mata da aldeia Tibá/2



Fonte: Acervo Beira Mar

O Rio da Barrinha

Zé Fragoso: “Se contar pra vocês que nós pulava de cima da ponte ali de Zai... de Cabeça... É difícil acreditar, não é?! Mas a gente pulava... dali a gente pulava de cabeça lá embaixo. Hoje se você pula você arrebenta o pescoço.

A água, ali em Neguinha, dava no pescoço da gente. Aqui onde é a Madecom hoje tinha uma lagoa que tinha peixe... O que foi que fizeram? Aterraram pra fazer casa. E os peixinhos que tinha? _Morreram. Aí nessa barrinha aí ó era uma fartura de água, uma fartura de peixe... a gente pegava Robalo, Tainha... E vocês viram agora com é que eles ficaram né?! O que tinha aí o pessoal teve que tirar pra outro rio, tentando salvar.

Quando foi no ano de 70 por aí, foi que começaram o desmatamento aqui na nossa região... sem freio... foi o que chegou no que tá.

A Caipora

Zé Fragoso: “Até hoje a gente ainda não descobriu a verdade dessa caipora. Mas essa é uma coisa que aparece pra gente. Ou engana você ou ela aparece. Antigamente a gente via muitas coisas que apareciam assim na vista da gente e não demorava desaparecia... e a Caipora o conhecimento que a gente tem é que ela é a dona da mata, então se a gente entrar dentro da mata, se ela quiser enganar a gente ela engana, mas engana bonitinho, mesmo porque ela já me enganou, aqui mesmo...

Um dia duas meninas veio e me perguntou O que é lenda? Eu digo, pra mim, o que eu entendo da lenda é que é mentira. A gente conta as coisas que a gente vê e tem muitas pessoas que diz ‘Ah é uma lenda!’, mas aquilo que eu conto eu vi... eu vi!

Eu e Zé Chico acostumados a entrar nessa matinha aqui... a gente entrava e saia a qualquer hora... aí eu entrei mais ele por aqui, nós passamos aqui pela carvoeira, o pessoal tava queimando carvão, o pessoal já tava desmatando por aqui tudo... aqui tinha uma placa já do INCRA... aí nós entramos aqui ó... eu mais Zé Chico... ‘vamos entrar aqui que nós sai lá em Ubaldo... Bodão’. Lá vai nós... quando vê a gente saiu aqui na placa... ‘_Oxente!’ Até aí nós não desconfiamos não né. ‘É mais na frente, mais na frente!’ Lá vai nós. Quando chegamos no outro arrastão nós entramos pra cá e lá vai roçando, roçando, fechou a capoeira... quando a gente saiu nós tava pensando que nós tava indo pra cá, nós já rodamos e saímos cá por trás da capoeira... a placa já tava aqui... Aí um cara que tava aqui na carvoaria falou ‘Ôxe o quê que cês tão fazendo aí até essa hora?’ ‘Nós tamo procurando a estrada.’ ‘A estrada é aí ó!’ A gente andava e voltava sempre pro mesmo lugar, aí ele disse ‘Entra aqui ó, por dentro da roça’, e aí saímos aqui nessa estradinha... Rapaz nós tava era perdido!”

Para não comer veneno, a agroecologia

Adelice: “Nós saímos daqui pra comprar umas mudas de banana da terra, aí nós chegamos lá o homem foi lá e cortou dois cachos de banana, foi lá despencou as bananas tudo, encaixotou tudo, aí veio com a bombinha nas bananas que tirou naquele dia... Aí Zeca falou assim: “_Vem cá, isso aí é pra quê?” Ele falou assim “Isso aqui é porque dentro de três dias elas tá tudo madura. Porque vai pro mercado assim, porque no mercado tem que chegar e não pode demorar pra vender. Força ela a amadurecer”.

Zé Fragoso: “Ó o quê que nós come!”

Adelice: “Antigamente a gente criava uma galinha, quantos tempos que passava pra gente comer uma galinha.... hoje dentro de um mês você já tem a galinha. Até a semente hoje das coisas que a gente compra no mercado já vem preparada pra não nascer, pra você poder comprar com eles. Chegou um pessoal aqui, uns turistas, que os meninos não conheciam nem um pé de abacaxi, não conhecia nem uma galinha! Como é que pode?”

Zé Fragoso: “Aí você vai comendo essas sementes tudo envenenada, aí você come aquela alimentação tudo envenenada... aí adocece e você procura quem? _O médico. O médico manda você ir pra onde? Farmácia. Ou então manda pra outro médico mais especializado e fazer um monte de exames, o dinheiro fica tudo pra eles...”

Hannah: “A gente toma remédio e melhora no momento aí depois volta e tem que fazer tudo de novo. E tem gente que toma tanto, tanto, tanto remédio que seu corpo vai se acostumando e chega uma hora que nem o remédio mais tá fazendo efeito”.

Zé Fragoso: “Olha bem a agroecologia é onde você planta tudo junto: madeira nativa, fruta... _Vamos plantar aqui o quê hoje? _Vamos plantar mandioca! A gente pode limpar essa área aqui. Aí você vem com a mandioca e vai plantando; você vem com o feijão, você vem com o abacaxi... Primeiro você tira o feijão... a mandioca fica e o abacaxi, depois você tira a mandioca e deixa só o abacaxi... e depois você vem com outra plantação e você pode plantar outros tipos de fruta... Aqui nós plantamos um bocado, não foi, Neguinha?! _Mas quando a gente plantou aqui tava uma seca desgramada que as frutas morreram tudo. Mas as árvores ficou. Agora nós tamo tentando de novo... Aqui tem uma área que a terra já tá muito boa...”

Adelice: “E é onde não queima nada, os capins, as folhas vão apodrecendo ali na terra e já vai gerando o adubo. Tudo vai virando nutriente dessa terra. Por exemplo o feijão que dá aquela bagaceira, já pode deixar espalhado na terra, mas queimar não! A gente vai fazer farinha... pega a casca da mandioca e já vai deixando ela ferventar, mais ou menos um mês por aí, porque ali ela esquenta... porque se for botar ela logo ela mata... eu planto abobora tudo com isso. Zeca chegou lá e viu minhas abóboras... Tão bonita!!! Tô plantando com casca de mandioca, casca de abóbora, eu vou juntando tudo. E é bom que além de não usar veneno ainda acabou o problema de fogo nessa região nossa... A não ser uns que já bota pra prejudicar mesmo”.

Roubo / Mutirão

Zé Fragoso: “É no caso que eu conto pro pessoal... de primeiro se a gente tivesse uma roça pra fazer, ou uma casa pra embarrear, a gente sabia quando um tava pra fazer uma casa... Aí ia um lá e falava assim:

‘_Ô fulano de tal vamo fazer essa casa logo?!’

‘_Ah rapaz eu num tô podendo fazer não. Agora não dá. Só mais adiante’.

Aquele voltava... chegava lá combinava com a galera... nós vamos roubar a casa de fulano de tal amanhã... chamava roubar, o que hoje a gente chama de mutirão... era você ajudar o outro a fazer a casa dele, ou a roça dele... quando era de madrugada chegava aquela galera... O dono tá dormindo... quando descobria... e ele não podia ir lá não... se ele fosse lá onde eles tavam amarravam ele... ele tinha que se virar com a comida... o que eles queriam era comer e dançar forró de noite...”

ANEXO B – EXERCÍCIOS E JOGOS UTILIZADOS NO PROCESSO DE “DESCOLONIZAÇÃO DOS CORPOS”

Empurrar um ao outro

Ele trata de utilizar todas as nossas forças e, ao mesmo tempo, não nos permite vencer. Em duplas, um diante do outro, se seguram pelos ombros. Imagina-se uma linha no chão. Eles começam a se empurrar com toda força e, quando um sente que seu adversário é mais fraco, diminui seu próprio esforço para não ultrapassar a linha, para não ser o vencedor. Se o outro aumentar sua força, o primeiro fará o mesmo e os dois utilizarão juntos toda a força que forem capazes. Em seguida fazem costas contra costa. Depois bunda contra bunda (BOAL, 2015, p. 103).

Fotografia 59 – Joguexercício - Empurrar um ao outro



Fonte: Acervo Beira Mar

Este “joguexercício” foi muito importante para o coletivo perceber fisicamente a relação de colaboração necessária ao teatro, pois é preciso que, individualmente, cada participante dedique a sua máxima força sem, contudo, ter a preocupação de vencer ou perder. Se uma vence, todas vencem. Se uma perde todas perdem.

João-Bobo ou João-Teimoso

Pede-se ao grupo que faça um círculo com todos em pé olhando para o centro. Um voluntário vai ao centro e fecha os olhos e se deixa tombar. Todos os outros devem sustentá-lo com as mãos, permitindo que se incline até bem perto do chão. Em seguida, devem recolocá-lo novamente no centro, porém ele tombará em outra direção e será seguro sempre por, pelo menos três companheiros. Variante: Duas pessoas somente, e uma terceira no meio que se deixe tombar, para frente e para trás, sendo sustentada pelos dois companheiros. (BOAL, 2015, p.104).

A intenção de utilizar deste “joguexercício” foi de desenvolver a confiança entre os copesquisadores. No começo, de modo geral, todos os que foram ao centro se sentiram inseguros. Ou não conseguiam ficar com os olhos totalmente fechados ou não se deixavam tombar totalmente. Na medida que fomos praticando, os copesquisadores foram ficando mais confiantes uns nos outros.

As caminhadas

Entre todas as nossas mecanizações, nossa maneira de andar talvez seja a mais frequente. É verdade que temos nossa maneira individual de andar, muito particular em cada um de nós, sempre igual, quer dizer, mecanizada. [...] Mudar nossa maneira de andar nos faz ativar certas estruturas musculares pouco utilizadas e nos torna mais conscientes do nosso próprio corpo e de suas potencialidades (BOAL, 2015, p. 110).

Para isso Boal apresenta 14 sugestões de mudanças de caminhadas, apresentarei apenas as que praticamos:

- **Corrida em câmera lenta**

Ganha o último a chegar. Uma vez começada a corrida, os atores não poderão interromper seus movimentos que deverão ser executados o mais lentamente possível” (*Ibidem*).

- **O caranguejo**

“As duas mãos e os dois pés no chão. Anda-se como os caranguejos, para a esquerda e para a direita. Nunca para frente ou para trás” (*Ibidem*, p. 111).

Fotografia 60 – A caminhada do caranguejo



Fonte: Acervo Beira Mar

- **O macaco**

“Caminhar para a frente com as mãos sempre tocando o chão, a cabeça traçando uma linha horizontal em relação ao solo, como os macacos, que se deslocam melodiosamente. Saltar obstáculos melodiosamente” (Ibidem).

- **Inclinados uns sobre os outros**

“Duas pessoas, lado a lado, tocam-se pelos ombros (ombro esquerdo de um contra o ombro direito do outro), tentam caminhar assim inclinados, pondo os pés o mais distante possível um do outro” (Ibidem, p. 112).

- **Carrinho de mão**

“Como fazem as crianças: um está no chão se apoia sobre as mãos e outro o segura pelos pés. Ele caminha com as mãos e o outro acompanha, como se fosse um carrinho de mão” (Ibidem).

Contato – improvisação

É uma dança para ser dançada com no mínimo duas pessoas. Ao som de uma música as duplas improvisaram movimentos corporais a partir de princípios como o toque, a troca de peso, a consciência corporal. Devem sempre estar em contato corporal: costas com costas, ombro com cabeça, mão com pé. O toque de um estimula o movimento do outro que irá estimular mais um movimento no outro e assim infinitamente. Podem estar em pé ou em contato com o chão.

Por ser uma dança não há muito espaço para racionalizarmos o movimento. E aí está, justamente, o principal motivo de eu propor o contato-improvisação: o corpo se expressa por si só, sem necessidade de explicação, justificativa, no sentido lógico-racional. Os participantes dialogam e estimulam, mutuamente, a imaginação e a criatividade corporal. Esta dança eu aprendi no Teatro Universitário da UFMG, no componente de Dança contemporânea, com o professor Tarcísio Homem.

Fotografia 61 – Contato-improvisação/1



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 62 – Contato-improvisação/2



Fonte: Acervo Beira Mar

Linha reta e linha curva

Como é ser uma linha reta? E uma linha curva? Orientei às copesquisadoras que todas e todos deveriam mover-se com movimentos exclusivamente retilíneos: pernas, braços e cabeça sempre pensando em linhas retas. Orientei que dessem atenção ao modo como se percebiam fisicamente realizando esses movimentos. Na sequência, pedi que caminhassem com movimentos redondos, circulares. Como é ser esta linha curva. Todo o corpo deve se envolver nesta caminhada, pois se eu olho para o lado, este movimento da cabeça deve

também ser curvo, e quando meu braço se movimenta deve também ser circular. É muito importante estudar (sentir) como cada músculo é ativado e desativado ao longo da caminhada. Cada uma dessas diferentes caminhadas nos traz sensações também diferentes: de modo geral, os participantes reconheceram sentir certa tensão nos movimentos retilíneos, como se estivessem presos, engessados e, em oposição, eles sentiram muita liberdade no movimento circular. Este exercício eu aprendi no TU/UFMG, no componente improvisação e interpretação: máscaras teatrais, com o professor Fernando Linares.

O teatro imagem

Os exercícios do Teatro-Imagem, propostos por Augusto Boal, ajudaram o coletivo de copesquisadores, neste processo de criação artística, a pensarem, a dialogarem e a expressarem através de imagens corporais, problematizando situações sem o uso da palavra usando apenas seus próprios corpos para expressarem suas ideias.

Quando trabalhamos com imagens, não devemos tentar entender o significado de cada imagem, mas sim sentir as imagens e utilizar nossa memória e poder de imaginação. As imagens são sua própria linguagem, e o significado de uma imagem é a imagem em si. [...] As imagens conseguem refletir emoções, ideias, lembranças, desejos e observações (BOAL, 2015, p. 215).

Apresentarei dois caminhos distintos utilizados nestes “joguexercícios”:

- **Ilustrar um tema com o próprio corpo**

A partir das nossas visitas às aldeias e conversas com anciãs e lideranças, elencamos quatro temas (ações) para improvisação e criação que foram trabalhados um de cada vez. Foram eles: Navegar, pescar, caçar, plantar. Escolhemos um dos temas para começar, e cada um deveria traduzi-lo em imagens corporais. Não havia um limite de imagens, cada qual expressava fisicamente quantas imagens sua imaginação e criatividade lhes provocassem.

Cada um trabalha sem olhar o que fazem os demais, para que não haja influências e usando somente seu corpo devem expressar opiniões e experiências sobre o tema. A imagem fala por si, não é preciso dar explicações ou justificações” (Ibidem, p.217).

Fotografia 63 – Teatro Imagem/1



Fonte: Acervo Beira Mar

- **Ilustrar um tema com o corpo do outro**

“Os recursos da primeira técnica são limitados: os atores podem usar somente seus corpos. Nesta, eles podem usar os corpos dos outros, tantos quantos forem necessários” (Ibidem, p. 222). Orientei que cada uma das copesquisadoras escrevesse em um quadro algumas palavras que lhes remetesse ao processo de colonização brasileira, conforme nossas aprendizagens nos espaços de pesquisas teóricas e de campo. Na sequência, uma por vez, deveria escolher uma palavra e criar imagens utilizando os corpos das outras participantes, como se estivessem fazendo uma escultura. Estas deveriam permanecer imóveis como uma estátua. Estas imagens deveriam representar seus pensamentos e entendimentos para cada palavra escolhida. Todas as imagens criadas foram fotografadas. Futuramente, em outro encontro, retomamos estas fotos que foram recuperadas corporalmente e ganharam vida em improvisações de cenas.

Fotografia 64 – Teatro Imagem/2



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 65 – Teatro Imagem/3



Fonte: Acervo Beira Mar

Fotografia 66 – Teatro Imagem/4



Fonte: Acervo Beira Mar

O ritmo da respiração

Os exercícios que seguem são destinados a nos ajudar a nos conscientizar do fato de que podemos desmecanizar a respiração, controlá-la. [...] Por causa dessa mecanização, respiramos mal. Existem espaços enormes em nossos pulmões, com ar impuro, que não se renova. Utilizamos muito pouco da nossa capacidade pulmonar. (BOAL, 2015, p. 144).

- **Parado em posição vertical**

“Põe as mãos sobre o abdômen, expelle todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdômen, até não poder mais; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes” (Ibidem, p. 145).

- **Expirar com grande lentidão**

Inspira e depois expira emitindo o som de algumas consoantes de maneira que esse som se ouça durante o máximo de tempo possível. Experimentamos os fonemas das consoantes os, S, F, V, Z, G, X, L, M, NG. Inspira-se e na expiração emite o som dos PS, automaticamente, permanecerá apenas o som do S: “sssssss”; depois passa-se para o som do Z e assim sucessivamente. Por último cada qual deve experimentar variar diversos fonemas ao longo de uma única expiração, transitando de um para outro e para outro e para outro e estudando como se dá cada passagem. Este exercício, bem como suas duas variantes, eu aprendi no TU/UFMG no componente expressão vocal com a professora Helena Mauro. Uma variante para este exercício é emitindo os fonemas TR (como na palavra trovão) e DR (como na palavra drama), variando entre o som mais grave e o mais agudo. Para começar pode se emitir o som ora grave, ora agudo, mas para um estudo mais aprofundado é fundamental experimentar a lenta transição entre grave-agudo-grave. Outra variante é emitindo o som da vibração de lábios “BR”.

- **Em pé, em círculo**

Todos expiram fazendo um ruído (ah!) e se deixam cair como se estivessem desinflando, relaxando completamente no chão” (Ibidem, p. 147). No nosso caso, fizemos soltando o som das vogais: a, e, i, o, u.

Na medida em que as músicas começaram a ser introduzidas na peça, começamos a cantá-las após esta sequência de exercícios, como parte do aquecimento vocal.